

LEMBRE-SE DE MIM

ROMILY BERNARD

G/BOO Alt

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LEMBRE-SE DE MIM

ROMILY BERNARD

Tradução

Bruno Gambarotto

GZOBO Alt

Copyright © 2014 Romily Bernard
Copyright da tradução © 2015 Editora Globo S.A.

Publicado segundo acordo com a Rights People, Londres.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Título original *Remember me*

Editora responsável: Eugenia Ribas Vieira
Editor assistente: Lucas de Sena Lima
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Diagramação: Dito e Feito Comunicação
Tradução: Bruno Gambarotto
Preparação: Silvia Massimini Felix
Revisão: Huendel Viana e Andressa Bezerra Corrêa
Projeto gráfico original do miolo: Laboratório Secreto
Capa: Laboratório Secreto
Foto da capa: Thinkstock

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bernard, Romily
B444L

Lembre-se de mim / Romily Bernard ; tradução Bruno Gambarotto. - 1ª ed. - São Paulo : Globo Livros, 2015.

il./

Tradução de: Remember me
ISBN 978-85-250-5835-5

1. Ficção juvenil americana. I. Gambarotto, Bruno. II. Título.

14-16311 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2015

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Nove de Julho, 5.229 — 01407-200 — São Paulo — Brasil
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

19.

20.

21.

22.

23.

24.

25.

26.

27.

28.

29.

30.

31.

32.

33.

34.

35.

36.

37.

38.

39.

40.

41.

42.

43.

44.

45.

46.

47.

48.

49.

O que aconteceu depois

Para os meus pais, que liam histórias para nós todas as noites.

1.

Não sei bem como, mas acho que eu sempre soube que seria presa. Só não esperava que fosse acontecer no meio da aula de Economia Doméstica. Pela cara que faz, o diretor Matthews concorda comigo. Seu rosto brilha, rosa como um presunto. Ele parece nervoso e me oferece um sorriso constrangido.

— Srta. Tate? — ele diz. — Podemos conversar um minuto?

Adoro quando fazem uma ordem parecer um pedido. Balbucio desculpas aos meus colegas de grupo, pego minha bolsa no balcão, ajeito a alça longa cruzando o peito. Tenho esperado por esse momento há quase cinco meses e sei que mereço, mas não resisto a dar uma olhadinha pela janela aberta do outro lado da sala.

Se eu corresse rapidamente para fora, conseguiria escapar.

— *Agora*, srta. Tate.

Ou não.

Caminho na direção dos dois policiais mais próximos e ergo o queixo; assim, disfarço o tremor nas pernas. O policial me examina de cima a baixo e franze a testa. Sei o que ele vê: cabelos longos, loiro-claros; vestido curto, azul-claro. Sei também o que ele pensa: lixo. Talvez ele esteja certo.

Boas meninas não criam vírus de computador.

Ainda por cima, não tiram vantagem deles.

O policial pega minha bolsa e, depois de revistá-la, me acompanha pelo corredor. Como imaginei, o detetive Carson está esperando. Ele parece tão contente que começo a tremer.

— Aqui está ela, detetive. — O diretor Matthews dá um tapinha no meu braço e eu tenho vontade de mordê-lo. — Como eu disse que estaria.

— Ótimo. — Carson aponta para a esquerda com um meneio de cabeça. — Podemos usar aquela sala?

Sala? Um dos policiais me empurra na direção indicada e eu tropeço, de repente fico sem ação. Se não estou sendo presa, então o que...

Merda. Outro trabalho. Carson vai me fazer hackear para ele de novo.

— Hum. — Matthews coça a nuca, surpreso, parecendo um bobo, o que, para ser sincera, não chega a ser um grande esforço para ele. — Isso não estava nos planos.

— Só precisaremos de alguns minutos, e seremos gratos pela ajuda. — O sorriso de Carson fica do tamanho do de um crocodilo. — Tenho certeza de que vou me lembrar do seu gesto.

— Oh, está bem. Está bem. — Matthews se afasta, e seus olhos se recusam a encontrar os meus. Ele bate nos bolsos como se tivesse perdido alguma coisa. — Ficamos sempre felizes em colaborar.

E, justiça seja feita a Matthews, ele realmente parece feliz. Só quando o diretor olha para o chão é que se percebe que a raiz do cabelo dele está molhada de suor.

Não posso julgá-lo. O detetive tem o mesmo efeito sobre mim.

Sigo Carson rumo à sala vazia; nenhum de nós abre a boca até que a porta se feche.

— Muito bem, Wicket Tate. — Ele sorri. — Você não liga, não escreve... O que eu devo pensar sobre isso?

— Não é você, sou eu. — Pouso um dedo no lábio inferior. — Não... na verdade, o problema é você mesmo.

Carson ri. Ele se senta sobre uma mesa e assim ficamos quase da mesma altura, cara a cara. O detetive agarra minha bolsa, enquanto eu olho para a tabela de conjugação de verbos em espanhol acima da cabeça dele.

— Sinto falta disso, Wick. Você sempre quer bancar a esperta quando fica com medo.

— Não estou com medo de você.

— Pois devia. — Seu olhar é de quem se diverte, um sorriso se abre como uma rachadura no seu rosto. — Você não está cumprindo com o combinado. Agora você faz o que eu quero, lembra? Ou vai pra cadeia por invadir computadores.

Carson se inclina em minha direção, e eu tenho de fincar os pés no chão para não correr.

— Tenho provas de que você hackeou Todd Callaway pra pegá-lo.

Perco o ar. Como é estúpido ver que, mesmo depois de tantos meses, aquele nome ainda faz com que eu me encolha. Todd. Meu antigo pai adotivo e estuprador da minha melhor amiga. Ele quase me matou. O que eu fiz para pegá-lo foi justo... Só não estava dentro da lei.

— Se posso encontrar evidências até do que você fez com Callaway — Carson diz —, imagine o que eu não seria capaz de descobrir em relação ao trabalho que você fazia para aquele seu pai biológico de merda.

É muito provável que ele encontre toneladas de coisas, especialmente se meu pai e seu comparsa decidirem vir para cima de mim. Concentro-me nos verbos em espanhol para não ter que encarar Carson.

— O que você quer?

— Tenho outro trabalho. Ele é perfeito pra você. — Não respondo, então o detetive limpa a garganta e continua: — Quero seguir Jason Baines e quero que você faça isso por mim. Agora.

Ele está certo. É perfeito. Baines é um traficante mediano que trabalha para o meu pai. Temos uma história. Se alguém pode chegar perto dele, esse alguém sou eu. Exceto pelo fato de que esse não é o tipo de trabalho que costumo fazer. Antes, Carson precisava

de um e-mail invadido aqui, um vestígio de número de cartão de crédito lá. O que ele pede agora é mais arriscado.

— Vá atrás de outra pessoa, Carson. Trabalho no ciberespaço. Seguir uma pessoa assim requer contato pessoal.

— É só *isso* que você tem a dizer? Faça-me o favor, Wick. Baines é especialista em tranquilizantes. — Carson busca meu rosto e, embora eu mantenha um ar desinteressado, ele ainda encontra alguma coisa que faz seus olhos brilharem. — Ele ataca mulheres. Não é muito diferente do tipo de homem que você costuma pegar, né?

Verdade. Até cinco meses atrás, eu tocava um negócio on-line especializado em pegar adúlteros e mulheres que se casavam por dinheiro. Quase todos os meus alvos eram homens. A maioria das minhas clientes era mulher. Ah, é claro, e eu fazia tudo por dinheiro — minha irmã Lily e eu precisávamos —, mas também fazia porque essas mulheres queriam respostas. Eu lhes dava a certeza de que os homens que elas amavam eram o que eles diziam que eram. Assim, ninguém acabaria como minha mãe.

E, mais recentemente, eu usei as mesmas habilidades para desmascarar Todd e salvar minha irmã.

Mas Carson só quer saber um pouquinho mais sobre a última parte; não se interessa pela primeira. Ele está jogando verde e eu estou me fazendo de desentendida, mas percebo tarde demais que devia ter me feito de boba.

— Do que você está falando? — digo, enrolando uma mecha de cabelo ao redor do dedo. Os lábios de Carson se afilam e eu tento mudar de assunto. — Olha, a melhor forma de rastrear Baines é grampear o telefone dele; o único problema é que eu teria que chegar perto demais pra isso e...

— E isso não vai ser muito complicado, se vocês dois resolverem relembrar os velhos tempos. Uma das minhas fontes disse que ele

vai passar droga na festa de carnaval do juiz Bay hoje à noite.

— Você tem certeza? — Bay é uma celebridade local: rico, bem relacionado, o tipo de cara cuja vida é uma festa eterna. Tudo que sei dele é o que pessoas como eu sabem: está sempre à frente dos nossos processos legais. — É bem ousado.

— Minha fonte me diz que sua nova mamãezinha foi convidada e vai à festa.

Eu falo com cuidado:

— Você está vigiando Bren?

— Assustadinha agora?

— Não. — Não estou assustadinha. Estou muito assustada. De repente, enfio as mãos suadas nos bolsos. — Você não teria coragem de tocar nela.

Só se ele precisasse me pegar. Minha irmã e eu fomos adotadas por Bren Callaway há dois meses e os jornais consideraram que este foi um final digno de conto de fadas. Embora a descrição me faça querer vomitar, não posso negar a verdade. Lily e eu deixamos de ser crianças rejeitadas por pais adotivos para nos tornarmos crianças de pôster de campanha da Ralph Lauren. Sim, Bren foi casada com Todd, o psicopata que tentou matar a mim e minha irmã Lily e, apesar do dedo podre que tem para homens, ela parece ter saído de um elenco de atores da Disney.

Bren não merece o que Carson poderia lhe fazer para me pegar.

— Quero você lá. — O detetive fica de pé e arremessa a bolsa para mim. — Faça o que for preciso. Quero começar a seguir os movimentos de Baines amanhã.

— Foi mal, mas acabei de vender minha varinha mágica. — Tudo bem, mas calma aí. Baines não é o único que pode arranjar tranquilizantes. Eu podia fazê-lo apagar e instalar um aplicativo de rastreamento no telefone dele. Existe até uma justiça poética nisso.

Sou bem capaz de fazer isso... E o fato de ser capaz talvez me assuste.

Na verdade, assusta pra valer. O lance é... se eu pegar Baines, Carson vai embora. Bren e Lily ficam a salvo. Posso continuar fingindo que sou normal.

Pelo menos por mais um tempo.

— Faça o que estou mandando. — O detetive olha para mim e meu braço machucado começa a arder, embora esteja finalmente curado. — Você não quer arruinar aquela vidinha linda e perfeita que você arrumou, quer?

— Não. — E essa não é a coisa mais engraçada? Aqui estou eu com uma nova vida, com um recomeço, e já estou estragando tudo. Pior, estou prestes a estragar as coisas para a minha irmã e para Bren, e elas merecem o maior viveram-felizes-para-sempre que houver nesta vida.

Contemplo Carson. Provavelmente seria bom se eu chorasse um pouco, mas me acostumei a engolir minhas lágrimas por tanto tempo que elas já se calcificaram dentro de mim. Cerro as mãos e continuo:

— Talvez seja você quem deveria ter cuidado. *Eu* desmascarei um estuprador, você não. Os jornais me chamam de heroína.

Ainda que eu mal consiga pronunciar a palavra.

Carson aperta o lábio superior.

— É mesmo?

Acima de nós, o sinal toca. O dia na escola termina, e o corredor fica apinhado de alunos e de vozes que se assemelham ao barulho de um trovão distante. Em quanto tempo o boato de eu ter sido chamada pela polícia chegará até Bren? Ou até minha melhor amiga, Lauren?

Pior, em quanto tempo ele chegará até Griff?

É justo que eu queira ser a primeira pessoa a contar a ele? Ou é paranoia minha? Nunca lhe disse que eu estava trabalhando para Carson. Ele acha que estou livre.

E num piscar de olhos minhas mãos começam a tremer de novo.

— Mando uma mensagem quando tiver conseguido.

— Ótimo. — Carson abre a porta da sala e me empurra levemente para fora. Estou quase no corredor quando seus dedos apertam meu braço machucado e ele me encosta contra os armários para disfarçar o que sua mão faz. — Da próxima vez que você pensar em me ferrar, Wicket, pense em tudo que eu posso destruir.

Prendo a respiração e fico esperando Carson torcer meu braço até que eu queira gritar. Mas seus dedos não chegam a me machucar. Ele não está me punindo. Está apenas prometendo.

— Entendeu? — ele pergunta, encaixando Bren e Lily e tudo o mais numa só palavra.

Balanço a cabeça em sinal de assentimento, mas ele não me solta e eu não quero olhar para ele... Mas acabo olhando e então percebo, tarde demais, que Carson não está interessado em mim. Ele está olhando na direção de Griff.

Que vem direto em nossa direção.

— Sorria pro namoradinho — Carson diz.

É incrível como sou capaz de fazer isso. Sorrir é tão fácil quando é para o Griff... e eu sorrio. Carson sorri, Griff ainda está longe, mas sei que seus olhos estão cerrados.

O detetive funga:

— Sempre fico surpreso com o jeito que ele te olha.

Eu também.

Carson se aproxima e seus lábios ficam tão perto dos meus ouvidos que as palavras lhe escapam num sussurro:

— Você acha que ele te olharia do mesmo jeito se soubesse quem você é de verdade?

Mas ele sabe. Griff me ajudou a escapar do meu pai e de Todd. Ele sabe quem eu fui e não quer que eu volte a ser aquela pessoa.

— Você acha que ele ainda ia te querer se soubesse que você está trabalhando pra mim?

Não. Sim. Não sei, e isso faz com que eu sinta uma pontada, um aperto no peito. É o que acontece quando se acaba ficando com um herói. Ele espera que você seja tão nobre quanto ele.

Mas eu não sou.

Carson solta meu braço e seu dedão passa pelo ponto em que Todd atravessou a faca.

— Aprecio essas nossas conversas. Gosto de ver tudo o que você conseguiu... É sempre uma oportunidade de descobrir o que mais posso arrancar de você. Estamos entendidos?

— Perfeitamente.

— Ótimo — diz o detetive, que se afasta de mim desviando dos estudantes que ficam no seu caminho.

— O que estava rolando aqui?

Preciso de alguns segundos antes de conseguir me virar e, quando me viro, Griff encaixa os dedos no meu maxilar como se ele fosse um copo. Seus dedos longos tocam meu cabelo e arrancam arrepios que me descem pela espinha.

— Todd — eu digo. Minha mentira é boba. Estou olhando para Griff e só consigo ver Carson. Tento me livrar dessa impressão. Outro problema sobre os heróis: se você lhes confessa seus segredos, eles vão querer te salvar.

Eu quero me salvar.

— Eles encontraram outras informações — acrescento.

Griff franze a testa.

— É alguma coisa com que a gente deva se preocupar?

— Não. — Eu sorrio, e isso faz com que ele também sorria. Ele olha para mim como se eu fosse perfeita.

O que vai acontecer se isso acabar?

— Está tudo sob controle — acrescento, e *está* sob controle. Essa parte, pelo menos, não é mentira. Vou consertar tudo isso. Eu *vou*.

Alguém vem por trás e dá uma esbarrada em Griff. Ele chega ainda mais perto de mim, enchendo meu nariz com o cheiro de grama e gasolina e tinta óleo da sua aula de Artes. Griff me envolve num dos braços e me protege da multidão.

— Vai rolar mesmo hoje à noite?

Eu pisco. *Merda. Como eu podia ter esquecido?*

— Hum, sim, só tem uma coisa que eu preciso fazer. Com a Bren. A gente pode se encontrar depois?

— Claro — ele diz. E me beija.

Passo os braços ao redor do seu pescoço e ele me aperta com força, sua mão deslizando pelas minhas costas, deixando um rastro de arrepio pela minha pele. Sinto meu coração bater... no corpo inteiro. Será que sou tão patética assim? Ou Griff tem o poder de apagar qualquer coisa?

Qualquer coisa menos isto: ele ia me querer se soubesse?

Sim. Claro. Sem dúvida.

Embora eu repita essas palavras, não acredito nelas mais do que acredito no final de conto de fadas que ganhei. Não existe uma coisa dessas. Ou não existia até eu conhecer Griff.

Qual é meu pior lado: o da garota patética que deseja um garoto ou o da garota patética que tem medo do detetive?

Interrompo nosso beijo e digo a mim mesma que é porque Griff me tira o fôlego, e não porque estou assustada. Muito embora eu reconheça o que vive por trás disso: estou aterrorizada. Não quero perder tudo que me foi dado.

Enrolo as mãos na camiseta de Griff. Ele ri e meu coração bate acelerado.

— Então eu te vejo mais tarde, Wicked?

O apelido e o trocadilho ainda me fazem corar.

— Claro.

Outro beijo. Esse, duro e rápido. Assim que meus dedos se perdem no seu peito, o beijo já acabou. Griff se vira.

Ele se foi.

Mordo os lábios dormentes e pego o celular. Digito um número que não uso há milênios e que já devia ter esquecido. Stringer atende no terceiro toque. Não escuto um “oi”, mas consigo ouvi-lo respirar.

— Ei... sou eu. — Encosto nos armários, acariciando meu braço machucado.

— Faz tempo, hein, menina?

— Ah, é. — Meses, muitos meses, na verdade. Antes de eu entrar no programa de adoção. Quando Stringer e eu éramos apenas bons funcionários do meu pai. — Preciso da sua ajuda.

— Que tipo de ajuda?

— Tranquilizantes. Pra hoje à noite.

2.

Há coisas piores do que ir à festa de carnaval do juiz Bay. No momento, porém, não consigo pensar em nada. Coisas sobre as quais *consigo* pensar:

Como Bren me olhou quando pedi para ir com ela.

Como Stringer me olhou quando comprei os tranquilizantes.

Como nenhuma dessas coisas poderia ser fácil. Nada para mim pode ser fácil e natural. *Nada*.

E, no entanto, ambos me olhavam como se fosse. Bren ficou tão feliz, e Stringer... Stringer não ficou surpreso. Eu gostaria que ele tivesse ficado.

Fico o tempo todo dizendo a mim mesma que sou capaz de fazer isso. A ideia é misturar a droga à bebida de Baines. Esperar até que ele durma. Instalar um aplicativo invisível de rastreamento no seu celular.

Vou conseguir.

Contudo, agora que estou na casa de Bay, percebo que meu plano é muito idiota. Não tinha ideia do tamanho da casa do juiz ou de quantas pessoas estariam aqui. É uma festa de carnaval e eu pensei que veria penas na cabeça das pessoas e biquínis de fazer o queixo cair, mas acho que, quando você vive no Sul, significa apenas uma versão de festa de Halloween.

Na boa. Parece que alguém atropelou a Sininho à minha esquerda; já o Gênio da Lâmpada à minha direita... O mais provável é que não seja uma fantasia. Se Jason Baines estiver aqui, vai ser bem difícil encontrá-lo — e, se eu conseguir, como exatamente vou pôr os tranquilizantes no seu copo? O que também pressupõe que ele esteja bebendo.

Vou estragar tudo.

— Não queria estar aqui — sussurro.

— Sim, você queria. — Do meu lado, Lauren ajeita de novo as orelhas de gato. Para ser sincera, foi maravilhoso topiar com ela. A família da minha melhor amiga é muito bem relacionada, e ela muitas vezes vai com a mãe a festas como essa. Eu esperava encontrá-las, e parte de mim ainda está leve de tão aliviada.

Provavelmente é a mesma parte responsável pelo meu plano estúpido de ataque. Ou é a parte de mim que está começando a relaxar. Eu costumava trabalhar sozinha, *ainda* trabalho sozinha, mas...

— O fato de você estar aqui faz Bren feliz, e ela bem que merece ficar um pouquinho feliz, né? — Lauren passa os dedos pelo cabelo quase negro, tentando alisá-lo. Não faz a mínima diferença. O vento está ficando forte e não há aquecedores da Restoration Hardware nem fogo aceso do lado de fora da casa capazes de disfarçar o fato de estarmos nessa porcaria de fevereiro.

— E se alguém perguntar a ela sobre Todd?

— Eles não vão ter coragem. — Ela diz isso com um sorriso tão esforçado que eu quase acredito nela.

Até que o sorriso desaparece.

— Ai, merda — Lauren sussurra, e eu sigo seu olhar na direção da sra. Cross, a mãe dela. A sra. Cross está conversando com um cara vestido como o Fantasma da Ópera e o rosto dela está completamente branco, sua boca parece a de um peixe tentando respirar fora d'água. Ela está prestes a ter outro ataque de pânico e, num piscar de olhos, minha amiga se mistura à multidão.

Começo a segui-la, mas paro. Lauren não vai me querer ali. Nenhuma das duas vai. Lauren e eu não somos amigas porque gostamos do mesmo sorvete (embora gostemos) ou porque gostamos de *boy bands* (embora não gostemos). Acho que somos

amigas porque nossas mães são um problema. Minha mãe biológica cometeu suicídio. A mãe adotiva dela está quase tendo um colapso.

Fico triste por Lauren, mas de repente dou sorte. Bren acha que estou com Lauren. Lauren está tentando dar conta da própria mãe.

O que abre caminho para que eu faça o que tenho de fazer.

Eu me viro na direção da casa e, como se estivesse num filme de sessão da tarde, avisto e fixo os olhos em Jason, perto do bar. Ele me vê e me devolve um ligeiro aceno de cabeça, o cabelo escuro lhe caindo sobre os olhos. Não tenho certeza se é um reconhecimento ao tempo em que costumávamos trabalhar juntos ou ao meu pai. De qualquer forma, de repente descubro como vou dar um fim a essa história.

De cotovelada em cotovelada, vou abrindo caminho até o bar e peço um Red Bull, brinco com o copo e o canudo até que o atendente se afaste para dar atenção aos pedidos de um Capitão Kirk. Há dois bancos vazios entre mim e Jason, mas ainda sou capaz de sentir os olhos dele cravados em mim.

— Você acredita nisso? — ele pergunta. A frase é dita tão baixo que quase não consigo compreendê-la.

— Não — digo, e imediatamente me arrependo da resposta. Concordar me faz parecer mais com ele e menos com a garota que vou ser.

Mantenho os olhos nas pessoas que nos rodeiam, incomodada com minha fantasia de Alice no País das Maravilhas versão zumbi. Mesmo que eu não estivesse diante de Jason, esse é o tipo de festa que me deixa ansiosa. É o tipo de lugar no qual eu devia me sentir à vontade, mas faz quase um ano que estou levando essa vida com Bren e ela ainda me parece falsa.

No canto do meu olho, vejo Jason mudar de lugar. Ele veste um terno anos 1950, eu acho que fingindo ser algum publicitário de *Mad Men*, e, à medida que se inclina, o paletó se abre.

— Diz aí: por que você está aqui? — ele pergunta.

— Pra ver você. — Enfio uma mão no bolso da saia e sinto o Rohypnol rolando entre os dedos como uma pedra polida. — Tenho uma mensagem. Dele.

O traficante fica tão quieto que percebo que o peguei.

— Do seu pai? — ele pergunta.

Pela primeira vez consigo encará-lo, levantando as sobrancelhas numa interrogação: *E de quem mais seria, idiota?*

Jason leva a mão espalmada contra o paletó, deixando à mostra um imenso relógio de ouro antes de sacar o iPhone. A tela está iluminada com o aviso de uma ligação.

— Me dá um segundo — ele diz. — Estou trabalhando.

— Ele vai ficar feliz de saber. — O olhar de Jason se fixa no meu. Necessidade é tudo o que consigo ver nos seus olhos: ele deseja a aprovação do meu pai. Ele quer fazer parte do grupo.

E é isso que vou usar contra ele.

Assim, enquanto Jason começa a caminhar com quem quer que seja ao celular, eu misturo duas pílulas à cerveja dele. Pelo menos, acho que é a cerveja dele. Tenho quase certeza.

Passados alguns minutos, Jason dá meia-volta e me encara sorrindo.

— Saúde — ele diz, batendo seu copo de cerveja (eu estava *certa*) contra meu Red Bull. Ele entorna a Heineken em dois longos movimentos. — Do que ele precisa?

— Espere meus amigos irem embora — digo, e ele assente.

Ficamos de olho no movimento da festa, sem nos dirigir um ao outro, e vinte minutos mais tarde peço a ele que me siga.

A maior parte da festa se concentra nos fundos da casa; assim, eu o levo para a frente. O número de convidados começa a diminuir, e eu entro num corredor vazio, sentindo a pele gelar só de saber

que Jason está a uns poucos passos atrás de mim. Finjo que estou procurando um banheiro. Ele finge que... não tenho a mínima ideia. Eu me recuso a virar. A cada passo, minha vontade é de sair correndo dali.

— Aonde você está indo, Wick? — Ele está mais perto do que eu pensava, e o suor escorre pelas minhas costas.

— Pra algum lugar tranquilo. — Viro-me para encará-lo. — Meu pai disse que isso é realmente importante. Não queremos ser interrompidos.

— Boa ideia.

Você não vai pensar o mesmo quando a gente chegar lá — se a gente chegar lá. O suor faz a pele dele brilhar, e as pupilas dos seus olhos estão dilatadas. O tranquilizante está fazendo efeito. Tenho dois minutos, no máximo.

Abro a porta mais próxima com um dos ombros e a gente entra num escritório mal iluminado. Jason me golpeia pelas costas e fecha o punho ao redor do meu braço.

— O que Michael disse?

Eu tremo. Outro nome que odeio. O do meu pai.

— O que ele quer? — Jason pergunta, sacudindo-me.

Eu o empurro. Com força. Agradeço aos céus pelo Rohypnol, porque ele gira, perde o equilíbrio e cai no vão de um sofá de couro sob uma ampla janela. Fecho a porta, praticamente arremetendo de encontro à madeira. Minha fantasia está amassada e retorcida no ponto em que ele me agarrou, e minha peruca castanha está torta. Tiro a peruca e balanço o cabelo.

O rosto de Jason se contorce.

— Mas qual é o seu problema?

— Você.

Ele finca ambas as mãos na almofada do sofá, tenta ficar de pé, mas cai. O horror toma conta do seu rosto.

— Você...

— Se eu botei você pra dar uma viajada? Isso mesmo — digo, com a certeza de que ele jamais se recordará. Como muitas vítimas de tranquilizantes antes dele, a memória que ele vai guardar daquela noite se desmanchará num horrível vazio. Chego mais perto. — Você chega a pensar no que acontece com elas?

Elas. As garotas. Elas não têm nomes. Mas a resposta acaba não importando porque Jason não está fingindo confusão mental.

— Não. Não penso.

— Mas eu, sim. — Na verdade, gosto de dizer a mim mesma que a razão de eu estar ali é essa. É mais fácil do que pensar em Bren ou Lily ou Griff. Jason se mexe, tenta sair do lugar, mas não consegue. É como se alguém o tivesse prendido ali. Já tinha visto aquele olhar antes. Tenho menos de um minuto.

— Vagabunda — ele sussurra.

Sim. Provavelmente. Eu espero, conto os segundos e vejo algo que pode ser medo no fundo dos olhos do traficante.

— Lembla a lé... — Jason balbucia, cai de lado e desmaia.

Lembra a ré...?

Do lado de fora do escritório, as pessoas passam. Escuto uma risada e enrijeço. Mas agora não é *mesmo* hora de hesitar. Podemos ser interrompidos a qualquer instante, mas me sinto incapaz de tocá-lo. Ele cheira ao chiclete de menta que sempre está mascando, e isso me dá um nó na garganta.

De repente, não estou mais na casa do juiz Bay. Volto ao meu quarto, sentindo o cheiro de menta do hálito de Todd, observando-o me esfaquear. Preciso me mexer e *não* consigo.

Outra risada. Mais próxima desta vez.

Vamos em frente.

Fico de joelhos, enfio a mão no bolso de Jason, primeiro a direita, depois a esquerda. Aqui está. Puxo o iPhone dele e uso o

código de segurança que o vi utilizar antes. A tela de apresentação aparece, carrego o browser e começo a fazer o download do aplicativo de gps.

Mais um segundo e está feito. Jason jamais saberá da instalação e Carson poderá vigiá-lo sempre que quiser. Embora seja estranho que ele queira uma coisa dessas. Não consigo deixar de me perguntar qual é o interesse de Carson. Jason não é graúdo. O detetive está geralmente interessado em peixes maiores.

É melhor não pensar a respeito. Uso meu vestido para limpar as digitais do telefone e torno a enfiá-lo no bolso da calça jeans de Jason. Levando as duas mãos ao chão, começo a me levantar quando alguma coisa bate na janela. Eu gelo — uma sombra paira sobre nós.

Merda.

Volto ao chão, engatinhando para trás. Acerto a mesa e, com os ombros recostados contra a lateral do móvel, observo a janela. A sombra reaparece. Outra batida, a vibração da janela que treme.

Ele está tentando entrar.

Cubro a boca com as mãos, sufocando um grito.

Ele vai me pegar. Ele vai... ele parou.

O rapaz se aproxima do vidro e vê Jason. Uma sacudida de cabeça e, em seguida, ele olha para a frente. Bem na minha direção.

Ele não consegue te ver. Ele não consegue te ver. Ele só consegue ver o Jason porque está muito perto da janela.

A sombra se afasta, vira à direita, depois à esquerda. Se ele procurar ajuda, estou ferrada.

Preciso correr daqui. Ponho os pés no chão, mantendo a janela à vista enquanto me aproximo da porta e pego minha peruca. Minhas mãos tocam o trinco da porta e eu hesito. O corredor do lado de fora está aceso. Se ele estiver ali fora, vai me ver quando eu abrir a porta.

Engulo em seco e giro o trinco. A porta se abre o suficiente para que eu deslize na direção do corredor deserto. Por um instante não vejo ninguém, e consigo soltar a respiração.

Então escuto vozes.

Viro à direita e caminho a passos largos para a sala de estar apinhada de gente. A festa à fantasia está bombando. Algumas pessoas se viram em minha direção, com os olhos fixos em mim. Elas sabem? Não sou capaz de dizer, e um suor gelado corre por baixo da minha fantasia. Dou um passo à frente. Dois. Ninguém começa a gritar. Ninguém pergunta onde está Jason. Outros olhares se voltam em minha direção... e ficam pregados em mim.

Talvez porque eu esteja vestida como uma Alice coberta de sangue, mas não acho que seja realmente isso. Algumas pessoas costumam me ver como a garota que desmascarou o pai adotivo, o molestador de menores. Outros me veem como a garota que pediu para sofrer tudo aquilo.

Mais uma razão para não ficar de bobeira. Abro caminho entre os demais convidados, rumo aos fundos da casa, onde deixei Bren acompanhada de dois banqueiros investidores. Felizmente, ela ainda está ali e os paletós ainda tentam conquistá-la. Graças a Deus. Eu nunca fui tão grata pela habilidade da minha mãe adotiva de tagarelar sobre a diversificação das estratégias de marketing.

— Aí está você. — Bren passa um braço sobre meus ombros e me dá um apertão. Estou tão feliz de reencontrá-la que a abraço ainda mais forte, mas caio na real e paro antes de destruir completamente sua fantasia rosa e fofa de Glinda, a Bruxa Boa do Sul. — Pensei que você fosse dar uma volta com Lauren — ela diz, ajeitando o colarinho do meu vestido.

— Elas precisaram ir embora.

— Ah! — Bren franze o cenho. — Você teve dificuldade de me encontrar?

Quase explodo num acesso de riso. Quero dizer a Bren que não, de maneira alguma, porque não tenho mais dez anos e consigo me virar sozinha, mas se eu não quiser ser capacho do Carson, minha alternativa é ser uma adolescente bonitinha-e-fofinha.

O problema é que também não gosto dessa possibilidade.

— Tive dificuldade de achar o banheiro — sussurro, e todos sorriem com aquela cara compreensiva.

Que. Nojo.

A atenção de Bren se volta para o meu cabelo, dando pela falta da minha peruca. Ela começa a falar e eu a corto, erguendo a peruca escura como se fosse um animal morto:

— Foi mal. Estava coçando.

O cara à minha direita olha para o próprio telefone.

— É quase hora do discurso de Bay. Que tal subirmos?

Que tal? Agora sim quero vomitar, mas percebo que Bren está meio que tentando chamar a atenção dele. Aquele sorriso branco e brilhante e... tão estranho. Não consigo me lembrar da última vez que a tinha visto tão alegre.

— Seria perfeito — Bren diz, agarrando um pedaço da sua blusa de tule rosa. — E se você realmente decidir fazer uma oferta, aqui está meu cartão. — Ela lhe passa um cartão de negócios e o sujeito o enfia no bolso, com os olhos fixos em Bren como se ela fosse pura magia.

Ele não tem ideia. Não que minha mãe adotiva não seja maravilhosa. Ela é. Mas, desde a prisão de Todd, a maior parte da cidade a trata como se ela fosse lixo. Eles acham que ela tinha a obrigação de saber o que ele estava fazendo e de impedi-lo. Mas o lance é que Bren acha que todos estão certos e se culpa por tudo desde então.

Daí que, embora eu não tenha nenhum remorso de ter acabado com Todd, fico chateada de ver o quanto isso reflete em Bren. Talvez

se eu tivesse lidado com tudo de outra forma... uma forma *melhor*... Talvez ela não estivesse sofrendo.

Eu salvei minha irmã. Eu salvei a mim mesma. Mas arruinei a vida de Bren.

Expor Todd era a coisa certa... *mas*...

— Você é amiga da família? — pergunta o Sujeito nº 2.

Uma breve pausa. Bren sempre hesita quando mente.

— A gente se conhece há muito tempo — ela diz.

Mas a única razão pela qual recebemos um convite para a festa foi porque Bren doou dinheiro para as últimas campanhas políticas de Bay. Eles não conseguem esnobá-la, embora a gente não consiga mais contribuir. A firma de consultoria de Bren está em dificuldades porque as pessoas ao seu redor não querem mais fazer negócios com ela. Esses sujeitos devem ser gente de fora da cidade, e Bren viu uma oportunidade. Ela vai fazer o possível para tomar conta de mim e de Lily.

Essa é uma das grandes qualidades em comum que temos, e eu espero que ela nunca descubra.

Bren engancha seu braço no meu, puxando-me para perto dela como se eu fosse tudo que ela sempre quis na vida, como se fôssemos uma só, unha e carne.

Parece tão perfeito que meu sorriso consegue desanuviar a culpa que sinto dentro de mim.

Nós quatro seguimos os outros convidados até a casa principal. Lá dentro, boa parte da mobília tinha sido removida e os organizadores da festa, todos com camisetas polo bordô, passam diante de nós indicando que todos devem se aproximar e ficar mais próximos uns dos outros.

Eu me viro na direção de Bren.

— O que está acontecendo?

— Bay provavelmente vai anunciar sua intenção de concorrer à eleição no ano que vem. Não vai demorar muito, e então a gente pode ir pra casa. A baby-sitter de Lily só fica até a meia-noite.

À nossa frente, o juiz se põe de pé — provavelmente sobre alguma mesa ou cadeira porque, de repente, ele está mais ou menos um metro mais alto do que todos os convidados.

— Quero agradecer a presença de todos vocês — Bay diz, sorrindo e ajeitando o paletó do terno escuro. Acho que ele não ia se dar ao trabalho de vestir uma fantasia. — Tenho certeza de que a maioria de vocês sabe o que estou prestes a dizer, então vou poupá-los do teatro e, em vez disso, ir ao ponto que todos estão esperando...

Não sei. Eu diria que *todos* é abrangente demais, mas, a julgar pela atenção que as pessoas lhe dedicam, sou minoria. Bay aponta para a cortina atrás de si, que começa a se abrir... e gesticula para que parem assim que alguém grita.

Duas mulheres praticamente me atropelam, e eu quase tropeço e caio. Bren me puxa para fora, mas não consigo parar de olhar. Não consigo acreditar no que estou vendo.

É uma mulher morta.

Ela está vestida como um anjo e foi disposta sob um enorme e sorridente retrato de Bay. Mais pessoas esbarram em nós, correndo em direção à porta, e Bren me abraça, usando a palma de uma das mãos para proteger meu rosto daquela visão.

Tarde demais. Fecho os olhos e os contornos do corpo surgem atrás das minhas pálpebras. O vestido da garota morta está parcialmente rasgado, ela tem sangue no peito, mas ainda é possível ler as palavras que alguém rasgou na sua pele.

lembre-se de mim.

3.

O que é pior do que ir a uma festa à fantasia? Sentar no banco de um carro da polícia.

Bren está conversando com um policial quando Carson nos encontra e me arranca dali para tomar meu “depoimento”. Agora estou presa aqui, afundada no banco do passageiro e beliscando o forro enquanto Carson berra para dois médicos do socorro que foram chamados à cena do crime. Há muitas mãos agitadas por todos os lados. O detetive não está com cara de bons amigos.

Somos dois, eu acho.

Carson se vira e arremete com violência em minha direção, abrindo a porta do carro com força o suficiente para fazer as dobradiças rangerem.

— Você tinha um trabalho a fazer.

— E eu fiz. Posso ir agora?

— Ah, mas nem pensar. — Carson mastiga um palito de dente com força, passando-o de um extremo ao outro da boca. Ele está muito puto, e eu não estou nem aí.

Quer dizer, estou, mas não do jeito que eu deveria estar. Não estou esperando receber o prêmio de Funcionária do Mês — está mais para algo como o prêmio da Hacker que Fica Fora da Cadeia. Sorrio para Carson. Ele me olha feio.

Ian Bay, o filho do juiz, está cruzando o gramado, até que nos avista e para. As luzes vermelha e azul dos veículos de emergência se refletem no seu cabelo castanho. Ele me observa por tanto tempo que eu levo os olhos ao chão, fingindo ofegar. Não há o que ver aqui. Apenas uma adolescente assustada dando seu depoimento à polícia. Não preciso de alguém da escola se perguntando por que

Carson e eu estamos tendo nossa segunda conversa íntima em menos de oito horas.

Com um peteleco, Carson joga seu palito no chão.

— Quem é o amigo, Wicket?

Passo a língua pelos lábios, paralisada. Não sei por quê, mas sempre odiei o jeito como ele pronuncia meu nome.

— Não tenho ideia do que você está falando. Ele não é meu amigo.

Quando torno a procurá-lo, Ian não está mais ali: foi substituído por uma equipe médica que empurra uma maca pela grama, sobre a qual Jason Baines, desacordado, está sendo transportado. Ele não se move, e eu sinto a culpa brotar por todos os meus poros.

— Então você é capaz de receber ordens. — A risada de Carson é um latido seco. — Suponho que você seguiu meu conselho... não?

Viro o rosto.

— Espero que ele acorde.

— Tipo, ia ser uma tragédia se não acordasse. — O tom de voz do detetive se alterna entre sarcasmo e camaradagem, como se fôssemos amigos dividindo uma piada.

Só que não. Se ele diz esse tipo de coisa sobre Jason, o que ele não diz a meu respeito?

Um policial toca o cotovelo de Carson.

— Há pegadas que levam às imediações da lateral da casa, senhor. Elas seguem pro leste atravessando o canteiro de flores.

Minhas mãos ficam geladas. O leste fica justamente onde está o escritório, ali onde *eu* estava com Jason.

— Poderia ser um dos convidados — Carson diz.

— Poderia. — O policial olha para mim, hesitando em dizer mais. — Contudo, há outra evidência que sugere se tratar do assassino, senhor.

Enterro as mãos sob as coxas e não tenho ideia do quanto minhas axilas estão encharcadas de suor.

— Não se mova — Carson diz, enquanto se afasta e segue o policial.

Não que eu planejasse fazer alguma coisa, mas valeu pela dica. Eu me curvo, apoio a testa sobre os joelhos e fecho os olhos. Só o que vejo é a garota morta.

Lembre-se de mim.

Pois é, preferia não lembrar. Levanto a cabeça e olho ao redor. Hum... bom, já que estou aqui.

Com os pés no meio-fio, investigo o porta-luvas de Carson. Faz algum tempo que estive pela última vez no sedã sem identificação do detetive. Parece que eles limparam meu sangue seco no painel. Pena que há os mesmos pacotes de comida e lixo no chão. Porco.

Eh.

— Wicket Tate?

— Sim? — respondo sem pensar e me arrependo assim que viro na direção da voz. É outro policial, um que eu não reconheço.

— Tenho uma coisa pra você. — Ele estende um quadrado pequeno e fino, dando nele uma ligeira chacoalhada. — Tome.

Eu não devia ter recuado — faz com que eu pareça fraca —, mas é o que faço. Não gosto disso. Há alguma coisa no sorriso do sujeito que faz os pelos do meu braço se arrepiarem.

— O que é isso?

— É uma coisa que deveria ficar com você.

— Tá. Não, obrigada. Acho que já assisti àquele especial extraclasse.

— Faça como quiser. — O policial (Hart, segundo o crachá preso ao peito) dá de ombros e deposita o quadradinho na calçada, entre seu mocassim preto lustroso e meu All Star preto detonado. Ele se

levanta, sorri e vai embora, passando pela fileira de carros estacionados.

Ugh. Agora não consigo decidir se fico assustada ou irritada.

Acho que estou mais para irritada. Suspirando, olho para o chão e chuto o quadradinho. Está embrulhado como um presente fininho. O laço está um pouco amassado, mas as fitas balançam alegres à brisa fria da noite.

Saco. Embora tenha certeza de que isso é praticamente o mesmo que aceitar doces de estranhos, realmente quero saber o que está ali. Por que ele ia querer que eu ficasse com isso?

Pego o presente e o aproximo da orelha. Não faz qualquer barulho. Não cheira a piada também. Isso significa que é seguro? Não tenho ideia.

Enfio um dedo por dentro do embrulho e puxo a fita adesiva. Embaixo, sinto uma linha fininha de plástico. Parece uma caixinha de dvd.

Abro o embrulho e encontro o dvd. A capa é caseira, uma daquelas cartolinas brancas em que você escreve um título com caneta marca-texto. Quem quer que o tenha feito usou uma caneta de ponta fina, pois é difícil ler o que está escrito no escuro.

Ponho a caixinha sob a luz dos holofotes e sinto meu estômago revirar. Está escrito:

Entrevistas de junho.

E logo abaixo:

Sia Tate.

Minha mãe. Minha mãe *de verdade*. Ela se suicidou há quatro anos, deixou a mim e minha irmã sozinhas com nosso pai traficante de drogas. Eu a odeio. Eu devia não pensar duas vezes e jogar o dvd longe.

Eu devia... Acabo por abrir a caixinha. Dentro dela, encontro um dvd brilhante e, do outro lado da cartolina, alguém escreveu:

Divirta-se.

— Wick?

Pulo de susto e quase deixo o dvd cair no chão. Bren está a poucos metros de mim, com o celular numa mão e a chave do carro na outra.

— Já terminou de dar seu depoimento?

Terminei com certeza. Aperto o dvd contra o peito e estou pronta para sair correndo dali quando Carson reaparece.

— Desculpe-me, sra. Callaway. Preciso fazer mais algumas perguntas a Wicket.

Bren franze a testa.

— Detetive, Wick estava comigo. Ela não sabe mais que qualquer um de nós...

— Por favor, sra. Callaway, a morte pode estar relacionada a drogas. — Os olhos de Carson se voltam para mim e, antes que eu perceba o que estou fazendo, enfio o dvd sob a saia da minha fantasia. — Infelizmente, Wick tem uma perspectiva melhor que a maioria dos civis no que se refere a esse tipo de coisa.

A lembrança causa um ligeiro calafrio em Bren. Seus olhos se fecham por um breve instante.

— Está tudo bem pra você, Wick? — Ela olha para mim. — Você quer que eu fique junto?

E me arriscar a dar com a língua nos dentes e revelar o que faço no meu tempo livre? Nem a pau. Balanço a cabeça e forço um sorriso.

— Está tudo bem. Eu te encontro no carro.

Bren assente com um meneio de cabeça, vira-se para abrir caminho entre as pessoas e segue na mesma direção de Hart.

— Tem relação com a drogas?

Carson dá de ombros.

— Baines estava lá, não estava?

— Ele não estava perto da vítima. — Eu hesito. — Quem era ela, afinal?

— A assistente de Bay, Chelsea Martin. — Carson sacode uma das mãos como se estivesse espantando uma mosca. — Acho que estas palavras, “lembre-se de mim”, são uma mensagem. É a assistente de Bay, a casa de Bay, a festa de Bay. Deve significar alguma coisa endereçada a ele.

Detesto admitir, mas concordo. Durante os primeiros momentos de histeria, Bren me apertou contra ela, desviando-me da visão da garota morta. Acabei topando direto com os olhos de Bay. Eu o vi observando o corpo, com o olhar afundando em sangue e ossos, e seu rosto ficou verde e, depois, cinza.

O juiz não parecia horrorizado. Ele parecia... resignado, como se aquilo fosse inevitável.

— Acho interessante que ele tenha pego imediatamente o telefone — digo.

Carson funga.

— Ligar pra emergência é uma prática comum quando você encontra um corpo morto.

— Eu sei, só que acho que ele não ligou. — Ajeito a barra da saia e concluo que sou bem durona por parecer tranquila quando por dentro sinto meu sangue gelar. — Ele ficou muito tempo no telefone, falando e falando e então, por fim, só escutando, mesmo depois de os médicos terem chegado. Se ele tivesse ligado pra emergência, já teria desligado.

Carson me mede lentamente com os olhos.

— Você vê alguma outra coisa?

— Acho que não.

— O BlackBerry da garota foi roubado. O que você acha que isso significa?

Encolho os ombros.

— Pode significar muita coisa. Ou nada.

— Acho que pode ser alguma coisa. Associado a Baines daquela forma, o assassino... acho que o juiz é sujo.

Mais uma vez, detesto ter de concordar com Carson. Ele está certo. Alguma coisa muito errada está acontecendo aqui. É muito mais do que ver Baines circulando por aqui. Há muito tempo, o juiz Bay indeferiu todos os pedidos de proteção que minha mãe — a *verdadeira* — protocolou contra meu pai. Ele ignorou evidências, reagendou depoimentos... Era quase como se ele quisesse ajudar meu pai.

— Eu quero que você o pegue, Wick.

E, de repente, o interesse de Carson em Baines faz sentido. O pequeno traficante. Ele pode levar a alguém maior. Como um dos gerentes do meu pai. Como um juiz.

O detetive enfia mais um palito de dente na boca e o faz rolar de um lado para o outro, enquanto diz:

— Não posso tocá-lo. Bay foi promotor por vários anos antes de ser nomeado juiz. O chefe diz que ele está fora do nosso alcance, mas você é capaz de fazer isso. Pense nisso como um serviço à comunidade.

Destruir Bay? Não vou mentir, tipo, eu gosto da ideia. Já se passaram dez anos, mas ainda o odeio. Odeio as franjas do seu mocassim, o cabelo engomado, o modo como seus olhos atravessam pessoas como eu.

Bem... pessoas como eu era antigamente.

Sob a saia do vestido, meus dedos seguram a caixinha do dvd e eu quase — *quase* — pergunto a Carson se ele conhece aquele tal de Hart, mas algo me impede de fazê-lo. O detetive ia querer saber por que eu perguntei e então eu ia ter de explicar. Não, obrigada.

— Bay é demais pra mim — digo, finalmente.

— É? — A atenção de Carson se volta para algo atrás de mim, um músculo salta no seu maxilar. Eu me viro e vejo Bren sentada no seu Lexus, nos esperando terminar e pronta para me levar embora.

Sinto um nó na garganta.

— Belo carro. — Carson não está olhando para mim, mas posso perceber o tom irônico na sua voz. — Você acha que ela vai dar conta depois de tudo que aconteceu?

Não. *Sim*. Claro.

Eu reajo:

— Bren sempre foi o cérebro por trás da firma. Ela vai conseguir.

— Não vai, se todo mundo continuar evitando ela. Sua nova família me interessa muito. Você já se perguntou como ela conseguiu finalizar os papéis de adoção tão rápido? Porque eu já me fiz essa pergunta. Acho muito interessante mesmo, e fico pensando no que aconteceria se eu desse uma fuçada no assunto. Será que eu ia acabar achando alguma coisa que a faria parecer pior?

Tento engolir. Não consigo. Não há como ele encontrar qualquer coisa contra Bren... certo?

— Você não pode salvar todo mundo que você ama, lixo. Não funciona assim. Na verdade, posso lhe *garantir* que não funciona assim. Descubra tudo o que puder sobre Bay ou eu acabo com você e sua mãe adotiva vai sofrer todas as consequências. Pense em como ia ser: primeiro ela não reconhece que o marido é um monstro; depois, a filha adotiva é uma fora da lei. Aposto que iam tirar sua irmã dela.

Aposto que tirariam. Olho para Carson e, sob as luzes azuis, brilha a monstruosidade do seu sorriso. Um calafrio percorre meus braços.

— Deixe ela em paz — digo. — Eu faço o serviço.

4.

Bren e eu vamos para casa em silêncio... ou no silêncio que só Bren sabe produzir. Ela continua tamborilando com os dedos no volante e seu joelho esquerdo treme de nervoso. Ela vibra por inteiro e eu sinto medo de dizer qualquer coisa, sob o risco de vê-la explodir.

— É horrível — diz, finalmente. Ela alisa a saia rosa com a palma da mão, tentando passá-la à força. — Bay é um bom homem.

Eu fungo. Não consigo me controlar.

— Ele é. — ela repete.

— Eu vou ter que acreditar em você. — E vou mesmo, porque de repente já não estou mais no carro de Bren. Estou diante da minha mãe enquanto ela chora. Bay nunca foi legal com ela. O cara é um merda, mas se Bren pensa que ele é... Espera um minuto.

— Bren — eu digo calma e lentamente, estendendo cada palavra. — Como você *conseguiu* nos adotar tão rápido?

Uma pausa.

— Bay ajudou.

— Por que ele nos ajudou?

— Eu... eu paguei. E valeu cada centavo.

Concentro-me nas casas que passam pela janela para não ter de ver como Bren me olha agora. Ela está esperando uma reação, e eu tenho apenas isto: Carson vai descobrir.

E Bren vai sofrer.

Minha pele gela, fica úmida.

— Ele não é bom por isso.

— Pra mim, sim. — Bren vira o carro na nossa rua e seu joelho treme ainda mais. — Vou marcar uma consulta com sua terapeuta amanhã, e nós abriremos um diário para que você possa anotar tudo o que está sentindo.

Claro, sentimentos! Concentro-me em beliscar minha peruca toda desgrenhada para não ter de gritar. Bren é uma grande entusiasta de terapias — ainda mais depois de tudo que se passou com Todd.

— Existem uns livros muito bons sobre como lidar com estresse pós-traumático — ela prossegue. — Vou pegar uma lista com a dra. Norcut.

Ficamos caladas, e eu não sei dizer se Bren parou esperando minha resposta ou se ela está tentando buscar fôlego. Acho que é para tomar coragem, mas a lista dela mais parece um plano de ataque.

— Estou ótima, Bren. De verdade. — Passo os dedos pelo cabelo e coço a têmpora direita, onde minha enxaqueca geralmente começa. — Eu não tenho nenhum problema de estresse pós-traumático ou o que quer que seja.

— Você não sabe. — Ela contorna o Honda da baby-sitter e estaciona na garagem. Então desliga o carro e toca meu rosto com a ponta dos dedos, buscando nele qualquer mínimo sinal de que eu estou quase enlouquecendo.

Sorrio para fingir que estou bem. Tipo, como se o canto da caixinha do dvd não estivesse me cutucando.

Minha mãe. *Minha*. Mãe. É como se meu coração saltasse pela boca.

— E se isso começar a trazer à tona... todo o resto? — Bren pergunta calmamente.

— Isso não vai acontecer.

— Wick, você está indo tão bem. Realmente acho que essa situação pode te tirar do eixo; e depois de tudo o que aconteceu com você e de tudo com que ainda está lidando, precisamos estar preparadas.

Olho para fora, pela janela do carro, apertando a caixinha do dvd com mais força, pois Bren não está falando sobre Todd e ela não

sabe nada sobre Carson. Ela está preocupada com o suicídio da minha mãe e se eu vou ficar obcecada nisso depois de ter visto um cadáver.

E, apesar de Bren querer meu bem, eu de repente fico muito irritada com ela. Meu desejo é que as pessoas parem de ficar me examinando em busca de estragos.

— O que aconteceu hoje à noite não foi suicídio — digo, inspirando o ar profundamente e expirando pouco a pouco. — Não é como o que se passou com minha mãe. Aquela garota foi assassinada.

Bren recua assustada.

— Quero que você fale hoje mesmo com a dra. Norcut. Isso não pode ter sido bom pra você.

Bom para mim? Ela faz a coisa toda soar como se estivéssemos discutindo o consumo de vegetais. É estúpido... Até que percebo que sua determinação está carregada de culpa.

— O que aconteceu hoje não foi culpa sua — digo suavemente.

— Talvez não. Isso não significa que tenha feito bem pra você. — Bren abre a porta do carro e, sob a luz da garagem, as manchas sob seus olhos ficam pretas. — Acho que você precisa conversar com alguém.

— Eu estou realmente cansada. A gente pode fazer isso depois? — *Ou, tipo, nunca?* Prendo a atenção de Bren e tento parecer ao mesmo tempo abatida e confiante. Não quero ter de disfarçar o tremor no meu lábio inferior olhando para o chão, mas...

— Ótimo. Podemos esperar até amanhã. — Bren passa a palma da mão pelo rosto. — Tenho que pagar a baby-sitter e ver Lily. Tente descansar, está bem?

Concordo balançando a cabeça enquanto estendo a mão em direção ao trinco.

— Wick?

— Diga.

— Você não está bem. Eu vou ligar pra emergência da dra. Norcut agora. — Bren pega a bolsa e a pendura sobre um dos ombros. — E que Deus ajude esse serviço de atendimento pra não dar nenhuma mer... *nenhum problema* na marcação da consulta.

O atendimento eletrônico de Norcut sempre lhe causa algum problema quando Bren liga. Na verdade, foram tantos os problemas que começo a lhe dizer que é perda de tempo. Tarde demais. Ela já saiu do carro e entrou em casa. Honestamente, ela podia esperar até que a assistente da psiquiatra chegasse na segunda-feira. Se ela ligar hoje, vai ficar no telefone por horas... O que até pode ser bom.

Afinal, eu teria todo o tempo de que preciso para investigar o dvd.

Enfiado dentro do cinto do meu vestido, o nome da minha mãe começa a arder.

Ao subir as escadas, acendo todas as luzes e faço meu quarto ficar claro como à luz do dia. Não devia fazer isso, porque Bren sempre percebe, e eu sempre me recuso a explicar. Nós sabemos a razão: Todd me atacou no escuro. Admitir que tenho medo — mesmo para mim — é constrangedor.

Mas apagar as luzes é pior.

Considerando que Bren pensa que estou quase tendo um colapso nervoso, eu devia fazer alguma coisa para parecer melhor. Talvez apagando uma das luzes ou parafusando a grade do meu ar-condicionado. Isso seria um progresso.

O problema é que também não sou capaz de fazer isso.

Depois de descobrir que Todd tinha instalado câmeras de vídeo nas saídas de ar do meu quarto, tirei as grades de metal. Elas estão no armário há meses. É reconfortante poder olhar e ver que as saídas do ar-condicionado ainda estão vazias.

Talvez eu as feche de novo... depois.

Jogo a caixinha do dvd na mesa e ligo o computador, esperando-o retornar à vida. Por precisar rodar uma tonelada de programas, entre firewall e antivírus, meu sistema leva mais tempo do que o normal para ser carregado. Geralmente não dou bola para isso, mas hoje eu sinto que são os quatro minutos mais longos da minha vida, enquanto troco de roupa e visto uma calça de ioga e uma blusa de moletom.

Assim que faço o login, coloco o dvd e rodo o antivírus, procurando por alguma ameaça. Enquanto o programa finaliza a verificação, abro o Firefox e busco "Policial Hart Peach-tree City".

Encontro um Hart como gerente de banco... outro como especialista em tecnologia... mas nenhum *policial* com esse nome. Minha nuca começa a formigar. Será que ele era novo? Talvez. E então mais uma vez penso na festa à fantasia. E se ele estivesse fantasiado? Decido que tenho de procurar algo sobre as novas nomeações de policiais e mudo de janela, fechando minha página de busca e abrindo o site do jornal da cidade.

Como se pode esperar, há uma matéria sobre a família de Todd e o quão abatida ela está, o quanto eles desejavam que Bren não tivesse pedido o divórcio numa hora de tamanha dificuldade. Nunca encontrei os pais do meu pai adotivo e, francamente, não sinto a menor falta. Em vez disso, vou para a seção de comentários.

Escondidos sob apelidos anônimos, nossos vizinhos desabafam. Alguns mostram solidariedade a Bren. Outros apoiam Tessa Waye, a primeira vítima de Todd. Interesse-me por aqueles que estão ali para massacrar minha mãe adotiva.

Vejamos esse tal BrownBear47. Segundo bb, Bren é uma covarde e uma idiota e está destinada à falência. Como é bom viver num país em que todos podem ter sua opinião.

Mas é ainda melhor saber que posso destruir aquela opinião. Demoro para conseguir logar na página do administrador, mas bloqueio o endereço isp do nosso BrownBear. Ela — não sei por quê, mas acho que é ela — vai levar um tempo até conseguir entrar na caixa de comentários da página do jornal usando seu computador doméstico. Acabo bloqueando toda a conta, só para o caso de ela decidir usar outro computador.

Estou sendo boba e mesquinha? Provavelmente. É bom? Demais. Ajuda Bren? Não tenho certeza. Mas não vou parar.

Tinha acabado de deletar o último *hater* quando meus programas de antivírus me avisam. Verificação do dvd concluída. Não há vírus. Uma lista de arquivos se abre na tela. São uns vinte diferentes. Engulo em seco, respiro fundo e escolho o primeiro.

A imagem revela uma mulher magra sentada diante de uma mesa de metal e, embora eu soubesse que ia ver minha mãe, ainda sinto como se tivesse levado um soco. É o cabelo escuro dela, o rosto magro. É *ela* e eu esperava por isso, mas meu estômago ainda sente o golpe. Por um segundo, acho que vou vomitar.

A abertura do vídeo é um close, e então ele recua para um plano mais aberto. Por mais ou menos dez segundos ninguém diz nada, enquanto a câmera é regulada e uma luz fluorescente sobre eles começa a piscar. Minha mãe toca a lateral do pescoço, enfia os dedos pelo cabelo e, de repente, eu me lembro do perfume dela. Baunilha. Todas as roupas dela cheiravam a baunilha. Por meses depois de ela ter morrido, eu me sentava no seu closet e enterrava meu rosto nelas.

Até que meu pai me viu e queimou todas as peças.

— Eu só tenho uma hora. Preciso voltar pra casa. — Mais uma vez, um soco. Eu não escutava essa voz havia quatro anos. Como eu podia ter me esquecido de como ela pronunciava as vogais?

Minha mãe olha diretamente para a câmera com olhos brilhantes, de boneca de plástico.

— Não é uma boa hora agora.

— Então você precisa ser rápida, não é? — A voz de um homem surge de detrás da câmera. Eu não a reconheço. Ele deve estar à minha esquerda, à direita da minha mãe, porque os olhos dela seguem o som e sua boca se afrouxa.

— Não tenho nada de novo a relatar. Ele não está me envolvendo nisso.

Ele? Ele quem? O que ela está relatando? Fico um pouco mais perto da tela e, embora consiga escutá-la bem, aumento o volume.

— O que você está fazendo pra encorajá-lo a te envolver nisso?

Minha mãe geme. A câmera se aproxima em zoom enquanto ela cobre a boca — a boca machucada — e de repente eu sei quem “ele” é. Meu pai. Eles estão falando sobre meu pai. Que tipo de entrevista é essa?

— Tenho pedido ajuda — ela prossegue, seus olhos percorrendo sem rumo a sala do confinamento. — Eu disse a ele que estava disposta a trabalhar. Ele... ele não se interessou. — Ela põe a mão na mesa, revelando um antebraço com as marcas escuras dos dedos de uma mão. — Eu tentei, detetive.

Meus dedos se fecham. Detetive. Trabalho. Ela estava colaborando com a polícia. Aumento de novo o volume, tentando identificar a voz do sujeito.

— Então você precisa tentar mais — ele diz. — Você sabe como lidar com ele, sra. Tate. Você sabe que sim. Você é a principal interessada. Ele é seu marido.

Os olhos da minha mãe se voltam para a câmera e miram diretamente os meus.

— Meu interesse é que ele me salve. Há uma diferença. — Ela engole. — Preciso ir.

A câmera balança, a tela escurece... E letras brancas aparecem.
viu o que eles fizeram com ela?

Minha boca está seca. Que. Merda. É. Essa? Minimize o vídeo e clico mais uma vez na janela com a lista de arquivos, rolando a tela. Muitas entrevistas. Assisto a todas e percebo que aquilo não foi coisa de ocasião. Minha mãe era uma informante da polícia.

E este "viu o que eles fizeram com ela"? Quem são "eles"? A polícia?

Do lado de fora, o galho de uma árvore balança e bate contra o vidro, e, embora eu saiba quem está ali, ainda fico alerta. Viro-me para olhar, de algum modo convencida de que é Todd, que está quase chegando à janela para acabar comigo. Mas é uma sensação momentânea, porque o sorriso dele é branco no escuro. Não é perfeito, mas é meu.

Abro a janela e Griff entra no quarto, transformando o ar pesado e denso em algo que não consigo inalar.

Tenho de engolir para limpar a garganta.

— Você veio — digo, agarrando sua camiseta com as duas mãos e trazendo-o para perto de mim.

Ele se curva e me cobre.

— Sempre.

5.

A gente se senta no meu quarto iluminado demais, escuta Bren caminhar no andar de baixo e eu conto tudo a Griff. Bem, quase tudo. Deixo Jason totalmente de fora... e uma parte sobre Carson. Os segredos pulsam nos meus dentes e dedos, mas eu os ignoro. Mais uma vez é o problema dos heróis. Se eu contar a Griff, ele vai querer me salvar. Melhor ainda, ele vai querer salvar Bren e Lily.

E ele vai querer fazer tudo isso em nome da honra.

Conte à polícia. Confie num professor. Fale. Não que Griff seja um escoteiro, mas ele usa todas as habilidades que tem para um bem maior. Eu não quero salvar o mundo inteiro. Só a mim. Vou brincar seguindo as regras de Carson para fazer isso. Griff, não.

Ele vai olhar diferente para mim por eu fazer as coisas dessa forma.

Já há o suficiente a meu respeito sendo dito na escola ou nos blogs de notícia. Não vou acrescentar mais essa nota. Então, em vez disso, vou me concentrar na morte da assistente. De início, Griff continua acariciando o músculo entre meu dedão e o indicador. Depois eu começo a lhe contar detalhes sobre o corpo e ele para.

— Você está bem? — ele pergunta.

Engraçado. Com Bren, eu nunca penso sobre isso. Apenas digo o que ela quer ouvir. Mas com Griff...

— Não. Quero dizer, sim. Sim, estou agitada. Mas acho que está tudo bem.

— Você é maravilhosa.

As palavras me surpreendem e meu coração bate mais forte. Griff muitas vezes diz coisas assim e elas sempre me derretem. Às vezes desejo que isso não acontecesse. Não sei o que fazer com a menina em que ele me transforma.

Então Griff sorri aquele sorriso que eu amo e eu me aninho nele, pressionando meus lábios contra o canto dos dele e amassando quase toda a sua camiseta polo. Ela é tão macia e fina que consigo sentir o coração dele batendo como as asas de um passarinho. Griff fica tenso, mas as mãos dele relaxam. Desde Todd, somos muito cuidadosos — e mesmo sendo tão cuidadosos, quando as mãos dele sobem para perto das minhas costelas, eu o evito.

— Wick?

— Desculpe. Eu... desculpe... é que... foi uma noite ruim. Sinto muito.

Ele recua, frustrado. Eu também. Mas me sinto igualmente aliviada... O que é triste... e desconcertante. Como eu posso sentir medo de estar com ele?

E ainda sentir mais medo sem ele? Houve um tempo em que eu não tinha medo de estar sozinha. Só precisava de Lily. Agora... Carson está certo. Tenho muito a perder.

Griff fecha minha mão nas mãos dele.

— Vai ficar tudo bem. Você ainda está se recuperando.

Me recuperando. Como se eu estivesse quebrada, mas não estou. Olho para longe e meus olhos recaem no computador.

Viu o que eles fizeram com ela?

É algo com que Griff e eu concordamos.

— Está ficando pior, na verdade. — Eu me desfaço dos carinhos dele e pego a caixinha do dvd. — Preciso te mostrar uma coisa.

Eu a entrego a Griff e vejo sua boca se contorcer.

— Não é o nome da sua mãe?

— Sim. Eu estava esperando pra dar meu depoimento ao Carson e um policial a entregou para mim. Ele chegou até a embrulhá-la, tipo um presentinho de aniversário meio detonado. Tem um monte de entrevistas.

— O que o policial ia querer com sua mãe?

— Acho que ela estava trabalhando de informante contra meu pai.

— *Por pura boa vontade?*

— Não sei. Assisti aos arquivos e, do que eu vi, ela não parecia muito animada com a história toda, e no fim da primeira entrevista deixaram um recado. O recado diz: “Viu o que eles fizeram com ela?”. — Alguma coisa deixa o rosto de Griff tenso. — O que foi?

— Tem alguma coisa errada por aqui. — Seus olhos verdes escurecem. — Um dos policiais te deu o dvd? Que policial? Por quê?

— Nunca tinha visto ele. Seu nome era Hart.

— Hart? Não me soa familiar. — Como eu, Griff ajuda a polícia de vez em quando. Diferentemente de mim, ele até quer estar lá. O primo dele trabalha na Narcóticos e, graças à ajuda de Griff, eles prenderam meu pai, pegando-o com tantas evidências que vai ser difícil de ele ver a luz do dia pelos próximos cem anos. Griff testemunhou que eu não tinha nada a ver com aquilo.

É uma mentira em que Carson ainda não acredita.

— Você tem certeza de que ele era um policial?

Encolho os ombros.

— Fiz uma busca rápida na internet e não achei nada, mas ele usava um uniforme. Acho que pode ter sido roubado ou comprado. *Era* uma festa à fantasia. — Quanto mais eu penso nisso, mais meu cérebro se dá conta de como os calçados dele eram parecidos com os meus. Eram mocassins pretos bastante lustrosos, não os coturnos pretos que o governo dá.

— Não faz sentido — Griff continua. — Por que ele te daria uma coisa como essa? Por que alguém deixaria uma mensagem no final?

— Não tenho ideia. — Isso deveria me incomodar mais do que incomoda, mas agora só consigo pensar na minha mãe. Todos esses anos em que ficamos com meu pai... eu achava que era porque ela tinha muito medo de ir embora. Eu odiei minha mãe por isso. E se

ela não tivesse escolha? — Isso não muda o fato de que ela estava trabalhando pra polícia.

— Da mesma forma que você?

Fico imóvel, sinto que a pergunta me atravessa e se aloja num osso. Eu achava que ele não sabia.

— Me diga que você não está trabalhando pra ele, Wick.

Fixo os olhos na maquiagem branca de zumbi que suja a face superior das minhas mãos. Quanto mais eu esfrego para tirar, pior ela fica.

— Como você descobriu?

— Boatos. Carson está resolvendo um caso depois do outro. Ele é a principal estrela do departamento, fazendo conexões de que ninguém suspeita. É, tipo, como se ele tivesse se tornado um médium... ou arrumado um hacker realmente bom.

Balanço a cabeça e respiro fundo.

— Tenho feito uns trabalhinhos aqui e ali pra ele faz uns meses...

— Meu Deus, Wick. *Por quê?* — Ele está puto, se afasta de mim e eu o sigo... mas paro. No espaço que se abre entre nós, as palavras que preciso dizer parecem vir mais facilmente.

— Ele sabe que eu estava envolvida nos lances do meu pai e na coisa com Todd. Ele diz que vai cavar minha história, e é capaz de encontrar o suficiente pra acabar comigo.

— Concordando em trabalhar com ele você está praticamente admitindo a culpa! — Griff passa as mãos sujas de tinta pelo cabelo escuro. — Ele vai te usar e depois te prender!

— E desistir da glória que ele está conquistando? Acho que não. Dessa vez Carson pode desmascarar um juiz corrupto. Ele vai virar uma lenda na delegacia. — Tento parecer despreocupada, mas não consigo. As palavras são amargas, mas também verdadeiras. — Carson precisa de mim. Não sinto que eu tenha muita escolha. Não é só a mim que ele está ameaçando. Bren também. E Lily.

Ficamos os dois em silêncio. Em seguida, Griff limpa a garganta e olha pela janela.

— Então você tem um novo trabalho?

Engraçado. Posso jurar que ele já sabe a resposta.

— Sim, Carson quer que eu investigue Bay. Ele acha que o juiz tem seus podres e quer minha ajuda pra provar isso.

— Você sabe que isso é chantagem.

— Sim. — Coço as têmporas com ambas as mãos. Toda vez que fecho os olhos, vejo a garota morta... e o rosto do juiz Bay. Ele não estava apenas horrorizado. Ele estava com medo. Por que eu sempre acabo nisso?

— Então quando isso termina? — Griff pergunta.

Não termina. O resto do mundo pensa que acabei com Todd revidando fisicamente. Ele me atacou e eu tentei me defender. Ele pegou minha irmã e eu o persegui. A verdade é... um pouco mais complicada.

Eu hackeei Todd. Eu infringi a lei. Mesmo que Carson não tenha provas, ele é capaz de investigar a fundo e cedo ou tarde encontrar alguma coisa.

Mas o que isso tem a ver com Bren? Pior, o que isso tem a ver com Lily? Minha irmã é tão doce. Ela quer se adequar. Ela quer ser amada. Ela quer que tudo fique bem.

Minha obrigação é garantir que tudo fique bem para ela. Se trabalhar para Carson significa fazer com que ele não desmascare meu passado e acabe com o futuro de Bren e Lily, eu topo a parada.

Griff estuda minha postura.

— Isso podia acabar se você encontrasse alguma coisa contra ele.

Deixo escapar uma risada, mas logo fico séria. Nunca trabalhei desse jeito — com meu pai ou com o sócio dele, Joe. Não agora. Nunca revidei. Não sou corajosa. Sempre tento desaparecer.

— Talvez não seja tão difícil — Griff prossegue. — Pense sobre isso. Se ele está disposto a te chantagear, o que ele é capaz de fazer com outras pessoas? Você poderia encontrar alguma coisa e usar como moeda de troca.

Fico surpresa. *Moeda de troca?* Que maneira curiosa de dizer “chantagem”. Curiosa, mas não tem nada a ver com Griff! Será que estou influenciando ele?

Moeda de troca. Fico remoendo a ideia. Ele está certo. Estou sempre tão desesperada correndo atrás do prejuízo que nunca penso em como virar o jogo. Minha nova vida é tudo para mim.

E a carreira de Carson, tudo para ele.

— E quanto à sua mãe — Griff balança a cabeça. — Tem alguma coisa errada aqui, Wicked. Realmente errada. Por que te deram essas entrevistas agora? Qual é o ponto?

Outro bom argumento. Ter recebido o dvd é um problema. Se o policial Hart não faz parte da polícia de Peachtree City, quem é ele? E como ele me conhece?

— Ir atrás de Bay é um negócio perigoso. — Griff se afasta de novo, deixando mais espaço entre nós, e eu me sento sobre as mãos, dizendo a mim mesma que o nó dentro do meu peito não é um ataque de pânico.

Mas, na minha cabeça, o sorriso de Carson cresce e eu o escuto perguntar: “Você acha que ele ainda ia te querer se soubesse que você está trabalhando pra mim?”.

— Você precisa dar um jeito de sair dessa — Griff diz.

Balanço a cabeça e concordo, mais porque eu deveria, não porque de fato vou fazer isso. Encontrar sujeira em Carson... conseguir uma cópia das entrevistas da minha mãe... são todos problemas interessantes — interessantes e assustadores. Investigar Bay? Isso, sim, parece perfeito. A tentação é como melão quente na boca.

Griff fica girando a caixinha do dvd nas mãos.

— Eu realmente não gosto disso.

— É, concordo.

— Tipo, sério, Wick. Parece... uma armadilha.

— Eu sei.

— Não parece que sabe.

Viro a cabeça para ficarmos cara a cara.

— Como assim?

— Tipo, você não parece assustada. Você parece... interessada.

E ele parece magoado. Preocupado.

— Eu tenho todo direito de estar “interessada”. — As palavras soam defensivas e incriminatórias, e eu me irrito. Eu não devia me sentir, parecer ou mesmo *ser* culpada. — É *minha mãe*.

Griff não quer olhar para mim.

— Prometa que você vai tentar procurar algo pra barganhar com Carson.

— Claro.

— O que quer que seja, isso não é legal. Você precisa ficar longe disso.

— Eu vou ficar. — As palavras saem tão rápido da minha boca que eu só percebo que estou mentindo segundos depois.

6.

Horas mais tarde, acordo com um grito engasgado. A luz do sol invade o quarto pelas frestas da janela, lançando quadradinhos amarelos sobre a cama. Minhas mãos agarram os lençóis e minha camiseta está ensopada de suor. Mas estou sozinha. Estou bem.

Estou.

Apesar de ainda sentir os dedos de Todd enroscados no meu cabelo.

Vou ao canto da cama, enfio a cabeça para fora e investigo o chão. Vazio. Verifico, com os olhos semicerrados e atentos, a saída de ar. As grades ainda estão desparafusadas. Vazias. O armário está aberto — eu agora o deixo assim o tempo todo — e igualmente vazio.

Como sempre. Então pare de agir feito uma imbecil. É incrível como eu não consigo. Talvez seja normal. Quase morri e quase matei Todd. Talvez o que quer que tenha sobrado esteja um pouco desajustado.

Não pense a respeito disso. Mas, se eu não penso em Todd, começo a pensar em Griff, e isso também não é bom. Olho para a janela que ele pulou na noite passada e sinto um nó na garganta.

— Wick? — A voz de Bren viaja pelas escadas. — O café da manhã está pronto!

— Estou indo! — Estico a mão por trás da cabeceira da cama, apalpo meu pendrive preso à parede e as fitas que fixam o dvd logo abaixo. Sinto o alívio percorrer meu corpo. Não que eles pudessem ter fugido durante a noite. Mas é reconfortante tocá-los. Apago as lâmpadas que deixei acesas a noite inteira, me visto e, assim que chego às escadas, minhas mãos já estão quase sem tremer.

Na cozinha, minha irmãzinha e Bren estão preparando o café da manhã. O térreo da casa cheira a *waffle* e canela.

— Wick! — Lily salta feito um foguete da banquetta do balcão, um borrão em que se misturam o loiro clarinho dos cabelos e o rosa da camiseta. Ela me dá um abraço apertado. — A mamãe me contou o que aconteceu.

Mamãe? Arregalo os olhos. Lily está se referindo a... Bren?

— É, foi bem horrível — digo, ignorando o modo com que Bren me observa, analisando minhas palavras em busca das rachaduras emocionais de que Norcut precisaria tratar. Penso em sorrir para ela e então fico mais uma vez em dúvida, porque não tenho ideia de como serei interpretada.

E tem outra coisa: desde quando nós começamos a chamar Bren de *mamãe*? Sinto que é demais para mim, mas eu me sento como se mal tivesse notado, olhando fixamente para os ovos mexidos que Bren coloca na minha frente para não ter de olhar para a cara das duas.

Se Bren agora é minha mãe, onde vai parar nossa mãe real? Conto para Lily sobre o dvd?

Meu primeiro impulso era mostrar a ela. Agora fico na dúvida: devo? Já faz quatro anos que nossa mãe se matou. Bren faz mais o papel de mãe do que nossa mãe fez enquanto estivemos com ela. Talvez Griff esteja certo. O dvd diz: "Viu o que eles fizeram com ela?". Bem... sim, eu vi. E não muda nada. Talvez eu deva deixar tudo como está.

Não sei se consigo.

— Você tomou os remédios? — Bren me pergunta, deslizando outro *waffle* para o prato de Lily.

— Sim.

Ela fica contente, e eu luto para dar um sorriso. Tipo, eu odeio quando ela apela desse jeito. Mais uma vez, é bom ser capaz de

fazer alguém feliz. Hoje em dia, Bren pensa que eu sou outra pessoa: sem enxaqueca (remédios), cabelo novo (loiro) e carrinho bacana (presente).

Bren despeja mais massa de *waffle* na fôrma.

— Liguei pro consultório da dra. Norcut. Você tem uma consulta pra segunda-feira de manhã, antes da escola, então não vai haver conflito de horário.

Putz, mas que legal.

— Que bom. Obrigada.

Bren confere o *timer* da fôrma de *waffle*.

— O que você planeja fazer hoje, Wick?

— Preciso terminar um trabalho sobre o governo. Tenho que ir à corte tomar notas dos julgamentos e escrever um relatório.

O que era uma desculpa fácil para uma investigação mais detida sobre Bay. Ao que tudo indica, ele estará trabalhando hoje. Graças aos cortes governamentais e à sobrecarga do calendário de julgamentos, as cortes funcionam um sábado por mês. Bay estaria a todo vapor hoje, mas, depois da noite passada, não tenho certeza. Espero que esteja, para a minha sorte.

A espátula de Bren aguarda sobre a fôrma de *waffle*.

— Como assim? Na corte com os criminosos? Isso é seguro?

Eu sorrio. Às vezes chega a ser comovente ver como Bren se preocupa. Em alguns momentos, fico na dúvida se ela não pensa que eu sou uma idiota que vai sair para passear na primeira van pintada com os dizeres "Docinhos de graça".

— Não se preocupe, Bren. Se alguém me sequestrar, vai preferir me devolver. Juro.

Fico aguardando um sorriso, mas Bren apenas me fita de volta, esperando que eu ceda.

Eu suspiro.

— É um trabalho que o pessoal que está no terceiro ano costuma fazer. Eu te ligo quando terminar.

O rosto de Bren se contorce num sorriso e ela olha para mim como se eu tivesse acabado de fazer o mais fantástico dos truques.

— Tudo bem, apenas tenha cuidado, Wick.

— Sempre.

O tribunal de Peachtree City fica no mesmo prédio da biblioteca. Estaciono diante da fonte desativada há muito tempo e espero na fila para passar pela segurança — que se reduz a um detector de metais e um policial acima do peso sentado numa cadeira de plástico, com os dedos enfiados no cinto apertado.

— Razão da visita? — pergunta o corpinho todo trabalhado na cerveja.

— Pesquisa escolar. — Levanto meu notebook e ele o passa pelo escâner. Sem bombas. O que não chega a ser uma surpresa. O policial devolve o computador sem sequer voltar a me olhar. Sempre me surpreende que ninguém perceba que eu não preciso de uma bomba para causar estragos. Bom, que se dane. Melhor para mim.

De acordo com o horário on-line, Bay estará presidindo o tribunal no primeiro caso e, quando eu empurro as portas da sala, ele está prestes a assumir a bancada. Considerando o que aconteceu na noite passada, ele parece muito bem — o cabelo penteado como se fosse um capacete de gel; os olhos chamando a atenção de todos enquanto os passa em revista, indicando que ele está pronto para começar.

Ou que está procurando alguém.

O relógio acaba de cravar nove horas e já escolhi onde vou me sentar. Ando na direção da primeira fileira e fico próxima à parede — assim estarei perto de Bay e distante o suficiente para ter alguma privacidade. Poucas pessoas notam minha presença —

provavelmente porque agora me misturo melhor do que o fazia na minha vida pregressa. Se eu soubesse que as roupas da Ralph Lauren eram um disfarce tão bom, eu as teria usado antes.

Então penso que, se eu tivesse tido acesso às roupas de Ralph Lauren, possivelmente não teria me tornado hacker.

Enquanto o promotor apresenta o caso a ser julgado, de bebida ao volante, tento acessar o BlackBerry de Bay. Levo alguns minutos para obter acesso remoto ao seu celular — adoro quando alguém está logado numa rede pública de wi-fi — e começo a investigar sua caixa de mensagens. Arquivos de trabalho... trabalho... visita ao dentista... eventos... mais trabalho. O chefe de campanha de Bay envia uma lista dos principais doadores da última eleição e, surpreendentemente, os pais de Lauren estão entre os três principais. Não há mais nada além disso.

Até que chego ao fim da caixa de mensagens.

Há quase uma semana, Bay recebeu um e-mail de confirmação da empresa de segurança Barton & Moore dando detalhes do seu pedido recente. Ao que parece, ele fez o pacote completo: câmeras, detectores de movimento e botões de pânico nos quartos. Ele está realmente amedrontado, e para mim isso é um problema dos grandes.

Não vejo nada sobre aumentar a segurança da internet da família, mas, considerando que é a Barton & Moore, eles certamente oferecerão algo nesse sentido. Rolo o cursor para o pé da página, passando os olhos pelo resto dos e-mails à procura de alguma coisa capaz de tornar minha vida mais difícil, e enfim encontro. Toda a sequência de e-mails trocados entre a firma de segurança e Bay começa com um único e-mail sem assunto enviado à conta pessoal de Bay. O remetente usou uma conta de e-mail do Yahoo e *três* palavras que fazem minha pele formigar:

lembre-se de mim.

As mesmas palavras que foram talhadas no peito da garota morta. Dois minutos depois de ter recebido a mensagem, Bay a encaminhou ao seu contato na Barton & Moore. Interessante. Aparentemente, o que quer que ele tenha de lembrar o irrita.

Enquanto a caixa de mensagens está aberta, outro e-mail chega. Dessa vez, eles confirmam que os guardas de segurança chegarão esta noite. O que é compreensível, diante do assassinato.

Isso não explica, porém, por que a atualização do aparato de segurança teve início há uma semana, bem antes do crime.

A não ser que Bay suspeitasse que alguma coisa do gênero poderia acontecer.

À minha direita, alguém vem deslizando pelos assentos em minha direção. Observo a figura pelo canto do olho e, quando ela chega mais perto, minimizo a caixa de mensagens de Bay e abro um documento do Word.

— Você está fazendo o trabalho para a aula do Farenstein?

Ian Bay. Viro-me lentamente em sua direção, e ele está mais perto do que eu gostaria. Muito mais.

— Sim, estou — digo, e tenho de me concentrar para não parecer tão confusa. Ian é um estranho híbrido na nossa escola. Ele é desajeitado demais para ser atlético, tem as feições afiladas demais para ser bonito, mas acho que o dinheiro lhe abre as portas, porque ele está sempre com os populares.

Na verdade, eu diria que ele *tenta* andar com os populares. Acho que a maioria não gosta dele.

— Você também está fazendo o trabalho? — pergunto.

— Já terminei. — Com um movimento de cabeça, ele aponta na direção do pai, enquanto uma mecha de cabelo escuro lhe cai sobre a testa. — Tipo, trabalho em família.

Ah, jura? Mas eu sorrio, como se essa fosse uma observação brilhante da sua parte, e isso faz o sorriso de Ian ficar ainda maior.

— Tenho te visto com mais frequência, Wick.

Hein? Tenho estado por aí. Ian e eu frequentamos as mesmas escolas há cinco anos. Eu o vi perder a mãe, vítima de um câncer, ouvi falar sobre o novo casamento do pai e sobre seu irmão mais velho, Kyle, que fugiu de casa com uma garota. Sei de tudo que as pessoas de Peachtree City sabem sobre ele... e sobre mim, eu acho. Há boatos. As pessoas falam. Mas mães mortas e famílias disfuncionais são notícia diária. É o pai de Ian, que torna tudo especial, que o torna especial. De qualquer forma, é muito improvável que ele não tivesse me visto por aí.

Então percebo o jeito que os olhos de Ian percorrem meu cabelo. Geralmente, ele está roxo ou rosa ou, mais recentemente, vermelho Tang. Agora ele está loiro.

Como o cabelo das garotas que o vejo perseguir pela escola.

De repente, o jeito com que Ian estava me olhando na noite passada e o jeito com que ele está me olhando agora começam a fazer sentido.

Será que posso vomitar agora?

Tento me afastar rapidamente, deslizando para o extremo do banco.

— Acho que tenho saído mais.

— Sim, deve ser difícil sair pela cidade com esse lance da sua mãe e tal.

Fico paralisada. Minha mãe. Dessa vez, a palavra significa Bren.

— Por que seria difícil?

— Bom, você sabe, por causa da... — Ian ergue um ombro e gira os olhos, pois teoricamente tenho de sacar o que ele quer dizer e continuar a conversa.

Mas não.

— Não, não sei. — Enfio o notebook na bolsa e passo a alça pelo pescoço. Quero uma cópia daquele e-mail "Lembre-se de mim", mas

não demais a ponto de arriscar minha cabeça com o filho do juiz sentado ao meu lado. — Bren não tem nada a esconder.

Ian pisca.

— Ah, sim, concordo. Quero dizer, é claro. Eu não estava dizendo...

Sim, você estava. Eu o contorno, sigo para o fundo da sala e, depois, para a saída do estacionamento. Mal entro no corredor e Ian já está praticamente pisando nos meus calcanhares.

— Olha, Wick, desculpa. Não quis dizer aquilo. — Ele agarra meu ombro e eu dou meia-volta, o punho fechado. Ian se afasta e encosta na parede. Ao meu redor, vejo as pessoas me olhando.

Saco.

— Não encosta — eu murmuro.

— Por causa de...?

Minha boca fica aberta. Por causa de Todd? De repente me arrependo de não dar um murro na orelha de Ian.

— Porque é grosseiro.

E sim, por causa de Todd.

— Ah. Claro. Desculpe. — Seu rosto fica rosa como o Pequeno Pônei e, apesar de eu estar irritada, começo a me sentir mal. Não por ele ser, tipo, uma ameaça. Nós provavelmente usamos o mesmo tamanho de jeans. Além disso, a maioria das pessoas não chegaria a achar um problema que seus ombros fossem tocados.

Situação que, tecnicamente, me faz enlouquecer.

Eu suspiro. Preciso me desculpar.

— Olha — Ian diz. — Queria perguntar se nós poderíamos fazer dupla no trabalho do laboratório de computação.

— Você não é da minha classe.

— Eu sei. Estou no quinto período da classe da sra. Lowe. Ela acha que está tudo bem, se você topar.

Sufoco um gemido. O que deu na cabeça da nossa professora para dizer aquilo? Nem a pau que eu quero fazer o trabalho com Ian Bay. Não é só porque já existe todo um lance “Eu estou investigando seu pai”, mas também porque dois *geeks* são mais fáceis de acertar do que um só.

Eu sempre fujo do radar na escola, evitando qualquer um que possa me jogar na lixeira (não pergunte nada). Ian tenta se ajustar. Ele fica na cola do pessoal popular, esperando que eles de repente sejam mais receptivos com ele. O certo seria eu ficar enojada desse comportamento, do modo com que ele implora por atenção, mas...

Solto um enorme suspiro. Odeio quando as pessoas me causam pena, mas agora mesmo é tudo que sinto por ele.

— Você tem certeza de que não deveria fazer dupla com outra pessoa? Quero dizer, nós teríamos que escrever o relatório depois da escola, não durante a aula, e com tudo que você tem vivido...

— Essa é a ideia. — Ian passa o verso da mão contra o nariz e se parece com um menino que cresceu demais. — Realmente, não quero ficar em casa, e estou indo muito mal nessa matéria. Pensei que seria bem mais fácil e, você sabe... — Ele encolhe os ombros, enfiando as mãos nos bolsos da jaqueta. Acho que ele está tentando parecer tranquilo, mas a impressão que dá é bem diferente.

Eu serei uma perfeita idiota se concordar.

Então por que não consigo dizer não?

Porque eu sei o que é não querer ir para casa. Porque eu sei como é sentir-se enterrada.

Porque eu sou uma completa idiota.

— Beleza. — Embora a palavra saia sussurrada, vejo os olhos de Ian brilhar. — Mande pra mim um e-mail nesse endereço, e te envio minhas anotações. — Rabisco meu e-mail pessoal num pedaço de papel e lhe dou. Ele enfia no bolso.

— Obrigado, Wick.

— De nada — digo, virando-me para sair. Felizmente, Ian não me segue. Vou na direção do estacionamento sozinha. E lá vejo Griff encostado no meu carro.

Vê-lo me faz perder o ar.

— Ei — ele diz enquanto se ajeita.

— Ei. — Eu destravo o carro e abro a porta com as duas mãos para não ter de recorrer a ele. Não vou me desesperar a esse ponto.

Mesmo sentindo que estou desesperada.

— Como você adivinhou que eu estaria aqui? — pergunto.

— Bren me contou. Queria me desculpar. Por ontem à noite. Eu entendi tudo.

Não entendeu. Consigo ver isso pela linha dos seus ombros, por quanto ela se tensiona ao som dessas palavras. Ele está fingindo.

— Está tudo bem. — Estou balançando demais a cabeça, parece que não consigo parar. — Entendo. Você só estava irritado.

Os olhos de Griff se concentram nos meus.

— Você não precisa inventar desculpas por mim.

Eu invento porque isso significa que Griff não entende a situação — ou melhor, não *me* entende.

— E aí? — Ele troca o pé de apoio, estudando as nuvens da tempestade que se forma no horizonte. — Como foi?

Hesito, ainda pensando no jeito com que ele disse que eu estava gostando do trabalho.

— Não está muito bom. Consegui entrar no e-mail de Bay. Vai dar um pouco mais de trabalho.

Griff concorda.

— Você vai precisar de outro computador.

— Ah! Claro, sem problema. Você está usando o seu? — Tento pegar meu notebook, mas a mão de Griff envolve meu braço.

— Não, não é isso. É que você vai precisar de uma máquina mais rápida, como aquela que você tinha antes.

Enrugo a testa.

— Não acho que a polícia vai devolver meu computador tão cedo.

Numa das primeiras tentativas de me pegar, Carson convenceu Todd a lhe entregar meu computador. Ele disse ao meu pai adotivo que era para a minha própria proteção, e o computador continua com ele. Sinto calafrios de pavor quando penso que os especialistas da computação forense estão investigando meu disco rígido.

Não que eu não fosse cuidadosa: eu era. Eu *sou*, mas eles não precisam de mais do que um vestígio de processo, um arquivo não completamente deletado. Eu costumava ter de me preocupar com o que eu fazia. Agora eu tenho de me preocupar com o que me esqueci de fazer.

Naquele tempo, minha maior preocupação era descobrir como pegar o cara que estava perseguindo minha irmã. Se não fosse por Griff, eu estaria morta no fundo do mar. Ele me emprestou o laptop que usei para pegar Todd.

Griff está certo. Preciso fazer alguma coisa.

— O problema — começo a dizer — é que meu velho especialista não quer mais saber de mim.

Depois de Todd ter sido preso e os jornais terem me chamado de heroína, meu especialista pirou e se escondeu. Ele disse que eu estava chamando atenção demais. Pensei que a paranoia dele ia passar. Não passou, e isso acabou me deixando numa posição desconfortável.

Eu sei que soa estranho. Se você conhece códigos e computadores, você também é capaz de criar um bom sistema, certo? Nem tanto. Hackers de software, pessoas como eu, manjam de software, não de hardware. Pois é, eu até sei como produzir um computador peça por peça. O problema é que aquilo que eu quero — o que eu *preciso* ter — requer um especialista.

Griff balança a cabeça.

— Eu sei que seu camarada sumiu. Pensei que você poderia usar o meu.

— Você tem alguém?

— Sim. — Griff se aproxima um pouco mais e a mão dele, levemente manchada de tinta azul, toca meu queixo... meu rosto. O dedão dele acaricia meu lábio inferior, e nós dois nos seguramos.

— Seria ótimo, Griff. Eu ia gostar muito. Obrigada.

Deus do céu. Como é que eu posso ser tão seca?! Quero consertar essa coisa que existe entre a gente e não sei o que fazer! Dou um beijo nele e peço desculpas? Ou só dou o beijo?

Talvez seja por causa do dvd, talvez seja porque ele é meu primeiro namorado, mas fico pensando sobre como minha mãe tentou consertar as coisas com meu pai. Ela errou a mão. Eu quero fazer melhor.

E não estou fazendo.

— Quero que você fique segura — Griff diz. — Meu conhecido é... bom, ele é meio bobo, mas funciona. Realmente bom.

Balanço a cabeça, parece o.k. para mim, mas há alguma coisa no jeito de Griff que me faz pensar.. Tipo, que ele quer que eu diga não.

— Você está bem? — pergunto, esperando que na verdade ele escute: "A gente está bem?".

— Sim, claro. — Griff encolhe os ombros, assistindo aos seus próprios dedos cruzarem minha pele. O toque dele é muito leve, e eu sinto um frio na barriga. — É que, quando eu penso em estar com você... não é assim que imagino.

Forço um sorriso e deito meu rosto na sua mão.

Acho que pensamos o mesmo.

7.

Griff me acompanha até em casa e deixa sua moto lá para que possamos ir no meu carro para Five Points. As nuvens sobre nós tinham ganhado um tom pálido, prometendo um tempo mais agradável, mas o tráfego está lento. Leva mais ou menos uma hora até chegarmos ao centro de Atlanta e, quando finalmente eu viro na última ruela, tenho quase certeza de que Griff está de sacanagem comigo.

— É aqui — ele diz, apontando na direção de um prédio baixo à nossa esquerda. Geralmente os especialistas em computadores trabalham nos fundos de estabelecimentos comerciais ou em casa, e nós estávamos indo para um restaurante abandonado que mais parecia saído do cenário do *The Walking Dead*.

— Você sempre me leva aos melhores lugares — brinco, contornando um enorme buraco na rua. Estou tentando me divertir. Griff não sorri. Seus olhos estão fixos no toldo medonho da fachada, mais parecida com a entrada de uma caverna, e no homem de capuz que está debaixo dele.

— É ele o seu especialista? — pergunto.

Griff balança a cabeça, com a boca cerrada.

— Não.

Nós estacionamos e saímos do carro. Ele se aproxima de mim antes mesmo que eu feche a porta.

— Ei, tenho que confessar um negócio: tive que dizer a ele quem você era de verdade.

Eu fico rígida e Griff passa as mãos pelos meus braços.

— Ele não aceita novos clientes, mas eu sabia que ele era fã do seu trabalho, então...

Forço um sorriso.

— Está bem.

Só que não está. Sou bastante cuidadosa para manter minha vida de hacker separada da minha vida real. Griff é uma das poucas pessoas que conhece ambas, e ele me entregou. Assim que penso nisso, no entanto, tento aliviar a barra: fez isso para me ajudar com uma coisa da qual ele nem queria participar.

Fecho minha mão ao redor da de Griff e a aperto, acompanhando-o pelo estacionamento. De pé sob o toldo do restaurante, o sujeito de capuz começa a caminhar de um lado para o outro. Quanto mais perto chegamos, mais pesados são seus passos na calçada.

— O que vocês querem? — ele nos pergunta, a voz trêmula e enferrujada, como a tampa de uma caixa que não costuma se abrir.

— Estamos procurando Milo Gray — Griff diz, caminhando de lado, de modo que tenho que desviar dele para continuar observando tudo. — Ele está?

— Talvez. — O sujeito caminha em nossa direção. De perto, seus olhos são cinza-carvão, como se qualquer coisa dentro dele ardesse para buscar o caminho até a superfície.

Morador de rua. Talvez chapado. Ele não parece bem. O tom da sua pele é de um café com muito leite, e suas roupas estão manchadas e amarrotadas. O fedor que ele exala faz meus olhos marejarem.

— Quem é você? — Ele se dirige a mim, e Griff enrijece.

— Wick — digo.

Ele balbucia meu nome, tremelica, e Griff prende a respiração. Passo a mão ao redor do seu antebraço. *Está tudo bem. Está tudo bem.*

E então, de repente, não está nada bem.

Ele avança em minha direção e eu me desvio, tropeçando para trás e erguendo o punho cerrado. Acerto-lhe um soco na garganta.

Ele tosse e cai de joelhos.

— Ei! — Outra voz, masculina, surge à minha esquerda. Eu me assusto, me viro em sua direção e o sujeito avança, se postando rapidamente entre nós e se ajoelhando perto do cara. Ele quase leva outro pelo seu esforço. O sujeito se ergue e sai correndo.

O novo sujeito vem para cima de mim. Ele avança e me prensa contra a parede do restaurante.

— Quem diabos é você?

— Wick Tate. — Tento acertá-lo no saco com uma joelhada e ele se encolhe, se afastando e xingando. — E quem diabos é *você*?

— Milo Gray. — Suas mãos relaxam e ele se afasta um passo. — O maior especialista em computadores do mundo.

— Quem era aquele sujeito? — Griff pergunta. Fora do restaurante, a tempestade está aumentando. A chuva escorre como sangue pelas janelas empoeiradas.

Milo estuda Griff.

— Não interessa.

— Porque é seu pai, né?

Ambos se viram em minha direção e eu finjo ajeitar a manga da camiseta para poder passar a mão no meu braço que lateja.

— Lóbulos presos. É coisa de família, não? Ou ele é seu pai ou seu irmão mais velho.

— Meu pai.

Agora Milo está *me* estudando. Os olhos dele se fixam em mim e eu tremo. O conhecido de Griff não parece um louco por tecnologia... Ele mais parece um surfista: cabelo escuro, olhos escuros, camiseta preta esticada num peito esculpido na academia, tatuagens tribais se enredando pelos antebraços.

— Você não me disse que ela correria perigo se eu a trouxesse aqui — Griff diz.

— E *você* não me disse quem ela realmente era. Você me disse que estava trazendo a Rainha Vermelha, não... — A atenção de Milo nunca se desvia de mim. Lentamente, o canto da sua boca se contorce. — Então como eu devo chamá-la? Wick? Ou Rainha Vermelha?

Eu tento sorrir. Não consigo. Meu rosto está paralisado. Rainha Vermelha é um dos codinomes que uso on-line e, em termos gerais, o mais conhecido.

— Wick está bem.

— Você entendeu... mas como eu sei que você é *a* Rainha Vermelha? Como eu sei que foi você quem apareceu com o código de Pandora?

— Bom, se você pudesse me emprestar um computador...

— Nem a pau que você vai encostar um dedo na minha máquina. — A língua de Milo esconde o canto da sua boca. — Me diga como você conseguiu invadir o sistema de segurança da Walker.

Eu me assusto. Provavelmente foi um dos melhores trabalhos que fiz para Joe. Meus olhos encontram os de Milo e eu me recuso a tentar adivinhar o que Griff está pensando.

— O presidente da empresa estava quase paranoico; invadir o sistema de segurança da companhia era impossível. Eles tinham pensado em tudo... menos nas caixas de tv a cabo. Elas rodavam com uma versão antiga do *bsd*, o que significava que eu ia encontrar alguma vulnerabilidade. Depois de uns ataques transversais no diretório, consegui acessar todos os dispositivos conectados à internet e os roteadores do escritório. Usando uma vulnerabilidade *xss* no *html* do *log* do firewall, consegui instalar um pacote de JavaScript pelo qual eu podia procurar senhas e arquivos de configuração e enviá-los, se fosse o caso, pra mim. Quando o presidente abriu o firewall na manhã seguinte, ele acionou o *xss* e nós conseguimos a senha do *root* de toda a empresa. A partir daí,

tivemos acesso a todas as senhas, códigos, números de cartão de crédito... E eu também programei todas as caixas de tv a cabo na Disney.

Os olhos de Milo brilham.

— Repita tudo, mas dessa vez com uma voz sussurrante.

— Tarado.

Ele sorri. Seus dentes são brancos como os de um lobo, em contraste com a pele escura.

— Tenho seguido você há anos. Nunca pensei que nos encontraríamos. Ou que você fosse... — Os olhos de Milo me medem. Deveria parecer nojento, mas, de algum modo, é como se ele estivesse me avaliando em termos do meu trabalho. E ele está impressionado.

Fico um pouco lisonjeada.

Talvez até mais do que “um pouco”.

— Trabalhei pro Grupo Oito — ele acrescenta. — Éramos todos grandes fãs seus.

G8? Hum. Era um grupo bem fechado. Fizeram um ótimo trabalho, até que os agentes federais os pegaram. Lembro-me de realmente gostar... merda. Nem a pau que estou admitindo que admirei o trabalho de Milo.

— Nós vamos ou não vamos falar de computadores? — pergunto.

— Pensei que fôssemos — Milo diz, gesticulando para que o seguissemos pelo restaurante. O salão principal está cheio de mesas empoeiradas encostadas umas nas outras, sem nenhuma cadeira. Milo salta atrás de um balcão e percorre a cozinha, áreas igualmente abandonadas, e entra no que antigamente deve ter sido um estoque.

Há longos balcões de metal alinhados nas paredes, com verdadeiros ninhos de cobra de cabos de fibra e de energia

descendo de cima deles. Vou caminhando pelo emaranhado, tentando não tropeçar, quando os arames presos à parede me chamam a atenção. Eu gelo.

— São *explosivos*?

Milo olha por sobre o ombro e seus olhos acompanham os meus na direção das caixinhas vermelhas presas à parede.

— Sim, é um passatempo. Eu minei o lugar inteiro. Uma supernova, tipo, em quinze segundos. Dezoito, no máximo.

— Meu Deus!

Milo sorri.

— Legal, não?

Do meu lado, Griff limpa a garganta e sua mão toca a parte inferior das minhas costas. Ele pergunta:

— Você garante que seu pai não vai voltar para um segundo ataque?

— Nós não... eu não acho que ele vá fazer isso. — Milo puxa duas cadeiras jogadas a um canto e me oferece uma delas. — Ele não é perigoso. Foi só, sei lá, um momento. Ele tem esses ataques às vezes... principalmente quando não está tomando os remédios. Olha, sua namoradinha está aprovada. — Milo ri de novo. Dessa vez, contudo, é um sorriso forçado, como se os lábios tivessem sido puxados com cordas. Ele olha em minha direção e me pega olhando para ele. — Está gostando?

— Vai sonhando — digo, fazendo uma pequena volta para entrar na sala. Embalagens de comida lotam a lata de lixo e o chão não parece ter sido limpo há semanas. Lógico. Nerds de computador são porcos. Se a mãe dele aparecesse, o clichê estava completo.

Bem. Quase completo. Os computadores de Milo são limpíssimos. A mesa é organizada, sem comida espalhada em nenhum canto, os cabos estão alinhados — até mesmo as telas estão livres de pó. Não devia importar, mas eu gosto dele ainda mais por isso.

— Então. — Milo se joga numa cadeira de rodinhas e gira em minha direção. — Fale. De que tipo de sistema você precisa?

Com os olhos em Griff, dou a Milo uma rápida especificação do que preciso e de quem estou enfrentando; quando termino, ele deixa escapar um assovio grave.

— Então, pra pegar seu cara, você tem que passar pela Barton & Moore? É um alvo bem sofisticado.

Eu olho para ele.

— Sofisticado demais pra você?

Ele me devolve um sorriso malicioso.

— De jeito nenhum. Eu faço.

E há algo no modo com que diz isso que faz tudo soar como uma brincadeira. Eu rio porque, por esse instante realmente estranho, sinto como se tivesse me acertado com ele — de fato me acertado —, e isso é tão estranho e divertido que eu olho para Griff, esperando que ele ria como eu quero rir.

Mas quando nossos olhos se encontram, sou capaz de dizer que ele vê o que está se passando entre mim e Milo e não acha a mínima graça.

— Oito paus — Milo diz, esperando minha resposta.

Eu pisco. É um bocado de grana. Eu tenho o dinheiro — economizo já faz uns dois anos para o caso de Lily e eu termos de fugir. Só que...

— Beleza.

— Ótimo. — Milo rabisca alguma coisa num bloco de notas e, arrancando a página, a entrega para mim. — Faça o depósito nessa conta. Se você não atender quando eu ligar, eu desmonto a máquina, o.k.?

— Beleza. — Levanto para sair e Milo fica de pé.

— Vou sair com vocês.

— Acho que a gente sabe o caminho — Griff diz, e sinto uma nota no tom de voz dele que me faz parar.

Milo ri. Ele nos segue, e estamos quase na porta quando percebo a mesa baixa perto da parede. Parece que os computadores chegam ali para morrer. Há uma solda num canto e os componentes estão espalhados por todos os lados, alguns deles em pedaços... exceto por uma caixinha preta menor do que a ponta do meu dedo.

— O que é isso?

— Um rastreador de redes. — Milo o passa para mim e, embora a contragosto, estou impressionada.

Encaixo o rastreador na minha mão e testo o peso.

— Foi você quem fez?

— Lógico, né? *Dã*. — Milo ergue os olhos demonstrando impaciência e tira o transmissor da minha mão. — Foi desenvolvido especialmente pra BlackBerrys. Você tira o fundo do suporte de carga do celular, conecta essa criancinha linda e manda bala. Ele faz a cópia de e-mails, histórico de rede, mensagens e por aí afora.

Meu coração quase salta pela boca. É perfeito. Isso pode me manter perto de Bay sem ter de *ficar* perto dele.

Só não é perfeito porque preciso botar as mãos no suporte de carga do BlackBerry de Bay.

— Ele funciona? — pergunto.

— Claro que funciona. — Milo vira o transmissor e o toca com a ponta do dedo. — Bem, deveria funcionar. Ainda não tive a chance de testar. Todas as pessoas que conheço têm iPhones ou Androids. Preciso me aproximar de um usuário de BlackBerry.

Mais uma vez, o problema da proximidade. Olho para Griff e sinto aquele aperto tão conhecido no peito.

— Quanto? — pergunto.

O rosto de Milo se contorce, confuso.

— Por isto? Não está à venda. Estou tentando descobrir como assustar a BlackBerry para que eles comprem a patente de mim.

— E qual é a melhor maneira de fazer isso, se não mostrando como ele funciona?

Milo fica quieto.

— Mil.

— Alto demais.

— Antes fosse. — Milo encolhe os ombros. — Seiscentos.

— Já estou comprando uma máquina inteira.

Ele sorri.

— Quinhentos — digo.

Olho para ele, esperando, e Milo sorri ainda mais.

— Ótimo. — Ele joga o dispositivo numa sacolinha de plástico e a dá para mim. — Beleza, fica na faixa, e só porque eu gosto de você e quero detalhes de como funciona.

— *Se* funcionar.

— *Quando* funcionar.

Do lado de fora escutamos o estrondo de um trovão e as luzes piscam uma vez, ao que se segue o ruído constante e baixo dos geradores em outra sala. A luz acabou.

— A tempestade está ficando pior — Griff diz. Ele está nos observando sem procurar meus olhos. — Vamos embora antes que o carro acabe boiando.

— Beleza. — Eu o sigo e Milo vem atrás de mim. Está caindo um pé-d'água agora. Griff pega a chave e diz que vai buscar meu carro para que eu possa entrar sem ficar completamente encharcada. Começo a dizer que eu não ligo, mas ele já está longe, correndo.

— Que doçura — Milo diz enquanto Griff dispara no meio da chuva.

É, ele é um doce. Quero sorrir, mas não consigo. Embora não conheça Milo há mais de uma hora, já sei que ele vai detonar Griff

por tanta gentileza. Às vezes, Griff me trata como se eu fosse quebrável — coisa que eu odeio. Mas, quando ele faz isso, acabo me sentindo especial. Amada.

Sortuda.

Milo dá um passo e fica de frente para mim.

— Você vai conseguir fazer um belo estrago com a máquina que vou desenvolver pra você.

— Eu não sou assim.

— Por que não?

Seria mais uma perguntinha irônica, não fosse pelo fato de Milo soar realmente interessado.

— Porque está errado. — Espero a resposta e, quando ela não vem, olho para Milo e noto que ele está olhando fixamente para mim. — O que foi?

— Qualquer um pode causar estrago.

— Bom, eu não sou como qualquer um.

Milo ergue o queixo como se eu tivesse lhe dado um soco.

— Qualquer um é qualquer um.

— Não eu.

— Não ainda.

Meus olhos não escondem o aborrecimento, mas isso só aumenta a curiosidade dele. Milo se aproxima tanto que consigo sentir a mistura de perfume e plástico de computador nas suas roupas.

— O que é isso então? É um lance menininha-super-herói? Você só usa seus poderes pro bem?

— Não, eu uso meus poderes por dinheiro. Apenas não destruo pessoas. — Bom, isso é mentira. Eu *destruí* pessoas. Depois que faço minhas descobertas, tenho certeza de que algumas pessoas nunca mais são as mesmas. Isso não é o mesmo que dizer que faço

por curtição. Esses caras merecem. Mas não estou a fim de discutir com Milo.

— Você tem um dom, Wick. Por que não o usa?

— Eu... apenas *não* sou desse jeito.

— Se eu tivesse seu talento, o mundo seria meu. — Milo vê as lanternas do carro se aproximarem. Ele abre a porta do restaurante e um vento úmido e gelado penetra minhas roupas. — Você é especial. Por que está se escondendo?

Fecho a jaqueta e me preparo para correr.

— Acabar com as pessoas não me tornaria especial.

— Não, o fato de que você *poderia* acabar com elas a torna especial. Logo entro em contato. Foi um prazer negociar com você.

8.

Como costuma acontecer no estado da Geórgia, a chuva para na hora em que chegamos em casa, mas o céu ainda está carregado de nuvens cinza-púrpura, luzindo como mármore. Estou preocupada com Griff. Ele vai ficar ensopado se for de moto para casa.

— Eu podia te deixar em casa — ofereço enquanto ele sobe a calçada em direção à garagem. Griff estaciona e se vira para mim. — Você podia vir pegar sua moto amanhã.

— Está tudo bem. Eu não vou derreter se me molhar.

— Mas eu derreto? — Estou rindo, apesar de um pedacinho de mim se lembrar do comentário de Milo e me irritar.

— Claro que sim. — Griff passa a mão pelo meu cabelo e a ponta dos seus dedos para no meu pulso como se ele quisesse contar meus batimentos cardíacos. Isso. Acaba. Comigo.

Às vezes, quando nos tocamos, não consigo nem ouvir meus pensamentos. Parte de mim acha que é perigoso. O resto de mim *sabe* que é perigoso. Veja o que aconteceu com minha mãe. Veja o que aconteceu com Tessa. Elas se apaixonaram, e isso as consumiu até que nada mais restava.

Sempre achei que eu seria diferente. Mas, quando penso em Griff, percebo que talvez eu não seja diferente delas.

— Você derreteria completamente — ele murmura, fazendo minha pele arrepiar. — Bem ao estilo *Wicket*, a Bruxa Má do Oeste.

Eu rio. Não dá pra segurar. Adoro isso nele. Toda a tensão que senti na oficina de Milo acaba. Talvez eu até esperasse por isso.

A mão de Griff deixa meu pulso.

— O que você quer fazer com o rastreador?

— Não sei ainda. — Não chega a ser uma mentira. Eu realmente não sei como vou fazer isso funcionar. Só sei que vou. O transmissor

está no meu bolso. Eu posso senti-lo. Saber que está ali faz com que eu sinta meus músculos relaxarem.

Nós descemos do carro e eu lhe dou um meio sorriso — o melhor que consigo fazer no momento.

— É bom ter uma coisa dessas por perto, Griffin. Talvez eu vire uma nova página na minha vida e me torne uma namorada grudenta e o use com você.

Ele ri, olhando para mim como se eu fosse maravilhosa e, quando olho para ele, eu me sinto maravilhosa. É o dom de Griff. Ele olha para você como se você fosse a única garota do mundo.

Como se você fosse a razão de ele existir.

— Bem, talvez você pudesse grudar no meu sapato ou algo do gênero — diz Griff, sorrindo e então, de repente, fazendo uma careta. — Desculpe por eu ter falado aquele lance do nome. Foi mal. Eu não queria dizer a ele quem você realmente era.

— Desencana. Rainha Vermelha não é meu nome real, de qualquer maneira. — Tipo, não é quem eu sou. Bom, até é... mas estou mudando isso.

— O lance é que ele é um amigo — Griff prossegue. — Mais ou menos amigo. Tipo, eu confio nele. Era a única forma de ele topar o trabalho. Milo definitivamente não precisa da grana.

— Sério? O lugar era um lixo.

— Eu sei, tá?

Nós dois rimos.

Griff olha de lado para mim.

— Sinto falta disso.

— Sente falta? — Paro de rir. — Mas a gente nunca parou.

— Mas parece que é tudo diferente agora.

— Não é.

— Eu sei. Mas ainda assim parece que é.

Levanto o rosto para um beijo e Griff se inclina e me agarra com as mãos. Engancho meus dedos nos seus passadores de cinto e ficamos mais próximos.

Isso faz com que ele me beije mais forte. É gostoso. O encaixe perfeito.

A boca dele se move sobre a minha, me provocando, e eu consigo sentir aquela fome me tomando por dentro, ameaçando me partir ao meio enquanto seus lábios deslizam sobre meu lábio inferior, sobre meu maxilar, e encontram aquele ponto incrivelmente sensível no meu pescoço.

— Preciso ir — Griff sussurra contra minha pele.

— Tudo bem. — Não está tudo bem, mas finjo que sim. Dou um passo para trás, passo a mão no cabelo para ajeitá-lo até que ninguém consiga perceber (espero) que estávamos nos beijando.

Griff fica me olhando e, quando seus olhos encontram os meus, eles estão mais escuros do que antes. Mais quentes.

— Te vejo na escola? — ele pergunta.

— Sim, claro.

Griff espera que eu abra a porta de casa antes de ele ligar a moto. Ele ergue uma mão no ar e acelera em direção à rua. Eu me arrasto para dentro e mal tiro os sapatos quando escuto Bren me chamar da cozinha.

— Wick?

— Sim?

— Tem um pacote pra você. Está na mesa da sala.

Pacote? Jogo minha bolsa no chão e a chuto para perto da mochila amarela de Lily. Encontro mais ou menos quarenta catálogos espalhados sobre a mesa. A maioria deles é de comida gourmet e instrumentos de cozinha; os demais, de brinquedos para os quais eu e Lily já não temos idade.

— Você encontrou? É de uma das faculdades que nós estamos procurando? — A porta do forno bate e alguma coisa, provavelmente o jantar, toca o balcão. — Não se esqueça de que eles precisam mandar mais informações.

Esquecer? Como eu posso esquecer, se você me lembra disso todo dia? Eu devia ficar irritada, mas Bren me faz sorrir cada dia mais.

Como ela disse, o pacote está na mesa. Parece pequeno demais para as brochuras de papel reluzente e por um segundo não quero tocá-lo. Alguma coisa está errada. Não há remetente. A etiqueta foi impressa num computador. Parece limpo... mas eu sei que não é.

E, na minha cabeça, escuto Todd sussurrar meu nome.

Pressiono as costas contra a parede e digo a mim mesma que devo parar. Não é como o que aconteceu antes.

— Wick? — A voz de Bren soa mais próxima dessa vez, como se ela estivesse chegando à sala. — Você encontrou?

— Sim, obrigada!

Vamos em frente. Enfio minha unha na fita e levanto a tampa da caixa.

— Não tem nada a ver com a faculdade — grito, apoiando uma das mãos contra a mesa para os meus joelhos não bambearem. — É o guia de estudos que eu encomendei.

Mas não é. É outro dvd.

Como ela pode parecer ainda mais magra? Sento na minha mesa, com os joelhos encostados no queixo, enquanto a entrevista prossegue. É como assistir a um daqueles vídeos em câmera lenta. A cada nova entrevista ela parece menor.

E mais assustada.

Pois há algo familiar em todos esses vídeos: o medo dela e meu... ódio? Aperto-me ainda mais contra os joelhos. Costumava ser

ódio. Talvez ainda seja. Tinha de ser, certo? Eu a odeio por ter saltado. Eu a odeio por ter deixado a gente com ele.

Mais do que tudo, odeio como nosso amor nunca foi suficiente, como o do meu pai foi de certa forma melhor porque ele sempre o negou.

Não consigo pensar sobre isso agora. Minimizoo o vídeo e ligo primeiro para o departamento de polícia da cidade e depois do condado, perguntando às recepcionistas se posso falar com o policial Hart. Embora eu não permita que meu celular libere o número de origem das chamadas para terceiros, estou nervosa, pronta para desligar se o policial Hart atender — o que acaba não acontecendo, pois ninguém conhece um policial Hart nos dois lugares.

— Na verdade — a última recepcionista diz —, nós nunca tivemos *nenhum* policial com esse nome. Desculpe.

Ela desliga e eu fico olhando para a tela do computador, com a respiração ofegante. Eu queria mesmo jogar o dvd longe. Nenhum Hart? Então quem é ele? Só pode ser o joguinho de uma pessoa doente. Eu devia... ponho o dvd para rodar.

— Você precisa me deixar ir. — Minha mãe está na mesma mesa. Alguém dá a ela um sanduíche velho e ela o parte em dois. É uma coisa tão parecida com o que Lily faz que fico arrasada. — Você precisa me deixar parar.

— Só quando você nos der o que queremos.

— Eu tentei!

— Tentou?

— Eu... eu... — Um soluço se sobrepõe à resposta, mas eles continuam pressionando minha mãe, e eu fico louca.

Ou talvez seja porque ela está chorando. Eu me esforço para ficar sentada assistindo ao vídeo e, não importa o quanto eu ajuste o volume do computador, os graves e agudos — é o mesmo tom de

voz. Vindo de um par de caixas de som ou atravessando as paredes do meu antigo quarto, eu a conheço.

E, de repente, sinto tanta falta da minha mãe que vem um nó na garganta.

— O que mais você tem, sra. Tate?

É uma nova voz. Masculina. Rodo mais uma vez o vídeo para ouvi-la de novo. Embora eu já tenha topado com uma multidão desses policiais de merda de Peachtree City, esse eu não reconheço. Nos quatro minutos seguintes, só escuto os soluços leves dela e a pressão que fazem. Não consigo descobrir nada... E então o vídeo acaba. Tela negra. Letras brancas.

viu como ela foi usada?

Sinto a bile subir à boca.

Desligo o monitor, encosto a cabeça na quina da mesa e me concentro em pressionar o chão de madeira com meus pés descalços. Não entendo. Qual é o objetivo disso? Por que alguém está me enviando esses dvds?

Para fazer com que eu me sinta mal?

Não. Obviamente, não. Isso seria estúpido.

Então é o quê? O que eu vou tirar disso? *Viu o que fizeram com ela? Viu como ela foi usada?* É para me mostrar o quanto eu estava errada? Ela não foi uma covarde por se recusar a fugir... Ela foi o quê? Corajosa por ficar? Isso também não faz sentido. Não existe nada de corajoso em deixar seu marido aterrorizar as filhas.

E quem está fazendo as entrevistas? Meu instinto diz que é Carson. Mas não é a voz dele — não importa quantas vezes eu tente me convencer de que é. Se é assim, só me resta... o tal Hart?

Não consigo descobrir. Não acho que eu tenha escutado o cara no vídeo. A gente conversou quanto tempo? Um minuto? Eu o reconheceria sem ver o rosto dele? Acho que não.

Mas, de qualquer forma, como ele mandou o dvd? Como ele sabe onde eu vivo? Pego a caixinha aberta na cama e estudo o carimbo postal. Qualquer um poderia ter enviado isso. Talvez Hart fosse só um mensageiro de ocasião.

Mas, se for o caso, para quem ele está trabalhando?

Esfrego as mãos no rosto e vejo que horas são. Deus do céu, está tarde. Amanhã vou ficar parecendo um zumbi, e ainda tenho prova de Química.

Desanimada, abro minha gaveta na escrivaninha, tiro a lição que eu deveria estar fazendo... e meus olhos encontram o rastreador.

Já que estou tratando de gente de quem eu não sei nada, não me custa tratar de Milo também.

Abro outra aba de busca e passo alguns minutos transferindo o dinheiro para a conta de Milo. Graças a Deus, meus clientes pagam bem. Tenho guardado tudo que ganhei nesses últimos anos numa conta no exterior, o que torna mais fácil lidar com movimentações. Depois de confirmada a transferência, escrevo para o endereço que Milo me deu. Então abro o Google e digito o nome dele. Não leva muito tempo para eu descobrir que ele frequentou a Westminster, uma escola supercara da zona norte de Atlanta. Baseada na data de formatura na página dos ex-alunos da escola no Facebook, ele não tem mais do que vinte anos.

E quanto ao resto? Nada — nada exatamente digno de nota para alguém como ele. Chegaria a ser até tedioso se o pai dele não tivesse uma história completamente diferente.

Segundo dois jornais on-line, Simon Gray trabalhava para a nsa, a Agência de Segurança Nacional. Então, depois de um colapso nervoso, passou o tempo entre a cadeia e instituições psiquiátricas. Os registros de prisão são sempre mais ou menos os mesmos: vagabundagem, resistência à prisão, beber em público.

O.k., podemos pular essa parte. No fim das contas, ele acaba indo viver com Milo.

É interessante. Não consigo relacionar o técnico cheio de confiança a alguém que tenha esse tipo de passado, e não estou certa se isso diz alguma coisa sobre ele... ou sobre mim.

Bato o olho no relógio. Três da manhã. Já não faz sentido dormir. Dá muito bem para ficar acordada e assistir ao resto das entrevistas.

Só de pensar nelas, sinto um frio na barriga.

Talvez Griff tenha razão. Tudo isso é lixo e eu nunca devia ter começado a assistir aos dvds, mas agora já comecei e não sei o que fazer. Só consigo pensar nos viciados que ficavam atrás do meu pai e sobre como sou incapaz de entender como você pode sempre voltar a uma coisa que lhe faz mal.

Acho que tenho minha resposta agora. E como *não* voltar? Rodo de novo o dvd e vejo o rosto da minha mãe voltar à vida. Pela primeira vez, há um número de processo na parte de baixo da tela. Coincidência?

viu como ela foi usada?

Minha mãe olha fixamente para a câmera e faz um relatório da sua semana com meu pai. Ele levou uma viciada para casa. A garota está dormindo no nosso sofá. Ele está fazendo alguma coisa na garagem. Ela não sabe ao certo por que ele fecha a porta sempre que sai.

Minha mãe relata tudo com um tom de voz monótono, como se não fosse grande coisa, e eu me pego pensando, tentando descobrir a *que* semana ela está se referindo. Isso era importante o suficiente para dizer a eles e, no entanto, eu não lembro dessas coisas. O quanto de informação ela escondia da gente?

Eles chegam ao fim da entrevista e o policial diz que ela pode sair. A câmera inclina à esquerda, suponho que enquanto alguém procura o botão para desligá-la.

— Só mais uma coisa — ela diz, e a câmera para de balançar. Eles param para ouvi-la e ela estende o silêncio, aproveitando-se do momento. — Tem alguém me seguindo. Não é imaginação. Acho que tem alguém que sabe e se for verdade e *e/e* descobrir... ele vai me matar.

A tela escurece.

As entrevistas acabam.

9.

Não me lembro de ter caído no sono, mas, quando finalmente acordo, já estamos no início da tarde. Verifico os dvds (ainda estão escondidos) e desço para a cozinha, onde preparo um sanduíche enquanto Bren tira os olhos da sua revista e me observa.

— Wick? Você está bem?

— Dor de cabeça — sussurro. Não que eu esteja muito longe da verdade. Minha cabeça está latejando. Tudo que consigo pensar é que *não* é possível que aquilo seja tudo. Precisa haver mais entrevistas.

Só que não há — não importa o quanto eu vasculhe os arquivos dos dvds, não encontro nada.

Lily e Bren vão para a cama lá pelas dez, mas eu não consigo me acalmar e acabo fazendo dever de casa até as quatro da manhã. As boas notícias? Agora estou em dia com todas as matérias. As ruins? Nenhuma delas é capaz de silenciar este pensamento que fica girando na minha cabeça: acabaram-se as entrevistas. Acabaram-se as informações.

Desse jeito, vou ter de esperar por outro dvd — e quanto tempo vai levar? Outros dois dias? *Talvez*. Como eu posso ficar esperando sem fazer nada?

Engulo e escuto um estalo na minha garganta. A resposta é: não vou.

Tenho um número de processo agora. Foi um erro? Ou foi deixado ali de propósito? A ideia faz meu cérebro formigar, e tento acalmar meus pensamentos. Fim da linha: eu tenho um número de processo. Eu poderia usar isso.

Só preciso entrar no sistema do departamento de polícia.

Fecho a lista de entrevistas e abro meu navegador. Não faço esse tipo de trabalho desde os tempos em que trabalhava para Joe e meu pai, e ele exige um pouco de organização. Primeiro, tenho de checar o departamento de polícia de Peachtree City, e escrevo alguns nomes de detetives. Depois vou para a página de Fayette County, onde confirmo o nome do diretor do departamento de informática. Sim, ainda é Bill Bearden.

Bill aparece nos blogs da cidade de tempos em tempos porque está à frente de um movimento de modernização interno ao governo do condado — novos centros de dados, novos computadores, novos sistemas de arquivamento. É tão emocionante quanto cabelo no ralo, exceto pelo fato de o departamento de polícia de Peachtree City fazer parte do processo — já escutei Carson xingando —, e isso significa que eu tenho uma chance.

Tudo de que preciso agora é um número de telefone do governo de Peachtree City. Clico na página de navegação do meu celular e começo a procurar pelo telefone que me interessa.

O princípio é bem simples: engane seus amigos e família mudando o número do seu telefone. Bem, não que você vá de fato mudar o número do telefone. Você vai mudar apenas o número que aparece no identificador do celular da outra pessoa. Você pode fazer parecer que a ligação vem de qualquer lugar: da casa do Papai Noel ou da sua ex-namorada. Nesse caso, vou ligar do escritório de Bearden no condado.

Conecto o número do escritório de tecnologia no aplicativo móvel e acrescento o nome de Bearden sobre ele. Na sala, um despertador toca. Bren está acordando. Aperto o botão de chamar.

— Departamento de polícia de Peachtree City — uma recepcionista diz. — Aqui é Molly. Como posso completar sua ligação?

— Olá! — Eu me finjo de entusiasmada, esperando que Molly relacione minha confiança à ideia de eu não ser uma ameaça. — Sou Drea Thomas. Trabalho com o grupo do sr. Bearden no escritório do delegado. Nós estamos trabalhando naquele projeto de arquivamento digital de processos do qual você deve ter ouvido falar.

A pausa é tão longa que eu acho que ela está a um passo de me desmascarar.

— Ah, sim. Claro. Como posso ajudá-la?

— Estou verificando aqui algumas informações de acesso. — Limpo a garganta, agindo como se estivesse procurando alguma coisa nos papéis que supostamente estão na minha frente quando tudo que tenho são três nomes que copiei da página do departamento. — O detetive Thompson ainda é rthompson? Senha...

— Ah, não sei. — Molly beberica alguma coisa e engole. — Tenho que perguntar a algum dos supervisores e eles não estão aqui. Posso ligar daqui a pouco?

Eu estremeço. Claro que não. É estranho, mas um supervisor faria mais perguntas, e esse tipo de fraude funciona melhor com pessoas que não perguntam tanto.

— É, está um pouco cedo, não?

— Demais.

Fixo meus olhos na porta do quarto, prestando atenção em barulho de passos no corredor.

— Ei, veja só, eu realmente sinto muito por lhe perguntar isso, mas o sr. Bearden está prestes a chegar pra nossa reunião matinal e eu tenho que fazer essa verificação pra ele. Você não poderia procurar isso pra mim? Sinto muito pedir, mas você sabe como ele é.

Prendo a respiração, reconhecendo que estou forçando um pouco a barra. Estou tentando me aproveitar de duas coisas. Primeiro, as pessoas geralmente têm disposição de ajudar colegas

de trabalho. Depois, ela sabe como Bearden é ou quer fingir que sabe.

— Só quero garantir que esteja tudo em ordem pros policiais — acrescento, inserindo forçadamente um sorriso na voz, embora eu esteja paralisada de tanto nervoso.

Molly suspira.

— Sim, você tem razão. Eles são uns docinhos quando as coisas não funcionam. Um minuto. Tenho as chaves do escritório do cara da tecnologia. O chefe faz ele guardar uma lista impressa de todas as senhas, no caso de eles esquecerem.

Sufoco um grito quando Molly me deixa esperando. Quando ela diz “todas”, é possível que ela queira dizer...

— Pronto. — Molly grunhe no telefone enquanto se acomoda na cadeira. — Você ainda está aí?

— Sim. Tenho aqui o login do detetive Thompson como rthompson e a senha dele... — Hesito mais uma vez como se estivesse buscando uma informação quando, na realidade, estou produzindo uma variação do login que Carson usava (eu prestei atenção) meses atrás. — A senha é 865203A.

— Não, desculpe, é 594370la.

Rabisco a senha no meu caderno de Química.

— E a do delegado Denton? — Meu tom de voz fica mais alto, e enfio a unha do dedão na coxa e ali a mantenho. Se ela me der a senha do delegado, terei acesso a tudo: às informações sobre o caso da minha mãe, do meu pai... a *tudo*. — Tenho aqui pdenton e 962185G.

— Passou longe. A senha é 433785gb.

— Nossa, mas estava tudo errado! — Com a cabeça zunindo, escrevo a senha sobre a informação de Thompson.

— Melhor você se certificar de que os outros estão corretos antes de o banco de dados entrar no ar.

Mas já não está? Quero perguntar, mas não posso. Um verdadeiro funcionário saberia disso.

— Ah, sim, com certeza. Mas ainda estamos segurando a implementação. A parte do condado ficará pronta antes da parte da cidade, provavelmente.

— Na semana que vem estará tudo pronto?

Dou uma risada sem graça.

— Eliminando os problemas, sim. Agora vou registrar as senhas corretas e verificar as outras mais tarde. *Muito* obrigada, Molly. Você salvou meu dia.

Desligo assim que alguém bate na minha porta. Bren estica a cabeça para dentro do quarto.

— Ei, você já está de pé. — A preocupação tinge seu rosto. — Insônia de novo?

— Não, é só... a vontade de começar o dia.

— Bom, então vamos indo. Não quero que você se atrase pra sua consulta com a dra. Norcut. — Com um cutucão ela faz a porta se abrir para que eu a siga, e lá vou eu. Mais uma semana. Toco no papel com as senhas e sinto alguma coisa dentro de mim se acalmar.

Talvez eu devesse ter fingido que estava doente. Como se já não bastasse a alegria de ter discutido a morte de Chelsea Martin com a dra. Norcut, tenho de escutar os demais falarem sobre ela novamente na escola. É uma garota diferente, as circunstâncias são outras, mas, enquanto caminho pelo corredor, sinto como se voltasse aos dias que sucederam o suicídio de Tessa Waye... que então me leva à minha mãe e seu suicídio... e a como ela parecia assustada nos vídeos.

Fico uns minutos diante do armário, trocando meus livros de lugar. Não fiz meu dever de História e, se houver uma chamada oral,

estou ferrada. Abro minhas anotações, verificando se sou capaz de me virar caso alguma coisa aconteça, e escuto um som gutural, nojento, vindo da minha esquerda.

Assustada, eu me viro para a direita. Rapidamente.

Mas não é o suficiente.

Uma massa de cuspe desce pela lateral do meu pescoço, entrando pela gola da camiseta. Sufocando o choro, passo a manga da camiseta na pele. Ela fica molhada. Uma massa grudenta adere ao tecido e sinto vontade de vomitar.

— Vagabunda. — Alguém ri, e eu me viro a tempo de ver Sutton Davis e Matthew Bradford passarem correndo por mim, dando tapinhas nas costas um do outro. Antes, eu era só uma Aberração. Graças aos cuidados de Todd, agora me tacham de Puta e Vagabunda.

— Seus mer... — Começo a gritar e paro. Dois professores chegam à cena do crime e vejo nos olhos deles o nojo que sentem. É inacreditável como eles não veem que os astros do lacrosse são uns bostas, mas estão prontos para me verem pôr tudo a perder. Bato a porta do armário com força redobrada e Lauren aparece ao meu lado.

— O que aconteceu? — ela pergunta.

— Nada — murmuro. Não quero explicar. Diferente de mim, Lauren é popular. Ela despreza o rótulo, mas de todo modo ele é verdadeiro. Se você a chamar dessa forma, minha amiga vai dizer que nossos colegas de classe querem ficar com ela porque ela não quer ficar com eles. Também vai dizer que sempre que os evito eu pareço assustada.

O que sei é que, quando os evito, fico fora dos contêineres de lixo e não ganho cusparadas.

Bem. Geralmente, não.

De qualquer forma, é uma das poucas coisas em que discordamos e eu não consigo rebater os resultados que Lauren obtém com sua estratégia — que obviamente funciona para ela. Nós nos tornamos muito amigas desde que ela se mudou para cá há um ano. Ela sabe sobre minha vida de hacker, minha mãe, Carson... sobre praticamente tudo. Ainda fico surpresa com o fato de ela sempre estar por perto.

Lauren apoia um ombro contra os armários.

— Você acredita nisso? Você acha que Chelsea era tudo isso que eles estão dizendo que era?

— Provavelmente sim. — Estico mais uma vez a manga da camiseta sobre a mão e a passo no pescoço. Há alguma coisa no tom de voz de Lauren que me deixa curiosa. — Você a conhecia?

— Mais ou menos. Meus pais apoiaram a última campanha de Bay. Sua equipe esteve lá em casa algumas vezes pra coquetéis, aquele lance de levantar fundos. Ela ia escrever minha carta de recomendação para a Duke... Você está com coceira?

Deixo a mão cair. Vou ter de mergulhar em cândida para me sentir limpa.

— Mais ou menos. Como a Chelsea era?

— Formal. Objetiva.

Interessante. Vindo de Lauren, são grandes elogios. O primeiro sinal toca. Precisamos ir para a aula, mas, quando olho de um lado para o outro no corredor, Griff não está em lugar nenhum e novamente sinto um embrulho no estômago.

— Você vem? — Lauren pergunta, virando-se para seguir para a nossa primeira aula. Hesito e então a sigo, dizendo a mim mesma que está tudo bem. De verdade. Griff deve ter precisado resolver alguma coisa.

Mas não está certo.

— Chelsea estava quase terminando o curso de Direito — Lauren prossegue. — Trabalhar pro Bay era apenas um trampolim pra alguma coisa maior.

Chegamos ao laboratório de Ciências e Lauren caminha mais devagar, estendendo nosso tempo juntas antes de seguir para a aula de Inglês.

— Sei que os jornais especulam e dizem que se trata de uma questão pessoal. Concordo. Uns dias antes de ela morrer, vi Chelsea conversando com aquele detetive que está sempre atrás de você. Ela parecia bem irritada.

Graças aos encantos de Carson.

— Fico pensando no que ele queria com ela.

— Pois é. Porque o lance é que, quando comecei a pensar nisso, percebi que já tinha visto os dois juntos antes: quando eu estava distribuindo material de campanha pra minha mãe no escritório de Bay. Chelsea parecia bastante infeliz. Sobre o que ela queria conversar com ele? Você acha que ele sabia que alguma coisa aconteceria?

— Srta. Cross, srta. Tate. — A professora de Inglês de Lauren passa por nós, com as pernas enfiadas numa meia-calça colorida como Band-Aid, uma roçando na outra. — Vocês não tinham que estar em outro lugar?

Os olhos de Lauren demonstram impaciência, e ela se inclina em minha direção.

— Olha só, vou ficar longe da escola por alguns dias, talvez uma semana.

— Sua mãe de novo?

Ela às vezes tem de deixar a escola para cuidar da sra. Cross, mas já fazia meses que isso não acontecia. Lauren confirma com um gesto.

— É, mas talvez esse médico seja bom.

O que significa: *diferente de todos os outros*.

— De qualquer forma — ela diz —, vou te ver depois?

— Claro — eu respondo, e permaneço durante minhas aulas matinais presa em um único pensamento chamado “Chelsea Martin”. Por que Carson quereria falar com ela? Tinha de ser por causa da sua ligação com o juiz. Na condição de assistente de Bay, ela talvez soubesse de tudo. Isso a tornava uma excelente fonte.

Griff disse que eu deveria pensar sobre como Carson queria me usar e como ele poderia querer fazer o mesmo com outras pessoas. Isso se estenderia a Chelsea?

Como se alguém tivesse acendido um interruptor dentro de mim, a palavra *barganha* soa no meu cérebro como que iluminada por luzes de Natal. E se ele estivesse pressionando a assistente do juiz, e ela acabou morta... Talvez haja alguma coisa que eu possa usar contra ele. No meio da aula de Cálculo, eu começo a rir e, embora eu devesse estar pensando em Chelsea, agora penso na minha família e em Griff.

Ele está certo. Se eu pudesse usar isso como instrumento de barganha contra Carson, talvez nós pudéssemos nos libertar.

Ele está certo. Se eu conseguisse exercer pressão contra Carson, nós estaríamos livres.

Vou direto para casa depois da aula. Não há mais outros “guias de estudo” me esperando na mesa da sala, e a casa toda cheira a baunilha. A baunilha de deliciosas e complicadas sobremesas.

O que significa que alguma coisa aconteceu, e Bren está irritada.

Caminho discretamente na direção da cozinha, tentando dar conta da situação sem causar alarde. Vejo o livro de Julia Child sobre o balcão, mais ou menos vinte embalagens de alguma coisa amanteigada espalhadas pela ilha da cozinha, e ambos os fornos em operação. É isso aí, Bren está irritada.

Eu não sou *muito* boa nessas situações.

Bren funga e eu dou um passo para trás. Não há mais escapatória. Entro a contragosto na cozinha e salto sobre um dos bancos altos da bancada.

— E aí?

— Wick! — Bren passa a mão pelos olhos. — Você me assustou!

— Desculpe. — E tenho de morder o lábio para não repetir a pergunta. Tem uma coisa que eu preciso dizer e não sei o que é. Minha mãe adotiva não está chorando, mas estava. Os olhos dela estão vermelhos. — Você está bem?

— Sim. Não. — Os olhos dela vão ao teto e descem para encontrar os meus. — Vou ficar. Tive que parar na escola da Lily hoje e topei com outra mãe.

É o jeito como ela fala “mãe” que me faz encolher. Sei aonde isso leva e quero pedir a Bren que pare, que não me diga nada porque não quero que ela tenha de remoer o que aconteceu. O problema é que não sei dizer isso sem parecer sacana.

Ou talvez seja porque parece que expor o interior podre do seu casamento é outra coisa que fiz para ela. Eu tenho mentido. Tenho escondido coisas. Fingido ser alguém que não sou.

Ela não merece nada disso.

— Ela era *tão* legal — Bren prossegue. — Nós conversamos uns minutinhos, porque a filha dela estava se divertindo com Lily. Ela já tinha me convidado pra almoçar com algumas das mães, e eu achei que ela tinha sido adorável até que elas chamaram meu nome... e ela... ela tremeu. Olhou pra mim como se tivesse finalmente entendido quem eu era, *o que* eu era, e ficou horrorizada.

— Não foi culpa sua. Foi minha.

Não. Foi de Todd.

— Eu acreditei nele — Bren acrescenta, fazendo as palavras saírem atropeladas. — Eu o amei. Eu devia ter mantido você a salvo

e não foi o que eu fiz.

— No fim, terminou tudo bem. Ninguém se feriu.

— Você, sim.

Começo a dizer que dez pontos e uma concussão não chegam a ser “se ferir” — não é permanente —, mas então Bren traz à tona o problema no nervo do meu braço. Não importa quantas vezes eu lhe diga que está tudo bem, ela não acredita em mim. É a única mentira que eu já lhe disse que ela não engole de jeito nenhum.

— Você valeu o investimento — digo, meio de supetão. É verdade. Talvez nós tenhamos tido um fim de conto de fadas porque em todos os contos de fadas sempre há um vilão, e o nosso era Todd.

Mas eu soaria como uma louca se dissesse uma coisa dessas, então em vez disso acrescento:

— Pare de culpar a si mesma.

— Não consigo... Você devia saber disso... O serviço de adoção anda fazendo umas perguntas.

Sinto meu coração acelerar.

— Mas por quê? Os papéis da adoção já foram assinados.

— Parece que eles têm algumas queixas... Nem sei como eles as chamam. Acusações. Tem uma agente social que pode querer conversar com você sobre... minhas habilidades.

Não se eu pegar Carson primeiro. Eu sei o que é isso. É um lembrete, um aviso do que está por vir. Ele está ferrando com a Bren para me lembrar que eu preciso me apressar. Eu vou dar um jeito nisso para ela. Eu vou fazer toda essa coisa desaparecer.

Quero lhe dizer isso, mas não posso.

Ficamos olhando uma para a outra até que Bren se vira para o forno — tanto porque já não consegue olhar mais para mim, quanto porque ela apenas quer que a conversa termine — e observa seu suflê através do vidro do forno.

— Você ainda lembra que Lily tem uma competição de chefes de torcida nesse fim de semana, certo?

Na verdade, não lembro, e tenho certeza de que isso faz de mim uma irmã ruim, mas fico feliz por termos mudado de assunto. Confissões do coração sempre fazem com que eu sinta como se um sujeito gordo estivesse sentado no meu peito.

— Claro que lembro. É no centro, né?

— Birmingham. — Bren se ajeita e consulta o livro. — Você quer vir?

Em outras circunstâncias, eu diria que sim. Lily adora dançar no time e adora ainda mais que eu vá. Mas não posso mais jogar meu tempo fora, não se Carson está fazendo esses joguinhos.

— Eu queria, mas tenho um trabalho de História pra terminar que está realmente me enchendo a paciência. — Paro, sabendo que a frase vem acompanhada de outra. — Você se importa se eu ficar em casa?

— Ficaremos fora todo o fim de semana.

A frase de Bren traz uma mensagem implícita, como se ela dissesse *Você tem certeza?* e *Ela vai acender todas as luzes da casa*. Eu devia me sentir ofendida. Mas tudo que consigo pensar é nas vantagens de ficar. Dois dias inteiros. Não precisaria de mais do que isso. Um sorriso atravessa meus lábios.

— A escola é importante. — Bren toca com seus dedos o livro de receitas como se estivesse lendo o texto, mas os olhos dela não se movem. — Você pode ir ao próximo encontro... Tem certeza de que ficará bem sozinha?

Ela formula a questão com tanto cuidado que soa ensaiada, como se isso fosse esperado. Talvez fosse. Depois do ataque de Todd, Bren só queria manter Lily e eu próximas dela. Se ela tivesse feito tudo a seu modo, provavelmente estaríamos estudando com

professores em domicílio e viajando com ela para todo canto. Ela está de fato se esforçando para nos dar espaço.

E eu estou me aproveitando disso.

Raspo a unha do indicador no balcão, sem encontrar os olhos de Bren.

— Sim. Eu ficarei bem. Tem umas coisas da escola que eu posso acertar enquanto vocês estiverem fora.

— Você tem certeza?

— Não é grande coisa.

Desço do banco e fico parada.

— Bren? Como a coisa funcionou quando você pagou pro Bay acelerar nosso processo de adoção?

Agora ela não olha para mim.

— Eu tratei com a assistente dele, a garota que morreu.

Há uma coisa relacionada a isso, um gosto que sinto na boca, que não consigo nomear... ainda.

— Você sabe que não pode comentar isso com ninguém, né, Wick?

— Não vou. Jamais — eu hesito. Já não temos nada para falar, mas me sinto mal de deixá-la. — Você vai ficar bem? — pergunto.

Bren fica tão imóvel que sei que ela vai mentir.

— Claro, querida, está tudo bem.

E nós duas somos tão boas nisso que eu quase acredito nela. Subo para o meu quarto, acendo todas as luzes, mando uma mensagem para Carson para que ele pare de atacar, fico atenta à minha janela e à minha saída de ar.

Até a meia-noite, quando Griff sobe no escuro.

10.

— O que você está fazendo? — eu lhe digo num sussurro. Mas não consigo fechar a cara e, quando Griff percebe, também sorri.

— As luzes estavam acesas e eu queria te ver.

Isso faz com que eu fique flutuando. Como sou boba...

— Me ver pra quê?

— Piquenique da meia-noite.

— *O quê?*

— Você ouviu.

Estamos abaixados no chão bem ao lado da janela, com nossos joelhos quase se tocando e Griff cada vez mais próximo. A boca dele roça a minha, e a pele da minha nuca começa a formigar como se ganhasse vida própria.

— Vamos dar uma voltinha — ele sussurra contra meus lábios.

Eu quase rio. Nem a pau. O céu hoje à noite está sem lua, e duas lâmpadas da rua estão queimadas. O problema é que, se eu disser não, terei de explicar. Como você diz que tem medo do escuro sem parecer ter dois anos de idade?

— Eu te desafio.

As palavras dele me enredam, atingem meu ponto fraco.

— Beleza.

Griff pisca e sorri. Eu o surpreendi. Eu me surpreendi.

Enfio os pés nos tênis e vou até a porta do meu quarto para escutar Bren. Tenho quase certeza de que ela foi para cama há séculos.

— Estaremos de volta em uma hora — Griff diz. — Ela nunca vai saber.

Eu o sigo até a janela; tomo fôlego como quem busca confiança, olhando para baixo na escuridão.

— Você quer que eu vá primeiro? — ele pergunta. — E te segure enquanto você desce?

Não sei o que é pior: se é Griff pensar que tenho medo de cair ou ele saber que tenho medo do escuro. Reviro os olhos.

— O quê? Você acha que é a primeira vez que eu fujo do meu quarto?

Ele sorri e eu estico as pernas para fora do parapeito da janela, procurando com meus tênis o galho de árvore mais próximo. O galho sustenta o peso do meu corpo e eu aterrisso em poucos segundos. Talvez não seja a coisa mais graciosa que eu tenha feito na vida...

Griff cai ao meu lado. O peito dele passa perto do meu braço e eu sinto o calor emanar dele. Basta que eu me incline em sua direção e poderíamos nos beijar.

— Muito bem, Wicked.

Minha boca fica seca.

— Pra onde vamos?

— Você vai ver.

Nem chega a ser tão longe. Griff me leva ao parquinho das crianças, perto de casa, onde nos sentamos nos balanços e comemos sanduíches frios da Chick-fil-A. Giro meu balanço, torcendo as correntes e notando como as sombras de repente não me parecem tão sufocantes. Talvez seja Griff. Talvez ele tenha o poder de afugentar minha escuridão.

— Por que você fez isso? — pergunto.

Uma pausa.

— Era uma coisa que eu sempre quis fazer com você.

Eu desvio meus olhos dos dele e fico observando uma curva da sua pele logo acima da gola da camiseta. Minha boca fica quente.

— O que você quer, Wick?

Você. Mas eu não digo isso porque não é a isso que ele se refere. Griff está falando sobre a escola e a faculdade e a vida depois da faculdade. Ele está falando sobre tudo que ele já sabe.

E sobre o que eu não tenho a mínima ideia. Não consigo pensar tão longe. Eu não estava programada para ter essa vida. Os Tate não vão à faculdade. Eles vão para a cadeia.

Ou para o necrotério.

Eu dou de ombros e olho para longe.

— O que *você* quer?

— Continuar a desenhar. Estudar pintura. Ir para a Escola de Artes e Design de Savannah. Pra fazer rótulos de comida que façam parte da vida das pessoas. Pra... não é difícil, Wicked. Me diz o que *você* quer.

— Não sei ainda o que eu quero — respondo por fim, pressionando minha testa com uma das mãos. Consigo sentir a enxaqueca chegando. Estresse. Sinto que começa a latejar entre meus olhos. — Eu estou vivendo as coisas uma de cada vez. É difícil fazer planos com Carson no meu pé.

— Então vamos tirar esse sujeito do caminho. — Griff hesita. — E se a gente contasse pro meu primo? Ele poderia ajudar a levantar um caso contra Carson.

— E a acabar comigo no processo. Pior que isso, acabar com Bren. — Sinto a culpa me devorar. — Minha *irmã* vai ficar arrasada.

E eu, sozinha. É rápido e brilhante e reluz no meu cérebro numa linguagem que eu não pensava ser capaz de compreender. Quando me tornei essa garota?

— Elas não vão ser atingidas — Griff diz, chegando mais perto mesmo que eu tente me afastar. — A gente vai dar um jeito. A gente vai enfrentar isso juntos.

Nós. *Não elas.* Balanço a cabeça, não consigo parar.

Griff faz um barulho hostil.

— Bren e Lily vão ficar bem. Elas não iam querer isso pra você.
— Eu não quero isso pra elas. A responsabilidade é minha, Griff.
— O que eu realmente quero dizer é que a culpa de tudo é minha. Quero consertar isso para elas. Também quero consertar tudo isso para mim.

— Eu vou minimizar o estrago, Wicked. Já fiz isso uma vez.

Ele fez. Carson tentou me pegar quando eu estava ajudando meu pai, e eu com certeza teria ido presa — se tivesse sido pega. Griff apagou todas as minhas digitais dos arquivos que eu tinha enviado para o meu pai e seu braço direito, Joe Bender. Eles foram para a cadeia. Griff me salvou.

Não há garantias de que eu vá ter sorte pela segunda vez.

— Há mais coisa em jogo aqui do que apenas eu, Griff.

Além disso, mesmo se eu pudesse acabar com Carson... antes eu quero acabar com Bay. Dois pelo preço de um.

— Pense sobre isso — diz Griff. — A decisão é sua.

Engraçado como quatro palavrinhas podem me deixar tão contente. Estas aqui têm o mesmo efeito: eu vou salvar a mim mesma. Eu vou proteger Bren e, protegendo Bren, protegerei Lily.

Olho para Griff e sorrio.

— Eu não sei o que fazer com você.

Agora ele está sorrindo.

— Eu tenho umas ideias.

Durante o resto da semana, passo as tardes escondida no bosque, vigiando a casa de Bay. De certa forma, isso é estupidamente fácil porque estou num ponto bastante discreto e, o que é mais importante, ninguém sente minha falta em casa. Griff está terminando um trabalho de Artes para o portfólio da sua candidatura a uma vaga na faculdade. Bren e Lily estão ocupadas com suas próprias coisas, estão se preparando para o encontro das

torcidas. Ian... bem, Ian ainda está atrás de mim para fazer o trabalho, mas eu dei um jeito de deixá-lo fora do caminho. Tudo está funcionando.

Mais ou menos.

Porque eu não faço nenhum progresso. Durante *dias*, tudo que consigo ver são os seguranças e os Bay tocando a vida — indo para casa da escola, jantando, caminhando no jardim. Como se pode imaginar, tudo muito cheio de aventura.

Então, num domingo, consigo uma brecha. Logo depois do almoço, um dos seguranças enfia a mão no bolso e saca um celular. Ele mexe com o aparelho por um instante, espera e então mostra a tela ao colega. Os dois ficam olhando para o celular. O segurança à esquerda encolhe os ombros e vira na direção do carro. Eu fico quieta. O que está acontecendo?

O segundo segurança digita no celular — acho que ele está mandando uma mensagem — e então segue o primeiro. Eles entram num sedã e vão embora. Isso não faz sentido. Os Bay iriam ficar fora todo o fim de semana. Cheguei a ver os e-mails entre Bay e a firma de segurança. Os seguranças deveriam ficar ali até que a família chegasse em algum momento à noite.

Eu mudo de posição, encostando o ombro contra uma árvore. É bom demais para ser verdade.

O que torna tudo bastante suspeito.

E também ousado. Porque, se eu contornar o bosque, consigo correr até os fundos da casa e usar a treliça de rosas para subir no telhado da varanda de trás. De acordo com o último e-mail que li entre a Barton & Moore e Bay, as janelas do segundo andar não têm alarmes funcionando. Se eu forçasse a tranca, poderia invadir a casa e instalar o rastreador sem ser incomodada. Eu daria uma sorte fenomenal.

Mas quem diz que alguém não vai voltar e me pegar? A ideia me corrói. Não vai funcionar.

Dane-se. Estou indo. Cubro minha cabeça com o capuz e o fecho bem. Com um olho na casa, atravesso a rua e sigo a linha das árvores até chegar aos fundos da casa de Bay. Ainda escondida entre as árvores, espero e observo. Não há nada. A casa está completamente quieta. Se eu for fazer isso, é melhor que seja agora.

Saindo do meio das árvores, corro pelo gramado na direção da treliça. Enfio as mãos entre as vinhas e os espinhos e testo a firmeza da estrutura de madeira. Acho que aguenta. *Espero* que aguarde.

Erguendo um dos pés, eu o enfio no espaço em que as tábuas de madeira estão pregadas e começo a subir. Mão sobre mão, chego à beirada do telhado em menos de quinze segundos e pulo para cima dele, agora me apoiando sobre os pés, pronta para arrombar a janela.

Mas não é necessário. A janela está aberta.

Um novo desconforto. Está fácil demais. Alguma coisa está acontecendo. Espero outra batida, fico à espera de algum som que venha de dentro ou de fora. Não há nada. Então por que eu me sinto vigiada?

Olho para as árvores atrás de mim, atenta a ambos os lados. Nada. Estou sozinha e paranoica.

Dane-se. Estou entrando. Abro um pouco mais a janela e deslizo para dentro, aterrissando no carpete. Mais uma vez, nada. A casa está completamente quieta.

Entrar. Sair. Entrar. Sair. Cruzo o cômodo e abro a porta. O corredor está vazio. Sigo em frente, olhando para os lados. O andar de cima da casa dos Bay é aberto ao andar de baixo, e da minha posição no corredor superior consigo ver facilmente o piso abaixo. A cozinha parece vazia... a sala de estar logo abaixo parece vazia... me

apoio no corrimão e me estico para o lado de fora para ver o teclado do alarme ao lado da porta. Não há luzes piscando.

Não está ligado. Começo a descer as escadas, os pés silenciosos sobre o carpete grosso. Desço os primeiros cinco degraus, viro no patamar, desço outros cinco. Espero.

Ainda nada.

Respiro fundo e atravesso correndo a sala de visitas. Graças à festa, sei exatamente em qual porta do corredor entrar. O trinco se movimenta sob minha mão sem qualquer ruído, e eu entro.

O escritório de Bay. Cheira a produto de limpeza aroma laranja e cera para madeira. As cortinas estão fechadas e preciso de um instante para localizar a base de carga do BlackBerry. Está escondido num canto da mesa de cerejeira, o cabo de força alimentado por um pequeno buraco no tampo lustroso da mesa. Virando a base do carregador para cima, tiro a tampa da bateria e então, desconectando os pinos de carga, consigo encaixar o rastreador, recolocando em seguida os pinos. Agora, sempre que Bay puser seu telefone para carregar, ele estará conectado ao rastreador e eu terei um relatório completo das suas mensagens, e-mails e imagens.

Fechando a tampa da base, eu a reponho no lugar, limpo minhas impressões digitais e olho ao redor da sala. É realmente tentador dar uma fuçada. *Realmente* tentador.

Até que ouço um ruído.

É tão abafado que quase não o escuto, mas meu coração vem na boca e, por um momento terrível, fico gelada.

Sair. Sa-ir. Corro para a porta do escritório e espio o lado de fora. Nada. Estou viajando. Há uma boa razão para eu ficar do outro lado do computador. Não aguento esse nível de estresse. É hora de dar o fora daqui.

Estou quase chegando ao fim da escada quando escuto de novo. Mais um ruído.

Lentamente, eu me viro e vejo uma sombra passando por uma das portas abertas no fim do corredor.

Eu não estou sozinha.

11.

Dou meia-volta, corro em direção à janela e tento ficar quieta, embora não consiga. Não que eu escute alguém atrás de mim.

Mas sei, de alguma forma, que ele está lá.

Agora meu coração está quase saltando pela boca, mas ainda tenho neurônios o bastante para descer pela janela e fechá-la com as mãos cobertas pela manga da camiseta e, então, corro.

Ou, melhor, deslizo.

Desço rapidamente pelo telhado até meus pés penderem para fora, me viro e me agarro à treliça de rosas. Em seguida, eu pulo. Meus pés tocam o chão e, assim que aterrisso, escuto a janela em cima se abrir.

Fico imóvel, com os ombros colados à parede. Quem quer que estivesse no corredor agora está sobre mim no telhado. Não posso fazer o caminho que fiz na ida, porque eu teria de passar pelo gramado. Eu seria vista. Mas não posso ficar aqui. Não posso — meus olhos contemplam o bosque. Isso vai funcionar. Eu vou correr até o bosque. Se eu contornar a lateral da casa, alcanço as árvores. Elas vão me dar um esconderijo.

Eu espero.

Parto, contornando a casa tão rápido quanto posso. Atrás de mim, a treliça de rosas balança e alguma coisa pesada vem ao chão.

Merda. Merda. Merda. Eu me apresso ainda mais, passando pelos fundos da casa de Bay e indo direto para o bosque que a contorna. Mantenho uma boa passada e avanço. A folhagem rasteira não é muito densa e o chão está macio da chuva recente, abafando o som dos meus pés. Minha corrida é desequilibrada, pendendo para a direita — preciso me aproximar da rua —, e me escondo atrás de

uma árvore caída, enrolando-me feito uma bolinha. Eu aguardo, de ouvidos atentos. A princípio, nenhuma movimentação.

E então escuto os passos.

Eles são firmes, mas distantes, como se a pessoa passasse em linha reta por onde eu caminhei a passos tortos. Encolho-me no chão enlameado, tentando fazer com que minha respiração se acalme. Não funciona. O medo se mistura ao esforço, e eu não consigo ar suficiente. Cubro a boca com ambas as mãos, e o movimento faz minha cabeça girar o suficiente para encontrar um vão entre a árvore e o tronco caído.

Tem alguém vindo através das árvores escurecidas pelo cair da tarde.

É um homem. Ele está se movendo rapidamente, a cabeça virando de um lado para o outro como se ele estivesse procurando alguma coisa que havia perdido.

Ele está procurando por mim. Tento ficar ainda mais grudada ao chão, mesmo enquanto ele se afasta. Não consigo ver seu rosto. Ele é alto... tem roupas largas... e... merda. As sombras tornam quase impossível ver qualquer coisa.

Quem é ele?

Não é Ian. Não é o juiz. Quem mais ia querer estar naquela casa além de mim?

Sinto minha pele gelar. É o assassino.

Não. Por que ele voltaria? Estico-me na lama, esperando. Ele caminha à esquerda, depois à direita, e então desaparece atrás de um grupo de árvores. Eu me levanto rapidamente e corro. A rua não deve estar muito distante. Se eu conseguir chegar lá, alcanço meu carro. Estou caindo fora.

E então o chão cede.

Mergulho e, em seguida, deslizo. Meu ombro se choca contra uma pedra e minha cabeça acerta outra. Luzes piscam nos meus

olhos enquanto a força dos choques me faz girar. Acabo quase enterrada num monte de lama.

Levante-se. Levante-se. Eu me debato e espalho mais lama. Não sei como, mas caí num bueiro, e por conta da chuva o chão no fundo está com cheiro de podre. Não consigo me apoiar em nada até que *finalmente* meus pés encontram uma pedra, e eu consigo me içar de dentro do buraco, limpando a sujeira dos meus olhos. Meus dedos saem imundos e cheios de sangue.

Não é um bueiro. É um megarralo. Estou a pelo menos dois metros da superfície, com as pernas parcialmente enterradas nessa imundície leve e escura. O chão debaixo de mim parece mais firme e, de algum modo, o chão acima de mim parece intacto, curvando-se sobre mim como um telhado de tela.

Eu tremo. Sinto uma pontada na região do bolso da calça. Merda. Vasculho o lugar, sabendo mesmo antes de encontrá-lo que arrebentei meu celular. A tela está totalmente destruída e não vai funcionar. Pedir socorro? Esquece. Preciso dar um jeito de sair daqui, mas tenho muita lama cobrindo as pernas. Não consigo me mover, e dessa vez não são os passos que me indicam que ele está próximo. É o modo como os pássaros estão em silêncio.

Uma sombra surge sobre o buraco. Ele está acima de mim, olhando para baixo, e eu fico imóvel. Não sei dizer se ele é capaz de me ver. Meu corpo está completamente enterrado da cintura para baixo. E o resto de mim?

Encosto na parede. Com a tela cobrindo o ralo, estarei bem. A não ser que ele vá para o outro lado do buraco; então eu *sei* que ele poderá me ver. E eu não conseguirei escapar.

Eu espero. Ele espera. Pequenas placas de lama caem do alto e, por um único e eterno segundo, acho que ele vai atravessar a tela e descer em cima de mim. Os dedos dele, então, se fecham perto da

beira do buraco, misturam-se à lama, e eu sou capaz de ver suas pontas rosadas. Sei que ele está se aproximando.

Ele está se aproximando para enxergar melhor. Eu mordo a língua e sinto o gosto da lama. Mais terra e sujeira caem, e em seguida seus dedos desaparecem. Ele está se movendo. De um lado para o outro. De um lado para o outro.

Ele está andando.

Ele para. Alguma coisa se quebra e eu tremo. Depois, o som de algo que farfalha e se arrasta. Sombras irregulares descem sobre a abertura do buraco, e um galho imenso desce e cruza minhas pernas enterradas.

O pânico toma conta de mim. O que ele está fazendo?

Ele começa a assoviar. Algo mais se parte. É outro galho.

Por que ele está cobrindo o buraco?

Ruído. Galho.

Mas que merda, ele quer me enterrar viva.

Engulo em seco, minha língua está cheia de lama. *Se liga. Ele não está te enterrando. Ele está te cobrindo. Ele está escondendo o buraco. Por quê? Porque eu estou nele? Não pode ser. Ele não sabe que estou aqui.*

O assovio — leve, sem melodia — se afasta mais uma vez, e eu tento mexer minhas pernas para cima e para baixo, procurando estabilidade na lama. Não posso ser pega dessa forma. Talvez, se eu usasse mais força, tivesse uma chance melhor de encontrar apoio para os pés e cavar minha saída daqui.

Eu me mexo com mais força. Solto o joelho esquerdo e ele se ergue da lama. Trago-o para perto do meu corpo e continuo trabalhando na perna direita. Ela está muito afundada na lama. Eu não sei como...

Outro galho pousa sobre mim, e eu abafro um grito.

Ou talvez eu não o tenha abafado o suficiente, porque ele para. A longa sombra desliza sobre o buraco de novo e eu levo uma mão à boca, convencida de que ele consegue escutar minha respiração. É quando percebo quanta lama eu espalhei.

Ao trazer minha perna para perto, deixei um longo rastro na lama. Ele vai perceber?

Esperando. Esperando.

Ele se move. As sombras recuam e eu tiro minha perna direita, ponho os joelhos sob o queixo e me encolho.

Outro galho. Ele começa a caminhar novamente... para... recua.

E vai embora.

Os passos dele ficam mais distantes, e eu solto o ar pesadamente, esperando que ele se afaste para não me escutar subindo pelos galhos. Um minuto passa. E mais outro. O sol está baixo a oeste, deixando-me na escuridão. Preciso esperar...

Dane-se.

Enfio o pé na lama para ganhar impulso e subir. Os galhos vão quebrando e estalando por toda parte — no meu cabelo, nas minhas roupas. Cubro os olhos com o braço e os galhos penetram minha pele até que vejo o sangue escorrer.

Continuo fazendo força — ainda mais enlouquecida do que quando estava na casa. Por que ele cobriria o buraco? É certo que se ele soubesse que eu estava aqui... eu engulo em seco. Não quero pensar nisso. Mas sei que alguma coisa está errada.

E, de algum modo, sei que ele vai voltar.

Equilibro os pés no galho mais baixo e tento pegar impulso. Um galho se agarra ao meu pescoço, rasga minha camiseta, e eu consigo subir um pouco mais. A tela aberta está quase ao meu alcance. Se a merda do meu telefone funcionasse!

Posiciono os pés na dobra de um galho. Um dos meus pés escorrega e eu caio, agarrando com as mãos as paredes de terra

mole. Meus dedos encontram resistência e eu consigo me erguer um pouco mais, jurando para mim mesma que vou direto para a casa de Carson. Hoje ele está de folga. Ele deve estar lá.

Exceto... putz. Meu *carro*. Eu o deixei na rua. E se alguém o reportou à polícia? Isso significaria que eu estava na área da cena do crime.

Pior, e se *ele* me achar? E se ele descobrir em nome de quem está registrado... eu tremo, forçando minhas mãos a cavar mais fundo na terra. Toco em alguma coisa dura.

Raiz de árvore? Ela se enrola nos meus dedos e eu faço um movimento para soltá-los — expondo os longos e delicados ossos de uma mão.

12.

Sinto ânsia de vômito. *Era o que ele estava cobrindo?* Um corpo?

Pego ainda mais impulso, chegando ao chão firme do bosque em movimentos bruscos e desesperados; então, curvando-me, com as mãos nos joelhos, tento recobrar o fôlego. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

A merda de um cadáver!

Fico de pé e corro feito louca. Mesmo assim, levo vinte minutos para chegar ao carro. Continuo parando, encostando-me nas árvores para ouvir. Nada. Ninguém me seguindo. Estou sozinha.

Ou não.

Enfim, quando eu avanço pelo bosque e chego à rua, percebo que alguém já esteve lá. Meu carro ainda está parado próximo ao meio-fio, mas vejo um rastro de pegadas — vermelhas, alaranjadas, saindo da mata — levando à porta do motorista.

Elas estão da mesma cor que meus punhos e roupas sujas.

Chego mais perto uns poucos passos, digo a mim mesma que talvez isso não signifique nada. Quando chove na Geórgia, tudo fica vermelho-alaranjado. É o barro. Talvez seja alguém que saiu para uma caminhada, um corredor que resolveu cortar caminho.

Então escuto o assovio baixo, alegre, e meu coração arremete para dentro da garganta.

Ele está *perto*.

E é quando percebo como as pegadas não ultrapassam o carro. Elas ficam ao redor dele. Elas circulam o veículo e voltam para a mata.

Ele checou a minha placa.

Ele quer saber quem eu sou.

Dirijo até o posto de gasolina — ignoro os olhares do frentista — e compro um GoPhone. Ligo para Carson, sei o número dele de memória. Ele não atende.

Eu me sento no meio-fio próxima ao carro e tento mais uma vez. Ainda não responde. Ele provavelmente não reconhece o número. Está esperando por uma mensagem de voz que eu jamais deixaria. Muito arriscado.

Tipo, eu estou bem aqui. Mais uma vez, observo todo o estacionamento. Vazio. Então por que me sinto tão exposta?

Talvez seja o machucado na cabeça. Foram tantos até hoje que vou acabar ficando com sequelas. Meu olho esquerdo está inchado, mas ainda aberto o suficiente para perceber que minha visão está ficando embaçada, borrada. Acho que eu não devia estar dirigindo.

Ligo mais uma vez para o celular de Carson e acesso a caixa de recados. Enquanto escuto a mensagem, conto as bolhas de luz viajando no canto dos meus olhos. Seis. Seis é um bom número.

Ou não.

Sinto que apaguei por um instante e me ponho de pé, mas me faltam as pernas. Coloco uma mão trêmula sobre o capô do carro. Bom. Não morri nem comecei a gritar.

Agora ir para onde?

Para casa. Ajeito-me dentro do carro e ligo o motor. Preciso ir para casa e conferir o sistema de segurança e as travas.

E se ele ainda estiver lá?

Manobro o carro de volta para o estacionamento e ligo para Carson. Dessa vez, ele atende no segundo toque.

— *Que foi? Quem é?*

— Sou eu.

— Por que você está ligando...

— Preciso que você vá à casa do juiz Bay. — Encosto a cabeça contra o volante e fecho os olhos até que as bolhas desaparecem. —

Eu encontrei um corpo.

Desligo o telefone e vou para casa, verifico o sistema de alarme, confiro as travas e as janelas.

Tudo parece o.k.

Isso me faz sorrir até que percebo que é óbvio que tudo pareceria o.k. Se ele entrou na casa de Bay sem ser notado, por que não faria o mesmo aqui em casa?

Quando penso nisso, meus olhos se enchem de lágrimas.

Bren e Lily estarão em casa à noite. Como eu pude colocá-las dessa forma em perigo? Como eu pude ferrar tudo nesse nível? Quase fui pega. Encostei num *morto*.

Seguro-me no balcão da cozinha e deliberadamente tomo fôlego três vezes. Estou exagerando. Não há necessidade para pânico... ainda. Eu sei que ele tem a placa do meu carro. Não sei quanto tempo vai levar para que ele a rastreie — tudo depende da sua habilidade ou das suas relações e uma coisa ou outra necessitariam de tempo.

Por enquanto, estou bem.

Só não sei por quanto tempo.

Minhas pernas cedem e eu acabo no chão, desabando contra os gabinetes rentes ao piso. Tenho a vaga impressão de que estou sujando a casa inteira. Preciso me trocar, mas tenho medo de subir. Tenho medo de que ele esteja lá, esperando por mim.

Ponho o queixo sobre os joelhos. Putz, estou muito encrencada. Não só eu. Bren. Lily. Se ele fizer a relação entre mim e minha irmã...

Escuto um som seco — é a porta da garagem que abre. Meu estômago embrulha. A garagem. Não tinha pensado na garagem. Eu não tinha verificado a garagem. Aos tropeços, tento avançar, mas caio de joelhos quando meus pés cheios de lama escorregam.

A porta se abre.

— Wicked?

O alívio toma conta de mim. É Griff. Segurando uma pizza. Ele me olha tão demoradamente que eu acho que vai dar meia-volta e ir embora. Então, de repente, ele está do meu lado. Os braços dele estão ao meu redor, e eu não devia me aninhar desse modo no seu corpo — estou cheia de lama, sangue e até chorando —, mas não consigo deixá-lo.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu terminei cedo. Eu quis... que *diabo*, Wick? O que aconteceu com sua cabeça?

— Eu... caí. Num buraco.

— O quê? — O rosto de Griff fica tenso. Ele toca o corte acima dos meus olhos. — Espera. Volta. Vamos começar do começo.

Não consigo. Não tenho ideia do que dizer. Tudo em que consigo pensar só vai irritá-lo, e eu não estou muito certa de onde está o começo. Quando eu peguei Todd? Quando Carson disse que eu não tinha terminado?

— Deus do céu, você está gelada. — Griff aperta minha mão. Ele está certo. Só a intenção de lhe contar a verdade me congelou por dentro.

— Eu estava naquele trabalho — digo por fim.

— O mesmo de antes? — Agora, Griff está esfregando com força meus braços. Pedacos de terra e lama estão espalhados pelo chão. — Atrás de Bay?

— Eu invadi a casa dele pra instalar o rastreador.

As mãos de Griff param.

— Mais alguém estava lá, alguém que não era Bay ou Ian. Eu corri e ele correu atrás de mim. — As palavras agora saem aos borbotões e eu tenho de pôr as mãos no chão para não desabar. — Não sei quem era ou o que ele estava fazendo lá. Acho que ele vai

tentar descobrir quem eu sou. Ele encontrou meu carro. Ele viu a placa.

— E você achou que ele estava entrando pela porta da garagem. Você pensou que eu era ele.

Balanço a cabeça.

— Você verificou a casa? O sistema de segurança?

Outros meneios. É tudo que consigo fazer.

— Você precisa tirar essas roupas. Você quer ajuda pra subir?

Não diga sim. Não. Diga. Sim.

— Sim.

Griff olha para longe, e os músculos do seu maxilar se contraem uma vez.

— Você quer que eu te espere do lado de fora do banheiro enquanto você toma banho?

Meus dedos se fecham no chão da cozinha e eu tenho de me concentrar em respirar para não pensar sobre o que quero dizer e não devo.

Não importa, porque tudo que consigo dizer é:

— Sim.

Começo a me levantar, mas Griff me acomoda nos braços e me ergue, prendendo-me a seu peito.

— Griff, por favor, não é...

— É, sim.

Griff sobe com dificuldade as escadas, me deixa do lado de fora do banheiro e entra para abrir a água quente. O vapor enche o ambiente e eu o sigo, apoiando-me no balcão de maquiagem, tremendo, enquanto ele pega toalhas limpas perto da porta da ducha.

— Vou pegar roupas limpas pra você e tentar limpar a lama lá embaixo — Griff diz, secando as mãos molhadas na parte traseira do seu jeans. — Não quero que Bren descubra. Licença, por favor?

Olho fixamente para ele. *Licença?*

Ah, claro, porque eu estou no caminho dele. Ele quer sair.

Eu quero que ele fique. Ponho uma mão no peito de Griff, sinto seu coração bater forte. Com a outra, fecho a porta.

13.

Griff dá um passo para trás.

— O que você está fazendo, Wick?

Wick. Não Wicked. E é isso mesmo, não? Eu desejo Griff. Eu desejo a boca, as mãos dele. Quero que ele me segure para que eu pare de tremer.

— Eu... — Eu o beijo. Não é bonito. Ele é alto demais. Eu tenho de puxá-lo para baixo e, quando consigo, ele hesita e quase começo a chorar. Por favor, não deixe que eu estrague isso também. — Por favor — eu sussurro. As mãos dele seguram meu maxilar, meu rosto. Ele passa a mão no meu cabelo, ajeita-o para trás, e sinto o calor na minha pele. Como tudo pode ser tão errado e ele tão perfeito?

— Meu Deus, você é tão... — Griff balbucia com a boca no meu cabelo, e o jeito como a voz dele engrossa parece mostrar o quanto ele me quer.

Eu me agarro à camiseta dele, tentando puxá-la pela cabeça e deixando marcas de lama pelo seu peito. Não estou sendo cuidadosa.

Nem ele.

As mãos dele abrem minhas calças. Elas caem aos meus pés, e ele me levanta por cima delas. Entramos aos tropeços no chuveiro, e eu grito quando a água quente cai sobre minha pele. Griff gira, prende-me na parede. Os dedos dele se enredam no meu cabelo e inclinam minha cabeça para outro beijo.

A boca dele cobre a minha, e eu fico fora de mim. Meus braços se agarram ao redor do seu pescoço e ele me ergue para que eu o encontre, pressionando meus ombros na parede. Eu adoro isso. Adoro o jeito como ele me deixa fora de mim, até que a água cai

sobre a sujeira e, de repente, sou invadida pelo cheiro da lama e da imundície e engasgo.

— Wicked. — Griff me solta e eu fico olhando feito boba para ele, escutando um assovio na minha cabeça que faz meu corpo gelar. A água cai pelo rosto dele, pequenas gotas escorrem das suas sobrancelhas. — Devagar.

Eu não consigo. Griff pede que eu pare, mas as mãos dele estão me dizendo o quanto sou desejada, o quanto sou poderosa.

Como se o que aconteceu comigo não significasse nada.

Eu engasgo com meu choro, e só assim ele não se transforma num grito. As lágrimas enchem meus olhos e eu o empurro.

Não vou começar a chorar. Não vou começar a chorar.

Já estou chorando.

Na frente de Griff. Ai, Deus.

E o choro surge em fortes e horríveis acessos, fazendo com que eu me curve e caia de joelhos no chão. Não consigo parar. Estou chorando por Chelsea e por mim.

Porque eu não quero mais fazer isso.

Acabo esparramada aos pés de Griff e, quando ele me puxa para perto, desejo morrer. Não é assim que eu quero que ele me veja.

Não é assim que *eu* quero me ver. Griff segura minha cabeça contra o peito, e desse jeito nossa respiração se acalma ao mesmo tempo. É quase o suficiente para que eu sinta como se tivesse sobrevivido.

Até que o GoPhone vibra no balcão.

Eu me agarro nervosa e precipitada a uma toalha antes de pegar o celular. A tela está cheia de lama, tornando a identificação da chamada quase ilegível. Carson.

Griff também a vê.

— Quem quer que seja pode esperar.

— Não pode. É Carson. — Agora sou eu quem se afasta e saio separando e pegando nossas roupas. Quando passo a ele a camiseta, vejo o quanto meus dedos cheios de lama fizeram sua roupa parecer suja de sangue.

Griff pega minha mão e alguma coisa muda, sem palavras, serpenteando entre nós. Ele quer falar. Eu quero desaparecer. Não consigo acreditar que fraquejei. Bom, *até* consigo. Queria que não tivesse acontecido.

Porque sinto como se tivesse mudado tudo.

O telefone treme de novo e Griff olha para mim, o ar entre nós carregado de tudo que ele não vai dizer: Não atenda, não coloque Carson à frente de nós, não faça isso. E eu tenho de fazer isso e não quero, mas não tenho escolha. É como se tivesse posto Carson à frente, mas não é isso. Estou colocando Griff, Lily e Bren em primeiro lugar ao deixar Carson à distância. Eu devia explicar a Griff.

Em vez disso, levo o telefone ao ouvido.

— E aí?

— Onde você está?

— Em casa. Precisava verificar o sistema de segurança.

— Precisamos conversar.

— Manda ele se danar. — Griff vem na minha direção e, sem pensar, eu o evito, parando tarde demais.

— Wick? Você está aí?

Mantenho os olhos em Griff.

— Onde você quer que eu o encontre?

— Na minha casa. Dentro de uma hora.

É prudente fingir que não tenho ideia de onde Carson vive. É fato que eu não deveria revelar que tinha procurado a casa dele no passado, pois achava que poderia ser uma informação útil.

— Ótimo — eu digo e desligo, jogando o telefone sobre o balcão do banheiro. Fico olhando para o aparelho para não ter de me

deparar com os olhos de Griff. — Eu tenho que encontrar Carson. Na casa dele. Fica a poucos minutos daqui.

— Eu vou junto... se você quiser.

Claro que eu quero. Deveria estar envergonhada de me sentir tão grata por isso. De qualquer modo, começo a falar e paro. Em vez disso, ergo o queixo.

— Vou limpar o carro — Griff diz, estudando a parede acima da minha cabeça. — Se ele estiver com a metade da sua sujeira...

— Você não precisa me proteger.

— Eu não ia conseguir nem se tentasse.

Ele sai, deixando a porta do banheiro aberta.

Corra atrás dele. Peça desculpas.

Nem ferrando.

Esfrego uma mão sobre os olhos inchados. Griff me faz soar como se eu gostasse dessa merda, como se eu ficasse procurando tudo isso. Não é assim. *Não é.*

Abro a boca. Quero dizer a ele que o que está em jogo aqui não é o que eu posso destruir. É o que eu *vou* salvar. Mas é tarde demais — os pés de Griff já alcançaram a escada, e eu estou sozinha. Isso não é o felizes-para-sempre que ele pagou para assistir, mas é quem eu me mostrei ser.

Carson não vive exatamente em Peachtree City. Ele mora a mais ou menos quinze minutos dos limites da cidade. É uma casa pequena no fim de um longo caminho de terra, bordejada por árvores de troncos grossos que se erguem como dentes quebrados nas laterais e nos fundos. A chance de qualquer um topar com a gente por aqui é quase nula. Ainda assim, Carson nos faz estacionar o carro bem atrás da casa.

Griff tira a chave do contato e, enquanto ele faz o movimento de abrir a porta, eu o chamo.

— Griff.

Mas ele já está saindo, e vejo as linhas dos seus ombros, bem marcadas, formando ângulos agudos sob sua camiseta velha. Carson espera na porta e, silenciosamente, seguimos para a sala onde, todos os três apinhados, o detetive desaba num sofá detonado e se serve de uma garrafa de uísque apoiada numa mesinha de centro.

— Maravilha de lugar — diz Griff.

Carson para, com o copo de plástico nos lábios.

— Não banque o espertinho. Eu só venho aqui pra tomar um banho e comer alguma coisa.

— Isso é “comer alguma coisa”? Devo ter entendido errado.

— Mais uma vez, não se faça de espertinho. — Carson aumenta o tom de voz e, perto de mim, vejo Griff ficar tenso, os pés inquietos no chão. Carson percebe e ri.

Ele volta sua atenção para mim.

— Diga-me como você conseguiu entrar.

— Janela dos fundos, segundo andar.

— Como você saiu?

— Do mesmo jeito.

Carson passa as costas da mão na boca, limpando-a.

— O que eu não entendo é por que os seguranças saíram. Mandei dois policiais a Atlanta pra perguntar...

— Parecia que eles tinham sido chamados.

— E o que mais?

Prendo as almofadas do sofá entre os joelhos, de repente muito, mas muito consciente dos olhos de Griff sobre mim.

— Eu estava na trilha das bicicletas. Parecia que um deles tinha recebido uma mensagem de texto ou talvez algum vídeo. Ele mostrou ao outro, e os dois deixaram a casa.

Carson gira o copo de uísque enquanto pensa.

— E o que isso significa?

— Significa que seu assassino é alguém da firma de segurança — Griff diz.

— Ou — eu argumento — significa que estamos lidando com outro hacker.

Os dois olham para mim. Carson parece interessado. Griff... travado.

— Firmas de segurança gostam disso — digo lentamente, pesando as palavras. — Eles não se permitem cometer enganos. Seus empregados não saem andando por aí. Eles recebem ordens. Sempre lhes dizem o que fazer e, quem quer que tenha dito alguma coisa a eles, era alguém em quem confiavam e que conheciam.

Carson se levanta.

— Ou que eles *pensavam* conhecer e confiar.

— Exatamente. Entrar nos computadores da Barton & Moore pode ser muito complicado. Invadir o celular de um supervisor e ter acesso a seus comandados por meio desse celular é muito mais fácil.

— Mais alguma coisa? — o detetive pergunta.

— E os... — Fecho os olhos. Abro os olhos. Tenho medo do que descobrirei no escuro. — ... ossos que eu encontrei. Como você explica aquilo?

— Ocorrência do corpo registrada por denúncia anônima. — As mãos do detetive vasculham o paletó e dele puxam uma sacolinha plástica. Dentro dela, há um objeto quadrado, que Carson joga sobre a mesinha revelando um incrível peso.

É uma carteira.

Carson aponta para a sacolinha com um gesto intimidador, e eu vejo a garota na carteira de motorista suja sorrindo para mim.

— Você sabe quem é?

Balanço a cabeça. O plástico está tão manchado que não consigo ver muito do rosto, apenas o longo cabelo loiro.

— Essa é, ou *foi*, a namorada de Kyle Bay, Lell Daley. Você descobriu o corpo dela.

Ao meu lado, Griff enrijece. Mesmo através dos meus jeans, posso sentir como os músculos dele se tensionam feito uma corda.

Carson se inclina para fora da lateral do sofá e examina uma caixa de arquivos no chão. Ele puxa algumas pastas e as deposita sobre o colo; passa pelo conteúdo de algumas, jogando umas poucas fotos sobre a mesinha de centro.

— Segundo a mãe dela, a garota — Carson aponta para o rosto de uma garota de cabelos cor de mel, a pele quase laranja de giz de cera, efeito de bronzamento artificial — fugiu com Kyle Bay há alguns anos.

Reconheço Kyle imediatamente. Cabelo escuro. Olhos fundos. Há um trejeito de desprezo nos cantos da sua boca, como se ele estivesse tentando — sem sucesso — rir da cara de alguém. É tão a cara do pai que franzo o rosto.

— Os dois tinham dezoito anos, então não era como se pudessem fazer qualquer coisa — Carson prossegue. — A sra. Daley estava aterrorizada com o casamento.

— Os Bay não?

— Essa seria minha suspeita. A questão é, quando ela morreu? Segundo a mãe, ela desapareceu há quatro anos.

— Não sei por quê, mas não acho que ela foi tão longe.

— Concordo.

Olhamos um para o outro por um instante. Carson é o primeiro a desviar o olhar, alcançando a garrafa novamente. Ele não se serve da bebida, mas permanece estudando o líquido como se fosse essa sua vontade.

— Então, se o corpo de Lell está enterrado — digo —, onde está Kyle?

Carson ergue a garrafa em minha direção como se brindasse.

— Não é essa a pergunta do momento?

— Kyle é suspeito? — Griff pergunta. Fazia tanto tempo que ele não falava que eu e o detetive piscamos, como se o tivéssemos esquecido.

— É o suspeito número um, com certeza — Carson responde. — O garoto está fora há anos, e agora Bay começa a receber e-mails sobre se lembrar, e a assistente que odiava Kyle aparece assassinada.

— Kyle e Chelsea não se entendiam? — pergunto.

— Segundo Ian, não. Você tem certeza de que só você estava na casa?

Esfrego as mãos ensopadas na minha calça.

— Por quê?

— Porque Ian Bay foi atacado hoje e diz que foi o irmão.

De repente, faz-se um silêncio ensurdecedor.

— Como ele está? — finalmente pergunto.

Carson dá de ombros.

— O rosto dele está bem detonado. Ele está assustado, mas vai sobreviver. Ele já voltou pra casa. Disse que o irmão saltou em cima dele. Eles lutaram. Kyle o deixou desacordado. Você deve tê-los interrompido.

Sinto um frio na barriga. Isso significa que...

— Deve ter sido Kyle quem me seguiu — digo lentamente. — Eu caí naquele buraco e ele o cobriu sem saber que eu estava lá.

Carson prossegue.

— Você acha que seria capaz de identificá-lo?

— Não. Só o vi à distância. Ele era alto... e usava roupas largas.

— Ótimo, Wicket. Isso já é alguma coisa. O que mais?

Eu rapidamente começo a dar detalhes: o buraco, a lama, o assovio que fazia minha pele gelar e os passos que circundaram meu carro. Estudo as veias saltadas nas costas das minhas mãos e digo

tudo a Carson: como eu ferrei com tudo, como eu coloquei em perigo minha irmã e minha mãe.

Assim que digo a palavrinha com *m*, eu travo. Que mãe? No que eu estava pensando?

Se Carson percebe, nem por isso diz alguma coisa. Na verdade, ele está tão quieto que eu finalmente olho para ele e, do nada, vejo que ele está rindo.

— O que foi? — pergunto.

— Talvez possamos usar isso a nosso favor.

Carson parece tão animado que meu coração quase se enche de esperança, mas o sorriso dele faz minha pele gelar.

— É maravilhoso — ele prossegue. — Realmente excelente. Bem-vinda ao lado do bem, Wick. Enfim, você vai ajudar a fazer o bem.

— O que foi?

— Além de Ian, você é a única pessoa que viu Kyle vivo. Ele vai atrás de você. Ele precisa fazer isso. Então vamos fazer a situação virar a nosso favor. Eu vou te usar. Como isca.

— Nem ferrando. — Griff põe a mão em cima da minha. — Você não pode fazer isso.

Carson ri.

— Você tem certeza? Porque eu não acho que ela tenha escolha. Ela ferrou com tudo. Ele a viu e provavelmente já sabe de quem é o carro. Ela é um problema pra ele.

Ele está certo. Olho fixamente para o carpete, sem saber se posso dizer o que preciso dizer, porque ele está certo e agora eu tenho de viver com isso.

— Eu posso te proteger, Wick — Carson diz, e sou capaz de ver o sorriso na sua voz. Isso faz suas palavras deslizarem como manteiga. — Mas você precisa fazer o que eu quero.

14.

Alguém da equipe de Carson liga e, enquanto ele está no telefone, Griff e eu vamos embora. Preciso ir para casa, ligar para Bren do número de lá e dizer a ela que meu telefone quebrou. Estou preocupada, pois ela pode estar enviando mensagens para mim e, como não estou respondendo, Bren pode se convencer de que morri num bueiro qualquer.

Chega a ser engraçado ver como a frase está próxima da realidade.

Griff e eu caminhamos silenciosamente para o meu carro. Só quando chegamos ao fim da trilha de terra é que ele conversa comigo.

— Isca?

Minhas mãos apertam o volante.

— Não.

— Wick...

— Não. Por favor, não. Preciso fazer isso. Está tudo bem. — Meus olhos estão focados na rua, mais do que cientes do olhar de Griff me observando de cima a baixo.

— Você não conhece ela, conhece?

— Lell? Não. E você?

— É, mais ou menos. Ela vivia a umas poucas portas da gente. A mãe dela gostava de papear com minha mãe. — Griff estica as pernas e brinca com um fio solto da calça. — Não pensava nela há anos. Acho que eu devo ter sido uma das últimas pessoas a vê-la antes de...

Ela morrer? Diga. Eu consigo. Por que ele não consegue?

Viramos à esquerda na rua principal e eu me esforço para ficar calada. Quero saber mais detalhes, mas Griff ainda parece estar

vasculhando memórias. Ele está olhando pela janela, perdido em meio a momentos que jamais tinha pensado que teria de recordar.

— O trailer dela foi roubado — ele diz por fim. Um carro de polícia passa por nós e nós dois nos ajeitamos no banco, observando os retrovisores. Griff porque está tentando ver se é o primo dele. Eu porque... bem, porque eu sou eu.

— Lembro da minha mãe me arrastando pra lá, ela queria ver a mãe de Lell. — Ele afunda no assento. — Acho que o nome dela era Reichelle. Enfim, eu me lembro da mãe chorando sem parar e da filha... não sei, *sorrindo* como se estivesse tudo bem com o fato de todas as coisas dela terem sido quebradas ou roubadas. — Griff balança a cabeça e estrala os dedos. — Pensei que Lell fosse tão louca quanto a mãe. Mais tarde, quando descobrimos que ela tinha fugido com o rapaz riquinho, pensei que tinha entendido por que ela não se importara: ele ia comprar tudo novo. Era como se ela estivesse à vontade para perder o que possuía.

— Sério? Que bizarro. As pessoas não são apegadas às próprias coisas?

— É, e depois de um tempo as coisas te possuem. Se você perde tudo? — Sua voz sobe um tom e ele fala com uma melancolia que eu nunca tinha escutado. — Você precisa reavê-las.

— Você realmente acha que a garota pensava que eles iam fugir?

— Ah, lógico. — Griff suspira pesado ao entrarmos no meu bairro e olha fixamente para as luzes do posto de gasolina enquanto passamos a entrada. — Eu mal topava com ela e ficava sabendo tudo sobre o rapaz rico. Talvez ela já soubesse que eles iam fugir. Talvez para Lell já houvesse uma luz no fim do túnel: pensava que ele seria o salvador da pátria, mas ele acabou com ela.

Estaciono o carro na garagem e busco a mão de Griff, errando-a por um quilômetro.

— Griff?

— Vou dar uma olhada na casa. — Ele salta do carro e bate a porta.

— Eu estou indo...

— Não.

Eu vou. Passo por Griff e ele pega no meu braço. Não é nada... ou não seria se os dedos dele não tivessem acertado meus nervos machucados. Minha visão escurece.

— Griff.

Ele me solta como se eu o tivesse queimado.

— Merda. Desculpa! Nossa, desculpa...

— Tá tudo bem. Não esquenta. — Eu rio, mas ainda sinto o abalo. — Você se lembra? A garota que o pai tratava no bico do sapato? A coisa comigo é bem pior. Eu sou insistente.

— Você não devia se preocupar com isso em relação a mim. — O sorriso de Griff é amargo. — Eu sou... espinhoso. Desculpe, Wicked.

Eles sempre sentem muito depois que machucam você. O pensamento surge serpenteando na escuridão e, de forma igualmente rápida, por ela é engolido, ficando em algum canto escondido à espera. Estou sendo ridícula. Ele é Griff. Não é meu pai. Nem Todd.

Eu o alcanço de novo e ele me evita, subindo ao segundo andar para checar os quartos, deixando-me embaixo, pisando de um lado para o outro, observando como tudo é bacana. Perfeito, até. As lâmpadas deixam os quartos entre o pêssego e o dourado, como se vivêssemos numa caixinha de joias. Conhecendo Bren, talvez seja essa a ideia.

Exceto pela pequena mancha de lama no chão da cozinha, a casa está imaculada como nunca. Estou limpando a sujeira quando Griff caminha em direção à cozinha.

— Está vazio. Você está a salvo.

— Valeu. — A palavra sai tão baixo que nem sei se ele a escuta.

Ou talvez tenha escutado, pois ele para, como se quisesse me dizer alguma coisa. Eu me aproximo, mas Griff balança a cabeça como se negasse seus próprios pensamentos.

— Preciso ir.

— Beleza.

Ele já está na rua, e eu estou no chão sentada escutando a moto dele mesmo muito tempo depois de o som ter desaparecido. Subo um pouco mais tarde e, de forma meio inusitada, passo a mão pelo ponto já pintado onde bati na parede enquanto Todd me perseguia. Não é possível sentir o desnível entre o ponto mais claro e o mais escuro, a não ser que você procure, mas ele está lá.

No meu quarto, eu desabo na cadeira, lembrando que pelo menos uma coisa boa saíra de tudo isso: o rastreador estava instalado. Eu já seria capaz de começar a tratar do caso de Bay naquela noite. Sinto tamanho alívio com o pensamento que preciso de um segundo para perceber que meu laptop está ligado... E eu nunca o deixo ligado quando não estou em casa.

Lentamente, eu me ajeito e passo os olhos pelo quarto. Nada se move. Nada parece tocado.

Mas, de repente, sinto que alguém esteve ali.

15.

Bren aceita o acidente com o celular melhor do que eu esperava. São, provavelmente, os efeitos colaterais das miniférias em Birmingham — a voz dela está suave como não a ouvia em semanas —, e ela me diz que está tudo bem e que essas coisas acontecem. Ela está tão generosa que me oferece um dos seus antigos aparelhos. Está completamente adorável e faz com que eu me sinta pior.

Sinto que agora as lágrimas estão quase aflorando, e sei que preciso sair do telefone antes que eu deixe escapar como ferrei com tudo... Mas não sou capaz — escutar as histórias de Bren sobre a viagem das duas é como receber oxigênio sob os escombros.

Eu espero por elas com todas as luzes da casa acesas. E quando Bren e Lily finalmente chegam à porta da garagem, finjo não ser quem sou: uma garota cuja irmãzinha aperta num abraço de urso, uma garota a quem a mãe adotiva sorri e acena no momento em que a vê.

Parece tão bom que eu quase acredito.

— O que aconteceu com seu rosto? — Lily sibila, pendurada no meu pescoço.

Resisto à vontade de tocar o corte com a ponta dos dedos. Parece melhor do que estava. Encontrei um corretivo no banheiro de Bren e retoquei o contorno da ferida, pensando na minha mãe o tempo inteiro, como ela costumava fazer a mesma coisa depois que meu pai a perseguia. Era tudo muito, tipo, “será que ela levou um murro, ou é só Maybelline?”.

— Não é grande coisa — digo. — Escorreguei e caí.

O cenho franzido de Lily não dura muito. Minha irmã está feliz demais e quer me mostrar um troféu quase tão alto quanto ela. Lily

salta pela casa inteira, ora dançando, ora fazendo os movimentos da sua coreografia enquanto resume toda a competição para mim.

Não me lembro de amar tanto qualquer coisa na vida. O que faz com que eu me sinta ainda pior.

Passo algum tempo com Bren, ajudando-a a descarregar o carro enquanto Lily corre para tomar banho. Antes eu precisava da minha irmã por perto para jogar conversa fora com minha mãe adotiva, mas agora conseguimos melhorar.

Pelo menos por três segundos, até que Bren vê o corte no meu rosto.

— O. Que. Você. Fez?

— Escorreguei. Preciso lembrar de não arrastar os pés. — Junto com “Como manter uma boa postura”, “Não arrastar os pés” é um dos assuntos favoritos de Bren e nunca perde a atualidade.

Para ela.

Mas minha mãe adotiva deve estar realmente cansada, pois ela suspira e me segue para dentro de casa, murmurando alguma coisa sobre pedir comida. Enquanto Bren estuda o menu do Pies On Pizza preso na porta da geladeira, eu levo a mala de Lily para cima.

E topo com ela no meu quarto.

Lily está olhando para a minha cama e eu não preciso nem passar pela porta para sentir um frio na barriga. Alguma coisa está errada.

— Lil?

Ela vira e eu sinto o calor me subir pelo pescoço.

Lily tem uma das mãos espalmada, contra cujos dedos ela abana e bate as duas caixinhas de dvd.

— O que é isso?

Sinto o sangue subir aos ouvidos, que zunem como se estivessem cheios de abelhas.

— Por que você está aí espiando atrás da minha cama?

— Porque eu queria emprestado um dos seus pendrives. Tem umas fotos que eu queria baixar. — O rosto de Lily começa a ficar vermelho. — O que é *isso*?

— Entrevistas da polícia.

— Com o nome da mamãe nelas?

Engulo em seco.

— Sim. Alguém... me deu os dvds. — Embora seja verdade, as palavras soam meio sem convicção, e os olhos claros de Lily se estreitam entre as pálpebras. — Ela estava informando a polícia sobre o papai, trabalhando pra polícia contra ele.

— E você ia me contar isso?

— Não sabia o que dizer. — É verdade. É a pura verdade. Não sei nem o que eu mesma penso sobre o assunto. Como serei capaz de explicar isso para a minha irmã?

— Você diz: “Eu tenho vídeos da mamãe”.

— Você quer assistir?

Lily balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não ligo. Não sei por que você tem isso e não me contou.

Eu a vejo, sinto que está magoada — porque nós duas conhecemos nosso código de irmãs. Podemos mentir para nós mesmas, para os nossos pais, mas nunca uma para a outra.

— Lil, eu sinto muito. Realmente não sei o que dizer. Ela tinha toda essa vida secreta, e eu não tinha ideia de que isso existia. Você tinha?

Nada. Espero Lily digerir a revelação. Não sei se ela sabe. Sua fisionomia endurece.

— Você ouviu o que eu perguntei? — digo.

— Parece que eu ligo?

— Eu... como você *não* liga?

Lily joga os dvds na cama.

— Você vai estragar tudo, Wick. E se Bren descobrir?

— E se ela descobrir? — *Merda, e se ela descobrir?* Como eu explicaria como os consegui? Como eu explicaria o que estava fazendo com eles? Olho para a minha irmã e tento fingir que já pensei em todas essas coisas e, o que é mais importante, já sei todas as formas de contornar o problema.

Mas não funciona. Sinto um aperto no peito; dentro de mim, é como se houvesse garras arranhando minha garganta. Não vou me sentir culpada por isso. *Não* vou.

— Você não se importa com a razão de ela ter se atirado? — pergunto, exigindo uma resposta.

— Não.

E, por um momento, Lily parece tão triste que penso que ela esteja mentindo... Até que noto que a tristeza é por mim.

— É mais complicado do que sabemos, Lil. Deixa eu te mostrar algumas entrevistas.

— Não. Ela abandonou a gente, Wick. Ela abandonou a gente com *e/e*. Eu a odeio por isso.

— Ela estava doente. Ela não estava pensando...

— Ela foi egoísta.

Eu olho para ela, embasbacada. Não que o comentário da minha irmã seja novo. Nós o ouvimos milhares de vezes depois da morte da nossa mãe. Conselheiros, professores, pais. Todo mundo tinha uma opinião. A novidade surge quando vem de Lily, e é como se eu tivesse recebido uma facada no peito.

— Você não pode perdoá-la, Wick. Não quero que nossa mãe veja isso.

— Bren não é nossa mãe.

— Ótimo, ela é *minha* mãe. — Lily olha duramente para mim. — Sangue não é desculpa pra ninguém. Família é quem você escolhe, e não quem tem o mesmo material genético que o seu. Bren não precisa ligar pra nós. Ela *escolhe* fazer isso. Ela saiu pra *encontrar* a

gente. Ela não é como... — Com a mão no ar, minha irmã faz um gesto diante do qual não sei dizer se está jogando nossa mãe para longe ou buscando seu nome. — Ela abandonou a gente, Wick. Ela. Abandonou. A. *Gente*.

As palavras não deviam machucar. Não deviam. Eu as ensinei a Lily. Eu as repeti várias vezes até que Lily acreditou nelas — porque eu acreditava nisso. E agora? Agora eu não sei.

Mais uma vez, Lily tinha me dito como nossa mãe jamais podia ter nos abandonado e possivelmente ela estava certa.

Eu acabei com aquilo.

Eu acabei com tudo.

— Joga isso fora — Lily diz. — Não quero que Bren encontre isso. Ela está frágil.

Frágil? Essa é uma palavra de Norcut. Cruzo os braços.

— Você não é a única que se preocupa com ela.

— Não é o que parece.

— Então, pra me preocupar com Bren, eu preciso fingir que nada aconteceu?

Lily dá de ombros.

— Isso aconteceu e já não importa. Você costumava dizer que eu devia pensar no futuro. O que houve com *você*?

Carson... Todd... Griff.

Agora não consigo pensar no que teria sido se qualquer um deles não tivesse existido.

Não sei se eu trocaria uma coisa por outra. Olhando para a minha irmã, sei que ela trocaria. Ela costumava ser minha outra metade, mas nós não somos mais a mesma coisa.

E eu continuo tomando decisões que nos afastam.

— Prometa que você vai parar, Wick. Se não por ela, por mim. — Os olhos de Lily são redondos como discos, a fúria dela se dissolve em medo. — Por favor.

— Claro. — As palavras são instantâneas e inevitáveis. Concordo com qualquer coisa que venha da minha irmã... Então por que pareço dura, hesitante? Como se uma parte de mim tivesse se quebrado.

— Wick? Lily?

Bren. Por um instante o meu estômago quase se revira do avesso, estou convencida de que ela nos ouviu.

— Vocês duas poderiam vir aqui?

Lily voa na direção da porta e eu vou logo atrás dela. Descemos as escadas, escorregando para parar no patamar enquanto meu coração quase sai pela boca.

Carson está ali embaixo, olhando para mim como se eu fosse o mocinho da história.

Ou como se ele fosse.

— Meninas — Bren diz, as mãos presas como grifos à cintura. — Vocês se lembram do detetive Carson, não? Eu sei que você se lembra dele, Wick. Lily? — Ela procura o rosto da minha irmã. — Você se lembra?

Lily balança a cabeça confirmando, serena como uma boneca de cerâmica... Desde que não se note que os punhos dela estão cerrados.

— O caso do pai de vocês teve novos desdobramentos — Bren prossegue —, novas informações que levam a ele. O detetive vai monitorar a casa pelos próximos dias. Para ter certeza de que estamos a salvo.

— Vai ficar tudo bem — Carson diz.

Tudo que eu escuto é *você vai fazer o que eu quero*.

Olho fixamente para o detetive e sei que nunca vou me livrar disso.

De qualquer forma, ele está mantendo a palavra do trato. Eu devia me sentir a salvo agora.

Mas é engraçado como eu não me sinto.

16.

Parece que eu não dormi mais do que cinco minutos quando o telefone vibra, saltitando sobre o criado-mudo. Bato minha mão ao redor até que encontro o celular e o seguro a uns poucos centímetros do rosto. É uma mensagem de texto de Griff.

bom dia, wicked

Eu escrevo:

mal posso esperar pra gente se ver

E realmente não posso.

Outra mensagem de texto.

o q você tem pra mim?

Ai. É um número novo que eu não reconheço, mas sei que é Carson. Ele está usando um telefone pré-pago.

um cadáver não é o bastante?

Alguns segundos se passam, e meu telefone vibra de novo.

talvez a assistente social deva passar na sua casa

Começo a digitar a ilustração em texto de um dedo para que Carson faça dele bom proveito. Mal chego à décima vírgula quando recebo a seguinte mensagem:

talvez eu deva deixar você à mercê dele. ou elas.

Sinto o coração pesar. *Ele está te pressionando. Cumpra com sua parte do acordo, e ele vai cumprir com a dele.*

O lance é que Carson sacrificaria Bren e Lily e, não importa o quanto eu o ignore, isso me queima por dentro.

Ajeito-me de lado, deletando as mensagens e abrindo meu aplicativo de e-mail. Por sorte, só encontro os mesmos boletins escolares e calendários de prática esportiva. Nada que possa...

merda. Um e-mail de Ian. Ele terminou as anotações para o nosso trabalho e quer que a gente se encontre.

Começo a mandá-lo passear, mas decido fazer o contrário. Posso muito bem me livrar disso, então mando uma mensagem rápida para ele perguntando se pode me encontrar depois da aula amanhã. Então passo à caixa de e-mails do rastreador. Toda informação de Bay cai direto na minha caixa de entrada. É fácil numa olhadinha rápida ver tudo o que se passou.

Rolo a página e assovio ao ler duas mensagens que dizem ao pobre Ian “volte já pra cá”. Acho que o garoto realmente não estava brincado quando disse que não gostava de ficar em casa. Os e-mails entre pai e filho não são muito calorosos. Bay deve ter mandado a Ian uns dez materiais diferentes de candidatura a faculdades — todas caras, só as melhores —, com ordens para o filho “começar a trabalhar”.

Uau. Se eu fosse Ian, escolheria a faculdade mais distante do pai e faria de tudo para conseguir uma vaga nela.

Demoro mais um minuto nos outros e-mails, checando o nome dos remetentes... E é quando eu o encontro. Há um único e-mail ali entre um pedido de agendamento de reunião e algo sobre um julgamento a ser realizado posteriormente.

É da dra. Norcut.

Me ajeito na cama e chuto o cobertor para longe. Não tinha ideia de que eles se conheciam. Clico no e-mail e ele abre noutra tela.

Sr. Bay,

Tivemos nossas diferenças no passado, mas ambos sabemos quão importante é encontrarmos Kyle antes da polícia. Por favor, considere a ideia de vir a meu consultório. Tenho alguma ideia de onde podemos encontrá-lo.

Dra. Allison Norcut

Hum. Talvez *fosse* melhor para Kyle se apresentar voluntariamente para o interrogatório. É claro que, se você matou alguém, provavelmente não vai querer fazer isso.

Parece que Norcut pensa que ele matou alguém. Ou que pode ter matado. Ou... espere... ela está realmente pensando em tratar Kyle? Ou ela está se oferecendo para acobertá-lo?

Releio o e-mail e realmente não consigo entender. Ao encontrar Kyle antes da polícia, eles conseguiriam levá-lo para fora do país? Sem dúvida... certo?

Na verdade, não tenho ideia. O que sei é que, se Bay foi capaz de ignorar o fato de que meu pai torturava minha mãe, ele não teria problemas de consciência em tentar evitar que seu filho fosse indiciado por assassinato.

Aperto o link para encaminhar o e-mail e seleciono o e-mail pessoal de Carson. Se o detetive quer alguma coisa, ele pode ficar com isso.

Mesmo depois de dois cafés, a segunda-feira ainda é uma massa indistinta de atividades cansativas e intermináveis. Ir para a aula. Fazer dever. Ir para outra aula. Fazer mais dever. Tudo o que eu quero é desabar, dormir por uma semana e então ajeitar as coisas com Lily e Griff.

Claro que, para fazer isso, eu preciso saber como.

Mentira. Eu sei. Só tenho que desistir de tudo. Jogar os vídeos da minha mãe no lixo. Encontrar alguma coisa contra Carson. Que merda que ainda não consegui fazer nem uma coisa nem outra.

Ficar até tarde na escola não ajuda muito também. Ian devia me encontrar para terminarmos nosso trabalho, mas ele não aparece e então faço praticamente tudo sozinha. A sra. Lowe me libera da aula às seis da tarde, e é um alívio. Os corredores estão tranquilos, exceto pelo zunido da enceradeira em algum lugar da ala de Exatas.

Estou quase no meu armário quando o grupo de dança passa rindo por mim. Eu saio do caminho, ainda na direção do meu armário, e algo me chama a atenção.

Eu diria *alguém*. Milo está caminhando em minha direção, fingindo não notar que todo o time de dança está babando nele.

— O que você está fazendo aqui? — sussurro.

Milo ri.

— Wicket Tate, quem diria!

— Engraçado. Sério: o que você está fazendo aqui?

— Quis ver o que você fazia o dia inteiro. Não acredito que ainda frequenta o ensino médio.

Em vez de invadir o sistema da escola e me dar frequência e nota? Tento parecer superior, como se o pensamento nunca tivesse me ocorrido. Não funciona, porque o sorriso de Milo se abre e meu rosto fica quente.

Realmente quente.

— Isso se chama ser honesta, Milo. Você devia tentar.

— *Por quê?*

Outras duas garotas passam por nós, olhando para ele em meio a risinhos. Milo sorri para elas e as duas ficam ainda mais histéricas, correndo pelo corredor.

Ele se vira para mim.

— Onde está sua gárgula magrela?

— Por que você quer saber onde Griff está?

— Talvez não queira. — Milo segura uma sacola imensa de compras. — Talvez eu só esteja aqui de entregador.

Eu devia estar mais preocupada com o fato de ele não ter qualquer problema de trazer para a escola algo como uma bomba, mas só o que consigo pensar é: *Meu computador novo. É meu! É meu!*

Agarro a sacola com as duas mãos, e Milo ri. Ignorando-o, puxo uma torre compacta e lustrosa, com um cheirinho de plástico e metal delicioso.

Deus, como eu amo isso!

— Isso sim que é fazer um serviço rápido! — Enfio o computador na sacola e o embrulho cuidadosamente. — Obrigada! Você não precisava trazer pra mim.

— Eu precisava, sim. — Milo sorri para outras duas garotas. Espere. Não. São as mesmas. Elas apenas retornaram para uma segunda olhada. — Você tem policiais em torno de casa.

Todo mundo sabe onde eu vivo? Respiro fundo e ponho dois dedos na pálpebra direita, que de repente começa a saltar.

— Por que você foi à minha casa? Você disse que ia entrar em contato comigo pra eu pegar o computador.

Milo dá de ombros e me lança aquele mesmo olhar *eu sou sexy e sei disso*.

— Curiosidade. Eu queria ver onde você vive. Tenho acompanhado seu trabalho há anos. Nunca suspeitei que você fosse uma garota até Griff te trazer. Preciso dizer que fiquei chocado.

— Você está parecendo um babaca sexista.

— Obrigado! — Milo apoia uma das mãos nos armários, a longa manga da sua camiseta desce e revela o limite das suas tatuagens. Ele se inclina um pouco mais, como que me acuando, e eu vou para trás, meus ombros batendo nos armários.

Parece um flerte, mas não deveria parecer.

— Bem... hum... fico agradecida por você ter trazido o computador aqui, mas talvez você queira ir. Você não é estudante, e eu não quero ter que explicar o que... — eu aponto para a sacola com a mão espalmada — ... *é isso*.

Por que isso não chega a ser qualquer coisa e, no entanto, Milo continua olhando para mim como se fosse.

Eu ergo a sacola entre nós.

— Obrigada mais uma vez — digo, contornando Milo e marchando na direção do estacionamento.

Não dou três passos até perceber que ele está me seguindo.

— Algum outro comentário? — Eu me viro e ele continua vindo. Ele não para até que nossos tênis quase se tocam. — Eu realmente não gosto de ser seguida.

— Claro, provavelmente não.

— Isso é um pedido de desculpas?

Milo leva os dedos à boca, com os olhos fixos em mim.

— Eu poderia pensar em outra forma de te mostrar que sinto muito.

Minhas orelhas queimam.

— Essa fala costuma funcionar?

— Diga-me você.

— Tenho namorado. Você se lembra dele? Seu *amigo*?

— Só porque você faz negócios com alguém isso não significa que essa pessoa é sua amiga.

— Ótimo — digo, e dou meia-volta rumo ao meu carro.

— Tudo bem, olha só. — Milo caminha ao meu lado e, de algum modo, aquilo me irrita ainda mais. Ele é tão alto quanto Griff; e assim, não importa o quão rápido eu ande, ele também não tem dificuldade alguma em me acompanhar. — Desculpe, acho que fui longe demais. Eu não devia ter dito aquilo. Nada daquilo. Eu provavelmente ficaria um pouco louco também depois do que aconteceu com seu pai adotivo.

Eu quero ficar puta. Merda de vida. Merda de Milo. Bom, eu também o pesquisei... E, para a minha surpresa, parece que lamenta mesmo, mas assim que eu caio na real, sei que é bobagem. Os olhos escuros de Milo subitamente brilham.

— Porque seu pai adotivo perseguiu você, não foi? — ele prossegue. — E aí você precisou confiar na mais pura sorte pra pegar o cara. Não é essa a história que saiu em todos os jornais?

— Sim — eu respondo e, embora Milo saiba que isso não é verdade, ele sorri como se gostasse de ouvir a mentira.

Enfio a chave do carro na trava e inclino o banco do carro para pôr o computador no chão. Milo se joga de lado contra o carro, olhando fixamente para mim.

— Você sabe mesmo no que está se metendo? — ele pergunta.

Eu jogo minha jaqueta sobre a sacola.

— Acho que tenho uma boa ideia.

— Você está trabalhando pro seu pai de novo? É isso?

Não respondo. A única coisa pior do que trabalhar para o bem da carreira do seu pai criminoso é ser chantageado pelo bem da carreira de um policial. Que Milo pense o que quiser.

Ele observa meu rosto, seus olhos demoram na minha boca.

— É uma coisa terrível ter poder. Ninguém sabe como usá-lo.

— Você diz como se você fosse a única pessoa que soubesse.

— Não sei. Mas acho que você seria capaz.

Eu não sei o que dizer. Milo falando a sério é ainda mais provocador do que Milo sendo... Milo.

— Eu vou dar uma conferida no hardware hoje à noite. Obrigada pelo trabalho.

— Eu quero ajudar.

Eu não respondo. Abro minha bolsa, caçando uma pasta onde deveria estar meu trabalho e... não está. Merda. Deixei minha pasta na classe da sra. Lowe.

— Eu quero ajudar — Milo repete.

— Por quê? — Não foi uma boa dizer isso. Eu não disse "Eu não preciso de ajuda". Não disse "Não, eu trabalho sozinha". *Por quê?* Porque sou uma idiota.

— Que tal porque isso é o mais próximo que vou chegar de ser um super-herói? — ele diz. É uma piada e, no entanto, ela soa igualmente séria... interessante.

— Hum, é, estou bem. Obrigada.

Ele fica ali falando sozinho, enquanto sigo para a escola e, dessa vez, ele não me segue. Mas assim que eu me afasto, Milo me chama:

— E então que tal porque eu posso te dar acesso aos arquivos do computador da dra. Norcut?

17.

— Sim, eu pensei que isso chamaria sua atenção. — Os tênis de Milo raspam o asfalto enquanto ele se aproxima. — Modéstia à parte, aquele rastreador trabalha muito bem.

— Quer dizer que estava checando o rastreador que eu comprei de você?

— Bem, tecnicamente você não o comprou. Por que se importa? — Milo finge estar seguro de si, mas há um tom de preocupação na sua voz. Ele está esperando que eu fique puta, e eu de fato estou bem perto disso.

Tomo fôlego e expiro lentamente até que não sobre nada em mim.

— Em que *universo* você acha que eu ficaria feliz por te ver ferrado com meu trabalho?

— O mesmo universo em que os policiais montam guarda do lado de fora da sua casa e você fica bisbilhotando a vida de um juiz. Qual é a razão desse trabalho, que mal lhe pergunte?

Eu fico olhando para ele, esperando que entenda que eu *nunca* vou contar.

— Posso te ajudar a conseguir os arquivos da doutora — Milo diz, e as palavras soam tranquilas. — Fiz todo o trabalho de rede dela. Faz uns anos, quando eu ainda frilava. Deixei o caminho meio aberto para o caso de precisar deles algum dia.

Sinto um frio na barriga. *Ficar por dentro dos negócios de todos*, é isso que ele quer, né? Pego meu telefone e vejo as horas.

— Preciso ir.

Milo perde um pouco da confiança. Não estou muito certa. O que ele espera de mim? Um gritinho histérico? Um beijo? Não gosto da interferência dele.

Mas, por outro lado, se eu fizer a coisa certa, Milo pode ser útil. Tento não pensar sobre qual poderia ser a consequência disso. Algo similar a Carson, eu imagino, e o pensamento me deixa meio enjoada.

— Se você realmente quer ajudar — digo —, quero saber se alguém foi contratado recentemente pra fazer algum tipo de serviço contra a Barton & Moore. Você pode perguntar isso a algum dos seus contatos?

— Claro, por quê?

— Eu quero confirmar uma hipótese. Vou pensar na sua outra oferta, Milo. Obrigada. — Saio antes que ele possa responder, pensando no meu trabalho para a escola, no meu dever de casa, em *qualquer coisa*, menos sobre como posso sentir os olhos pesados e quentes de Milo cravados nas minhas costas.

Entro na escola, salto os degraus de dois em dois e, quando chego ao segundo andar, estou repetindo “Como consegui isso? Beleza”... — E talvez seja por isso que não escuto as vozes.

Quando escuto, é tarde demais.

Matthew Bradford, Sutton Davis e Eric Williams seguram Ian no chão do lado de fora do banheiro. A camiseta polo de Ian está toda erguida e amarrotada. Sua barriga branca está à mostra, mais parece a de um peixe.

— Deixem ele em paz. — Pareço (e *estou*) puta da vida, mas tenho de fincar os dois pés no chão para não correr.

Os quatro garotos olham para mim. Matthew é o primeiro a reagir, dando uma cotovelada em Sutton.

— Será que precisamos levar o lixo pra fora?

Os dois riem.

Sutton e Matthew se movem em minha direção em câmera lenta enquanto, atrás deles, Eric bota Ian de pé num movimento brusco, e

vejo o medo estampado no rosto de Ian. Sutton e Matthew se separam, aproximando-se um de cada lado.

— Não encostem em mim — digo, e Matthew inclina a cabeça, as pálpebras quase fechadas.

— Você sabe que você quer. Todo mundo sabe sobre você e aquele seu pai adotivo. — Ele dá dois passos e se aproxima, enquanto do outro lado Sutton avança. Instintivamente, eu recuo e bato no peito de Matthew. Ele me prende com um braço no meu tronco, dá uma volta e me arremessa para dentro do banheiro.

Eu caio de quatro, as palmas das mãos deslizam pelo assoalho preto e branco. Minhas pernas escorregam quando tento me erguer e algo pesado me faz cair de novo.

Matthew. Não consigo respirar. Pesado demais. Demais. Arremeto meus cotovelos para trás e acerto seus joelhos.

— Vagabunda — ele murmura e me derruba. Meus ombros batem no chão e a mão dele se fecha na minha garganta, apertando até que não consigo mais respirar.

Tento arranhar o rosto de Matthew, mas ele desvia. Seus olhos descem um pouco mais, e sua outra mão os segue. Ela atravessa minha pele como se fosse aranhas.

— Não! — Eu prendo os dois pés no chão, erguendo-me a socos e pontapés e desequilibrando-o. — Pare!

— Diga “por favor”. — As palavras dele são cantaroladas e, quando não respondo, os dedos dele agarram minha camiseta, puxando-a para cima e expondo a pele que subitamente queima.

— Pare!

— Paro se você disser “por favor”.

— Não.

O sorriso de Matthew promete mais violência.

— Diga — ele sibila, agarrando minhas calças e me tocando como se eu fosse dele e estivesse aqui com ele, e não flutuando

acima da cena. Eu estou aqui e não estou aqui; em algum lugar muito distante, Ian chora e eu me seguro e o sorriso medonho de Matthew borra tudo, enquanto do alto eu assisto à outra Wick dizer “por favor”.

— Veja você. — Ele fica de pé, deixando-me encolhida no chão.
— Você soa como se fosse uma menina de verdade.

Risos. Viro para o lado contrário, dando-lhes as costas. Não é bom. Os olhares deles atravessam minhas costas como lanças de fogo.

Não chore. Não chore.

Abro os olhos. Ian está a poucos metros de mim. A camiseta dele desapareceu e ele está olhando para mim, o rosto inchado de chorar e apanhar de Matthew. A pele mais próxima à sua cintura traz em relevo a marca da sola de um tênis.

Uma descarga dispara e Matthew passa por nós ainda rindo. Eles todos ficam rindo. Consigo escutá-los muito tempo depois de a porta do banheiro bater.

— Você está bem? — sussurro.

— Sim. — Ian passa o braço pelos olhos, a pele próxima às maçãs do seu rosto está de um tom rosa incandescente. — Meu irmão costumava me bater o tempo todo. Isso não foi nada. Ele olha na direção das baías. — Eu acho... acho que eles entupiram a privada com minha camiseta.

Eu estico o pescoço e, claro, a água está vazando no assoalho da terceira baía. O banheiro inteiro vai inundar. Eu cruzo os braços. Não está frio, mas sinto o meu corpo todo gelado.

— Precisamos ir — Ian diz, lutando para ficar de pé. Ele cambaleia por um instante e logo se endireita. — Não acho que eles vão voltar, mas sei lá, se voltarem...

Se eles voltarem, vai ser ainda pior para a gente. Nenhum de nós me parece capaz de dizer isso em voz alta, mas nós sabemos. Isso é

estranho para mim. É estranho que ele entenda. Pensava que o dinheiro protegesse a gente desse tipo de coisa. Pensava que isso bastava para que você pertencesse ao grupo.

Ian me estende a mão sem olhar nos meus olhos. Também reconheço esse sentimento. Vergonha. Agora mesmo, sinto a vergonha arder em mim. Estou como plástico no ácido, dissolvendo inteira.

Ian me puxa e me põe de pé e me dá as costas, não sem antes eu ver como suas costelas são marcadas com cicatrizes circulares.

— O que foi isso? — pergunto.

— Um cigarro aceso, e meu irmão brincando comigo de quem arregava primeiro.

Ele me dá um sorriso tímido e eu sorrio de volta. Acho que nós dois nos seguramos para não chorar.

— Vamos correr daqui? — ele pergunta.

— Nossa, claro.

Estico a cabeça no corredor, prestando atenção.

— Beleza, acho que está limpo.

Corremos na direção do estacionamento, recolhendo tudo que fosse nosso pelo chão. Graças a Deus, Matthew não jogou minhas chaves no lixo. Eu as enfio no bolso, esperando Ian juntar toda a tarefa de casa suja que está espalhada pelo chão.

— Pronto? — pergunto.

Ian faz que sim, abrindo sua mochila e tirando uma jaqueta de lã.

— Desculpe por estar atrasado pro nosso trabalho — ele diz.

Dou uma resmungada.

— Você quer falar sobre isso *agora*?

— A gente podia terminar na minha casa — Ian continua. Nós estamos passando pelas portas duplas agora, quase virando no estacionamento, e ele está tão perto que consigo sentir o cheiro do

chiclete vindo da sua boca. — Já fiz as duas primeiras partes. Não vai demorar muito pra gente terminar, você não acha?

— Ian, aquele merda me arrastou no chão de um banheiro *público*. Não estou *enrolando* com nosso trabalho, mas vou pra casa me esfregar com cândida e... puta merda!

O estacionamento está tão vazio que é fácil encontrar o carro. E ainda mais fácil ver o que fizeram com ele. Riscaram puta na porta do motorista em letras enormes e redondas, e escrota logo abaixo, em letras que se estendiam até quase a traseira do carro num longo arco.

— Não não não não não não não não! — Corro até o estacionamento e Ian vem atrás de mim.

— Wick, espere!

Não espero. Vou até o carro e me ajoelho para passar a mão pela lateral. Os riscos são profundos. Não há como apagá-los.

— Meu carro — sussurro, sentindo que começo a tremer. É a coisa mais legal que eu já tive e eles acabaram com ele.

O computador!

Olho no banco de trás e, graças a Deus, nada parece mexido.

— Por que eles te odeiam tanto? — Ian caminha ao redor do carro num círculo lento, avaliando o estrago. Ele deixa escapar um longo suspiro quando vê o outro lado e eu sei que não quero nem olhar.

— Não tenho ideia. — Estou mentindo, e Ian provavelmente sabe. Eles me odeiam por causa de Todd e Tessa, e por todo mundo achar que eu era a garota escrota que queria a atenção de Todd. Bren pode até ter mudado minha vida, mas ela nunca vai mudar o que eu sou para essa gente. — Eles também não vão muito com sua cara.

— Pois é. Verdade. — Ian olha na direção da rua, pensativo. — Talvez eles não te odiassem tanto, saca? Se você ficasse mais na

sua. Se você não enfrentasse tanto.

— E deixar todos eles pisarem e sapatearem em cima de mim?

Ian encolhe os ombros e abaixa a cabeça.

— É seu? — ele pergunta, entregando-me um celular Android. Na verdade, não é meu. Um dos caras deve ter deixado cair. Eu podia devolver o favor destruindo-o em mil pedacinhos e mandando de volta para o dono.

Mas isso nunca chegaria perto do que eles fizeram com meu carro, comigo, com Ian. Gente como Matthew Bradford e seus amigos não ferram apenas com nossas coisas. Diante de gente como nós, eles ferram com *tudo*.

Ficar na minha? Aperto o celular.

Ian raspa o tênis no asfalto, olhando para mim.

— O que você vai fazer, Wick?

Eu sorrio para ele.

— Ligar pra companhia de seguros da minha mãe.

E assim eu vou fazer com que Matthew Bradford, Sutton Davis e Eric Williams paguem.

18.

Se encontrar “Putá” riscado na lateral do seu carro é ruim, dirigir com isso para casa é muito pior. Todos apontam, todos olham para mim. Mantenho os olhos fixos adiante, finjo não notar, mas meu rosto está vermelho em dezessete tons diferentes, e meu pescoço... Bom, só olhei uma vez no retrovisor para ver se estava o.k., e uma vez bastou. A pele dói, mas vai melhorar. Não está *tão* ruim assim.

Mas eu ainda estou tremendo.

Quero minha mãe. É bem estranho, na verdade. Ela se foi há quatro anos, mas a necessidade dói tanto que parece que eu a perdi ontem. Passo pelo policial parado na frente da nossa casa. Não paro para dizer oi, mas sei que ele dá uma bela olhada no carro. Quando começo a virar na entrada da garagem, ele está com o rádio na mão. Maravilha. Mais uma coisa que posso explicar para Carson.

Paro meu carro ao lado do sedã de Bren, desligando o motor no mesmo instante em que minha mãe adotiva põe os pés na garagem. Ela trava no meio do caminho, os olhos no carro.

E então olha pra mim.

— O que aconteceu?

Eu hesito. Não há como contornar a verdade, apesar de eu ter inventado mil mentiras no caminho para casa. Não que eu queira livrar a barra de Matthew e dos bostas que andam com ele. Eu só quero lidar com eles à minha maneira, mas agora, olhando para Bren, lembrando das mãos de Matthew ardendo na minha pele, sinto as lágrimas marejando meus olhos... Quero contar tudo a ela e quero que *ela* conserte tudo. Quero que alguém me salve porque estou cansada demais para conseguir me salvar de novo.

Griff me disse uma vez que Bren poderia me ajudar, que ela nunca quis que eu lidasse sozinha com Carson. Se isso é verdade,

preciso contar para ela.

Chego mais perto.

— Foi riscado por uns garotos na escola.

— Que garotos?

— Matthew Bradford, Eric Williams e Sutton Davis. — Eu paro e espero ver o rosto de Bren ficar vermelho, antecipando o chute na bunda que ela daria nos caras, mas não é isso que acontece. Quando digo o nome dos meninos, ela suspira desanimada.

— O filho de Alan Bradford? — ela pergunta.

— Eu acho.

Bren engole... e engole de novo.

— Tenho uma reunião com Alan depois de amanhã. Ele foi a única pessoa que retornou minhas ligações em semanas e... e... o que são esses *arranhões*? O que aconteceu com seu *pescoço*?

— Matthew Bradford — sussurro.

Bren produz um som contido, que lhe fica preso no fundo da garganta.

— Não entendo. Ele... tocou em você?

Mas você é idiota? Claro que ele me tocou, porra! Tento fazer minha boca produzir alguma resposta e, de repente, entendo o que ela quer dizer.

— Não, ele não me tocou desse jeito.

Ele só me humilhou. Ele só fez eu me sentir um lixo. Ele me fez... Eu respiro fundo para não chorar. Se eu começar agora, não vou conseguir parar.

Os ombros de Bren relaxam e ela coça a testa sem tirar os olhos de mim.

— Você quer que eu escreva pra escola? Você quer que eu vá à polícia?

Sim... não. Fico passada com o tom dela. É Bren. Bren. Ela devia fazer alguma coisa. Não entendo. O tom dela é de preocupação

comigo... não de raiva deles.

— Não sei — digo por fim.

— Wick, se ele te machucou, nós precisamos ir à polícia.

Ela soa mais determinada dessa vez, mas ainda não é ela, e quando eu olho para a sua mão (tremendo) e como ela mexe no colar de pérolas inexistente (quando foi a última vez que ela o usou?), começo a entender: o cardigã esgarçado... as bolsas debaixo dos olhos... não fui a única pessoa de quem Todd tirou coisas.

Claro. Eu pisco. O tom dela é de preocupação porque Bren precisa de Alan Bradford. *Nós* precisamos de Alan Bradford.

— Sinto muito — digo. A desculpa é tão rápida que parece escorregar da minha boca. Só depois é que eu me pego pensando: por que devo me desculpar? E mais: por que me *sinto* culpada? Sinto que isso é de certa forma um erro meu, como se eu a tivesse desapontado.

Pego minha mala e o computador novo no banco de trás, enrolando a sacola cuidadosamente com minha jaqueta. A conversa está desconfortável demais para eu ter de explicar, ainda por cima, por que estou andando por aí com um computador.

— Conte-me o que aconteceu — Bren diz.

Não quero mais falar.

— Matthew e seus amigos estavam incomodando outra pessoa. Eu fui intervir, e eles... Matthew. — Interrompo a fala, esperando por ela enquanto perco (não tinha percebido ainda, a ficha caiu só agora) toda a esperança. — Não foi nada. Só uma brincadeira sem graça, coisa besta mesmo e que saiu do controle. Eles provavelmente acharam que riscar meu carro à chave era engraçado.

Nossos olhos se encontram, e por um bom tempo tudo que escuto é minha respiração.

— Por que você simplesmente não fica bem com eles? — Bren pergunta.

Eu gelo. Tenho certeza de ter escutado alguma coisa errada.

— Desculpe... o *quê*?

— Por que você simplesmente não fica bem com eles? — Bren se curva, os braços envolvendo e lhe apertando o tronco. A princípio, penso que ela está se contendo... mas então percebo que ela está apenas tentando suportar. Eu a decepcionei a esse ponto.

Foi a esse ponto que eu errei.

O calor me sobe pelo pescoço.

— Não consigo ficar bem com eles, porque eles são uns merdas.

— Você podia ter ignorado os meninos. Você podia ter *fingido* que gostava deles.

Eu sinto um calafrio.

— Fingir não faz a menor diferença. Eles não ligam. Eles me odeiam. E não há nada que eu possa fazer.

Os olhos de Bren perdem o brilho.

— Sempre tem alguma coisa que a gente pode fazer, Wick. É uma questão de sobrevivência. Você tem que aprender a jogar certo com as pessoas certas, e é melhor você aprender agora porque seu futuro vai depender disso.

Depender deles? Eu... não, eu não consigo. Só de imaginar sinto um peso no estômago. Se esse é meu futuro, eu não quero.

Eu corro do carro, disparo pela escada e bato a porta do quarto. Como ela não é capaz de entender? Jogo a bolsa no chão e arrumo o computador do lado da minha mesa, caindo na cadeira próxima.

É isso que é a vida? Deixar as pessoas abusarem de você? Bren age como se fosse normal porque pensa que sabe o que está acontecendo, como se ela estivesse com tudo sob controle. Mas não está. Ninguém está.

Viu como ela foi usada?

Sento ereta. Essas palavras não são minhas, mas é como se fossem. Elas rastejam saídas de algum canto em que as tenho mantido escondidas. Até agora. Giro na cadeira para ir ao meu velho computador, ligando-o e abrindo meu caderno de Química. Esqueça Lily e Bren. Se elas querem fingir que coisas ruins não acontecem, ótimo. Isso não significa que eu vá fazer o mesmo.

Vou à página com as senhas e faço o login no site dos funcionários do departamento de polícia, usando as informações do detetive Thompson primeiro.

Não funciona. Letrinhas vermelhas aparecem do lado da caixa da senha com os dizeres "Usuário on-line". Bato o olho no celular: quase nove da noite. Qual é a probabilidade de o detetive Thompson estar trabalhando até essa hora? Pode ser que esteja. Não conheço o cara pessoalmente. Talvez ele seja um viciado em trabalho.

Ou talvez seja outra pessoa no sistema, como eu.

Tamborilo os dedos na lateral do teclado. Dane-se. Vou tentar o outro login. Entro com as informações do delegado Denton e outro menu abre. Entrei. Graças a Molly, a recepcionista. O menu principal está organizado para o acesso a casos abertos e encerrados, multas e reuniões no tribunal. É lindo quando as pessoas são organizadas.

Clico em Casos Concluídos e uso a ferramenta de busca digitando o número do caso da minha mãe. Isso exige um pouco de esforço do sistema, mas a pasta aparece repleta de anotações e um resumo dos assuntos do arquivo físico de evidências. Não há arquivos de vídeo.

Abro o Resumo de Assuntos e verifico a lista. Beleza, aqui vamos nós. Além das declarações da testemunha, há também "entrevistas registradas com a vítima". Sem menção a quantas foram. Já recebi quase quarenta arquivos de vídeo. Será que existem outros?

Clico em Retornar e começo a vasculhar as notas de caso. Alguém chamado Lawrence Haralson era o detetive responsável, e

uma rápida pesquisa no Google mostra que ele está aposentado e vive no Alabama. O detetive Sams, seu parceiro, agora trabalha no departamento de polícia de Atlanta.

Deixe-me ver... eu rolo a barra do cursor até o fim das notas e paro. Haralson e Sams não eram as únicas pessoas presentes às entrevistas.

Bay também estava lá.

19.

Meus dedos das mãos... dos pés... o rosto... fico gelada. Paralisada. Bay sabia. Ele participava daquilo. Carson sabe disso? Foi por isso que ele me pegou para ajudá-lo? Ponho as mãos sobre a mesa, deixando marcas sujas na madeira.

Bem, isso explica por que Bay sempre negou à minha mãe pedidos de ordem de restrição. Isso a faria ficar longe do meu pai, longe de um caso que serviria para engrossar o currículo do juiz.

Quase rio. Não é à toa que Carson não gosta dele — eles são da mesma laia.

Mas chega disso. O que eu vou fazer? Começo a tirar a jaqueta, e é o peso no bolso que me faz lembrar.

O Android.

De repente, consigo respirar. Se não sei o que fazer em relação a Bay, sei *bem* o que vou fazer com isso. Aperto o botão para ligá-lo, faço o celular despertar. Sem código de segurança. Que delícia.

Desabando na cama, navego pelas configurações do aparelho até que chego ao nome: o telefone de Matthew. Sinto a necessidade urgente de rir. É o celular de Bradford. Ah, mas isso vai ser *gostoso*!

Passo pela lista de contatos. Garotas da escola. Caras da escola. Outros nomes que não reconheço. Nada útil. Checo o e-mail dele e a coisa fica um pouco mais interessante. Pode ser engraçado infectar os computadores dos seus pais com um vírus. Alguma coisa podre. Se pensarem que o e-mail vem de Matthew, eles vão entrar sem nem pensar.

Promissor. Mas ainda sem despertar meu interesse.

E as mensagens de texto?

Passo por outras telas. Ah, agora sim — alguém por aqui é um porco asqueroso. Verifico as conversas. Matthew tem mandado

mensagens de texto picantes para a namorada. Será que a mãezinha vai se incomodar com isso? Vejo o endereço de e-mail dela e percebo que a sra. Bradford trabalha numa cadeia de restaurantes conhecida por sua moralidade cristã. Isso ia ser engraçado. Fico pensando se os colegas de trabalho dela não ficariam incomodados com as mensagens de Matthew. Será?

O e-mail corporativo da mãe está entre os contatos. Talvez eu pudesse mandar uma mensagem para todos da lista comunicando os desejos do querido Matthew. Mais uma vez, promissor, mas eu quero mesmo é machucar de verdade.

Passo aos arquivos de vídeo. Tem quatro ou cinco. Os primeiros não valem nada — são só ele e seus amigos zoando por aí. Mas o último me faz rir.

Bingo.

Por exatos quatro minutos e trinta e seis segundos, Matthew Bradford, Eric Williams e Sutton Davis passam o telefone de mão em mão, filmando uns aos outros bebendo.

E fumando.

Eu repito o vídeo e aproximo a tela dos olhos. Não é só um cigarro. É um baseado.

Não contengo minha risada. Puta merda, isso vai ser muito bom!

Os caras estão ainda vestindo os uniformes de lacrosse e passando uma garrafa de uísque um para o outro. Não estamos falando em resolução hd, mas sempre que se viram é possível ler os nomes estampados nas costas. Vai ser demais para a reputação de bons-moços que eles têm.

Assisto ao vídeo mais duas vezes, e a cada vez o nó no meu estômago aumenta. Nossa, isso vai ser animal!

Tiro meu novo computador da sacola e passo alguns minutos ligando-o ao resto dos meus acessórios. Ele ainda precisa de algumas atualizações para ficar totalmente funcional, mas estou

mais do que pronta para fazer isso. Conecto o último cabo, percebendo que Milo imprimiu uma espécie de símbolo no plástico de proteção da máquina. Parece o sorriso do Gato que Ri, de *Alice no País das Maravilhas*, a risada cheia de dentes que sobra depois de o gato desaparecer.

Gostei.

Depois de ligado, conecto o telefone na entrada usb e copio o arquivo do vídeo. No que está ao meu alcance, tenho poucas opções. Embora, para dizer bem a verdade, só há um lugar realmente perfeito para uma maravilha dessas: o canal do YouTube da escola.

Ajeito-me na cadeira e começo a trabalhar para obter acesso à conta da escola.

Na manhã seguinte, acordo atrasada de novo, e Bren me deixa na escola um pouco antes de o sinal tocar. Não conversamos muito durante o caminho. Eu brinco com a echarpe ao redor do meu pescoço. Bren procura uma estação no rádio. Ela entra na via de acesso ao embarque e desembarque na escola e, quando eu estou prestes a sair do carro, agarra minha mão e a segura forte.

— Desculpe por ter gritado com você, Wick. Eu fiz mal. Estou me sentindo um horror.

— Desculpe pelo carro...

— Não é culpa sua. — Tenho dúvida: sei que ela acha que meio que é. Se eu não fosse a escrota que sou, se eu não fosse tão escória da humanidade, se eu não fosse tão... *eu*, isso não teria acontecido.

— Não é culpa sua — Bren repete, e eu sorrio como se acreditasse nela. — Eu sei que você disse que não quer que eu me pronuncie diante da escola, mas eu vou te apoiar, caso você mude de ideia.

Eu balanço a cabeça. Não preciso mudar de ideia.

— Obrigada pela carona, mas posso dirigir o carro como está. Não é nada de mais. — Na verdade, é *até* demais. Só que não vou admitir. Sorte minha que Bren só assente com o que eu digo com um meneio. — Tudo bem... Eu também posso ir andando.

— Você *não* vai andando. O que as pessoas vão dizer?

— Que eu gosto de fazer exercícios? — Ou que, depois que o marido dela foi pra cadeia, Bren tem enfrentado certas dificuldades de fechar as contas no fim do mês. Eu sei que é isso que ela pensa. Pior, eu sei que também é isso que os vizinhos pensam. É estranho viver num mundo em que não ter um carro só para o seu filho adolescente é sinal de pobreza.

Gostaria de poder apresentar a ela o que realmente significa não ter dinheiro.

Mas não, não vou fazer isso. Eu nunca ia querer que Bren passasse por uma dificuldade daquelas. Ela provavelmente não ia aguentar. Ela é irritante, mas eu a amo.

— Eu realmente sinto muito, Wick. Esse lance de ser mãe... é muito mais difícil do que eu pensava.

— Tudo bem. Tranquilo. Vejo você de noite. — Bato a porta do carro, vou direto para a porta de entrada da escola e viro à esquerda rumo ao meu armário. Deixo os livros que supostamente ia usar no trabalho de Informática na noite passada e pego meu caderno de Inglês.

— Você soube do vídeo que foi publicado na conta do YouTube da escola?

Ian. Tento parecer surpresa, mas realmente estou me lixando. Ele está observando o corredor atrás de mim e cutucando a casquinha da ferida no lábio inferior. *Ele sabe?*

— Não, não estou sabendo. O que aconteceu?

— Alguém postou um vídeo de Matthew, Eric e Sutton bebendo e fumando maconha. Foi num jogo fora da escola no mês passado. Eles foram expulsos.

Minha mão fica suspensa sobre o livro de História. Senti uma pontada de culpa? Porque eu não vou me sentir culpada. *Não mesmo.*

— Como eles sabem que foi uma partida fora da escola?

— Sei lá. Acho que alguma coisa atrás deles. Por estarem bebendo e usando drogas enquanto representavam a escola, eles foram expulsos na hora. — Ian continua olhando para mim, esperando uma resposta.

Eu o encaro de volta, sentindo a mão de Matthew mais uma vez no meu pescoço.

Debaixo da minha camiseta.

Meu estômago embrulha. Viro de frente para o meu armário e fico mexendo nos livros até conseguir respirar de novo.

— Você parece cansada hoje — Ian diz.

— Nossa, obrigada.

— Você devia ter usado um pouco mais de maquiagem.

E você podia ter aprendido a ser mais delicado, não? Quase digo isso, mas, olhando para Ian, não consigo. Cara, como ele parece idiota. Como ele parece... sozinho. Está escrito na sua testa, no jeito que ele se aproxima de mim, quase vibrando só porque alguém está falando com ele.

A dor no meu peito é inesperada e nada bem-vinda, e eu não consigo fazê-la passar. Você tem os atletas e os caras populares e os nerds como Ian, que precisam tão desesperadamente de atenção que vão caçá-la em qualquer lugar e se tornam tão irritantes que ninguém os quer por perto.

— Olha só, Ian...

— Wick!

Eu me viro, sorrindo antes mesmo de vê-lo. Griff acena no corredor, os olhos fixos em mim, e meu sorriso desaparece. Ele não parece feliz. Ele parece... puto.

Griff sabe.

Fazemos o caminho mais longo para a minha aula de Inglês. Griff caminha perto de mim como sempre — mas dessa vez ele não me toca, e tudo o que eu quero é pegar na mão dele.

Em vez disso, aperto as alças da mochila.

— Eu sei o que você fez — ele diz por fim.

Começo a mentir, mas é Griff que está do meu lado e, mesmo que eu queira, acho que ele consegue ler meus pensamentos.

— Eles atacaram a gente, Ian e eu, no banheiro e riscaram meu carro. Tiveram o que mereceram.

Griff treme.

— Atacaram?

— Eles riscaram meu carro — repito. É mais fácil dizer essa parte. Depois conto o resto para ele. Quando estiver pronta.

— Você podia ter ido à polícia prestar queixa, feito a escola liberar o vídeo das câmeras de segurança.

— O problema é que eu estava parada perto da ala de Ciências e aquela câmera não funciona desde que a gente estava no primeiro ano.

Griff solta um resmungo e concorda. Mas ainda não está me olhando nos olhos.

— Não acredito que você não me ligou.

— Eu... eu... — Não liguei, e só de perceber isso sinto como se tivesse levado um soco. Eu estava tão ocupada ficando puta, tão concentrada em acabar com Sutton, Matthew e Eric. Eu... nem pensei.

Ou talvez tenha pensado, porque o que percebo me faz sentir um golpe ainda mais forte e mais rápido: meu medo era que ele olhasse para mim como Bren tinha olhado.

Como talvez ele esteja fazendo agora.

Meu estômago embrulha. Eu caminho mais rápido, mas não consigo escapar de Matthew. Ele não está em nenhum lugar por perto, mas ainda assim consigo sentir o cheiro dele — o chiclete de aroma cítrico, o suor e a cândida daquele banheiro escuro.

Griff se aproxima mais um pouco, mantendo a passada.

— Como você conseguiu aquele vídeo?

— Bradford deixou o celular cair. Era o vídeo ou as mensagens sexuais. Preferi o vídeo.

— O que você está tentando provar?

— Que eles não podem intimidar a gente.

Ele me olha de boca aberta.

— E por isso você fez com que eles fossem *expulsos*?

Não de propósito. De qualquer forma, gostei do resultado. A satisfação é uma bolinha de lacrosse, quente e vermelha, afagando o fundo do meu estômago. Aqueles garotos eram violentos e provocadores. Eles machucam pessoas. Era hora de alguém lhes retribuir o favor.

— Não me arrependo de ter feito isso. Estou feliz de ter ferrado com eles.

Griff passa uma mão pelo cabelo. Ele está mudo, e não tenho certeza do que está pensando sobre o caso. Eu detesto isso... mas não estou envergonhada. Griff não entende o que tudo isso significa pra mim.

— Você fala sobre salvar pessoas, Griff. Na verdade, você não faz isso. Eu faço.

— Isso não é salvar pessoas. Isso é vingança.

— E agora eles não vão mais ferir ninguém. Eles foram expulsos. Como isso *não* é salvar pessoas como nós no futuro? — Olho para Griff, o *meu* Griff, e parece que estou olhando para um estranho. Ele não entende. Como ele não entende?

Eu fico mexendo, nervosa, na alça da mochila.

— Se você não age, tudo que você faz é só falar, Griff.

O último sinal toca. Eu olho para cima e o pego olhando para mim. Ele balança a cabeça.

— Eu preciso ir.

Ele dá meia-volta lentamente, sem me beijar, e pela primeira vez eu não ligo. Bom, eu *quase* não ligo. Eu estava certa ao carregar aquele vídeo no YouTube. Eu *estava*.

Meu celular vibra no fundo da mochila. Quero ignorar, mas quase qualquer coisa é melhor do que pensar que Griff está louco comigo e eu com ele.

Atendo.

— Sim?

— Adoro quando você parece puta da vida. É *sexy*.

— O que você quer, Milo?

Ele ri.

— Você realmente quer que eu responda?

— Não. — É a piadinha de sempre, mas há alguma coisa pairando ao fundo desse tom de piada que me deixa sem ação. Milo está falando sério.

— Na verdade, é mais o que *você* quer, Wick. O cara que chamou os guardas? Eu o encontrei.

— Ele vai falar com a gente? — Eu devia ter dito *comigo*, mas não me incomodo em corrigir.

— Sim. Mas nós precisamos ir agora. Ele está caindo fora, hoje à noite ele já vai ter sumido, então larga essa merda aí e me encontra do lado de fora.

Eu hesito. Não posso simplesmente sair da escola.

Posso?

— Me dê cinco minutos — respondo.

20.

Enfio meus livros no armário e saio do campus da escola com dois maconheiros que estão saindo de fininho para o bosque para fumar. Pode até ser uma surpresa para a maioria das pessoas, mas essa é a primeira vez que cabulo uma aula, e parece muito fácil. Estou um pouco assustada por nunca ter feito isso. Os maconheiros se embrenham no bosque por uma rua lateral, e Milo me encontra na esquina. Subo no carro detonado dele e a gente sai.

— Só pra constar: curti a echarpe — Milo diz.

— Só pra constar — eu o imito, mexendo nervosamente na alça do cinto só para descobrir que ele está quebrado —: eu não faço coisas desse tipo. Sou uma estudante nota A.

— Saquei, claro. — Milo vira à direita na autoestrada, no caminho da interestadual. — Foi assim que descobri que eu tinha um lance legal: você quis vir comigo.

Ele se apoia sobre o descanso de braço, sorri para mim como quem fosse ganhar algo e eu tenho de morder o lado de dentro da bochecha para não rir.

— Cala a boca e dirige, Milo.

— O que você mandar.

— Vai, anda.

Ele ri. Logo em seguida, eu faço o mesmo.

A gente acaba num conjunto de apartamentos podre na saída de Atlanta. Percebo que Milo já trabalhou antes para o cara. Eles não são exatamente amigos, mas Milo tem certeza de que ele vai responder a qualquer pergunta que eu fizer.

— Como você sabe? — pergunto, correndo para ficar ao seu lado enquanto ele caminha a passos largos pelo estacionamento. —

Porque você vai ser gentil?

— Mais ou menos assim — Milo diz, enquanto usa o punho para bater à porta do apartamento 3A. Nada. Milo bate de novo.

— Talvez ele não esteja em casa — digo, e Milo me devolve um olhar do tipo *lógico que está*.

— Corey! — ele grita, olhando para dentro do olho mágico. — Preciso falar com você. Agora.

Estou prestes a perguntar a Milo se ele tem alguma outra ideia genial, mas o trinco range e um rosto pálido como a lua se enfia entre a porta e o batente. Corey, suponho, fita Milo como se quisesse lhe atear fogo.

— Me deixa entrar — Milo diz. — A gente precisa conversar.

Na boca do outro cara é possível ver a hesitação, os lábios pressionados um contra o outro, afilados, mas a porta se abre. Milo me apressa a entrar enquanto observa o estacionamento atrás de nós. Eu mal cruzo o batente da porta quando Corey bufa como um touro nervoso.

— Quem é a gatinha?

A gatinha. Como se eu fosse um abajur.

— Você se lembra do caso Walker? — ele pergunta, fechando e travando a porta atrás de nós. Isso faz com que Corey passe de um pé ao outro.

— Sim.

— Foi ela quem fez.

— Tá brincando?

— Não.

— Mas ela é uma *menina* — Corey diz.

Demonstro impaciência, mas nenhum dos dois percebe. Eles estão ocupados demais olhando um para o outro.

— Beleza. Que seja. Fala logo, cara — Corey diz. — Estou de saída.

Sério, não brinca. O apartamentinho está quase vazio. Só o que sobrou foi um sofá velho encostado na parede — e as marcas que ele deixou na poeira do chão.

— Quero saber do trabalho que você fez esses dias — Milo pergunta. — Despistar os seguranças da Barton & Moore.

— Foi um trabalho. O que tem de interessante nisso?

— Pra quem você fez?

Corey fica pálido.

— Não tenho tempo pra isso. — Ele pega uma bolsa de ginástica muito usada e a joga sobre os ombros. — Tô fora.

— Se eu te queimar, acho que você não vai embora. — Milo diz isso com tanta gentileza que Corey precisa de um segundo para processar as palavras. Ele fica olhando para nós de boca meio aberta.

— Não, você não faria isso.

Milo balança a cabeça, o fantasma de um sorriso brincando no canto da sua boca.

Eu vasculho o rosto de Milo, tentando descobrir a mentira... e não encontro. Ele está sério.

— Eu vou fazer de um jeito que você nunca mais vai arrumar trabalho — Milo diz.

— Não.

— Eu vou.

— Isso é tudo que eu tenho.

Agora Milo sorri.

— Então me diga o que eu quero saber.

— Eu consegui o primeiro trabalho através desses murais de anúncio — Corey diz. Ele fica mexendo na alça da bolsa sem parar, os olhos a todo momento se voltando para a única janela do apartamento. — Era um dinheiro bom, *real-mente* bacana, e depois

de eu terminar ele me ofereceu a Benson e outras coisas que aparecessem. Não foi tão difícil. Eles tinham uma falha no sistema de envio de mensagens para celular.

Corey ajusta a alça da bolsa.

— É estúpido como os caras da empresa adiam a atualização dos sistemas dos celulares que usam, mas pra mim está ótimo, sabe, porque consegui invadir o sistema e mandar uma mensagem de texto pra um dos caras. Disse que eles precisavam se apresentar imediatamente no qg.

QG? Tipo, como se eles estivessem num filme de espionagem? Ao lado de Corey, Milo dá um sorriso afetado.

— Então eu disse aos guardas pra voltarem, eles voltaram e então... — Corey mexe no telefone por um instante antes de nos mostrar a tela. Lell Daley sorri num artigo de jornal. Olho para longe, meu nariz de repente fica cheio do cheiro da lama. — E então *aquilo* aconteceu, e eu saquei que era aquilo que ele queria achar e eu saí fora, mas me contataram de novo.

— O mesmo cara? — eu pergunto.

— Sim. — Corey encolhe os ombros e quase se enrola em torno de si mesmo. — Ele queria que eu fizesse outro trabalho pra ele.

— Que tipo de trabalho?

— Invadir a máquina do escritório de um sujeito no tribunal... O que é, tipo, completamente impossível, porque o babaca desliga o computador toda noite.

A expressão no rosto de Milo é de decepção.

— Tenha um pouco mais de autoconfiança, cara. Você podia ter dado um jeito, não?

— Tipo *o quê?* Invadir o escritório? O cliente não sabia nem se as imagens que ele queria estavam na máquina do advogado.

— Imagens do quê? — pergunto.

Corey começa a se inquietar, com a atenção toda concentrada em Milo.

— Ele não disse e, antes que vocês comecem, não, eu *não* perguntei pra ele. É alguma merda em que ele está enfiado. Vocês deviam ver a mensagem que ele me mandou pelo BlackBerry.

Eu fico tensa.

— BlackBerry?

— É, foi meu primeiro trabalho pra ele, invadir esse BlackBerry. Foi enviada para a caixa postal. Não foi difícil acessar as senhas, vasculhar o aparelho. A garota era da pesada. Ela ficava jogando merda no cara pra quem ela trabalhava. Não sei o que ele queria, mas não estava lá.

Garota? Não pode ser...

— Você se lembra do nome da garota?

— Sim, sim. — Corey mastiga o canto do dedão. — Está em todos os jornais. Chelsea Martin.

— Você tem alguma ideia do que ele esperava que você encontrasse?

— Sim, parece que ela tinha umas fotos. Se ela tinha, não estavam guardadas no telefone, e eu disse isso e ele pediu pra eu invadir a máquina do tribunal do condado.

— Do escritório de quem?

— Eu não lembro. — Os olhos de Corey saltitam e se agitam pela sala, caindo em toda parte e em lugar nenhum. — Um cara chamado Ed.

— Ed Price?

— Sim, é isso. A garota, Chelsea, tinha mandado as fotos para o tal Ed, e meu cliente queria as fotos antes que Ed as encontrasse.

Hum. Ed Price está concorrendo contra Bay na eleição e, se o contato de Corey queria as imagens antes que Price as visse, o que poderia existir nessas fotos que prejudicaria Bay?

— Mais alguma coisa?

— Não estou muito interessado em descobrir. Posso ir agora?

— Sim, claro, desaparece — Milo diz. — Nunca falamos sobre isso.

Corey força passagem por ele, balbuciando alguma coisa do tipo “babaca”. Eu imediatamente ligo para Carson, e no terceiro toque ele atende.

— Eu estava certa — digo. — Os guardas foram chamados por alguém que tinha invadido o sistema de segurança da Barton & Moore.

— Ótimo. Traga-o para mim.

— Não posso. — As palavras fazem Milo se aproximar. Ele me estuda com as sobrancelhas erguidas, tentando imaginar qual seria a pergunta. — Ele se foi.

Milo vai à porta, pronto para recuperar Corey, mas eu agarro a manga dele e balanço a cabeça. Não vou levar a Carson mais gente sobre quem ele possa exercer pressão.

— Não pode ou não *quer*? — o detetive dispara.

— Não posso — eu repito, com os olhos em Milo, que se aproxima, o perfume leve da água de colônia em torno de si.

E em torno de mim.

— Quando eu disse encontrar sujeira sobre Bay...

— Eu encontrei. Ele não sabe quem o contratou. Tudo foi feito no anonimato. Ele recebeu o BlackBerry de Chelsea Martin. Ela estava reunindo informações contra a família Bay e as guardou nas notas do telefone.

— Alguma coisa interessante?

— As imagens parecem ser boas. Ou pelo menos valiosas o suficiente para se invadir o escritório de Ed Price para consegui-las, então boa sorte.

— Encontre-as pra mim.

Eu pisco. Não consigo acreditar no que ele está pedindo.

— De que elas servem pra você? Sem um mandado, você não pode usá-las na corte.

— Sempre há utilidade pra informação. Se esse cara quer as imagens, então também as quero. Consiga-as para mim.

— Eu não arrombo portas. — E então me lembro de que eu também não drogava ninguém. Tento afastar a lembrança, mas os olhos acusatórios de Jason ainda estão marcados nos meus pensamentos.

— Consiga-as pra mim — Carson repete.

— Eu não... — Sim, eu faço ou farei, porque, de repente, a palavra *aproveitar-se* está marcada atrás das minhas pálpebras e, com seu brilho, outra surge das sombras: *danos*. Se eu tivesse acesso ao computador de trabalho do juiz Bay... Eu poderia fazer este trabalho por interesse próprio.

— E se eu lhe dissesse que consigo derrubar o sistema de segurança pra você? — Carson pergunta.

Eu hesito, finjo que meu coração não está retumbando nos meus ouvidos.

— Nem a pau.

— Sério? E se eu lhe dissesse que, se você fizer isso, eu a deixo em paz?

As palavras dele me fazem perder o fôlego. Ele está mentindo, mas não importa, porque eu acabo de ter uma ideia. Eu olho para Milo e sorrio.

— Fechado.

21.

Chego na escola para a quarta e quinta aulas. Considerando que perdi quase três horas de aula, já espero que o diretor Matthews esteja me esperando, mas ou eu tenho sorte ou ele está ocupado, porque entro sem qualquer dificuldade.

Amanhã a história vai ser diferente. Vou precisar de uma desculpa, e então passo algumas horas no meu quarto tentando me decidir por alguma. Todos sabem dos meus problemas de enxaqueca, então vai funcionar. Se eu interpretar o papel da Garota Trágica, posso alegar um ataque de pânico.

Um galho bate na janela. Griff. Eu dou meia-volta na cadeira e... ele não está lá. Era só o vento espalhando outra tempestade. Ele não deve estar vindo.

Eu podia ir até ele.

— Bren? — Estico a cabeça no corredor e escuto minha mãe adotiva digitando no computador que ela mantém no quarto. Nem ferrando que vai me deixar sair para ir à casa do Griff. Ela detesta o bairro dele, então... — Posso ir à casa da Lauren um minuto?

Cruzo os dedos, rezando para Bren não ter ouvido sobre Lauren ter sido dispensada da escola para cuidar da mãe dela.

— Eu preciso de uma ajuda no dever de casa.

— Claro, querida. Você se importa de andar? Eu tenho que levar Lily ao balé em... oh, Deus... vinte minutos. Posso te deixar no caminho.

— Eu vou andando. Sem problema. — Bren não responde, mas consigo sentir que objeções estão a caminho, então enfio os pés no tênis e saio correndo de casa. O inverno esquizofrênico agora está quente, e caminhar é quase agradável. Sei exatamente aonde estou indo. Griff e eu vivemos a uma rua de distância por alguns anos e,

embora eu nunca tenha estado lá, conheço o trailer que ele divide com a mãe.

Só não tenho muita certeza de como vou me anunciar quando chegar.

No fim das contas, não faz muita diferença, pois Griff está sob a cobertura do estacionamento do carro, trabalhando na sua Honda. Assim que meus pés pisam na via de brita, ele deixa o grifo no chão e fica me observando sair da escuridão, como se estivesse me esperando.

— E aí?

— E aí? — Eu hesito. Ultimamente, tenho hesitado muito quando estou com ele. E odeio fazer isso. — Queria te ver.

Griff se levanta e limpa as mãos nas pernas das calças jeans pretas.

— Não sei se agora é uma boa ideia, Wick.

Sinto um chute no estômago, mas prefiro ignorar.

— Queria te contar que Carson me deu um último trabalho. Se eu fizer, eu estou fora. Acaba.

Como eu sou idiota. Acabo de deixar minhas palavras aos seus pés como a menininha patética que sou, que me tornei. Acaba está ali como uma oferenda, e eu estou na frente dele feito uma palhaça.

Sob a luz alaranjada da cobertura, os olhos de Griff brilham num verde elétrico.

— Que trabalho?

— Invadir o escritório de Ed Price. Encontrei o hacker que chamou os guardas da segurança de Bay. Ele também tinha sido contratado para encontrar algumas imagens que tinham sido enviadas a Price. A princípio, elas estão no escritório do cara. Se eu consegui-las, acaba.

— Como você vai fazer isso?

— Carson está trabalhando nos detalhes, mas ele vai tentar derrubar o sistema de segurança. Depois disso, é fácil. É entrar e sair.

Griff balança a cabeça.

— Eu vou com você.

— Não precisa.

— Não.

— Você ainda está irritado com o lance do YouTube?

— Ainda estou tentando te entender. — Uma porta bate dentro do trailer, e nós dois nos assustamos. Griff baixa levemente a cabeça, mudando o ponto de incidência da luz no seu rosto. Seus olhos se transformam em dois abismos profundos. — Agora não é uma boa hora. Minha mãe... não está bem de novo. Posso levar você pra casa?

— Posso ir andando.

— Ou eu posso te levar de moto. — Um sorriso atravessa sua boca lentamente, e eu sei que nós dois relembramos a primeira vez que Griff me convenceu a subir na garupa dele.

— Sim, claro.

Griff liga a moto e me passa o capacete, enquanto subo atrás dele. Eu amo essa parte: a velocidade, o toque, o modo como ele conduz a moto, como se nós saíssemos do bairro voando. É ótimo até certo ponto, porque chegamos muito rápido na minha casa e eu tenho de explicar a cada um dos meus dedos que precisamos deixá-lo partir.

— Você realmente acredita em Carson? — Griff pergunta, prendendo meu capacete na traseira da moto.

— Sim — digo, e quase paro por aí. Mas, se é verdade que posso contar tudo a ele, continuo: — Ele vai me deixar em paz, Griff. Eu vou carregar um vírus no computador do juiz. Isso vai deixar a digital de Carson em todo o sistema. Ele disse que seu chefe não o

queria por perto de Bay, e eu vou fazer parecer que ele estava pessoalmente vasculhando os arquivos do juiz. Se Carson tentar me pegar mais uma vez, eu ativo o vírus. É a oportunidade que estávamos procurando pra barganhar.

De repente, hesito. Repeti a palavra por acaso? Ou porque estou querendo lembrá-lo de que a ideia era dele? Eu não fui honesta com ele a respeito do lance do YouTube, sobre o que aconteceu. Eu não dei a ele uma oportunidade antes, mas agora posso fazer isso.

Griff me estuda.

— E a situação com sua mãe?

Minha mãe. Duas palavrinhas que achei que tivesse queimado e enterrado.

— Não sei.

Ele balança a cabeça e passa um instante verificando o nível de combustível da moto.

— Me incomoda que você não me diga a verdade. Você tem sua mãe, Carson, os caras da escola... tudo *isso*, e você não me conta nada. É como se eu não importasse.

— Eu não conto porque você, *sim*, importa.

— Você mentiu.

— Não menti... não era...

Era. Eu olho para ele e não consigo mentir.

— Desculpe, Griff. Eu estava com medo.

Os olhos dele saltam de encontro aos meus.

— Por quê? Eu sei quem você é, Wick. Eu conheço você, e você me conhece. Eu quero você como você é.

— Eu não pensei... que quisesse. — Eu soluço e cubro a boca. Não vou chorar. Não vou chorar. — Eu estava... envergonhada, e eu sei o quanto tenho a perder e...

Eu quero você como você é.

Eu soluço mais uma vez, mas sorrio atrás da minha mão machucada.

— Como nós nunca conversamos sobre isso?

— Você nunca *quis* falar sobre isso. Eu estava esperando que você estivesse pronta, mas você estava lidando com toda aquela merda de estresse pós-traumático e estava melhorando...

— Você acha que eu não tenho jeito?

Ele não diz nada, e o silêncio diz tudo.

— Não é muito lisonjeiro que você pense que eu sou frágil.

— Não é... tá, beleza. — Ele passa a mão pelo cabelo escuro, espetando-o. — Você não é frágil. Mas essa merda... *estragou* você, Wicked. Não consigo ficar vendo isso.

— Você não precisa mais ficar vendo. — Eu deixo minha mão cair, sorrindo, embora as lágrimas estejam enchendo meus olhos. — Ele não vai mais poder encostar em mim de novo... Não vai, se eu carregar aquele vírus.

Griff esfrega a palma da mão no peito.

— Você acaba comigo, sabia? Não consigo respirar quando você sorri.

Ele parece puto e triste... e encantado.

— Podemos começar de novo? — eu sussurro.

— Eu nunca parei. — Griff põe meu rosto sobre a palma da sua mão. — Não importa como isso vai acabar, Wicked, lembre-se de que eu era o sortudo. Quando penso em você... eu tenho muita sorte.

Os lábios de Griff tocam os meus e eu me agarro nele, concluindo que aquele beijo era o que eu estava indo buscar quando saí de casa. Agarro-me à camiseta dele, sentindo sua respiração ficar rápida e instável. Eu vou consertar tudo isso.

Não importa o preço.

Vejo Griff ir embora e, quando já não consigo escutar o escapamento da moto dele, dou meia-volta. Fico olhando para os pés, pensando primeiro nos Bay e depois em Carson. Nem percebo que a varanda está apagada até ter subido os degraus e esticar a mão para abrir a porta.

E é quando eu vejo.

Alguém prendeu à faca um rato morto na porta da frente.

22.

Sai daí.

Não consigo.

Sai *já* daí.

Arranco o pé do chão e verifico as travas da porta da frente. Elas não parecem danificadas. Confiro as janelas; os cômodos não parecem remexidos.

Mas a luz da varanda não funciona. Tateio a lâmpada e noto que o bulbo está intacto. Alguém deve ter desatarraxado a lâmpada, usando a sombra de disfarce. Dou um leve giro e a luz amarela reaparece. Fico muito agitada, até que percebo que o rato e eu já estamos íntimos. Graças à luz restaurada, consigo ver meu reflexo nos seus pequenos olhos vítreos e a mancha de sangue no capacho de boas-vindas. Que nojo.

O que está acontecendo aqui? Se é uma tática para me assustar, funcionou. Estou assustada.

E puta.

Nossa, mas eu vou descobrir *de qualquer jeito* quem fez isso.

Depois de eu me livrar da evidência. Bren e Lily vão chegar logo. Não há explicação no mundo que se livre disso, o que significa...

Eu olho para o rato e tremo. Vou ter de botar a mão nele. Pior, vou ter de desempalá-lo da porta. Usando o quê? Não com as mãos descobertas, com certeza.

Eu destravo a porta da frente e largo minhas coisas no corredor. Leva um minuto, mas encontro uma das luvas de forno Williams-Sonoma de Bren numa gaveta. Olho para elas um pouco, tentando decidir se realmente vou fazer isso. Acho que por uma coisa dessas a gente vai parar no inferno dos ricos.

Dane-se. Enfio as luvas e tento não gritar como uma menina de três anos de idade quando puxo o rato da porta. Mesmo através do tecido pesado, consigo sentir seus ossos e músculos cedendo sob meus dedos. Cedendo, não saindo completamente. Merda. O corpo não quer se mexer. Eu vou ter de puxar mais forte.

Tento um tranco seco e forte. Duro. O corpo cede e deixa a porta, ficando nas minhas mãos.

— Merdamerdamerdamerda! — choramingo, percebendo que devia ter trazido uma sacola plástica. Agora não tenho onde pôr o rato. Eu o levo até o escritório de Bren, jogo o corpo no lixinho de papel e tiro as luvas em seguida.

Se Bren perguntar sobre as luvas de forno, vou fingir que não sei de nada. Não vai ser difícil. Eu evito a cozinha sempre que posso.

Depois de embrulhar o corpo e enterrá-lo no contêiner de lixo do lado de fora, eu limpo tudo: a varanda, o capacho, a porta. Uso cândida suficiente para matar cada célula cerebral que tenho. Mesmo depois de terminado, ainda sinto a sujeira.

Enquanto estou lavando e esfregando as mãos, deixo o computador ligado e, quando está tudo pronto, faço o login do nosso sistema de segurança para assistir à gravação do dia, envolvendo o estômago com um dos meus braços enquanto faço o vídeo voltar ao ponto que quero, olhando atentamente até que... *ali*. Ali está ele.

As câmeras de segurança o pegaram. Só que o vídeo não me ajuda.

O cara — de jeans escuros, camiseta de manga comprida também escura — sobe à varanda. Ele está olhando para baixo. Agora ele olha para trás. Agora ele olha para a câmera. Ele está usando alguma coisa, tipo uma máscara de zumbi. É a última coisa

que vejo antes de ele desligar a lâmpada e a varanda ficar escura, e a imagem ficar muito granulada para ver mais do que sombras.

Merda.

Faço o vídeo voltar, assisto de novo. Ainda não está bom.

Honestamente? Esperava ver Kyle, mas não é ele. Na verdade, não tenho ideia de quem seja... espere... talvez.

Assisto mais uma vez lentamente, quadro a quadro. A máscara realmente detona qualquer chance de identificação do sujeito. Mas tem alguma coisa no jeito que ele anda e se move na ponta dos pés... O modo como os ombros dele ficam abaulados dentro da camiseta... Nada disso me parece estranho.

O cara alcança a lâmpada da varanda, a mão dele e o punho e o *relógio*, todos diante da câmera. Sinto o reconhecimento como um soco no estômago.

É Jason Baines.

O que significa que não é só uma tática de intimidação ou mesmo de retaliação pelos tranquilizantes. Ele sabe que eu tenho servido de informante e está me lembrando do que acontece com pessoas que começam a trabalhar para a Narcóticos.

Coço os olhos, sentindo o lento latejar de uma enxaqueca a caminho. Jesus, o que eu fiz? Como me meti numa história dessas?

Pare.

Melhor se perguntar: O que eu vou fazer para sair disso?

Não tenho uma resposta para isso.

Fecho o vídeo e volto à página do sistema de segurança. Com Todd e meu pai na cadeia, já faz um bom tempo que não faço isso. Sinto como se estivesse na vida de outra pessoa e, assistindo às imagens da rua e do jardim vazios, começo a pensar que isso deve ser a coisa que eu faço melhor: observar e esperar.

Não é assim que eu quero que as coisas acabem. Tenho uma chance para ter meu próprio final feliz. Não posso permitir que

detalhes como Jason Baines ou Kyle Bay fiquem no caminho.

Mas o que eu faço sobre isso?

Meu estômago ronca e eu o pressiono com a palma da mão. Não como nada desde a manhã, então caminho levemente, desço as escadas, mantenho as luzes apagadas enquanto fecho todas as cortinas. Ainda não há sinal dos guardas de Carson e eu não sei o que isso significa. Sei, sim, que a escuridão me faz querer abandonar minha própria pele.

Segura a onda. Segura a onda. Segura a onda. Eu vou à cozinha para fazer um sanduíche e evito as janelas. Deus, como tudo está silencioso. Recuso-me a dizer “silencioso demais”, apesar de a descrição ser mais precisa. Pego o controle da televisão e digo a mim mesma que estou agindo feito uma idiota. Puro clichê. Que pena que nem por isso minhas mãos param de tremer.

Reality show.

Reality show.

Um sitcom de merda.

Carson?

É o noticiário da noite, e eles decidem mostrar um trecho de gravação do detetive de pé atrás de um pódio, dirigindo-se a um pequeno grupo de pessoas. Seu cabelo está penteado para trás e suas roupas parecem passadas.

— Não podemos discutir o caso no momento — ele diz, ambas as mãos segurando o microfone. — Apenas podemos dizer que o corpo descoberto na residência dos Bay é o de Lell Daley.

Da câmera, a matéria passa para uma imagem de Lell e Kyle sorrindo, as bocas levemente abertas como se eles estivessem acabado de dar uma tremenda gargalhada. Ela parece tão apaixonada que sinto um aperto no peito.

A imagem desaparece e é substituída por um close de Carson.

— Enquanto não confirmarmos se a morte da srta. Daley tem ou não alguma relação com o juiz Bay e sua família, posso lhes garantir que estamos tomando as providências cabíveis para proteger *todos* os envolvidos nesta terrível tragédia.

Ora, proteja o que restou delas. Assisto mais um pouco da entrevista antes de desligar a tv. Prefiro o silêncio. O detetive está certo. Só pode ser o filho mais velho de Bay. Tudo isso parece uma coisa tão... familiar. "Lembre-se de mim"? E se Kyle estiver tentando dizer a Bay para se lembrar da sua mãe morta? Eu sei bem o que perder uma esposa e uma mãe pode causar a uma família. E se a morte da sra. Bay os separou? Poderia funcionar... mas o lance com Chelsea não se encaixa nisso. Ou talvez se encaixe — ela não era da família, mas estava ali o tempo todo cuidando de Bay; esse tipo de coisa a torna parte da família. Como então explicar Lell?

Eu suspiro. Se não for um lance familiar, não há outra conexão entre as vítimas.

Exceto eu mesma.

Isso não prova a regra ou coisa que o valha? Eu sou a única pessoa que está fora da mira do assassino, e isso porque fui estúpida demais para ser pega. Mas ele não veio atrás de mim.

Ainda.

Dou mais uma mordida no sanduíche e fico olhando para a tela escura da tv. Carson está melhorando no marketing pessoal — roupas, cabelo, bons modos. Ele até agradeceu a um dos repórteres. Eu não tinha ideia de que ele conhecia a palavra "obrigado". Talvez tudo seja parte de um plano de subir na carreira. Ele quer parecer mais como um herói e menos como... bem, como Carson. Eu sorrio, pensando como ele provavelmente vai querer uma assistente logo mais.

Espere um minuto. Uma assistente. O juiz Bay não é a única conexão entre as vítimas.

Carson também é.

Na escola, Lauren disse que o viu conversar com Chelsea em muitas e diferentes ocasiões e que ela parecia um lixo em todas elas. Tenho certeza de que não pareço realmente maravilhosa quando estou diante de Carson. E se Chelsea fosse como eu? E se ela era uma informante? As mortes cheiram a vingança. E se tudo aconteceu porque Chelsea traiu o juiz?

Tiro a casca do pão, de repente não sinto mais fome. E se Carson estava usando Chelsea da mesma forma que está me usando? Isso significa algo.

Ou não. Pode ser meu ódio falando. Já aconteceu antes. Veja só o que eu pensava dele durante a tragédia de Tessa. Eu pensava que ele estava atrás dela. Não dei atenção nenhuma a Todd porque estava focada demais nas pessoas que eu *queria* que fossem más.

Mas... ninguém odeia Bay mais do que Carson. Ele está convencido de que o juiz é corrupto.

O suficiente para enquadrá-lo como assassino?

Não, isso é estúpido. Ainda assim... Se todas as vítimas trabalharam para Carson, isso as torna valiosas fontes de informação.

Ou um problema a ser resolvido.

Merda. O que eu sou, então?

23.

Carson prepara tudo para a noite seguinte; para mim é melhor, pois Bren tem um jantar de negócios em Atlanta e Lily vai à casa de uma amiga preparar um diorama sobre a vida dos dinossauros. Griff e eu devemos entrar no prédio do tribunal pelo acesso lateral, o mais próximo ao estacionamento dos funcionários. Depois das sete da noite, Carson desligará o sistema de segurança por um período de duas horas, o suficiente para que eu entre e saia.

E toque minha vida. Pensar nisso me faz sorrir, ainda que sinta gotas frias de suor rolarem pelas costas.

— Aqui. — Griff me dá um fone de ouvido com microfone embutido, assim podemos nos comunicar mesmo que ele fique perto da entrada, a postos caso alguém apareça.

— Obrigado. Você está pronto?

Griff faz que sim com a cabeça, e nós escondemos a moto na sombra, atravessando o estacionamento deserto do tribunal. Meu estômago está embrulhado de tanta adrenalina... e algo mais que me recuso a nomear, mas que, sei bem, me lembra o estacionamento de uma igreja escura na noite em que Griff e eu caminhamos pelas sombras para salvar minha irmã.

Se conseguirmos fazer isso, conseguiremos fazer qualquer coisa. Eu aperto a mão de Griff e sorrio para ele.

Ele não sorri de volta.

— Vamos fazer isso rápido. Você sabe aonde está indo, certo?

— Você já me perguntou isso. — Eu me concentro nas portas duplas, verifico meu bolso mais uma vez. O pendrive está aqui, já carregado com o vírus. — Segundo andar, quinta porta.

Mas só depois de eu chegar à terceira porta do segundo andar e infectar o computador de Bay com meu vírus. No melhor dos

mundos, ninguém jamais vai saber que eu estive lá, mas parecerá que Carson se sentia em casa no computador do juiz.

— Certo. Beleza. — Griff abre a porta e nós dois prendemos a respiração enquanto ele empurra levemente a porta.

Nada. Nenhum alarme. Griff solta o ar do peito como se realmente não acreditasse no que vê. Ele começa a me empurrar à frente, mas eu já estou do lado de dentro. Eu corro por toda a extensão do corredor sem olhar para trás.

O escritório de Ed Price é uma completa perda de tempo. Não há nada por aqui.

Menos do que nada, na verdade — a não ser que você leve em consideração uma tonelada de relatórios e uma coleção de mecanismos de moto-perpétuo. Há uns cinco ou seis deles, e se movem ligeiramente enquanto eu vasculho o computador de Price.

Corey estava certo. O computador está desligado. Eu plugo meu laptop na cpu, ignorando o sistema operacional e transformando a máquina do advogado num drive escravo. Depois disso, são apenas alguns poucos minutos de busca nos arquivos de imagem para encontrar...

Nada. Nenhuma imagem — a não ser que você entenda por achado uma série absolutamente *medonha* de selfies do Price.

Sinto um desconforto esmagar meus pulmões e observo pela segunda vez os mecanismos prateados, dessa vez pensando: se as imagens não estão no computador, onde elas estão?

Fecho o programa de busca, verifico meu telefone. Preciso sair. Passei meus primeiros minutos carregando o vírus no computador de Bay, o que não foi tão ruim, mas fiquei tempo demais — mais do que devia — investigando os arquivos dele. Realmente sem sentido. Eu não ia encontrar nada sobre minha mãe — não depois de todos esses anos. Mas eu não consegui me conter e, examinando suas

coisas, não pude deixar de pensar sobre quantas outras pessoas ele provavelmente usou da mesma forma.

Perdi tempo, e agora estou atrasada e ainda de mãos abanando. Se as imagens não foram enviadas por e-mail, então só resta... o escaninho de mesa?

Está cheio de papéis. Ao que parece, a secretária de Price tenta organizar tudo. No topo estão os faxes. Há alguns memorandos misturados a papéis destinados aos formandos da Universidade da Georgia. A correspondência está embaixo. Não encontro nada de interessante.

Beleza. Vamos em frente. Abro as gavetas da mesa, passo rapidamente pelos nomes dos arquivos. Relatórios e processos. Vou ao outro lado da mesa, fechando a gaveta do arquivo de cima, abrindo a de baixo. Mais do mesmo. Processos, processos. Alguns tão grossos quanto meu punho. Ridículo. Nunca vou encontrar essas imagens. Mesmo que elas estejam aqui, vai levar dias para realmente investigar tudo isso.

Empurro a pasta do processo para dentro do seu escaninho, começo a fechar a gaveta e percebo que há espaços entre as pastas. Não devo ter vasculhado toda a gaveta.

Rolando com a cadeira para o lado dela, eu a abro em toda a sua extensão, o que a aumenta em mais ou menos trinta centímetros. As pastas de processos acabam e, atrás delas, há uma miscelânea de revistas de direito e as pontas de um envelope baunilha se projetando do fundo como que esquecidas... ou apressadamente escondidas diante da chegada de alguém.

Eu puxo o envelope e espio dentro. Sinto alguma coisa no fundo. Estico a mão e tento pescar o que está ali. Hum. Um pedaço de papel dobrado e, dentro dele, algo que parece um pendrive.

Investigo o pequeno retângulo branco. Sim, é um pendrive. Por que alguém quereria esconder uma coisa dessas?

Eu abro o papel.

Tenho mais delas. Em breve entrarei em contato.

Ainda mais interessante. Eu plugo o pendrive na entrada usb do meu computador e vejo a hora. Merda. Preciso finalizar isso tudo. Quando a lista de arquivos aparece, clico no primeiro.

Sinto meu coração disparar.

É um cadáver. É a cena de um crime?

Eu rolo o cursor, cerrando os olhos no escuro. É uma mulher morta. Loira. Jovem. *Muito* sangue.

Por que Chelsea teria essas coisas? Estão relacionadas a algum caso em que ela tenha auxiliado Bay? E por que o cliente de Corey as queria?

Copio os arquivos no meu computador. A maioria das imagens é de closes das feridas. Parece que a garota foi esfaqueada até morrer. Eu seleciono outra foto e paro, ampliando a imagem e observando. O rosto da garota está virado para cima, olhos e boca bem abertos.

É Lell.

— Griff — murmuro, segurando com dois dedos o fone. — Acho que temos um problema.

— Sim, você tem.

A voz me chama a atenção. *Milo?* O que ele está fazendo no nosso canal?

— Surpresa? — Milo continua num tom de *venha já ganhar seu prêmio!* — Eu sugiro que você dê o fora daí. Você tem companhia.

Companhia? Abro a boca para mandar Milo à merda e escuto passos. *Ai. Meu. Deus.*

Afasto-me da mesa, com os ouvidos atentos. Os passos são pesados, solas de borracha contra o carpete. Não são passos rápidos, mas vêm em minha direção.

Desconecto meu computador e o enfio na minha mochila com o pendrive e o envelope. Coloco a cpu onde ela estava e hesito. E agora? Se eu correr, quem quer que esteja aí fora vai me encontrar.

— Sim — Milo diz, a voz agitada. — É realmente um Amigo da Polícia na sua direção, Wick. Eu procuraria algum lugar pra me esconder. Rápido. Parece que ele notou a porta que você deixou aberta.

Olho imediatamente para a porta do escritório. Merda. Deixei mesmo. Está entreaberta. Olho ao redor, procurando um lugar para me esconder. Mesa. Duas cadeiras. Estantes. Nada. Merda, merda.

Olho de um lado para o outro e decido correr para trás da porta; se ele abrir, estarei escondida. Tendo sorte, ele vai apenas fechar a porta e passar.

Só que não é isso que ele faz.

Ele abre a porta.

A porta de madeira se aproxima em seu movimento em arco, fazendo-me encolher encolher encolher. O guarda entra, liga a lanterna, agita e gira o fecho de luz pelo escritório e a desliga.

Quase lá. Eu prendo a respiração.

Ele entra.

Com a porta no rosto, não consigo ver quem é, mas consigo escutá-lo. Ele está abrindo gavetas, movendo coisas. Papéis voam.

Não é um guarda da segurança. Não pode ser.

Segurando minha mochila contra o peito, dou um passo à esquerda e tento espiar pela beira da porta. O cara encerrou as buscas na mesa e passou ao arquivo de processos do outro lado do móvel. Ele está movendo as coisas com força, sem se preocupar com a bagunça. Ele fica ereto e eu me encolho. Alguma coisa bate. Uma gaveta?

Passos cruzam o escritório na direção da porta. Ele a fecha atrás de si, e, no espaço entre a porta e o batente, consigo vislumbrar a

silhueta do homem.
É o juiz Bay.

24.

Milo limpa a garganta.

— Ahã, se eu fosse você, sairia mais ou menos agora.

Ainda estou encostada na parede. Um pouco de movimento seria bom. Mas minhas articulações se transformaram em barro.

— Que porra você está fazendo, Milo? — A voz de Griff irrompe no meu ouvido.

Milo o ignora.

— Sério, Wick. Dá no pé.

— Bay já foi? — eu sussurro.

— Por enquanto.

Uma onda de náusea me atravessa. Não sei como, mas Milo deve ter acesso à página de segurança. O pensamento não me causa suspiros de paixão. Eu me esforço para sair do lugar, observo o corredor. Está limpo.

— Ele está indo para sua saída — Milo prossegue. — Você vai precisar sair pelo lado contrário. Vá para a esquerda.

Não posso. Se Bay vai usar minha saída, então está indo de encontro a Griff. Não posso deixá-lo.

— Não sem Griff.

— Estou bem, Wick. Juro. — A voz de Griff está abafada. Ele está se escondendo? — Vá para a esquerda. O merda está certo. Você pode sair pela ala mais baixa do prédio. Eu te encontro nas escadas dos fundos.

Viro à esquerda, alerta até à minha sombra e me contendo para não sair em disparada.

E gritar.

Escuto o som abafado que meus tênis produzem sobre o chão forrado de linóleo e rezo para que Bay não me escute caminhando

como eu o escutei.

— Pegue as escadas e desça até o subsolo — Milo diz quando eu chego ao fim do corredor. — Use a saída de incêndio.

Nem ferrando. A saída de incêndio está ligada a outro sistema de segurança.

— Você está louco? — Estou descendo as escadas de dois em dois degraus, sabendo que estou fazendo barulho e sem condições de parar. — Isso vai soar o alarme.

— Informação adicional: não vai. Está livre. Você precisa correr.

Abro a boca para responder quando uma porta no piso acima se abre. Bay. Ele me ouviu. Ele está vindo. Aos trancos e barrancos, chego ao fim da escada e olho para a saída de incêndio. Devo acreditar em Milo?

Mais passos. Ele está chegando e vai me pegar.

Merda. Eu aperto a alça da bolsa, agarro a barra de abertura da porta com as mãos e me preparo para correr como nunca.

A porta se abre com uma lufada, mas sem alarme, e eu fujo pelo gramado, correndo na direção de uma fileira de árvores. Tenho de chegar ao escuro antes que Bay atravesse a porta e me veja. Se eu conseguir ficar longe do alcance das luzes de segurança, consigo me esconder. Ele não vai ser capaz de saber por qual lado eu saí.

Então, de esguelha, vejo alguma coisa se mover.

Griff.

Ele fecha sua mão em torno da minha e nós corremos cada vez mais rápido, nos misturando às sombras.

— Você está bem? — Griff me abraça.

Eu faço que sim.

— Olhe.

A porta da saída de incêndio se abre e Bay demora sob a luz, virando lentamente a cabeça enquanto investiga com um olhar panorâmico as calçadas e o jardim. Ele não consegue nos ver, mas

Griff ainda toma minha frente, com um braço me puxando para tão perto de si que eu consigo ouvir as batidas do seu coração — rápido, forte demais.

Exatamente como o meu.

Bay fecha a porta, e Griff relaxa. Eu o envolvo com meus braços, apertando seu corpo contra o meu.

— Veja só se isso não é comovente? — Milo aparece pela esquerda, caminhando ao longo da fileira de árvores e cuidadoso o suficiente para ficar fora do alcance das luzes de segurança. Ele ajeita uma mochila sobre um dos ombros e nos olha. — Agora diga uma coisa: eu sou ou não sou o máximo? Até pros meus padrões, acho que foi muito foda.

Griff avança na sua direção.

— O que você está fazendo aqui?

— Salvando a pele da sua namorada. — Milo analisa a mão de Griff agarrando sua camiseta como se ela fosse um inseto curioso. — A propósito, sem valor adicional.

Griff o sacode.

— Você não tem o direito de se intrometer dessa maneira...

— Ei, gênio, eu projetei os fones. — Milo está falando com Griff e olhando para mim, sorrindo. — Eu vou entrar a hora que eu quiser. Só não tinha pensado em fazer isso até sacar que você estava com ela. Movimento corajoso, Wick. Toda aquela coisa de invadir e entrar, eu gostei.

O frio me envolve.

— Como você era capaz de ver o que eu estava fazendo?

Mesmo no escuro, posso ver os olhos de Milo se acenderem de satisfação.

— Que menininha esperta. Sempre fazendo as perguntas certas. Eu conseguia ver o que você estava fazendo porque seu detetive

muy amigo tinha reiniciado o funcionamento das câmeras. Ele estava gravando tudo: você, seu amiguinho, *tudo*.

25.

Eu me seguro, quieta.

— Carson não devia gravar nada. — As palavras saem grudentas, como se se recusassem a sair da minha boca. — Esse era o acordo. Se ele fez isso... mas ele garantiu que o sistema de segurança não ia estar funcionando.

— Não foi o que ele fez. — Iluminado pelas luzes de segurança, o sorriso de Milo fica amarelo. — Mas que coisa linda eu fiz hoje!

Griff se endireita.

— Você fez o sistema cair?

— Legal, né? Diz aí se você não queria ter pensado nisso?

Griff grunhe e agarra Milo pela garganta.

— Parem! — Eu me posto entre os dois, querendo que Griff olhe para mim. Depois de um instante, ele olha.

As mãos de Griff se soltam... e ele acerta Milo no peito, fazendo-o recuar. Milo cambaleia e, quando olha novamente, ri.

— Me dá um minuto. Eu vou pegar a moto. — Griff adentra a escuridão e eu tenho de lutar para não segui-lo. Alguns segundos se passam, e eu percebo que Milo está me observando.

— Então. — Milo enfia as mãos nos bolsos. — Carson, né? O que tá rolando?

Tenho de dizer alguma coisa. Preciso de uma mentira. De uma bela mentira.

Só que eu estou acabada demais para pensar em alguma coisa. Olho para Milo e sinto que estou prestes a me desfazer.

— Carson sabe sobre minhas... atividades extracurriculares. Ele diz que vai destruir minha família e me prender se eu não trabalhar pra ele.

— Merda... ele é o cara pra quem você ligou quando encontramos Corey?

— Sim. — Passo a mão no meu pescoço dolorido enquanto olho para ele. — Você está mandando muito bem.

Ele dá de ombros.

— Eu sei mais das coisas do que você imagina. É uma questão de sobrevivência. Todos nós fazemos coisas de que não nos orgulhamos.

— Obrigada por fazer o sistema cair.

Outro sorriso lento.

— Às ordens.

A pausa se estende e se transforma num momento muito estranho e constrangedor. Eu devia cair fora agora. Que seja constrangedor. Mas eu não sou muito boa nisso.

— Por que você está fazendo isso?

— Por que eu não deveria?

— Porque não é seu estilo. — Eu quase digo que é porque ele não é do bem. Mas não importa. Milo entende o que eu quero dizer.

— Eu sou muito mais parecido com você do que você imagina. — Ele aponta o queixo na direção de Griff. — Eu sou mais parecido com você do que ele jamais vai ser.

Eu balanço a cabeça.

— Não, ele entende de onde eu vim. Ele vive onde eu vivia.

— Mas ele sabe a que você está destinada?

Ai. Fico irritada só de imaginar que Milo pensa que sabe.

— Eu amo Griff.

— Mais que invadir computadores? Mais que tudo isso? — Com um movimento panorâmico, Milo aponta ao redor. Ele sorri de novo e, nesse momento, minha pele fica arrepiada. — Você devia pensar sobre isso — diz, dando-me as costas. — Tenho certeza de que vou te ver por aí.

Fico observando Milo voltar à escuridão até que as sombras o apagam por completo. Descendo a colina, uma luz avança pelo estacionamento mais baixo. Griff.

Desço o barranco e, mal estou postada sobre a moto, Griff parte a toda a velocidade na direção da saída. Só quando chegamos ao primeiro farol ele finalmente se vira para mim.

— Você nunca vai sair dessa, Wicked.

— Eu saí. Milo derrubou o sistema. Carson perdeu.

— Por enquanto. E daqui a uma semana? E daqui a um ano? Você não entende? Ele nunca vai te deixar em paz. Você é útil a ele, portanto... nunca vai acabar. Você nunca vai escapar.

— Eu vou. — Minha bolsa está enfiada entre nós, e levo um minuto para abri-la.

— Você encontrou o que Carson queria?

— Acho que sim. — Ergo meu pendrive e Griff me olha com uma cara de *e daí?* — Encontrei as imagens da garota morta, Lell. Não sei como Chelsea as conseguiu ou por que ela as entregou a Price, mas Bay as quer, então alguma coisa tem. Vou transformar isso na minha passagem de saída.

— Você realmente acha que ele vai manter a promessa?

Ele vai se souber o que é bom para ele. Eu olho para Griff e não consigo desfazer o riso.

— Ele vai. Lembra o que você me disse sobre fazer pressão? Pois é...

— Com o vírus?

— Sim. — Eu posso ferir Carson onde ele mais pode ser ferido agora: na sua carreira. É tudo que tem, e eu vou acabar com ele. E, só de pensar nisso, eu sinto uma satisfação quase selvagem correr dentro de mim. É o que Carson sente quando me chantageia? Quando ele olha para tudo que eu ganhei e tira vantagem disso?

Eu sorrio para Griff.

— Está feito. Estou livre.

A casa de Carson parece sinistra como sempre. Depois que estacionamos, ele abre a porta e nos espera para que entremos.

Fico perto de Griff enquanto nos aproximamos.

— Me dê alguns minutos pra conversar com ele, e então a gente cai fora.

Griff faz que sim, esperando na cozinha enquanto sigo Carson até a sala. Ele cai no sofá, empurrando seus relatórios para longe de si. O detetive parece bastante tranquilo... mas vejo que suas mãos estão tremendo.

Fúria.

Ótimo. Jogo o envelope em cima da pilha de papéis.

— Estou fora — digo, e meu sorriso de alegria e satisfação é incontrolável, embora sinta o suor frio sob minhas roupas. — Acabou.

— Sério? — Carson abre lentamente o envelope, com os olhos postos em mim. — Tínhamos um acordo. Como eu vou saber que você cumpriu com ele até o fim?

— Dê uma olhada no que eu trouxe pra você.

O detetive leva alguns minutos para ter acesso ao pendrive no seu computador pessoal e, quando finalmente consegue, sua respiração se altera.

— Você encontrou isso no escritório de Price?

— Sim, e encontrei um pouco antes de Bay entrar. Se eu tivesse que adivinhar, diria que é *isso* que o cliente do hacker estava procurando. Divirta-se. — Eu me viro para ir embora, mas Carson agarra meu pulso e o torce.

— Nã-nã-nã. Você não terminou por aqui.

Meus dedos se armam em garras.

— Acho que sim. Acordo é acordo. Isso agora é problema seu.

— E se o assassino de Lell for atrás de você?

— Eu aceito o risco.

— Você disse que Bay estava no tribunal? Você o viu?

Respiro fundo para não ficar irritada.

— Sim, e pra mim chega. Tchau, Carson.

A boca do detetive se contorce e se fecha, formando um nó.

— Só vai chegar quando eu acabar com você. É assim que funciona, lixo. Posso fazer de você o que eu bem entender.

Eu me curvo na direção de Carson, sinto como seu hálito está mais seco de bebida que o barro de um túmulo.

— Não mais. Eu carreguei um vírus no computador de Bay. Se eu der um comando ele vai ser ativado, imprimindo sua marca digital em todos os arquivos do computador dele. Tente explicar isso pro seu chefe de polícia. Ameace qualquer pessoa que eu amo mais uma vez, e eu acabo com você, entendeu? — Os olhos de Carson estão cerrados, e mais uma vez não consigo conter o riso. — Você está ferrado, detetive.

Ele me estuda.

— Sabia que você tem o sorriso do seu pai?

— Você sabe que não conseguiu nada contra mim?

— Talvez. — Os olhos do detetive, e depois seu queixo, apontam em outra direção, a de Griff. — Mas posso acabar com ele.

26.

— Mentira.

— Quer ver? — diz Carson, dando de ombros.

Antes que eu consiga responder, ele ergue o controle remoto e liga o aparelho, revelando uma tomada em preto e branco de Griff na entrada que usamos. Filmada apenas alguns metros acima dele, a imagem mostra seu rosto bem nítido antes de escurecer completamente.

— Tchã-rã! — O sorriso de Carson me faz querer vomitar.

Ou talvez seja a imagem de Griff — com as indicações de dia e hora — na tela da televisão, enquanto Carson faz rodar a sequência repetidas vezes.

Eu desvio o olhar, o que também não é bom porque agora vejo o Griff real, a poucos passos de mim, na cozinha, esperando para que possamos ir embora.

— Sabe, acho que assim as coisas vão ficar ainda melhores. — Carson para o vídeo, tamborila o queixo com o indicador e o dedo médio unidos. — Ele tem habilidades. Claro que não são como as suas, mas ele tem muito a perder.

Ele tem. A escola de artes. A arte. Um futuro inteiro.

Carson me estuda.

— Eu posso transformá-lo num informante. Imagine, ele pode ser visto circulando pela delegacia. Mais fácil que usar você. Todo mundo vai achar que ele está visitando o primo.

— O primo dele jamais vai te deixar fazer isso.

— O primo dele está com medo de mim. E se Griff não fizer o que eu quiser? — Carson encolhe apenas um dos ombros. — Bem, eu uso aquele trechinho para apresentá-lo ao mundo como criminoso em desenvolvimento e terrorista, arrombador e invasor

mal-intencionado, pretendendo causar estragos, uma acusação de invasão pra começar. Certamente, tenho evidências o bastante pra um mandado de busca. Fico pensando o que mais encontraríamos se vasculhássemos a casa dele? Será que ele é tão cuidadoso quanto você em esconder a imundície dos seus hábitos digitais?

Não. Ele nunca precisou ser. Griff é do bem. Sempre foi.

Carson se ajeita no sofá, com o controle remoto numa mão e o pendrive na outra.

— Se eu fizer tudo certo, tenho certeza de que ele vai passar um bom tempo na cadeia como terrorista doméstico.

— Eu vou te destruir se você encostar nele. Não importa como, mas eu boto seu mundo abaixo. — Palavras fortes para alguém cujos joelhos estão procurando o chão. Preciso encontrar alguma coisa mais contundente, e tudo que consigo pensar é que ele conseguiu pegar o Griff, que tem quase dezoito anos. Pode ser julgado e condenado como adulto, e isso vai segui-lo para sempre. O futuro que ele quer nunca vai acontecer.

Tudo por minha causa.

Tudo porque ele estava tentando *me proteger*.

— Vá atrás dele — digo — e eu vou... vou... — Vou a público? Não posso. Isso atingiria Bren e Lily. — Não me subestime, Carson. Eu vou usar aquele vírus. Você não vai ser capaz de se explicar. Isso vai te destruir.

O sorriso do detetive evapora.

— Duvido que vá. Mesmo comigo fora de jogo, ele não seria poupado. Eu uso aquele vídeo, você ativa o vírus. Não importa. Griff será julgado e condenado da mesma forma. Você acha que aquela escola de arte bacaninha vai querer um sujeito com a ficha suja?

— Não. — A palavra emerge suave e redonda, não tem nada a ver comigo. Quando Griff imaginava sua vida, uma coisa dessas jamais passou pela sua cabeça.

E a culpa é minha.

Carson me olha com o sorriso geralmente reservado para colunistas de jornal e mães com bebês.

— Meus parabéns, Wick, você me superou. Você está livre. Que pena que vou começar a usá-lo no seu lugar.

— Por favor, não.

— Então me ofereça algo melhor.

Como? Se eu oferecer a mim mesma, ele vai aceitar e Griff ficará livre... Então ainda estarei trabalhando para Carson, depois de eu ter dito ao Griff que estava tudo acabado.

Ele não vai me perdoar.

Meus ouvidos buscam a movimentação dos tênis de Griff na cozinha, mas não escuto som algum e, quando procuro alcançá-lo com uma olhadela, percebo que Griff não está se movimentando pois me observa. Nossos olhos se encontram, e ele sorri. Tenho de me controlar para não me encolher de horror.

Posso me entregar a Carson para salvá-lo? Sem dúvida alguma.

Isso nos destruiria. Eu sei que destruiria, e é isso que é tão assustador, porque eu ainda assim o faria. Num estalar de dedos.

Não sei dizer se admitir isso me faz gelar.

Ou talvez eu esteja histérica porque, se eu perder Griff, não tenho ideia de como vou poder viver com isso.

— Nada? Nenhuma proposta? — Carson põe o braço atrás da cabeça, relaxando sua postura enquanto faz o vídeo correr repetidas vezes. — Então acabou, lixo. Você está livre. Mais alguma coisa? Se eu descobrir que contou pra ele sobre a gravação antes de mim, eu vou a público com ela, entendido?

Outra ameaça. Sem razão nenhuma, realmente. Se eu contar sobre a gravação, Griff vai querer roubá-la e eu vou querer ajudá-lo, e Carson estará à nossa espera. O que quer que eu faça só vai piorar tudo.

Quase tenho vontade de rir. Carson tem mais controle de mim agora do que antes.

— Não toque nele — digo. — Deixe Griff em paz e pode ficar comigo. Eu vou trabalhar pra você, mas tem que prometer *nunca* tocar nele.

Carson olha para mim e seus olhos se iluminam. Eu acabo de lhe dar exatamente o que ele quer. Agora ele tem de me dar o que eu quero.

Eu engulo em seco.

— Se eu fizer isso... Como sei que você vai ter deixado Griff em paz?

— Você acha que ele tem alguma utilidade pra mim? — O detetive se inclina à frente. — Você faz o que quero e eu fico longe dele.

— E a gravação?

— Me ajude a encerrar esse caso e eu lhe entrego a gravação.

Ou eu a pego.

— Fechado — eu concordo.

— Eu vou transformar você numa heroína, lixo. Apesar do sangue ruim que você tem. Pense em perder Griff como uma dor cada vez mais forte. — Ele ergue o rosto, estudando-me com os olhos atentos e inquisidores que conheço nos viciados e pit bulls. — Aquele menino nunca vai te perdoar por trabalhar pra mim.

Não. Não vai.

Carson se aproxima e dá um tapinha na minha mão. O gesto é muito bizarro, parece de outra pessoa. Ele está vestindo a máscara do Bom Policial novamente.

— E, ainda assim, vocês nunca vão ficar juntos. Certeza, Wick. Eu já vi o modo como ele olha pra você quando trabalhamos juntos.

Eu fico sem ação. *Não diga isso. Não diga.*

— É como se ele mal conseguisse acreditar no que está saindo da sua boca. Ele não consegue juntar a princesinha perdida e bonitinha com a criminosa que tem diante de si. O fim disso já daria merda. Isso nunca poderia acabar bem.

Eu desvio o olhar. Detesto admitir quando Carson está certo.

27.

Eu minto para mim mesma ao longo do caminho inteiro. Tudo está ótimo. O futuro parece maravilhoso. Nós estamos juntos.

No começo estou orgulhosa de ser capaz de sustentar a mentira... Então percebo: é lógico que eu consigo. Mentir é o que sei fazer melhor, não é?

— Você quer entrar? — eu pergunto depois que estacionamos na garagem. Griff balança a cabeça com decisão, e seu sorriso repentino não cabe no próprio rosto. Brinco com minhas chaves de casa porque não quero ver isso, muito menos me lembrar disso.

Tarde demais.

Verificamos a casa. Janelas, portas, sistema de segurança, tudo exatamente como os deixei. Eu devia me sentir segura. Em vez disso, sinto-me uma condenada com a data de execução adiada.

Kyle ainda está à solta. Jason ainda sabe que eu sou uma informante. Carson... eu ainda trabalho para Carson. E, por um segundo, tenho a impressão de que vou começar a chorar novamente.

Como Bren e Lily estão fora, vamos para a cozinha. Ele me conta sobre o grupo de artistas com que está se reunindo na escola. Eu conto as lajotas do piso para saber precisamente quão longe eu preciso estar dele para fazer isso:

— Griff? Nós precisamos conversar. — Um clichê, mas é o melhor que posso fazer. Eu não olho para ele. — Decidi continuar trabalhando pro Carson.

Faz-se uma longa pausa, e nela eu encaixo tudo que gostaria de dizer e não posso: Carson tem uma gravação de você invadindo o tribunal, eu estou fazendo isso para salvá-lo, eu amo você, eu sinto muito.

Eu sinto muito.

Griff encosta o quadril contra o balcão.

— Por quê?

Sim. Por quê? As palavras de que preciso se dissolvem nas minhas mãos.

— Por que não?

— Porque você odeia isso.

Tomo fôlego, minha respiração está trêmula, bem como todo o meu corpo, quando a palma da mão dele toca a minha.

— Não, *você* odeia.

— Sim... eu odeio. Eu não entendo, Wick. Por que você mudou de ideia? Tem alguma coisa a ver com...

Eu fico tensa.

— Com o quê?

— Eu não sei. — Griff franze o rosto. — Tudo isso por causa das merdas do Milo? Sobre como os hackers deveriam dominar o mundo e tal?

— Não.

— Digo isso porque ele gosta de você. Bastante. Tenho certeza.

Fecho os olhos, abro os olhos. Poderia usar Milo para acabar com a história. Griff nunca suspeitaria das verdadeiras razões.

— Detesto o jeito que ele olha pra você — Griff diz lentamente. Tento puxar minha mão, mas ele não deixa, e eu preciso que ele deixe. Não posso ficar tão perto quando Griff começa a me olhar desse jeito... Como se eu fosse eu mesma e não a garota que ele gostaria que eu fosse.

A garota que eu gostaria de ser.

— Eu gosto dele também — digo. — Nós somos... o mesmo tipo de pessoa, Griff.

Dizer isso em voz alta me faz perceber que é verdade.

Vejo os músculos do maxilar de Griff tensos.

— Você está certa. Não posso com vocês dois.

Porque você é melhor.

— Sempre que ele olha pra você — Griff diz, traçando linhas na palma da minha mão —, minha vontade é de esmagar a cabeça dele no concreto do chão.

Eu olho para ele. Ele não quer encontrar meus olhos, e tudo o que consigo ouvir é minha respiração ruidosa. Não sei o que dizer.

— Eu detesto isso em mim — Griff prossegue, com a ponta dos dedos sobre os meus. — Nunca quis ser aquele sujeito, mas quando estou com você, eu sou.

— Sinto muito. — É rápido, instantâneo e é exatamente o que eu quero dizer. — Sinto muito, Griff.

— Não sinta. — O sorriso de Griff é fingido e, quando ele me solta, minhas mãos ficam frias. — Não é sua culpa. É minha. Não posso ser assim. Acho que parte de mim sempre soube que você jamais pararia. Sabia que eu teria que me afastar.

Não! Não faça isso! Eu paro! Eu faço tudo o que você pedir! Tudo o que eu precisava dizer e não digo. Não consigo.

— Sinto muito, Griff.

— Mentira. — Mas ele ainda soa orgulhoso de mim, e algo em meu interior se quebra em mil pedaços. — Você ama isso. Me diga que não.

Eu... não consigo.

— Esse trabalho. — Griff suspira, balança a cabeça. — Isso está acabando com você, Wick.

Nossos olhos se encontram, e eu enrijeço. Ele não está pensando no trabalho. Ele está pensando em como eu me desesperei e chorei. Ele está pensando que eu não tenho força para suportar.

Ele pode estar certo. Sinto uma pontada de angústia que se espalha pelos meus ossos. Foi assim que ele sempre me viu? Há quanto tempo ele se sentia assim? Quando eu imaginava essa

conversa... nunca me ocorreu que eu veria outro lado de mim mesma.

Um lado ainda mais asqueroso do que a pessoa que eu pensava que era.

Griff sorri, e dessa vez é pra valer.

— Você é a criminosa mais honesta que eu conheço, Wicked.

Ele dá um passo cuidadoso em minha direção — será que é porque ele não confia em mim? Ou porque não confia em si mesmo? Ele toca meu rosto com a parte de fora dos dedos, seu dedão corre pelos meus lábios. Sinto calafrios deliciosos que me atravessam a espinha. Meu corpo responde a ele como se tudo estivesse como sempre esteve.

Como se nada tivesse acabado.

Seus dedos chegam à parte de trás da minha orelha, ao extremo côncavo do meu maxilar. Eu me inclino em sua direção e percebo como estou destruída por dentro.

Ele poderia me enterrar viva.

Os lábios de Griff tocam suavemente os meus, é a sombra de um beijo de adeus. É tão perfeito que quero gritar.

— Adeus, Wicked. — Ele para, esperando que eu responda, mas não quero. Talvez, se eu não responder, ele não se vá.

Não posso fazer isso. Tenho de pensar numa forma de contornar a ameaça de Carson.

Mas Griff já está partindo, e eu tenho de lutar para não correr atrás dele. Melhor assim, pois não acho que seria capaz de dar dois passos. Sua ausência está por toda parte, é pesada demais, e eu não consigo respirar dentro dela.

Griff bate a porta, e meus joelhos batem no chão.

28.

No dia seguinte, me fingi de doente. Na verdade... não era exatamente fingimento. Eu não acho que seria capaz de sair da cama se tivesse tentado, e perceber isso me faz querer rir até que eu vomite. Agora sou de fato a filha da minha mãe.

Sobre o criado-mudo, meu telefone vibra. Outra mensagem. Lauren?

Carson.

O detetive quer me encontrar depois de amanhã e eu preciso de alguma coisa boa para ele.

Meus olhos estão fixos no teto e eu avalio minhas possibilidades. O rastreador está funcionando às mil maravilhas, caso eu me decida por rever o material de trabalho de Bay ou descobrir a que interesses sua falecida assistente queria que ele servisse. Mas não oferece muito mais do que isso. Carson já tem as imagens de Lell. Então me resta...

Norcut. Também não estou muito animada a investigá-la. A proximidade pode atingir minha família, já que Bren tem nos levado, Lily e eu, à psiquiatra infantil há quase um ano.

Difícil dizer qual é a função dela nisso tudo. Ela está tentando ajudar um cliente? Ou está tentando esconder alguma coisa? Eu podia descobrir. Ela tem menos segurança em torno de si do que Bay, o que a torna um alvo fácil.

Exceto pelo fato de que isso significaria usar Milo, não? Descobrir um modo de invadir o computador de Norcut sem nada preparado levaria tempo. Com Milo... seria um trabalho rápido. Mas isso significaria pedir um favor a ele.

Milo, que me olha de um modo que Griff odeia.

Mas, então, me ocorre que isso já não importa mais — importa?

Ainda assim, preciso de alguns minutos para reunir coragem e ligar para ele. Disco o número de Milo e quase caio na caixa de mensagens antes que ele atenda com voz de sono.

— Você não devia estar na escola?

— Você se lembra de quando disse que conseguia invadir a rede da Norcut?

— Sim.

— Eu quero investigá-la.

— Ótimo. — Escuto uma movimentação do outro lado. Milo deve estar se sentando, se desfazendo dos cobertores. — Eu te encontro hoje e a gente trata do assunto com detalhes. Não é um sistema de navegação muito simples.

— Não. — Passo a mão no rosto e percebo que meu cabelo está grudando. — Não precisa. Eu já sei como quero trabalhar nisso. Vou ao consultório dela. Só preciso que você produza uma situação e me dê as senhas pra que eu tenha tempo de mexer no computador dela no próprio consultório.

— Ótimo. — A voz de Milo já não parece tão animada. — Vou fazer alguma coisa com o sistema de segurança. Ligo de volta pra mais detalhes.

Eu desligo e jogo meu telefone na cama. Agora é hora de tratar do resto do plano.

Eu desço e encontro Bren no seu escritório, revendo um contrato tão grosso quanto meu braço.

— Bren?

Ela olha para mim, e no rosto dela se abre um sorriso.

— Você está se sentindo melhor? Como está sua cabeça?

— Não muito boa. — Tento manter uma expressão deprimida no rosto. Não é difícil. — Acho que preciso ver a dra. Norcut. Você conseguiria uma consulta pra mim?

A dra. Allison Norcut é uma das mais importantes psiquiatras infantis da Costa Leste, com uma lista de espera que, segundo dizem, é de mais de três meses. Eu não sabia. Sempre que Lily e eu olhávamos torto ou de lado, Bren nos arrastava para lá. Com certeza, ela ia conseguir uma consulta para mim à tarde.

Paramos no estacionamento da doutora precisamente dez minutos adiantadas, mas, como Bren está no telefone com uma cliente, passamos mais cinco ou seis minutos do lado de fora.

Quando parece que o cara do outro lado da linha nunca vai desligar, Bren cobre o bocal do celular com uma mão.

— Wick, querida, você pode entrar sem mim? Prometo que não vou demorar.

Eu faço que sim e saio, tomo o elevador para o consultório de Norcut, no terceiro andar. A essa hora da tarde, está completamente deserto. Há apenas a assistente à frente da elegante mesa da recepção.

— Olá, Wicket — Trina diz, tirando o sistema de fone e microfone cuja função é provavelmente fazer com que ela pareça mais a Nicki Minaj do que uma atendente do drive-thru de uma lanchonete. “Fritas acompanham?”

— Você pode entrar — ela diz. — A dra. Norcut vai demorar uns minutos.

— Obrigada. — Sorrio, fechando a porta do consultório atrás de mim. A doutora tem fascinação pelo cinza. Cadeiras cinza, carpetes cinza, paredes cinza.

Eu me jogo num sofá cascalho encostado contra uma parede de granito e verifico meu telefone.

Primeiro movimento. Cai a luz. O gerador começa a funcionar. Eu me enterro nas almofadas, assistindo ao ir e vir das sombras sob a porta. Norcut e Trina estão em movimento, e a doutora parece muito irritada.

Segundo movimento. Norcut pede que Trina dê um jeito na situação, e a secretária diz que está tentando. Pela voz da garota, parece que ela não está se saindo muito bem.

Terceiro movimento. O sistema de alarme é desligado e eu disparo na sala. O teclado de Norcut está brilhando de limpo (Deus, como essa mulher é previsível), mas as teclas estão gastas nas letras L, M e N. E nos números do lado direito do teclado, 1, 5, 6 e 9.

Não consigo parar de rir. Deus, adoro quando as pessoas nunca mudam suas senhas. Digito as iniciais de Norcut, a senha que Milo me deu: aln1965. A área de trabalho fica inteira povoada.

Cacete! Abro a pasta de Meus Documentos e passo pela lista de arquivos, onde o cérebro digital de Norcut se transforma numa avenida. É inacreditavelmente fácil de navegar. Clico na pasta em que leio Pacientes e rolo a lista.

bay, kyle está perto do topo.

Eu clico na sua pasta e passo pelos documentos. Histórias de paciente. Muitas. Parece que Norcut escaneia as notas escritas à mão e as salva em pdf. Eu não sei o que é útil, então seleciono todos os arquivos e os copio no pendrive. Com o backup completo, rolo a lista e abro o último arquivo que ela adicionou.

Está datado do dia 11, quatro dias antes de Kyle e Lell supostamente terem fugido, e fala sobre sua raiva.

Paciente muito agitado e certo de que alguém o segue. Não há razão que o demova. Ele não é capaz de formular por que alguém o está seguindo, mas insiste que isso está acontecendo.

Paranoia? Isso é interessante. Do lado de fora, a voz de Norcut se eleva uma oitava, e eu rapidamente olho para a porta. Não tenho muito tempo mais. A paranoia de Kyle é realmente interessante. Mas isso não faz dele o assassino.

Ambos os garotos têm sintomas de depressão. É possível que eu tenha de ajustar a dose da medicação de Kyle. Reclamação de lapsos de memória. Reais ou imaginários? Falar com os pais para confirmar.

Ambos os garotos? Eu volto aos Meus Documentos e procuro arquivos sobre Ian. Nada. Ele era um paciente? Não parece que tenha sido. Então, mais uma vez, o que me parece é que não encontrei tudo de que Norcut dispõe. Talvez ela tenha guardado em algum outro lugar os arquivos sobre Ian. Mas por que manter Kyle aqui? E qual era o papel dos pais de Kyle nisso? A mãe de Kyle estava em tratamento quimioterápico a essas alturas. Ela lhe dava apoio?

Recomendarei terapia com internação por período prolongado. Tenho sérias preocupações sobre a campanha de reeleição. As pressões no ambiente atual já se mostram muito grandes. Ele pode ter um colapso. Ou pior.

Muitos membros da família apoiam uma solução psiquiátrica de longo prazo. A mãe, em particular, pensa ser uma solução necessária, e menciona as muitas vezes que a assistente do marido expressou a mesma opinião. Todos têm medo.

Temem Kyle. Interessante — ainda mais interessante que Chelsea recomende que Kyle seja internado e hoje esteja morta. Seriam os assassinatos uma vingança? E se “Lembre-se de mim” é um pedido e uma ordem? Lembre-se de quem você deixou de lado. Lembre-se de *mim*.

Pelo fato de minha cabeça estar cheia de Kyle, não escuto a porta. Ela se abre com o mais sutil deslizar sobre o carpete, e eu tenho tempo apenas de clicar duas vezes ctrl, alt, del, reiniciando o computador. Eu me viro na cadeira, pronta para dizer... alguma coisa.

Mas não é a dra. Norcut à porta.

É Bren.

— Saia já do computador — ela sussurra e, por um instante, acho que fui mal interpretada. Algo está errado. Bren deveria estar puta da vida. — Saia. *Já.*

Não, ela está puta. De um salto, fico de pé e enfio o pendrive no fundo do bolso do casaco enquanto vou para o sofá. Eu me sento, e Bren se senta ao meu lado. Ambas ouvimos Norcut do outro lado e, quando a doutora retorna, Bren agarra minha mão, sua palma úmida contra a minha.

— Sinto muito, sra. Callaway. Parece que estamos tendo dificuldades com o computador. Nós poderíamos — Norcut treme, antecipando a resposta de Bren — remarcar?

— Sim, claro. Sem problema. — Bren me puxa enquanto a psiquiatra olha para nós, a boca levemente aberta em sinal de confusão. Ela não consegue acreditar na sorte que tem. — Eu ligarei.

— Por favor. — Os olhos claros de Norcut nos seguem. — Fico sempre feliz em ajudar.

E que ajuda ela dá. É quase o bastante para me fazer rir. Mas, ainda que Norcut me ajudasse com meu problema com Bay... lanço um olhar de esguelha para Bren e sinto um aperto no peito.

A respiração dela está arfante e pesada, e seus olhos, fixos adiante. Sim, agora nós temos um novo problema, e Bren não vai aliviar.

Há umas dez pessoas esperando o elevador, então descemos as escadas sem trocar uma palavra até que Bren passa pelas portas duplas de vidro e nós já estamos no estacionamento.

Ela gira para ficar diante de mim, sua mão buscando as pérolas que não está usando.

— O que você estava fazendo?

— Nada.

— O que você estava *fazendo*, Wick?

— Verificando meu e-mail. — Estudo meus tênis como quem está envergonhada de olhá-la, o que não é verdade, é claro. *Não é.*

Está difícil olhar para ela.

— No computador pessoal de outra pessoa?

— Desculpe.

— Não entendo — Bren continua. — Primeiro os meninos na escola, agora isso.

Há uma pausa. Quanto mais ela fala, mais eu percebo que devo oferecer alguma conclusão lógica: estou deprimida, estou nervosa, estou tendo flashbacks.

Porque todas essas coisas são consertáveis. Mas se eu não sou consertável...

Coloco a mão no bolso, aperto o pendrive.

— Não tinha pensado nisso dessa forma.

Outra pausa.

— Por que eu não acredito em você?

É uma pergunta retórica? Agora eu olho em sua direção, tento avaliar o humor dela e percebo que não consigo.

Não é uma Bren que eu tenha visto antes. Ela não está olhando para mim como se eu estivesse ferida. Ela está me observando como se eu fosse perigosa.

29.

Como prometido, entrego tudo que tenho a Carson e estou surpresa de perceber que é meio estranho para mim trabalhar dessa maneira. Quando faço minhas próprias investigações, crio uma ficha completa para os clientes: movimentações bancárias, histórias de trabalho, interesses de navegação on-line. Quando estou quase no fim, já costumo conhecer meu alvo do avesso.

Trabalhar dessa forma é completamente diferente. Entrego o que encontro da pessoa a Carson e ele... ele faz o quê? Não quero nem saber. Pelo menos ele não me enche a paciência. Carson não me incomoda há quase uma semana, permitindo que eu finja que ele não existe e que minha vida está normalizada.

Trabalho do laboratório de Informática? Feito.

Lição de casa? Feita.

Sono? Quase.

Minha vida está normal, ou tão normal quanto pode ser agora que Griff não pertence mais a ela.

Agora que estou com meu carro de volta, vou para a escola o mais tarde possível, fazendo de tudo para evitá-lo nos corredores. É mais fácil do que eu esperava, já que não o vejo mais desde nossa última conversa. Bem, não é de todo verdade. São vislumbres. Do seu cabelo castanho passando pelo corredor lotado. Dos seus olhos verdes fundo de garrafa rasgando o espaço. Do seu sorriso cortante atravessando a escuridão da tarde.

Deus, o sorriso de Griff.

Meu sorriso.

Que não é mais meu.

É mais fácil de sufocar esses pensamentos quando eu me ocupo com alguma coisa, então acabo circulando um bocado com Lauren.

Depois de ter ficado fora por duas semanas, ela está de volta e mais tensa do que nunca. Não conversamos sobre a mãe dela — Lauren não quer falar —, mas eu a estou ajudando a fazer os deveres de casa, esperando-a durante suas aulas de ginástica e prática de torcida. Eu chego em casa mais tarde, mas não ligo.

Na verdade, a julgar pelo modo como Bren tem me observado, é quase um alívio.

— Wick! — Lauren salta atrás de mim e me agarra com um braço ao redor do meu pescoço, arrastando-me na direção do estacionamento.

— Deus do céu! — Eu rio e levanto minha camiseta para cobrir o nariz e a boca. — Você está fedendo! O que você estava fazendo ali dentro?

— Kick boxing. — Lauren faz um movimento de socos rápidos, um-dois, no ar e salta num chute giratório que por pouco não acerta o Jeep de um aluno.

— Eu pensei que você estivesse fazendo exercícios de bicicleta.

— Não, eu gosto mais disso. — Ela balança o cabelo molhado, preso ao rabo de cavalo. — De repente, descobri que gostava de chutar coisas. Você devia tentar um dia desses.

— Acho que vou experimentar.

Os olhos de Lauren se prendem ao meu rosto.

— Está tudo bem?

Não.

— Sim... não.

Lauren estuda as chaves do carro enquanto caminhamos.

— Conversei com Griff hoje de manhã.

Sinto meu peito gelar.

— Sério?

— Sim, ele me disse que vocês terminaram porque você está trabalhando de novo.

Passo alguns segundos cutucando as unhas. Interessante que ele tenha dito que foi meu trabalho, não que havia outro garoto. Gostaria que Griff não tivesse contado a Lauren sobre Carson... E, no entanto, fica quase mais fácil, sabendo que ele contou. Quase.

— Sim, Carson me ofereceu outro trabalho. — E depois que eu lhe dei os arquivos de Norcut sobre Kyle, ele desapareceu. — Não é só o trabalho. Eu descobri umas coisas sobre minha mãe também.

— Tipo o quê?

Eu rapidamente dou uma geral no assunto: os dvds, o fato de minha mãe ser uma informante, *viu o que eles fizeram com ela*, a reação de Lily, a reação de Griff — chego até mesmo a acrescentar o quanto quero largar mão de tudo e o quanto sinto que não posso. Lauren não diz uma palavra. Chegamos ao seu carro e ela encosta o quadril na lateral, escutando até que eu já não tenha o que dizer.

— As pessoas não entendem o que é ter pais como os nossos. — Pela primeira vez, os olhos de Lauren se afastam dos meus. Ela fica olhando para as sombras do estacionamento do ginásio. — Pais como os nossos são problemáticos, mas isso não quer dizer que a gente ame menos os caras. Talvez a gente até ame mais por isso.

— Não é o meu caso. Não na época. Eu fiquei tão puta com ela por não ter deixado meu pai e depois... por ter se atirado e nos abandonado...

— E agora?

— Agora eu não sei o que pensar.

Lauren balança a cabeça.

— Eu não gosto disso, Wick, de você cercada por todo esse... mal. Quanto tempo vai levar até que você fique contaminada por ele?

Talvez eu até já esteja.

— Não vou ficar.

— Como você sabe?

Passo as mãos pelo cabelo, esfregando as têmporas, que subitamente começam a latejar. Eu devia estar puta, mas há algo tão triste e sério no seu tom de voz que não consigo ficar louca.

Talvez seja porque eu estou preocupada com a mesma coisa.

Estamos cercadas pela escuridão. Às vezes, é o mal de todo dia. Talvez seja o cara que bate na mulher ou sonega impostos ou diminui os filhos, mas que ainda se julga uma boa pessoa. É um talento que a maioria de nós tem: dizer a nós mesmos que somos pessoas boas, quando na verdade não somos.

Então você tem caras maus como Todd ou Kyle, o mal que nos mostra como todos somos frágeis e o quanto nossa segurança depende da cooperação de todos.

Até que alguém não coopera.

Entro no carro de Lauren e espero que ela ligue o rádio antes de partirmos. Quando foi que aprendi o maior conto de fadas do universo? Foi com meu pai? Foi com Carson? Quando foi que eu percebi que, no fundo, nós não somos nada, só pacotes de órgãos e sangue, e que qualquer um pode nos apagar como se apaga uma vela?

Não quero que Lauren saiba isso.

— Então... Jenna Maxwell me perguntou sobre Griff. Ela quer saber o que está rolando.

Sinto a boca seca.

— E o que você disse pra ela?

— Que o lance de vocês é pra sempre. — O divertimento de Lauren produz covinhas no canto dos seus olhos. — Ele vai voltar, Wick. Vai ficar tudo bem.

— Sim. — Mas eu sei que nunca vai ficar bem. Existem coisas que só se quebram uma vez. Mas eu sorrio como se Lauren estivesse certa, fingindo que acredito nela.

É tão bom que eu quase acredito nisso também.

Então chego em casa e encontro outro dvd à minha espera.

30.

Nessa noite, pedimos comida chinesa e assistimos a um filme do qual não me lembro, porque Bren e Lily não param de falar. De tempos em tempos, elas param, olhando para mim para acrescentar alguma coisa. Não consigo participar. O novo dvd está rodando na minha cabeça. E quando eu finalmente subo para o meu quarto, deito-me com todas as luzes acesas, ainda com medo de fechar os olhos.

Eu preciso dormir e não consigo. “Lembre-se de mim” se contorce na minha cabeça em tons violentos, um sussurro que me domina com sua incessante repetição. Talvez seja por isso que eu assisto à última das entrevistas. Ainda não atingi minha cota de monstros.

— Ele não está ficando muito em casa — minha mãe repete, sem nem mais se dar ao trabalho de enxugar as lágrimas. — Ele está sempre fora e fica louco se eu pergunto alguma coisa sobre isso.

Mordo com força a unha do dedão, sinto o gosto de sangue. Lembro-me dessas brigas. Tiro a poeira da memória de pelo menos dez diferentes lembranças em que ela lhe fazia perguntas, e ele respondia a elas com um tapa ou um soco.

Como eu não pude perceber o que estava acontecendo?

— Bom, eu preciso ir. — Ela se curva e pega a bolsa no chão. — Preciso buscar minhas meninas. Está difícil encontrar alguém pra olhá-las.

— Desde que você nunca as traga aqui, estou me lixando pra isso. — Eles se calam por um instante, enquanto ela fica olhando para ele, esperando ser dispensada.

— Quem está com elas? — ele pergunta.

— Samantha.

Minha respiração fica fraca e acelera. Eu não escutava aquele nome fazia anos, mas ele salta dos lábios da minha mãe como se esperasse por mim. Sam e minha mãe eram boas amigas — na verdade, Sam deve ter sido a *única* amiga da minha mãe.

— Ela sabe aonde você vai?

— Não. — A resposta é muito rápida e minha mãe sabe disso. Os olhos dela ficam saltitando de um lado para o outro, não encontram repouso. — Talvez — ela corrige.

— Qual das duas opções?

— Sim.

Eu me endireito na cadeira, sinto o peito pesar. Sam sabia disso? De início fico chocada, mas então alguma coisa aparece cobrindo o choque e o sufocando: se ela sabia, talvez possa me contar mais sobre isso.

— Você acha isso certo? — o entrevistador pergunta.

— Alguma coisa nisso é “certa”? — A frase soa desafiadora, embora seus ombros estejam encolhidos de medo. Dele?

De tudo, percebo. Minha mãe nunca foi uma mulher alta e, sob as luzes fluorescentes, ela parece pequena... frágil.

— Consiga-nos informações melhores e tudo estará acabado.

A tela congela, deixando a boca da minha mãe contorcida. Quero contorná-la com a ponta dos meus dedos, então sento sobre as mãos, assistindo à imagem se dissolver na escuridão.

o que você vai fazer?

Sinto um arrepio e tenho a necessidade incontrolável de olhar atrás de mim. Não há nada que eu possa fazer. Está feito. Ela se foi... Então por que não consigo parar de pensar na melhor amiga dela, Sam?

Quando minha mãe estava viva, Samantha funcionava boa parte do tempo bêbada. Depois que minha mãe morreu, Samantha... não funcionava mais. Da última vez que ouvi falar dela, estava vivendo

nas ruas em Atlanta. Seria praticamente impossível encontrá-la. Eu não tenho os contatos. Não tenho nenhuma maneira de procurá-la.

A não ser que soubesse a quem perguntar.

Milo pode saber. O pai dele está numa situação similar. Talvez ele conheça alguém. Eu pego o telefone... e meus dedos enrijecem. Nós não nos falamos desde o lance com Norcut, e eu não preciso envolver Milo ainda mais do que ele já está envolvido. Além disso, ir atrás de Samantha seria bobagem. Não vou encontrar nada. Ela não vai lembrar.

Mas preciso tentar.

Meus dedos correm pelo teclado na tela e eu me sinto enjoada. Eu devia estar procurando Griff. Não era para as coisas estarem assim.

Completo a ligação rapidamente, e ele atende ao primeiro toque.

— Sim?

— Milo... eu preciso da sua ajuda.

Milo me liga de volta domingo à noite e diz que acha que sabe onde ela pode estar. Um dos seus contatos no albergue viu Samantha faz dois dias.

— Ótimo. — Eu me levanto, procurando papel e caneta. — Diga.

— Não. Eu quero ir com você.

— *Por quê?* — Esfrego a pele entre os olhos. Essa não era a resposta certa. — *Não.* Isso não tem nada a ver com você.

— É verdade.

Fico olhando para o teto, esperando.

— Então você vai me dizer onde ela está?

— Não. — Milo ri. — Sério, por que você *não* quer que eu vá? Existe algum pré-requisito pra sair com você? Tipo, eu tenho que ser um garoto magrelo, meio emo?

— O Griff não é...

— Que seja. — Ele engole o riso. — Você quer sua Samantha? Eu tenho que ir junto. Eu mereço o passeio. Você não teria conseguido os arquivos de Norcut se não fosse eu.

— Hum... você deve ter esquecido quem eu sou, né?

— Tá, beleza, você não teria conseguido os arquivos de Norcut *tão rápido* sem mim. Vamos agora.

Eu estudo a porta fechada do meu quarto, escuto o repouso na casa. É quase meia-noite, e Bren e Lily devem estar dormindo há horas, mas elas podem acordar a qualquer momento.

Ou elas podem continuar dormindo, e eu posso sair de fininho e estar de volta antes que qualquer uma delas venha a saber que eu saí.

Eu dou uma olhada na câmera de segurança pela tela do monitor do meu segundo computador. O gramado e a rua estão vazios. Ou Kyle não me encontrou ou está esperando o melhor momento.

Eu posso usar essa oportunidade, mas...

— Você não tem nada melhor pra fazer?

— No momento? Não.

Nossa, mas eu estou *muito* fora desse tipo de joguinho. Deixo o silêncio se estender entre nós enquanto penso em quanto tempo eu precisaria para encontrar Samantha eu mesma. Eu poderia tentar ligar para os albergues, fingindo que sou uma parente preocupada.

— Por que você quer vir? — pergunto.

Milo suspira do outro lado da linha.

— Curiosidade mórbida.

É mais rápido dessa forma. Faça assim e estará terminado.

— Encontre-me na Waffle House na saída do aeroporto. — Pegue minhas chaves na mesa. — Esteja lá em trinta minutos ou acabou e eu vou me virar sem você.

— Já estou a caminho. Eu te encontro em quinze minutos.

31.

Quando chegamos em Five Points, está chovendo de novo e as ruas estão começando a alagar. Milo encontra um lugar para estacionar na rua, e passamos alguns momentos olhando através do para-brisa sem trocar uma palavra.

— Só pra constar: é por isso que eu precisava vir junto. — Com um gesto, Milo aponta ao redor. — Você vê? Assustador, não? Se você sentir a necessidade incontrolável de se agarrar em mim, por favor, fique à vontade.

— Eu certamente vou dar um jeito de me conter.

— Bom, você pode tentar. — Milo estala os dedos e observa como a chuva desce em grossas correntes pelo vidro. — Você sabe que isso é estúpido, né?

— Sim.

— E você também sabe que não vai encontrar nada, certo?

— Sim. — Lentamente, viro a cabeça para observar Milo. Ele encontra meus olhos e, seja lá o que vê em mim, faz com que produza um longo suspiro de dor.

— Ai, Deus, tá bom, tá bom. Vamos acabar com isso. Ela deve estar ali. — Ele aponta para a nossa direita, no caminho de um beco estreito que corre paralelo à estação de metrô. — Pronta?

Eu enfio uma garrafa de vinho de Bren, ainda fria da geladeira, dentro da minha jaqueta e faço que sim. Atravessamos com dificuldade a rua inundada e corremos para o beco, parando sob um toldo que está caindo aos pedaços.

— Não consigo ver nada. — Aperto o gorro, encolhendo-me para me proteger do vento molhado. — Como vamos encontrá-la aqui?

Milo dá de ombros.

— Na verdade até temos *mais* chances de encontrá-la, procurando nos lugares secos, por exemplo. A não ser que ela esteja a fim de correr por aí... mas isso significa ficar ensopada.

Ele tem um bom argumento.

— Vamos?

Eu aceito. Se fosse um filme, essa seria a parte em que nós a encontraríamos. Mas não é. Nós a procuramos sob marquises e toldos de lojas por quase uma hora, e nada.

— Wick.

É Milo. Eu me afasto de uma mulher sem-teto cujos olhos me lembram os da minha mãe e espero até que ele se aproxime.

— Sinto muito. — Milo limpa a chuva dos olhos. — Mas eu lhe disse que era estúpido. Eu lhe disse...

Atrás dele, uma figura frágil sai do beco. Só preciso de poucos segundos para reconhecê-la. Eu aponto, e Milo se vira lentamente. Estamos olhando para Sam.

Os olhos de Sam estão sem cor, apagados. Eles se abrem à medida que nos aproximamos, e eu sei que é um erro. Ela não me reconhece.

— Quem é?

Milo me leva para a frente com uma mão e vejo seus olhos agitados. Ergo o queixo no ar e passo por ele, não sem garantir que meu ombro esteja ao alcance do seu braço.

— Samantha Stewart?

A boca de Sam mexe como se seu nome tivesse gosto.

— Quero lhe fazer algumas perguntas.

— Wiiiiicccckkkkkeettt Taattee. — Ela estica meu nome. — A filha do traficante... a filha de Sia Tate.

Eu paro. Não gosto do jeito que ela diz o nome da minha mãe.

— É isso mesmo. Quero lhe fazer algumas perguntas sobre minha mãe.

Eu espero, e Sam não diz nada. Não sei se é um *Sim, continue* ou um *Nem a pau*, então decido dar mais um passo.

— Eu sei que minha mãe era uma informante. Eu sei que ela tinha medo.

— Sua mãe tinha medo de um bocado de coisas.

— Tipo o quê? — A chuva começa a apertar, vazando para dentro da minha jaqueta.

— Do seu pai... dos amigos do seu pai... do jeito que você olhava pra ela. — O sorriso de Sam é lento e secreto, e eu não sei dizer se é para mim ou para a garrafa que ela vê na minha mão. — Ela odiava o jeito que a gente olhava pra ela às vezes.

— Eu detestava como ela olhava pra mim às vezes. — Eu sou defensiva. Eu *estou* defensiva. Travando os dentes, fico entre Sam e Milo e digo a mim mesma para ficar onde estou, pois assim ele não vai ver o sorriso escroto dela.

Eu sei que ela sorri desse jeito porque há lágrimas nos meus olhos.

— Ela amava você. — A atenção de Sam vai para longe, seguindo alguma coisa que ninguém mais vê. — Ela não entendia você, mas te amava. Ela tinha medo, era encolhida de tudo.

Eu não quero ouvir isso. Não importa.

— O que... — Minha voz embarga e eu tenho de limpar a garganta. — O que você quer dizer com minha mãe ter medo dos amigos do meu pai?

— Eles eram um problema. Ele era um problema. Sempre seguindo ela, colocando pressão nela.

Alguma coisa se mexe no meu estômago.

— Que amigo?

— O grandão. Ela tinha um baita medo do grandão.

Eu tremo — não consigo evitar — e tenho de me forçar a perguntar, embora saiba a resposta.

— Você lembra o nome do grandão?

— Joe. O nome era Joe.

— Ele botava medo nela a ponto de ela cometer suicídio?

Sam balança a cabeça com ênfase.

— Não foi suicídio.

— Ela pulou de um prédio, Sam. Isso se chama suicídio.

— Você viu a fita? — Os olhos dela não se afastam da garrafa, e eu a tiro do alcance de sua visão, prestando atenção no quanto ela está vidrada na bebida.

— Que fita?

— A fita da câmera de segurança. Eu não vi também, mas sei tudo sobre ela. Os policiais nunca descobriram quem mais estava lá, mas ela não estava sozinha. — Sam passa a língua por seus lábios rachados. — Sia não pulou. Ela foi empurrada.

32.

Empurrada? Sinto que Milo se aproxima, e eu rezo para que ele não toque em mim. É como se eu estivesse respirando por um canudo, como se minha pele pudesse estilhaçar. Empurrada!

Tento ir mais fundo.

— Quem te falou sobre a fita?

Samantha balança a cabeça, os olhos ainda fixos na garrafa que trago na mão. Tenho vontade de atirá-la nela.

— Você se lembra de mais alguma coisa? — pergunto.

— Talvez se você voltasse depois. Aí quem sabe eu me lembro de mais coisa.

Lógico. E se eu trazer mais bebida, tenho certeza de que você vai lembrar de muito mais coisa.

A questão é se há alguma verdade ou não nisso.

— Obrigada por ajudar, Sam. — Coloco a garrafa no chão entre nós e saio, voltando ao carro com Milo no meu encalço. Ele destrava o Ford antigo e nós entramos.

Empurrada.

— Não faz sentido. — Tiro o cabelo molhado dos olhos, coloco-o atrás das orelhas. — Se você vai matar alguém, você não faz essa pessoa subir incontáveis lances de escada para jogá-la de uma janela.

— Faz sim, se você precisa que pareça um suicídio.

Olho para Milo. Não entendo. Ele não está sendo um idiota. Ele parece... reflexivo.

Eu me viro e olho para a frente.

— Se você vai matar alguém, precisa se certificar de que vai funcionar. Arma. Faca. Estrangulamento. Você não quer

testemunhas. Você não quer que exista qualquer chance de a pessoa sobreviver.

— Sim. Num nível ideal, é o que você precisa fazer. — Milo estica as pernas, ajeitando-se no banco do motorista como se ajeitasse na própria ideia. — E se você precisa eliminar alguém sem qualquer risco de repercussão?

— Tipo se fosse um policial? — pergunto. *Tipo se fosse meu pai?*

Milo se vira e percebe que estou olhando para ele. Nós dois rapidamente desviamos o olhar para longe.

— Sim, tipo se fossem os policiais. — Dessa vez, o tom de voz dele mudou. Milo concorda tão facilmente que sei que ele não concorda de jeito nenhum. Ele está pensando no meu pai. Ou em alguém do tipo dele.

Incrível como eu me lembro tão bem do meu pai e não me lembro de ela me amar... Eu quero me lembrar. Desesperadamente. Que tipo de piada escrota é essa que eu consigo me lembrar de coisas que quero esquecer, mas não *disso*? Dessa memória que Sam tem, e eu não? É uma memória que eu quero guardar, mas que perdi.

— Vamos sair daqui — digo.

Milo liga o carro. Enquanto nos movemos, eu olho através do para-brisa por onde a chuva escorre e se espalha, tentando decidir se acredito no que Sam disse.

Fico assustada por ter de admitir que... sim.

Milo faz uma curva brusca à direita e atravessa uma enorme poça d'água a toda a velocidade.

— Então, tirando toda a parte do flerte, por que você me ligou pra fazer isso?

— Pensei que você tivesse melhores contatos desse tipo.

— O que quer dizer? Que sei mais de loucura que você?

Meus dedos tamborilam na perna, enquanto penso numa resposta. Sinto a irritação fervendo dentro da piada. Eu mesma faço isso muitas vezes, e esse é mais um lembrete desagradável de como somos parecidos.

— Desculpe... sim, por causa do seu pai e tal.

Milo balança a cabeça.

— E seu camaradinha artista?

Eu enrijeço.

— A gente terminou.

— Ah, não acredito.

— acredite. Eu fiz com que uns valentões fossem expulsos da escola. Ele ficou... bravo.

Milo se enfia ainda mais fundo no assento enquanto trocamos de faixa.

— Expulsar valentões da escola parece um lance legal.

— Griff não gostou da maneira como eu fiz isso.

— Conta aí.

— Acabei ficando com o celular de um deles. No aparelho tinha um vídeo deles fumando um baseado e bebendo num jogo de futebol, então eu... bom... eu postei o vídeo na conta da escola no YouTube e troquei a senha da conta.

— Maravilha.

Olho para Milo, procuro no seu rosto onde está a mentira, mas ele não está mentindo, e uma fagulha de orgulho se acende em meu interior.

— Griff ficou puto. Ele pensa que eu me rebaixei ao nível deles.

Milo dá de ombros.

— Você acredita em amor verdadeiro? Tipo, amor à primeira vista ou coisa do gênero?

Não tenho ideia de onde ele quer chegar com isso, mas sei minha resposta.

— Não.

— Nem eu. Acho que isso pressupõe que o amor é perfeito, que as pessoas são perfeitas ou podem ser. Acho que você acaba se apaixonando por alguém que é perfeito pra você. Alguém que tem problemas que, tipo, se encaixam com os seus.

— Não tenho certeza de querer ser a pessoa que eu sou.

Milo dirige a mim um olhar rápido, com o rosto meio iluminado pelo painel.

— É ele quem está falando? Ou você?

Olho para fora para não ter de responder.

— Você acha que Sam está mentindo?

— Não.

— Eu também não.

— O que te deu de procurar essa mulher? — Milo pergunta. — O que te levou a se decidir por isso depois de tanto tempo?

Porque eu ganhei umas lembrancinhas pelo correio. Mas soa incrivelmente estúpido, e soaria ainda pior se eu dissesse em voz alta. Griff podia estar certo sobre a facilidade disso tudo. Considerando as mensagens no fim das entrevistas, ele podia até ter mais do que um simples argumento.

Mas eu não estou fugindo.

— Ah, você sabe como é — digo por fim. — Tenho pensado nela já faz uns anos. Me veio na cabeça e eu decidi ir atrás.

— Ceeeeerto. Você também vai querer ir atrás do vídeo do prédio?

Finalmente. Uma pergunta que eu posso responder com honestidade. Olho para Milo sorrindo:

— Sem dúvida.

33.

Acabo de acordar depois de menos de três horas de sono, e pareço realmente ter dormido pouco. Bolsas sob os olhos? Sim. Palidez? Sim. Olhos vermelhos? Meu Deus, sim.

Tenho prova de História agora pela manhã, mas tudo em que consigo pensar é em Kyle Bay e naquele vídeo da câmera de segurança.

Preciso desse vídeo... Só não sei como vou botar minhas mãos nele.

Fecho a bolsa e verifico a tela do celular. Vinte minutos até que Bren tenha de deixar Lily na escola, e nossa mãe adotiva ainda está correndo pela casa descalça. Parece que eu não sou a única que teve uma noite ruim. Bren passa por mim correndo, balbuciando alguma coisa sobre suas chaves.

— Você quer ajuda? — pergunto.

— Não, não, estou bem. Apenas faça os exercícios de respiração ou alguma coisa do gênero pra você ir calma pra sua prova de História. Nós queremos que você vá bem.

A única maneira de eu ir bem na minha prova é através de intervenção divina, mas que seja. Bren passa mais uma vez a galope, e eu a vejo ir.

Voltando: como vou conseguir aquele vídeo?

O prédio de que minha mãe saltou mudou de administradora duas vezes nos últimos quatro anos, então a probabilidade de que as gravações estejam guardadas em algum outro lugar é grande. E, infelizmente, nenhuma das companhias tem qualquer tipo de portal de funcionários por meio do qual eu possa chegar às imagens, e isso só funcionaria se — se — as companhias disponibilizassem esse material on-line.

O que eu realmente duvido que façam.

Deve haver uma cópia das imagens na delegacia, mas isso significaria pedir a Carson um favor, e eu preferiria arrancar meus olhos com colheres.

— Wick, querida, você está ficando enjoada? — Bren para na minha frente, encostando a mão na minha testa enquanto balança as chaves do carro e a bolsa com a outra. — Você não parece estar se sentindo muito bem.

Nada que um energético escondido na bolsa não resolva. Bren acha que cafeína pode prejudicar meu crescimento, então eu tenho de contrabandear-la.

— Só estou cansada — digo, e lhe dou um sorriso.

Ainda me surpreendo quando ela sorri de volta. De repente, nós somos uma grande família feliz. Eu finjo e ela acredita. Eu a faço se sentir melhor e eu deveria realmente ficar feliz por isso. Só que não.

— Tudo bem. Estarei pronta pra ir em poucos minutos. Só preciso... — Bren procura alguma coisa na bolsa — ... da minha agenda. Onde está minha agenda?

Ela corre até a cozinha e o telefone toca. Bren atende e, por alguns minutos, nada acontece, apenas um balbuciar baixo, o que me dá ainda mais tempo para pensar obsessivamente no vídeo do prédio e chegar mais uma vez a lugar nenhum.

— Wick? Era Manda Ellery.

O modo com que ela diz o nome da nossa vizinha me faz estremecer.

— Ela disse que viu você entrando depois das quatro da manhã na noite passada. — Bren aparece na porta, a confusão estampada no rosto. — O que você foi fazer? Você... saiu de fininho?

Ai. Merda. Preciso de uma mentira. Preciso de uma mentira das boas.

— Você precisou de alguma coisa? — Bren pergunta.

Leite? Estúpido. Não tem como ela acreditar nisso. Eu mordo a parte de dentro da bochecha, incapaz de crer que, mesmo depois de tanto cuidado — saindo com o carro na mais completa escuridão, tirando os tênis antes de entrar de fininho pela cozinha —, eu acabo sendo pega pela nossa vizinha insone e enxerida.

Acho que eu devia ficar feliz por Manda não ter prestado atenção quando um rato passou a tarde empalado na nossa porta da frente.

— Então? — Bren exige uma resposta, enquanto as maçãs do seu rosto começam a ficar coradas.

— O que está acontecendo? — Lily pula o último degrau, com as roupas e os cabelos imaculados, mochila nas costas. — O que está acontecendo?

Melhor confessar, certo?

— Desculpe, Bren. Foi um negócio que eu tive de fazer ontem à noite.

— Um negócio, é isso? — ela ecoa. — Você saiu escondida! Como você pôde fazer isso?

— *Wick!* — Lily diz e, de repente, Bren e minha irmã se parecem tanto que eu quase começo a rir.

Graças a Deus não rio, porque Bren parece pronta a acabar comigo ali mesmo. Ela levanta um dedo, apontando para o teto.

— Que negócio era esse, mais exatamente, que teria feito com que você saísse *de fininho* de casa àquela hora?

Eu estava errada: realmente precisava de uma boa mentira agora, não antes.

— Eu estava sem sono. Precisava de ar. Sinto muito.

Mas eu realmente não consigo convencer nem a mim mesma. Eu podia ter inventado uma desculpa melhorzinha.

Vejo o nariz de Bren enrugar.

— Você estava sem sono? Você estava numa festa ou coisa do gênero? Você foi ver Griff?

Eu tremo quando escuto o nome dele, e Bren percebe. Ela abre a boca, e eu a corto:

— Sim, eu saí pra ver o Griff. Foi... eu não esperava. Eu devia ter pedido. Desculpe.

— Você está certa. Você devia ter pedido. — Bren balança a cabeça com dureza, mechas do seu cabelo se soltam do coque. — Você não pode simplesmente sair por aí quando te dá na telha, Wick. É perigoso, especialmente depois do que está acontecendo com o caso do seu pai.

Mais uma vez, é a empostação da voz que me diz que, independente do que venha a acontecer, eu não vou gostar. Observo Bren atentamente.

— Você está de castigo — ela diz. — Total, sem poder sair, até segunda ordem. É daqui pra escola, e da escola pra casa. É isso.

— Você não pode fazer isso. Eu tenho...

— Você não tem nada. Não mais.

34.

Isso é ridículo. Desmascarei um estuprador de menores infectando o computador dele com um vírus que eu criei. Eu costumava ser paga para pegar falsários. E trabalhei para o meu pai, um canalha da pior qualidade, por *anos* a fio como sua hacker pessoal.

E estou de castigo por ter saído de fininho de casa.

Eu devia achar tudo isso muito engraçado.

Fecho meu trabalho de História, termino todas as tarefas de meio de semestre e reavalio o sistema de segurança no caso de algum convidado indesejado decidir aparecer. Considerando minha sorte neste exato momento, uma aparição de Kyle ou Jason viria a calhar.

Ficar puta me impede de ficar assustada.

Bem, *isso* e trabalhar para Carson novamente. Ele quer alguma coisa, alguma coisa que lhe dê uma abertura para Bay. A cidade inteira trata o juiz a pão de ló, e Carson quer destruí-lo.

E, tanto quanto odeio ter de admitir, não posso culpá-lo. Odiamos o juiz por diferentes razões, mas mesmo assim é um ódio que vive sob nossas peles. Bay tem aparecido nos jornais, dizendo a todos que o escutam como tem sido horrível para ele e o quanto sua família foi atingida e está destruída.

Isso leva o blog do jornal a um ataque histérico de piedade. Engraçado. Eu não lembro de ninguém revoltado quando Bay não protegeu minha família do meu pai. Ninguém lamentou quando a vida da minha mãe acabou.

Mas eu me lembro bem de como essas mesmas pessoas quiseram se desfazer de mim e da minha irmã depois que minha mãe morreu.

Como o rastreador no BlackBerry ainda é minha única fonte de informação sobre Bay, eu me concentro nas imagens que roubei no

escritório de Ed Price. Tudo está copiado no meu laptop, então consigo acessar as fotos nos arquivos Exif.

É um material bastante útil, já que captura toda a configuração da câmera e as informações de cada imagem produzida, coisas como a velocidade do obturador, distância focal, data e hora. Parece que todas as fotografias foram tiradas com uma Nikon D90 slr registrada em nome de um "Ibay". Até aqui, nenhuma revelação. Deve ser Ian. Considerando que todos viviam juntos na época, Kyle provavelmente pegou a máquina emprestada e, depois, jogou as imagens num pendrive ou mesmo no computador. Com isso sobra... o que mais?

Ai. As próprias imagens. Quem quer que as tenha tirado gostou muito de fazer isso. As fotos são tiradas de diversos ângulos. Numa, você pode ver o corpo inteiro de Lell mutilado. Noutra, vê-se apenas o peito cheio de sangue. Há alguns outros closes feitos de posições mais esquisitas. O ângulo da câmera está preparado, e se pode ver o braço e o antebraço de outra pessoa no disparo, posicionando a cabeça de Lell para que fique bem diante da lente. Há uma pequena mancha de sangue no antebraço do cara. Ou é uma marca de nascença? Parece uma daquelas amebas que estudamos na aula de Biologia: é pequena e irregular, o que me faz pensar que pode ser uma marca de nascença.

É, bem literalmente, muito pouco para seguir adiante. Passo mais uma hora olhando para as fotos, mas tudo que tenho para mostrar a Carson é a teoria da "mancha de sangue que parece uma marca de nascença" e o fato de que ambas as vítimas foram esfaqueadas até a morte. Tenho certeza de que um especialista forense seria capaz de tirar mais das fotos. Tudo que consigo é sentir náuseas.

Não importa quantas vezes eu passe pelas imagens — sempre acabo enjoada. Elas são horríveis. Ninguém merece morrer dessa forma.

E só quando me afasto da tela, noto o movimento no meu segundo monitor. Um homem salta das sombras na rua. Ele está olhando para a casa do nosso vizinho, para o nosso gramado, para o conjunto da nossa casa.

Ele está distante o suficiente para que eu consiga identificá-lo, mas não é necessário. Eu reconheço a passada, a agitação. Ele caminha da mesma forma agora como quando tentou me pegar no bosque.

Kyle Bay.

Ele me achou.

35.

Kyle vai embora mais ou menos às duas horas, mas não consigo dormir de verdade depois disso. Fico a todo momento levantando para verificar a câmera de segurança e, quando por fim deito a cabeça na mesa e cochilo, sonho que estou sendo enterrada viva.

O despertador toca às sete. Desço tropeçando pelas escadas, atrasada, e Bren me diz que eu posso dirigir sozinha para a escola. Vamos pensar que é um bom sinal. Ou ela está ficando cansada de me levar para a escola, ou estou prestes a sair do castigo.

Por estar atrasada, acabo parando nas vagas do fundo do estacionamento e tenho de apertar o passo até meu armário antes de o sinal tocar. Não tenho tempo sequer de abrir o armário, quando escuto alguém limpar a garganta.

— Nunca mais vi você.

Eu me viro lentamente e sufoco um suspiro. Ian Bay está encostado nos armários, com as mãos fechadas em punho segurando as alças da mochila, uma revista de viagem nova enfiada no bolso lateral.

— Tenho estado ocupada — digo. — Ainda estou terminando meus projetos de meio de semestre.

O que não deixa de ser verdade. Eu apenas omito a parte em que estou evitando encontrar com ele desde que terminamos nosso relatório de Ciências da Computação. Tenho feito trabalhos para Carson e investigado o caso da minha mãe. O modo com que essas duas coisas estão se misturando me incomoda. Muito.

Então, mais uma vez, agora que estou cara a cara com Ian, me sinto pior. Não sou a única pessoa que perdeu alguém — e ele é capaz de perder ainda mais, caso Carson não encontre seu irmão.

— A gente podia fazer alguma coisa depois que você terminar. O que acha? — Ian pergunta.

— Sim, talvez.

Eu pego meu livro de História na mochila, abro o armário e sinto meu rosto franzir.

Outro dvd sobre meus livros. Mais entrevistas. Isso está começando a deixar de ser assustador para se tornar apenas irritante.

Eu viro a caixinha do dvd e a abro. Sem qualquer etiqueta.

— O que é isso? — Ian pergunta.

— Nada. — E é nada. Estou quase tentada a deixar ali e fechar a porta. Pra que assistir mais? Qual é o ponto disso?

Não há ponto nenhum.

Mas acabo enfiando a caixinha no bolso.

Antes não tivesse feito isso.

Antes tivesse jogado o dvd fora, enterrado-o, *queimado-o*.

Deus, como sou mentirosa. Eu queria o acesso aos vídeos da câmera de segurança do prédio. Você poderia pensar que eu estaria, então, alucinada, fazendo algum tipo de dança da chuva, não vomitando no banheiro.

Sim, você deve ter pensado.

Digo a Bren que estou com enxaqueca e vou para o meu quarto assim que chego da escola. Antes de tudo, confiro as câmeras da nossa casa e, para o meu alívio, não há sinal de Kyle ou Jason. O gramado da frente permanece vazio, exceto pelo cachorro do vizinho, que passa para usar como banheiro os arbustos de Bren. Já me sentindo melhor, carrego o novo dvd no computador e espero a verificação do antivírus enquanto me troco.

Assim que vejo a tela, percebo que há alguma coisa de errado — bem, não errado, mas *diferente*. Só há um arquivo de vídeo.

Geralmente, os dvds de entrevista tinham mais ou menos vinte arquivos.

Eu me sento e boto o vídeo para rodar. Ele é curto, tem menos de quatro minutos, e é distante, filmado de um poste telefônico próximo ao estacionamento... É possível ver minha mãe pisando na saliência do friso da parede, ela hesitando e então pulando.

Assistir uma vez me faz querer vomitar. Da segunda vez, eu quase choro. A terceira? Percebo que ela hesita porque está falando, e meu coração vem à garganta.

Eu me ajeito na cadeira. Há mais alguém? Eu volto o vídeo. Ela fala. Ela pula.

De novo. Ela fala. Ela pula.

Fecho o vídeo, insiro um cd no outro drive e instalo o pacote de um software de edição que baixei num site russo no ano passado. Fazendo o vídeo voltar através do programa, consigo parar em cada frame onde minha mãe parece falar. Então eu o amplio, dou luz às sombras, ajusto a cor...

E percebo que não há apenas uma pessoa atrás da minha mãe. São duas.

A que está à direita é magra, alta e pode ser qualquer pessoa. A segunda é grande, alta, e tem de ser Joe. Tem de ser.

O que ele está fazendo ali?

Rodo mais uma vez o vídeo em melhor qualidade e vejo como as figuras se movem; o suor começa a escorrer pelos meus ombros. Não consigo entender o que eles estão fazendo. Há a luz dos postes embaixo — suficiente para que eles vejam, mas não para mim. Mais um minuto e eu fecho o vídeo, sento sobre as mãos para que elas parem de tremer. Já faz quatro anos. Não devia ser tão difícil assim.

Então por que meu rosto está molhado de lágrimas?

Respire e pense. Respire e pense.

Pense. Por que, em primeiro lugar, eu recebi esse dvd? Ele está relacionado às outras entrevistas que vi?

Possivelmente, mas não há etiqueta ou mensagem no fim do vídeo, nem qualquer coisa escrita, como antes, então ou a pessoa que tem me enviado os dvds mudou seu procedimento... ou foi outra pessoa que me deu o vídeo.

Quem poderia ter sido?

Que piada. Como se eu me importasse. Agora que estou parando de chorar, só consigo pensar em Joe. Sei que é ele ao fundo. Eu *sei*. Está na linha dos ombros, no modo com que a figura se inclina à esquerda depois que ela pula. É ele, e isso me faz lembrar dos seus sorrisinhos escrotos. E mais do que escrotos... conhecidos. Mórbidos. Perigosos.

Nos meses que se seguiram à morte da minha mãe, ele costumava me vigiar. A todo o tempo eu me deparava com os olhos dele me olhando. Pensava que era porque ele tinha se esquecido de como era sofrer. Na verdade, era porque ele gostava de me ver sofrendo.

Ou porque ele estava tentando descobrir se eu sabia.

Se eu imaginava.

Minhas têmporas realmente começam a latejar, e minha enxaqueca fingida começa a ganhar vida. Eu as esfrego com força com ambas as mãos antes de ejetar o cd. O dvd sai e, por um segundo, fico olhando para ele.

Isso é... tinta?

Pegando o cd pelas beiradas, examino o anel interno do dvd e acho — *acho* — que vejo uma sombra de tinta verde do lado de dentro. Como se o dedão de alguém estivesse manchado, sujando o plástico de tinta enquanto o dvd era colocado na caixinha.

Griff desenha em verde e azul, mas ele nunca me daria esse arquivo. Ele não acharia correto que eu estivesse à procura disso.

Ele não...

Merda, estou chorando de novo.

36.

Preciso de mais coragem do que costumo ter para ir falar com Griff na manhã seguinte na escola. Espero por ele no corredor, sentindo-me um pouco como uma aranha escondida num canto, até que ele para perto do armário no caminho para a sala.

— Griff? — Ponho minha mão no braço dele e ele se afasta.

— O que foi, Wick?

Parece que meu coração vai saltar pela boca.

— Foi você quem me deu o dvd? Da minha mãe no prédio? — Não consigo mais dizer a palavra “suicídio” porque ela não seria precisa. Não consigo também dizer “assassinato”.

— Não tenho ideia do que está falando — responde.

Mas ele tem. Griff mal respira. O corpo dele logo enrijece, fica teso, mas eu não entendo. Nós não estamos mais juntos. Ele me deu uma coisa que sabia que eu queria, ainda que não aprovasse nem pensasse que eu deveria ter.

Griff me ajudou, embora eu seja a última pessoa que ele deveria querer ajudar.

Mas... como foi que ele soube?

— Obrigada — eu sussurro, fechando as mãos para não tocá-lo.

— Não imagine coisas.

Mas como não? Preciso dizer algo aqui e não sei o que é. Eu quero que olhe para mim, mas ele não quer.

Griff bate com força a porta do armário.

— Milo me contou que você queria.

Eu pisco. Milo não tinha nada que ficar contando coisas para o Griff.

— Eu...

— Que tipo de pessoa te daria uma coisa dessas?

Eu fico tensa.

— Alguém que queria que eu soubesse a verdade.

— Você realmente acha que essa é a razão de tudo isso?

— Essa é *exatamente* a razão de tudo isso.

Griff põe a mochila no ombro.

— Perguntei ao meu primo sobre sua mãe e ele me deu a gravação que estava no processo. Queria que você soubesse por mim, não pelo Milo, por alguém que se preocupa com você, não por alguém que está te provocando.

A dor é breve e maravilhosa, e tudo que eu escuto é minha mãe dizendo como você pode ferir as pessoas que ama mesmo sem querer. Isso machuca. Noutros tempos, Griff jamais me machucaria. Talvez seja essa a diferença. Ele já não me ama como eu ainda o amo.

Eu me sacudo.

— Ele não está me provocando. Ele...

— Se você quer se concentrar na verdade, lembre-se de que não há nada pra ver. Ela saltou. Ela estava sozinha.

Ela não estava e, se ela foi assassinada, se ela saltou para nos salvar, e eu passei todo esse tempo a odiando... mas Griff vai embora antes que eu diga uma palavra. Ele não olha sequer para trás, o que certamente é muito bom porque agora eu estou escorregando pelo armário, os braços cruzados ao redor do estômago.

Não devia ser dessa forma.

Então, mais uma vez, talvez devesse.

Eu o amo, e isso está acabando comigo. Ele está acabando comigo. Ele entrou na minha vida como uma pessoa qualquer, mas havia algo no jeito como falava comigo e então algo no jeito como me tratava e então... Lá estava eu, refém de outro beijo. Minha vida não era mais minha.

Sacrifico Griff para protegê-lo e também para proteger Lily e Bren, com todo o futuro que os três merecem. Eu o sacrifico para protegê-lo de Carson e do que ele pode destruir.

O que sobra pra mim?

Na minha bolsa, o telefone vibra. Prefiro ignorá-lo. Não consigo tirar os olhos do que resta de Griff. Consigo vislumbrar sua cabeça, seus ombros, enquanto ele atravessa a multidão. Eu o vejo até ele desaparecer completamente.

Meu telefone para de vibrar.

Começa de novo.

Estico a mão dentro da bolsa, fico tentando pescá-lo por um instante até que o encontro. Milo. Não sei se quero atender. Sim, eu estou feliz (é essa a palavra apropriada? Não tenho certeza) de ter conseguido o vídeo de segurança da minha mãe. Mas também estou puta com ele por agir nas minhas costas.

Enquanto tento decidir, a chamada cai na caixa de mensagem e, então, começo a sentir a vibração de novo.

Eu atendo.

— Milo?

— Wick... eu preciso... por favor.

Ele parece falar com esforço — fala como se estivesse *ferido* — e meu coração acelera.

— Você está bem?

— Por favor, venha. Por favor?

Não posso. Estou na escola. Estou de castigo. Estou — o telefone desliga. Cai a linha. Eu tento ligar para ele enquanto vou para o estacionamento. Sem resposta.

Não importa quantas vezes eu tente.

O restaurante parece mais abandonado do que nunca quando chego, quase meia hora depois. Bato na porta, mas ninguém

responde. Tento o celular de Milo. Ainda não atende.

Pressionando uma mão contra a janela da frente, espio através do vidro sujo. Alguém deve estar lá dentro. As luzes estão acesas e eu acho — *acho* — que consigo escutar uma televisão.

Então onde está a porra do Milo? Começo a bater de novo na porta e paro. Há uma pequena meia-lua talhada na madeira perto do batente da porta, o sorriso do gato de Alice. É a mesma marca que Milo deixou no meu computador, e ela me lembra o sorriso dele.

Que vou destruir se eu descobrir que se trata de uma brincadeira estúpida.

Agarro o trinco da porta e ele vira na minha mão.

— Milo?

Sem resposta.

Caminho por entre as mesas empoeiradas na direção da porta da cozinha. É possível que ele esteja na sala do computador? Empurro a porta com a ponta dos dedos, hesitando, e então entro. A cozinha vazia se abre diante de mim.

— Milo?

— Wick.

É tão suave que eu quase não escuto. Eu me viro e encontro Milo no chão. Ele está de pernas abertas com uma garrafa de Jameson quase caindo de uma das suas mãos. Ele parece ter desembarcado ali de alguma festa épica, e eu fico imediatamente irritada.

Então ele levanta a garrafa, revelando uma mancha vermelha no torso.

— Milo, você está ferido!

— É superficial. — Ele ri, treme e tenta produzir um sorriso fraco tomando mais um gole de uísque. O sorriso se transforma numa careta.

Eu fico de joelhos, usando uma mão para tirar a camiseta encharcada de sobre as costelas dele.

— Deus do céu, a gente precisa te tirar daqui.

Milo não responde, então passo um dos meus ombros sob seu braço e o ponho de pé.

— Como isso aconteceu?

Ele treme, seu olhar se perde no espaço, os dentes estão travados.

— Milo — eu o chamo, mas ele ainda não olha para mim. — Foi seu pai, não foi?

— Ele... não está bem. Eu o irritei.

Eu consigo fazer com que passemos pela porta, e Milo estende uma mão para se endireitar, quase sem fôlego.

— Ele não era sempre assim. Amanhã ele vai estar completamente diferente. — Milo para, e seu rosto fica pálido enquanto ele atravessa uma onda de dor. — Acho que a loucura é como um inseto no seu cérebro, abrindo caminho dentro do crânio e arrebatando todas as conexões.

— Milo, isso é bem pior que um inseto.

— Está tudo bem. Sério. Ele é absolutamente normal... quando está normal. — Ele respira com dificuldade. — Existem monstros dentro de nós, e às vezes eles vencem.

Ninguém merece toda essa filosofia de novo.

— A gente precisa te levar pra um hospital pra examinar isso.

— Nada de hospital.

— Olha só quanto sangue você perdeu. Isso pode estar infeccionando. — Eu volto a apoiá-lo sobre mim e tenho dificuldades para andar. — Você está delirando, só pode ser.

— Nada de hospital — Milo repete. — Eles vão ficar perguntando sobre ele.

Ele aproxima o rosto do meu, e por um instante não estou olhando para Milo, o projetista de computadores. Estou olhando para

Milo, o garotinho — e, de algum modo, sinto-me mais próxima desse Milo do que do primeiro.

É o medo. Nós dois sabemos o que é esconder as próprias feridas.

— Apenas... me leve até o quarto — Milo diz entre dentes. — Não é nada. Perfeitamente normal. Eu tenho a malinha de primeiros socorros ali.

Eu fico puta. *É perfeitamente normal manter um kit de primeiros socorros no quarto? Beleza.*

Milo desvia de uma poltrona estofada e suas pernas amolecem.

— Merda — ele sussurra enquanto se abraça em mim.

— Milo, você é muito pesado. Milo...

Ele cai na direção da cama, arrastando-me com ele, e eu sigo o movimento, caindo apoiada nas mãos e nos joelhos. Sobre ele. Eu começo a me arrastar de volta, mas Milo agarra meu quadril de ambos os lados, apertando-me junto ao dele.

— Acho que você me faz bem, Wicked.

— Não me chame assim.

Uma sombra surge nos seus olhos. Arrependimento? Não sei dizer, e não quero saber.

— Acho que você me faz bem, Wick.

— Por que isso?

— Porque eu estou acabado.

Eu quase rio.

— Então não sou boa pra você. Eu não trabalho com gente acabada. Não faço o tipo enfermeira.

— É por isso que você é perfeita.

Fico calada.

— Eu não posso te destruir. Você já está destruída. — Milo passa a mão no meu pescoço, aninhando a base do meu crânio como se

eu fosse frágil. — Eu não posso te corromper, porque já está corrompida. E isso torna você incorruptível.

Ele ri como se a palavra fosse engraçada... ou maravilhosa.

E então ele me beija.

37.

Sinto as mãos quentes de Milo contra minha pele. Ele me segura com cuidado, apertando-me como se tivesse medo. O beijo é suave... doce. Podia ser até perfeito. Se meus lábios não esperassem ainda os de Griff. Se minha pele ainda não ardesse por ele.

Ele não está lá, mas meu corpo está à sua procura como se ele estivesse em qualquer parte.

Milo beija meu lábio superior, o canto da minha boca, a ponta do meu nariz. Eu estou completamente imóvel. Ele provavelmente pensa que é o desejo que sinto — e talvez parte de mim o deseje. A maior parte de mim, contudo, está tentando não chorar e, quando eu abro os olhos, ele está me estudando.

— Eu daria tudo pra que você me quisesse — ele sussurra.

Balanço a cabeça como se tivesse certeza de que não seria capaz... mas talvez ele fosse. Talvez, se as coisas fossem diferentes, e eu não quisesse um cara que não me quer.

Milo me abraça, encaixando sua boca na minha. Suas mãos estão por toda a parte, contando histórias à minha pele.

Sobre como poderíamos estar juntos.

Sobre como todas as coisas poderiam se ajeitar.

Serem perdoadas.

Eu me afasto e Milo aninha meu rosto na palma da sua mão, seu dedão acaricia meu lábio inferior.

— Ele não te entende. Ele não entende o que você poderia ser.

Eu tento rir, mas o riso sai abafado.

— E você entende?

— Sim, entendo.

Agora é hora de rir de verdade... mas percebo que não consigo. Porque ele realmente sacou a minha. Milo é a primeira pessoa que

não faz com que eu me sinta envergonhada por quem de fato sou.

Eu não tenho ideia se isso é bom ou não.

— Por que você pediu ao Griff o vídeo de segurança?

Uma sombra atravessa os olhos de Milo.

— Eu queria te dar alguma coisa que ninguém podia dar.

E ser meu herói? De todas as pessoas, eu teria pensado que Milo perceberia que nós somos os maus.

— Eu assisti. Obrigada.

— O babaca deu pra você? Eu devia ter sacado que ele me empataria.

— Não é... — Eu me afasto e Milo se afunda sobre os travesseiros, tremendo. — Jesus, você parece mal. Onde está o kit?

Com o queixo, ele aponta para o lado da cama, e eu passo um minuto vasculhando um mar de revistas de computação antes de encontrar uma caixa branca cheia de bandagens e antissépticos.

— Eu preciso te contar uma coisa — digo, molhando uma gaze com álcool. — Eu não prestei a mínima atenção às aulas de primeiros socorros.

— Que sorte a minha. — Com os dentes travados, Milo arranca a camiseta, revelando um peito torneado todo manchado de sangue. Ele abre o antebraço tatuado para que eu veja o local. — Vamos lá.

Eu pressiono a gaze na lateral do seu abdome, apertando-a, embora a reação seja de dor.

— Desculpe.

Ele não responde e eu então procuro fazer tudo mais rápido, limpando a ferida até que possa cobri-la com outra gaze grossa e terminar o curativo. Há um brilho de suor na sua pele, mas ele não reclama — apenas toma gole após gole da sua garrafa de uísque.

— Aí está. Você vai ficar bem agora. — Eu tiro a garrafa da sua mão e a deposito no criado-mudo, longe do seu alcance.

Milo sorri com dor.

— Você percebe, Wick? Você é boa pra mim.

— Você está bêbado. Agora durma. — Eu me levanto, deixando-o na cama. Griff também pensou um dia que eu era boa para ele. Estou cansada de ser boa para outras pessoas.

Quero ser boa para mim.

Eu me dirijo para a porta, pisando em meio a montanhas de roupa suja e não andando mais do que dois metros antes de me virar para trás. Será que eu devo deixá-lo assim? Mordo a unha do dedão. Inconsciente, Milo parece mais jovem e menor do que realmente é. E se ele acordar e precisar de alguma coisa? E se ele acordar e o pai dele voltar?

Ah, dane-se. Não acho que eu vá voltar para a escola. Tiro um moletom amarfanhado de uma poltrona próxima e encolho as pernas sob mim, vigiando-o. Não percebo que caí no sono, mas deve ter acontecido, porque, quando abro os olhos, Milo está me observando.

— Você sempre dorme assim? — A voz dele está fraca, como se ele mal conseguisse permanecer de pé.

— Assim como?

— Toda encolhida, como se fosse um animal acostumado a dormir no chão.

Eu viro para me apoiar sobre o outro lado do quadril e dobro as pernas. Muitas noites sem dormir, muito estresse e muito, bem, muito de *tudo* me derrubaram. Meu corpo parece soterrado por pedras.

— Vá dormir, Milo, ou eu vou ligar pra emergência.

A risada dele é baixa e soturna. É a última coisa de que me lembro antes de capotar de sono.

Acordo de novo duas horas depois e Milo ainda está dormindo pesado. Passo alguns minutos olhando para ele, tentando me decidir

sobre como me sinto por ele ter usado Griff para me entregar o vídeo da câmera de segurança do prédio. Em vez disso, por eu não ser capaz de decidir, concentro-me em pensar se Milo está ou não morrendo.

E em se *devo ou não* ligar para a emergência.

Mas sua pele está quase cor de canela de novo, o que é quase normal para ele, que parece confortável e, honestamente, eu não tenho condições de explicar nada disso para os enfermeiros, então o deixo sozinho.

Caminho pelo quarto para pegar meu moletom e alguma coisa leve cai no meu pé. Eu olho para o chão — que saco. Um sutiã. Quem deixaria um sutiã para trás?

Uma garota que quisesse uma desculpa para pegá-lo de volta.

Visto meu moletom e verifico a hora no celular. Hum, agora mesmo eu tinha de estar na aula de Espanhol, o que significa que ainda tenho quatro horas antes de precisar voltar para casa. Então o que vou fazer?

A resposta vem do meu estômago — ele ronca. Preciso comer. Considerando que é a casa de Milo, as chances de encontrar comida são as mesmas de explodir tudo pelos ares. Estudo a porta da despensa, pesando minhas opções. E se ele armou uma armadilha ali?

Respiro fundo, digo a mim mesma que estou agindo como uma idiota e abro a porta. Nenhuma explosão. Também não há comida. Boa parte da despensa está ocupada por partes sobressalentes de computador. O que Milo cozinha por aqui? Cabos de fibra óptica e equipamento de solda?

Finalmente, eu encontro bolachas e refrigerante numa caixa de madeira repleta de placas-mãe e pego um pacote e uma latinha, deixando o resto na mesa ao lado da cama de Milo.

Quatro horas para matar é tirar a sorte grande. O que eu faço com elas?

Meu computador está em casa, mas eu realmente não tenho muito trabalho para fazer — já enviei minhas descobertas, apesar de poucas, para Carson.

Resta minha mãe. Eu podia ir a Five Points para ver se encontrava Sam de novo. Ideia idiota... mas insistente.

E se eu lhe contasse sobre o vídeo? Eu podia dizer que sei que minha mãe se jogou. Que ela não foi empurrada.

Eu não sei por que preciso fazer essa distinção.

Talvez porque eu espere que ela se lembre de mais alguma coisa. Talvez porque eu esteja puta.

De todo modo, pego as chaves de Milo na mesa de trabalho dele, fecho a porta no caso de seu pai voltar antes de mim e vou para Five Points. O contato de Milo disse que Sam fica rodando pela mesma área, então vou para o beco em que nós a encontramos e passo quinze minutos procurando por ela. Não há sinal de Sam em lugar nenhum, mas enquanto eu passo pela mesma pilha de lixo da noite anterior, reconheço a garrafa que roubei da adega de Bren.

Está vazia, é claro. Mas o que pensei que era lixo na verdade não é: acho que são as coisas de Sam. Com o pé, eu separo um par desencontrado de tênis, uma caixa de isqueiros, um coelhinho de uma orelha só. Impossível dizer se alguma coisa ali é mesmo dela. Mas acho que devem ser.

O que significa que ela vai voltar logo, certo?

Atrás de mim, uma garrafa é derrubada e passa rolando pelos meus pés. Eu me viro, a esperança bate forte no meu peito.

Mas não é Sam.

É Jason Baines.

38.

— Soube que você estava me procurando — ele diz.

— Acho que não, hein? — Deixo meus pés discretamente a postos, os olhos já procurando uma saída. Não tenho boas perspectivas. A única saída é o lugar por onde entrei, e Jason sorri como se soubesse que a está bloqueando.

— Deixa eu explicar. — Jason passa uma das mãos pelo cabelo curto castanho e, como quem não quer nada, revela a nove milímetros enfiada na cintura do jeans. — Sam me disse que você andava procurando o vídeo de uma câmera de segurança.

Começo a dizer que já o vi, mas alguma coisa me faz ficar quieta. Alguém contou a Sam “tudo sobre” o vídeo, e se esse alguém for Jason... Ergo o queixo.

— E você com isso? Foi Sam quem me disse que ele existia.

— Acho que você devia deixar o assunto quieto.

Eu engulo em seco.

— Isso... não vai acontecer.

Jason balança a cabeça lentamente antes de olhar para trás para ver se não há ninguém por perto.

— Você sabe, Wick, Joe Bender me ensinou tudo que eu sei sobre esse negócio.

— Eu sei.

— Você assistiu ao vídeo... Você vai contar ao seu pai o que viu?

Um calafrio percorre minha pele.

— Por que eu diria alguma coisa a ele?

— Talvez porque isso seria do interesse de nós dois.

— Pode falar.

A língua de Jason toca seu lábio inferior.

— Você sabe que sua mãe estava sacaneando a gente. Joe descobriu primeiro e me contou. Ele disse que a gente tinha que fazer alguma coisa. — O traficante sorri. — Essa alguma coisa acabou levando nós dois a fazer sua mãe ir pro topo daquele prédio às três da manhã. Joe contou a ela como descobriu tudo. Ela negou... por algum tempo.

A verdade devia ser gloriosa, mas sinto como se tivesse sido enterrada viva.

— Joe a machucou?

Jason olha para mim e não diz nada.

— Você precisa pensar pra responder? É sim ou não.

— Só estou surpreso que você tenha perguntado. — Jason pega um maço de cigarros no bolso da jaqueta e acende um. — É claro que a machucou.

Eu balanço a cabeça. Claro que ele machucou ela. Claro. A coisa toda faz mais sentido do que eu gostaria que fizesse. Acredito que Joe a machucou — acredito —, mas isso não bate com a linguagem corporal do vídeo. Ela não estava correndo. Os movimentos eram deliberados.

Eu forço meu queixo a ficar de pé e rezo para a minha voz não embargar.

— O que aconteceu? Por que ela saltou?

— Joe disse que mataria você e a Lily se ela não pulasse.

O quê? Por um instante, sobrevoou meu próprio corpo e então, subitamente, volto ao chão.

Jason está investigando meu rosto, interessado no que vê, mas, como estou com medo da minha aparência, eu o viro e parto para o ataque.

— Mas você não fez *nada*?

Ele bate as cinzas no chão.

— Você queria a verdade. Aí está, e de graça. E aqui vai outra verdade: você não está tão a salvo quanto pensa que está.

— Jura? — Ai, que saco. — Se minha mãe adotiva te visse rondando nossa casa, ela chamaria a polícia. Eles costumam escutar gente como ela. É impressionante.

— Não era isso que eu queria dizer. Valeu pela dica, de qualquer forma. Vou guardar. — Jason dá mais uma tragada no cigarro. — Eu estou mais interessado em saber por que aquele detetive está sempre falando com você.

— Ah tá, saquei o presente. Agradeço a preocupação. Mas você não sacou o que tá rolando. A ideia dele é imputar mais crimes contra meu pai. Ele acha que eu estou no caminho.

— Ele acha? Ou ele *sabe*? — Outra tragada. Dessa vez, Jason leva alguns segundos antes de soltar a baforada. — Eu não me lembro do que aconteceu naquela festa, mas tenho quase certeza de que houve alguma coisa e de que você estava na jogada.

— Ouvi que você não é capaz de se segurar na bebida.

— Isso é bobagem. Já que você foi gentil de me dar uma dica, eu vou te dar uma também: não há nada que o pessoal por aqui deteste mais que informantes. Talvez, se você me fizesse um favor, ninguém precisaria saber.

Olhamos um para o outro, o silêncio se estendendo entre nós tão fino quanto um fio de melão.

— Diga ao seu pai. — Os olhos de Jason se animam. — Diga a ele o que Joe fez, apenas não se esqueça de me tirar da jogada.

Eu preciso de espaço para destrinchar essa informação e já estou lhe dando as costas quando... Espere. *Espere*.

— Por que meu pai precisa saber? O que mudou?

Jason olha para mim como se eu fosse uma idiota.

— Você acha que eu quero ser o segundo homem pra sempre? Eu preciso de Joe morto. Eu já tenho o pessoal dele, os contatos, a

posição. Elas respondem a mim agora. Eu quero que as coisas fiquem assim.

— Só isso?

— Sim, só isso. Como você acha que eu te encontrei? Tenho olhos por toda parte agora. É só dar um telefonema. Mas preciso tirar ele do caminho. Sem me comprometer, saca?

Eu saco.

Jason tira um fiapo de tabaco da língua e com um peteleco se livra dele.

— Se você contar pro seu pai, ele vai matar Joe.

Leva uma eternidade até que eu volte ao meu carro e, quando chego, tento sair como se estivesse tudo bem.

Pena que eu mal chego na interestadual antes de ter de parar. Paro o carro na alça de acesso da estrada e tento tomar fôlego. Não ajuda.

Pressiono uma das minhas mãos frias na testa. Minha mãe foi assassinada — *assassinada* — e, de alguma forma, isso faz... sentido?

Não. Essa definitivamente não é a palavra. Mas eu não sei como chamá-la. Tudo que resta de mim é um quebra-cabeça destruído. Consigo reunir as peças, mas ainda existem espaços vazios, continentes interrompidos que eu não sabia que existiam — e é aí que vive minha mãe, no espaço entre eles.

Sinto uma fisgada no braço, os nervos começam a queimar e, quando fecho os olhos lutando contra isso, tudo que vejo é o sorriso do meu pai. Ele não mataria ninguém. Ele não mataria.

Sim, ele mataria.

Esse é o Michael. *Michael*. O homem que quase me matou quando eu estava crescendo, o homem que batia na minha mãe, o homem que aterrorizava minha irmã. E nós éramos sua *família*.

Os homens que trabalham para ele têm histórias ainda piores. Todo mundo sabe que não se pode pegar nada que Michael não lhe tenha dado e, se você trabalha para ele, ele vai te possuir para sempre.

Minha mãe pertencia a Michael. Joe ainda pertence a Michael. O que meu pai diria se eu contasse a ele que Joe matou sua mulher?

Dois carros passam por mim e eu enrijeço, verificando o retrovisor para ver se aparecem policiais. A última coisa de que preciso é alguém para um joguinho de "Você está perdida, garotinha?".

Mas eu ainda não consigo botar o carro na pista. Obviamente, Jason tem seus próprios interesses. Ele não está confirmando minhas suspeitas para me ajudar. Se eu contar para o meu pai, Jason será beneficiado e sabe disso.

Porém, se eu contasse para ele, eu poderia prometer a mim mesma que o faria por Lily. Pela minha mãe... embora no fundo eu saiba que estou fazendo por mim. Joe assassinou minha mãe. Ele ameaçou matar a mim e minha irmã. Faz sentido, mas... mas...

Pego o telefone e ligo para Stringer.

— Ora, ora — ele diz enquanto atende. — Precisando de mais uns calmantes, garotinha? Não achava que você fosse do tipo que curte.

— Preciso de informação.

— Isso também custa dinheiro.

— Você sabe que não tem erro. — Eu respiro com algum tremor e aperto ainda mais o telefone. — Eu quero saber o que está rolando com Jason Baines. Ele está querendo mesmo os territórios de Joe?

Do outro lado da linha escuto um ligeiro ranger. O traficante está mastigando alguma coisa, pensando na minha pergunta.

— Quem quer saber? — ele finalmente pergunta.

— Meu pai.

A mastigação para, e eu quase sorrio. Em certos círculos, o nome de Michael é quase uma palavra mágica. É o “Abre-te, Sésamo” ao qual ninguém resiste.

— Eu pago seu pai corretamente — Stringer diz. — Não quero confusão.

— Então me diga o que quero saber.

— Todo mundo da equipe de Tate agora trabalha com Jason. Todo mundo. O garoto quer uma promoção.

Com Joe morto.

— Mais uma coisa, Stringer. — Eu hesito porque ainda não decidi o que vou fazer, então eu nem devia perguntar... — Você acha que conseguiria arrumar um celular pro meu pai? Talvez eu tenha algo que quero que ele veja.

— Tudo se pode fazer com grana.

Bufo como se risse.

— Obrigada. Tenha certeza de que você vai receber um troquinho pelo seu tempo.

— Melhor que sim. — Ele desliga e, por um instante, eu tamborilo no telefone.

Michael mataria alguém. Verdade. Mas não mataria por mim ou por ela... mataria?

Agarro o volante e o aperto até que as veias das minhas mãos pareçam vermes por baixo da pele. Se Michael mataria Joe, eu não sei dizer. Isso seria errado, imperdoável. Isso me transformaria em alguém que Jason usou. Eu seria uma cúmplice.

Ou eu poderia pensar nele como uma arma.

Minha respiração fica pesada. Se eu contasse a Michael, eu poderia vingar minha mãe.

39.

Chego à porta de casa exatamente às três e quarenta e cinco, e Bren está esperando por mim na entrada. Por um segundo, entro em pânico. De início, acho que ela sabe que cabulei a aula. Em seguida, vejo a mala no chão ao lado dela.

— Ai, ótimo, Wick, você chegou. — Bren saltita de pé em pé enquanto luta para subir nos saltos dos sapatos. — Queria falar com você. Eu tive que marcar uma reunião de emergência. Tenho que passar uns dias em Dallas.

— Beleza.

Bren morde o lábio inferior enquanto me estuda.

— Você ainda está de castigo. Isso significa que Manda virá verificar como você está.

Ai que sorte.

— Sem problema.

— Ela vai te ligar todo dia pra ter certeza de que você está em casa e ver se precisa de alguma coisa. Fiz compras extras pra você ter comida suficiente, e sempre tem aquele crédito de emergência no cartão que eu te dei... — Bren interrompe a conversa, enquanto seu rosto se contrai como se ela lembrasse de alguma outra coisa que devia estar fazendo em vez de me dar instruções. Sinto um pouco de pena dela. Ela está cada vez mais magra.

— Vou ficar bem, Bren, não se preocupe.

Ela me lança um olhar de suspeita.

— Lily vai ficar com os Harrison. Ela ficou muito amiguinha da filha deles e isso vai funcionar melhor pra ela ir à escola, já que pode ir com eles. Espero que você não se importe de ficar sozinha uns dias.

Não ligo. Lily não fala comigo há dias — desde que fiquei de castigo —, então, mesmo quando eu não estou sozinha por aqui, é como se eu estivesse.

— Não, beleza. Fico feliz que ela tenha feito amizade.

Bren balança a cabeça, começa a dizer alguma coisa, para. Estamos mais uma vez naquele ponto em que as coisas ficam esquisitas.

— Quando sai seu voo? — pergunto.

Ela faz uma careta e olha o telefone.

— Dentro de poucas horas. Eu preciso ir. Você tem certeza de que vai ficar bem?

O que ela faria se eu dissesse que não? Me levaria junto? É tão estúpido que é engraçado, até que eu percebo que Bren provavelmente adoraria que isso acontecesse. Isso a faria se sentir necessária, mas não é uma coisa que eu possa oferecer.

— Eu ficarei bem, Bren. Prometo. Eu ligo se precisar de alguma coisa.

Ela sorri tanto quando digo isso, que faço uma nota mental para ligar para ela. Talvez eu possa pedir o conselho de Bren para alguma coisa... tipo, sobre como fazer macarrão, alguma coisa do gênero, porque tenho quase certeza de que a cabeça dela ia entrar em parafuso caso eu lhe contasse sobre como vou usar meu tempo para falar com meu pai.

Na minha bolsa, o celular vibra com outra mensagem de texto e, enquanto Bren dá as costas, checo a tela. Milo.

obrigado.

Isso me faz sorrir, mas, antes que eu responda, Bren está levando toda a bagagem para o carro. Caminho com ela, prometo duas vezes que vou me comportar e a vejo tirar o carro da garagem.

Então faço com que as ligações para casa sejam redirecionadas para o meu celular. Sempre que a sra. Ellery ligar, eu estarei em casa.

Mesmo quando não estiver.

Próximo passo? Confrontar Joe. Faço as ligações necessárias do escritório de Bren — não porque eu precise da mesa ou do computador, mas porque consigo ver daqui a sra. Ellery arrumar seus anões de jardim. São dois babaquinhas sorridentes. Fico pensando se não seria legal sair de fininho à noite e colocá-los em posições comprometedoras.

Mas ainda assim ela poderia achar que eles estariam brincando de pula-sela.

Pego o celular, usando o browser para encontrar o telefone da cadeia do condado. O truque vai ser fazer com que Joe me receba. Isso requer alguns preparativos. Tenho de ligar um dia antes para agendar uma visita e, então, ligo de novo para ver se ele a aceitou. No telefone com a recepcionista, chego a pensar na possibilidade de usar uma das identidades falsas que Joe me deu ao longo dos anos. No fim, decido que não. Com a sorte que tenho, Carson tem amigos na cadeia de Fayette County; dar minha identidade de criminosa como munição significaria meu fim.

Falar de assassinato com Joe é comprometedor o bastante, e eu estou confiando nos cortes de gastos para apagar as evidências. Eles costumavam registrar em vídeo todas as visitas pessoais a presos. Mas, considerando que o condado já não consegue arcar nem com novas trancas de cela, que dirá com um equipamento de gravação decente.

Ligo para a cadeia durante o almoço no dia seguinte, e meu estômago dá uma incômoda pirueta quando a recepcionista confirma que Joe concorda em me receber. Eu não dou para trás e

apareço dez minutos adiantada para que um guarda de segurança registre minha chegada e me conduza ao detector de metais.

Eu o sigo por um corredor pintado nas cores do arco-íris a um lugar onde pequenos bancos de metal e telefones pretos ficam diante de janelas de acrílico. É como um Episódio Muito Especial dos *Teletubbies*.

— Vá à última baía e eu vou mandá-lo pra lá.

Caminho até o fim, observando as câmeras enquanto passo, e é difícil não rir como uma idiota. É claro que o corredor está sendo monitorado, mas as câmeras posicionadas acima dos banquinhos dos visitantes nem sequer estão ligadas. Lógico que funcionam. Mas e as luzinhas verdes que indicam atividade? Nada.

Espero no máximo um minuto até que vejo a porta do outro lado se abrir. Escuto Joe se arrastar antes de vê-lo e, por um instante, sinto um aperto no peito. Isso pode ter sido um engano.

Tarde demais.

Joe não senta: ele cai. E por um momento nós olhamos um para o outro até que ele pega o telefone preto.

— Não acreditei quando me disseram quem era.

— É, tenho certeza.

Joe se inclina à frente, apoiando os cotovelos no balcão.

— Então o que é isso? Saudades?

— Ah, lógico, demais. Ver você de macacão laranja é uma emoção que eu não sabia que estava perdendo. Precisava fazer isso mais vezes.

Os olhos de Joe ficam cerrados.

— O que você quer?

Quero que você pague. O pensamento faz meu coração acelerar. É tão claro para mim o quanto ele se agita que percebo que isso é o que eu sempre quis. Eu só não sabia.

— Eu quero... que você saiba que eu sei o que você fez com minha mãe.

Joe não se move.

— Eu vi o vídeo. Eu te reconheci.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Você acha que meu pai vai ter?

Os olhos de Joe piscam de incerteza.

Medo.

Eu me inclino à frente.

— Eles separaram vocês dois, não? Porque eles estavam preocupados com o que vocês poderiam fazer juntos, certo? A coisa é... os policiais nunca perceberam que na verdade você nunca ficou longe do meu pai, né? Lembra como você me disse que ele sempre tem amigos?

Os olhos de Joe piscam mais uma vez e, sob as luzes fluorescentes, o suor começa a brotar do seu lábio superior.

— Amigos que são meus também.

Amigos que agora são de Jason.

— Talvez — digo com um sorriso.

— Por que seu pai se importaria? — Joe se mexe na cadeira e observa as costas como quem não quer nada, espiando os guardas.

— Sua mãe pulou. A culpa é dela. Seu pai sempre disse que ela não batia bem.

— Ser usada como saco de pancada acaba fazendo isso com as pessoas.

A risada de Joe vem do fundo. Ela faz toda a pele flácida do seu rosto balançar.

— Ótimo. Então foi pra isso que você veio? Você quer que eu me sinta culpado?

Ele se aproxima, toca o vidro com dois dedos como se desenhasse os contornos do meu rosto.

— Para trás! — Do lado de Joe, um guarda nota nossa troca e dá um passo na sua direção. — Tire a mão do vidro!

Joe se vira e dá um sorrisinho para o sujeito.

— Claro, chefe. — O sorrisinho ainda está lá quando ele se vira em minha direção e me examina. — Você não pode encostar em mim, Wick. Não podia antes. E não pode agora. Gente como você, como sua mãe, foi feita pra comer o que gente como eu joga fora. Gente como vocês nasceu pra ser usada.

Ele espera que eu responda, mas não consigo dizer nada de tanta raiva.

Joe dá risada.

— Talvez você devesse ser a preocupada nessa história, Wick. E se um dos meus amigos fosse te visitar e te ensinar uma ou duas coisas sobre boas maneiras? Você lembra como funciona?

Minha boca fica seca. Claro que eu me lembro e, a julgar pela risadinha de Joe, nós dois estamos pensando no tempo que vai levar para ele me deixar tossindo sangue no carpete.

Lembre-se de Jason. Lembre-se. Eu sorrio.

E isso faz o sorriso de Joe ficar sem graça.

— Eu vou arriscar — digo, ficando de pé. Isso me deixa só um pouquinho mais alta do que Joe, que está sentado com seu corpo molenga dobrado feito um travesseiro velho. — Porque eu lembro. Lembro de tudo. Talvez eu devesse começar respondendo a todas as perguntas daqueles detetives. Aposto que poderia dizer a eles ainda mais coisas.

Agora Joe está de pé. Ele mostra os dentes para mim e, quando fala, cospe no vidro.

— Isso é uma ameaça? Você vai pagar por ela.

Eu me viro.

— Não, não vou.

40.

A coisa é... se eu fosse realmente foda talvez não tivesse ficado dez minutos no banheiro feminino tentando me recuperar. Não vou mentir, ficar de pé diante de Joe foi maravilhoso.

Só queria que minhas pernas parassem de tremer.

Elas ficam ainda piores quando, ao sair da cadeia, eu topo com Carson encostado no meu carro. Aperto o passo, um pé depois do outro, até que meus tênis quase tocam a sombra formada pela sua silhueta largada.

— Você não devia estar na escola, Wicket?

— Você não devia estar no trabalho, Carson? — A boca do detetive perde a expressão e vejo um músculo do seu maxilar saltar. — O quê? Pensei que estivéssemos brincando de Descubra o Óbvio.

Atrás do meu carro, o sedã do detetive está parado com o motor ligado, e um policial que não reconheço está no banco do passageiro. O jeito que ele me olha é assustador — como se eu fosse uma fugitiva.

O que eu acho que sou.

— O que você está fazendo visitando Joe Bender?

Me faço de boba.

— Minha boa ação do dia. Pensei que ele pudesse estar se sentindo sozinho.

— Você está aprontando, lixo.

Interessante como o insulto dele parece... fraco... como se pertencesse a outra pessoa. Minha visita a Joe deixou Carson ansioso.

— O que vocês dois teriam a dizer um pro outro? — pergunta o detetive.

Não sei ainda. Não estou inteiramente convencida de dizer ao meu pai o que aconteceu. Não que Joe não mereça punição. Só não estou certa de querer ser a responsável pela sua morte.

— Considerando que Joe vai ficar na cadeia pelo próximo milhão de anos, duvido que você tenha alguma coisa com que se preocupar.

— Um milhão de anos? — O detetive funga. — Acho que não, hein? Joe Bender virou o menino de ouro dos federais. Na velocidade em que está indo, ele estará livre no ano que vem; então, lixo, se você estiver aprontando alguma, melhor ficar esperta.

Observo Carson, procurando a mentira.

— Do que você está falando?

— Bender está testemunhando contra outros dois prisioneiros em troca de uma redução de sentença. Logo ele vai estar na rua. — Um sorriso salta no canto da boca do detetive. — O juiz Bay está organizando tudo. Lembre-se de agradecê-lo por nós dois.

— Qual é o caso?

— O que você acha? Mais daquela papagaiada de internet. — Carson encolhe os ombros, estudando alguma coisa à distância. — É a primeira condenação dele e, considerando como ele está sendo útil, não vai ficar na cadeia por muito tempo.

Merda.

— Não me importo — eu minto, soando calma, embora meu cérebro esteja gritando. Além de todo aquele *conto ou não conto pro meu pai?*, Joe nas ruas poderia ser um caso sério. Quando ele estava livre, tive de trabalhar para ele. Se eu tivesse me recusado, ele teria ferido todas as pessoas que amo.

E eu acabei de deixá-lo muito puto.

Joe prometeu que me pegaria. Parece que ele não estava mentindo de todo. Isso significa que da próxima vez será brutal.

O que também significa que não pode haver uma próxima vez.

Olho por cima do ombro de Carson e percebo que o outro policial nos observa com interesse.

— Você realmente acha uma boa ideia que seu cachorrinho nos veja? Você não está nem um pouco preocupado que as pessoas descubram de onde você tira informação?

Carson levanta um ombro.

— Escolho minha equipe com cuidado. Sei que eles vão permanecer leais.

Da mesma forma que você faz comigo? Com chantagem?

— O que você fez, Wick?

Engraçado. Prefiro que me chame de lixo a ouvir ele usando meu nome.

— Nada.

Ainda.

Ergo o queixo.

— A gente terminou?

— Não. — A atenção de Carson está presa ao prédio atrás de mim. — A gente está fazendo umas escavações no bosque de Bay. Sabe o que a gente encontrou? — Seus olhos brilham. — Mais corpos.

— De quem?

Carson se faz de indiferente.

— Não se sabe ainda. Parecem restos de corpos humanos e animais. Quem quer que tenha feito isso tem estado ocupado há anos.

Que horror.

— Quando vocês vão conseguir identificar os corpos?

— Vai levar um tempo. São muitas covas, muitos esqueletos. É um laboratório de horror.

— Talvez vocês consigam estreitar o foco da busca, não? Garotas desaparecidas na nossa vizinhança, por exemplo. Quem sabe Lell

não seja vítima por ser namorada de Kyle, mas sim porque aquele é o lugar em que ele... caça. — É difícil dizer a palavra sabendo que ela pode se aplicar a mim agora. Respiro profundamente. — Vocês poderiam fazer exames de arcada dentária, compará-los aos registros odontológicos das desaparecidas.

— Estou trabalhando nisso.

— Você também deveria pensar sobre quem se beneficia fingindo que Kyle ainda está vivo.

— Não brinca?

Fico muito irritada.

— Bem, se você já pensou em tudo isso, por que ainda está me incomodando?

— Por que não?

— Você me deve proteção. Esse era o *acordo*, Carson. — Odeio como minha voz está afinando, mas não consigo evitar. — Você não mandou mais nenhum policial pra nossa casa.

— Você sabe como são essas coisas, não sabe? É difícil manter projetos pessoais nesse atual clima econômico. Realmente, uma pena. — Carson se vira para sair e estanca. — Lembre-se de se manter útil, Wick. Caso contrário, por que cuidar de você?

Deixo Carson e vou direto para a escola, conduzindo o carro pelo estacionamento enquanto todos estão indo embora. Não queria voltar aqui, mas tenho um trabalho de História para o fim da semana e, se minhas notas caírem, Bren vai começar a bisbilhotar minha vida.

Se sair de casa às escondidas significa castigo, não consigo imaginar que medidas seriam tomadas por cabular aula... Uma tornozeleira eletrônica, talvez?

Melhor não pensar no caso.

Vou para o meu armário, cuidadosamente evitando os professores cujas aulas eu perdi. Não é muito difícil fazer isso. O corredor está bastante cheio de gente — tão cheio que não consigo vê-lo, até que estou perto demais para dar meia-volta.

Milo.

Ele sorri, parecendo alguma coisa saída de um comercial da Ralph Lauren. A única coisa que está faltando é um vento nos cabelos e alguma modelo seminua pendurada sobre ele.

— Como você sempre consegue passar pela segurança? — pergunto.

— É uma escola pública. Eles não podem nem pronunciar a palavra *segurança*.

— Você parece melhor.

— Estou bem. Queria te ver e agradecer.

— Não precisa. — Concentro-me na combinação do meu cadeado (talvez um pouco mais do que o necessário) porque, quando ele está perto assim, juro que posso sentir o calor emanando da sua pele.

O modo como os lábios dele se encaixaram nos meus.

— Pensei que eu poderia retribuir o favor — ele acrescenta.

— Não precisa.

— Sério? Mesmo que isso significasse te ajudar com seu problema com Carson?

Eu imediatamente olho ao redor, para ver se alguém está escutando.

— Você podia ser um pouco mais discreto?

Milo engasga de rir.

— Algum dia vai ter que me explicar por que você liga pro que qualquer pessoa aqui pode pensar de você.

— Não é uma questão do que as pessoas pensam de mim. A questão é ficar longe da cadeia. Ninguém sabe dos meus

passatempos, ainda menos sobre os de Carson e meu... *acordo*.

— Como quando ele prometeu desligar as câmeras de segurança e não desligou?

— Na real? Cala. A. Boca. — Eu olho feio para ele, e isso só faz com que o sorriso dele fique ainda maior. — Não aqui.

— Mais uma vez, quem liga? Você não pode me dizer que não quer saber tudo sobre o depósito do seu detetive e todos os novos itens que eu coloquei lá.

Minhas mãos relaxam.

— Itens?

— Sim. Em especial, do tipo que deixa os federais doidinhos. Sorte dele, eu tinha algumas coisas sobrando lá no restaurante. Espere só. Uma *bomba* vai cair por aí. Vai ser épico.

Eu fico de boca aberta, e Milo ri como se gostasse disso.

— Você acha que eu não te entendo, Wick? — Ele se aproxima, e dessa vez eu não me afasto. — Poderíamos fazer muita coisa grande juntos se você apenas percebesse que o passado está morto, mas o futuro é nosso e está aí, é só pegar. *Nós* podemos pegá-lo juntos.

— Por que eu?

— O quê?

— Por que *eu*, Milo?

— Porque quando estou perto de você... — Os olhos castanhos dele percorrem meu rosto, tocando numa coisa sem nome dentro de mim. — Perto de você, eu sinto como se tomasse um tranco e acordasse. Você é tudo que eu nunca poderia ser.

— E o que é isso?

— Ser poderoso. Os hackers deveriam dominar o mundo. Você pode fazer isso, e eu quero te ver fazer isso. Eu gosto de você, por aquilo que é e por aquilo que poderia ser.

Eu também gosto de você. Sinto a frase aflorar na minha língua, mas a atenção de Milo muda de foco, identificando alguma coisa

atrás de mim.

— Preciso ir — ele diz, desgrudando dos armários e endireitando-se. — Quando a merda de Carson bater no ventilador, me liga. Vou querer saber se você vai ficar impressionada com o que eu sou capaz de fazer.

Milo entra no meio de uma multidão de geeks e segue para a saída; quando me viro, entendo a razão: Griff e a sra. Lowe, a professora do laboratório de computação, estão vindo em minha direção.

— Está tudo bem, Wicket? — a sra. Lowe pergunta, analisando-me com os olhos cerrados.

Sem conseguir respirar, balanço a cabeça.

— Aquele era o novo aluno? Eu não o reconheci.

— Acho que sim. Não perguntei. Ele só queria saber onde ficava o ginásio.

A sra. Lowe balança a cabeça como se isso fosse absolutamente aceitável, já que apenas um novo estudante poderia perguntar para *mim* onde fica o ginásio. Eu olho na direção de Griff e o pego me observando. Nós dois desviamos o olhar.

Eu só precisava de uma palavra dele, mas Griff permanece calado.

— Muito bem — diz a sra. Lowe, ajeitando a alça da bolsa. — Vocês dois tenham um bom fim de tarde.

— A senhora também — eu digo, e espero, olhando para o chão, Griff também ir embora.

— Então. Você e Milo, é?

Eu olho para ele.

— Não é isso que você está pensando.

Só que é, né? Além disso, diferentemente de Griff, Milo não tem vergonha de mim. Mas eu tenho vergonha de mim. Tenho vergonha de quanto estou presa a Carson, de como Bren está desapontada

comigo... de como não consigo me livrar do menino que está em cima de mim.

— Se não é o que eu estou pensando, então é o quê? — Griff pergunta.

Tento reagir. O que Griff pensa é ruim. O que realmente aconteceu é pior.

Muito pior.

Quero dizer, eu ia enquadrar Carson também, mas o plano partiu para algo que o detetive já estava fazendo — investigar Bay. Isso... isso é acusá-lo de uma coisa que não vai só arruinar a carreira dele. Vai render cadeia.

Eu devia fazer alguma coisa... mas não vou. Não sei o que isso diz sobre mim. Tenho certeza de que não quero saber.

Mas enquanto isso eu levo tempo demais para responder a Griff, e assim ele acha que já tem uma resposta:

— Foi o que pensei — ele diz, e eu o vejo partir. De novo.

41.

Devia ter seguido Griff, ter dito a ele que tudo aquilo era um engano, encher sua cabeça de mentiras... Então por que não estou correndo atrás dele?

Porque isso é familiar demais para ser ignorado e, de repente, não estou mais no corredor da escola: estou na casa dos meus pais, vendo minha mãe correr atrás do meu pai, despejando palavras de amor com os lábios cheios de sangue.

Griff jamais bateria em mim, mas ele também não me entende e eu estou envergonhada do que ele vê.

Do que isso me faz ver.

Então me viro para o armário e espero algum tempo antes de sair da escola — para ter certeza de que ele já está longe. Esse é o meu erro. Eu dei a Griff um pedaço de mim, um pedaço que ele não pediu. Merda, talvez ele tenha pedido, tenha me desejado por um tempo — pelo menos em termos ideais. E aqui estou eu: moída por dentro, desejando alguém que eu não sabia que algum dia desejaria; e pior: se tivessem me contado uma coisa dessas, eu jamais teria acreditado.

Eu nunca devia ter me permitido desejá-lo. O mínimo que posso fazer é protegê-lo, e é isso que eu vou fazer. Talvez seja o suficiente.

Mas não é.

Então penso sobre meu problema com Joe, e minhas mãos imediatamente se fecham em garras. O que vou fazer a respeito disso?

Não tenho ideia. Na verdade, eu podia realmente usar um pouco a criatividade, mas quando estou virando o carro para estacionar na porta da garagem, tudo que vejo é Jason Baines sentado na varanda à minha espera.

Cerro os olhos em sua direção enquanto estaciono. Jason não parece se importar com meu humor. Ele caminha na direção do carro e me espera descer.

— Você sabe que isso é assustador, né? — pergunto, quase o empurrando com a porta quando a abro. — Nós não vivemos num seriado. Esperar que eu chegue em casa não é bonitinho. É assédio.

— Nós realmente vamos começar aqui fora? Onde seus vizinhos podem ver a gente?

Queria lhe dizer para abrir logo o jogo, se ele não tivesse qualquer objeção. Mas a sra. Ellery está parada perto da caixa do correio observando a gente. Maravilha. É tudo de que eu preciso agora.

— Cinco minutos — digo, e peço que ele me acompanhe até a porta lateral.

O que ainda não é bom porque a sra. Ellery caminha na direção da rua, de onde consegue nos ver.

— Cozinha — eu murmuro e abro a porta, observando Jason pelo canto do olho enquanto digito o código de segurança no sistema. Ele não está interessado. — Fale.

— Quero saber o que você decidiu.

— Eu não me decidi ainda.

— Quando você vai se decidir?

— Ainda não me decidi.

— Ótimo. — Jason caminha na direção da porta da cozinha e observa o corredor, a cabeça erguida como se ele estivesse julgando nossa combinação de cores. — Bela casa.

Eu enrijeço.

— E um sistema de segurança ainda mais legal.

Jason sorri.

— Você gosta de viver com essa senhora?

— Bren? É claro. Ela é o máximo. — *Quando ela não está exagerando nas suas reações.* — Você não tem nada melhor do que ficar me fazendo perguntas pessoais?

Jason vai de um lado para o outro, uma das mãos esfregando a nuca como se doesse. O movimento faz a manga da sua camisa subir, revelando a pele pálida do antebraço, e meu coração dispara.

Vejo uma curva de tinta apagada no seu antebraço, a ponta de uma tatuagem.

Ela é... irregular. Como uma marca de nascença. Sinto minhas pernas formigarem. Eu não estava olhando para uma marca de nascença. Eu estava olhando para a ponta de uma *tatuagem*.

Jason sorri.

— Está tudo bem?

Eu engulo.

— Claro. Por que não estaria?

Ele encolhe os ombros, investigando meu rosto por um instante.

Não consigo pensar em outra coisa, só na tatuagem apagada. Isso significa que Jason está segurando a cabeça de Lell na imagem e, baseado no ângulo da câmera, isso também significa que ele estava segurando a câmera.

O que sugere que ele estava sozinho.

Tipo, como eu estou agora.

Sinto o frio tomar conta da minha pele. Não tenho ideia do que fazer. Ligar para Carson? Como? Fica um pouco óbvio dizer que preciso dar um telefonema particular. Além disso, o que Carson poderia fazer? Eu nem sei se ele pode prender Jason. As imagens incriminadoras foram obtidas ilegalmente. Elas não se sustentam em nenhum tribunal. Só me resta então... não tenho ideia.

Meu telefone toca. Sem tirar o olho de Jason, eu olho a tela. Merda. É Manda Ellery.

Aperto o verde.

— Alô?

— Wicket? Wicket Tate?

Que saco. *Será que tem alguma outra Wicket por aqui?*

— Sim, sou eu, sra. Ellery. Está tudo bem?

— Claro que não. Você sabe que ainda está de castigo.

Isso é um problema? Eu concordo, de qualquer forma. Jason está mais uma vez se movimentando e, enquanto a sra. Ellery me passa um sermão por eu estar com um cara dentro de casa, eu o observo. Ele tem a mesma altura do cara que eu vi no bosque e acho que o jeito de caminhar é o mesmo. Mas, de boa, descontando algum problema de locomoção, quão específico pode ser um andar?

Faz e não faz sentido. Ou talvez seja coisa da minha cabeça. Não consigo me decidir por nada e, enquanto Jason passa por mim para espiar o antigo escritório de Todd, eu pressiono as costas contra os armários, fazendo sons de sim e não ao telefone.

— É só um rapaz da escola, sra. Ellery — digo, interrompendo o falatório. — Ele só está aqui pra pegar um dever de casa. Ele vai sair em alguns minutos.

Jason volta à cozinha e se debruça sobre o fogão para ouvir. Então ele verifica o próprio telefone... e começa a assoviar, e meu coração praticamente para. Ele olha para mim e eu me ajito, apertando o telefone com força. Ainda assoviando aquela melodia interminável que me traz à boca o gosto de sangue e lama, Jason começa a caminhar de novo em volta da cozinha — em volta de *mim*.

Ele não está só olhando ao redor. Ele sabe.

— Wicket, você está me escutando? — A sra. Ellery está começando a ficar histérica.

— Ah, sim, estou. — A luz dourada do fim de tarde atravessa a cozinha, iluminando a cumbuca de cereal que eu deixei na pia.

A faca de cozinha que Bren deixou ali para secar.

Enquanto Jason observa, eu passo o celular para o outro ouvido, fingindo que estou brincando com uma mecha de cabelo. Então ponho a mão na pia, fechando os dedos no cabo de plástico da faca.

Isso faz com que eu me sinta melhor, mas agora o que eu faço? Fico balançando a faca no ar? Não, né?

Enfio o cabo por dentro da manga do meu moletom, deixando a ponta da faca ao alcance dos dedos. Se ele pular em mim, posso esticar o braço e a faca vai estar na minha mão.

Teoricamente.

Na prática, posso cortar meus dedos. Bem... é melhor do que nada.

— Lição ou não — a sra. Ellery prossegue —, não acho que sua mãe queira que você leve convidados em casa quando ela está fora.

— A senhora está certa. — Tenho de forçar as palavras através dos meus dentes travados. — Talvez a senhora devesse vir aqui. A senhora pode esperar até que ele vá embora.

Os olhos de Jason ficam cerrados.

— Eu já estou aqui — a sra. Ellery dispara e começa a bater na porta da frente. Ainda observando Jason, passo por ele e atravesso correndo o corredor. Mal abro a porta e a sra. Ellery já está dentro de casa.

— Honestamente, Wicket, eu não entendo por que você tem que ser uma garota tão difícil — ela diz olhando para mim. — Meus filhos não me deram a metade do trabalho que você e sua irmã dão pra coitada da Brenda.

Eu recuo um passo para dar espaço à sra. Ellery, mas ela já está disparando na direção da cozinha, com a cabeça virando de um lado para o outro enquanto ela verifica os cômodos à direita e à esquerda do corredor.

— Onde ele está? — ela pergunta.

— Ele está na... — Nós duas entramos na cozinha e olhamos ao redor.

Ninguém está ali. Jason foi embora.

42.

A sra. Ellery faz uma busca pela casa, dando especial atenção aos quartos. Interessada em tentar parecer uma Boa Menina, eu a sigo, igualmente empenhada em não rir quando ela se curva para verificar debaixo das camas. Repetidas vezes. Alguém anda assistindo muitos programas sobre orgias sexuais adolescentes.

Fico tentada a dizer a ela que, quando estamos vivendo as loucuras do sexo, a gente costuma esconder nossos parceiros em armários, mas Jason pode estar num deles, então eu ajudo a sra. Ellery a verificá-los. Assim que ficamos satisfeitas com o fato de a casa estar vazia, ela me faz ligar para Bren enquanto permanece ao meu lado e me observa. Não fico surpresa que caia na caixa postal. Espero o sinal e deixo uma mensagem, esclarecendo absolutamente que sim, eu trouxe um convidado para casa e ah-sim-claro ele precisava da lição de casa.

A sra. Ellery sorri com a satisfação de quem me flagrou em alguma coisa enorme. Ela não tem ideia de que Bren vai ficar excitadíssima com o fato de que eu estou conseguindo fazer amigos depois do incidente com o carro, e o entusiasmo vai se misturar com a bronca e isso vai gerar... Não sei. Realmente duvido que isso vá fazer com que eu seja entregue a um convento escolar, como a sra. Ellery espera que aconteça.

A velha senhora bate a porta da casa e eu a fecho logo em seguida, armando o alarme, embora eu só consiga fazer depois de duas tentativas. Minhas mãos não param de tremer. Eu deixo a faca na pia e ligo para Carson. Ele não responde e eu não deixo mensagem, mas, claro, alguns minutos depois ele me liga de volta.

— O que foi? — Carson dispara.

— Você *chegou a usar* o aplicativo de rastreamento que eu botei no celular do Baines?

— Talvez, por quê?

— Porque Baines estava aqui, e a tatuagem dele bate com a que eu te mostrei nas fotos. É *ele* quem segura a cabeça de Lell, não Kyle.

— Você tem certeza disso?

Passo a mão suada pelo cabelo.

— Sim, tenho. Eu vi. Ele sabe que eu vi.

— Bom. Nós podemos usar isso.

— Não tem “nós”, Carson. Ele estava aqui pra me matar. — Isso pode não ser exatamente verdade, mas parece verdade e dizer isso faz com que as lágrimas se acumulem no canto dos meus olhos. — Talvez Jason saiba desde o início. Ele me reconheceu no bosque e me viu na festa. Isso não é mais sobre sua gloriosa carreira. As pessoas estão sendo mortas.

— Tenha um pouco de paciência, Wick. Isso pode nos levar a uma coisa ainda maior. Deve haver mais coisas em jogo e, se nós fizermos tudo direitinho, Bay pode acabar dividindo uma cela com seu pai.

— E mais gente pode acabar morta.

Do outro lado da linha, alguém diz alguma coisa para Carson.

— Eu ligo pra você depois — ele me diz.

Mas ele não liga, e eu passo a hora seguinte caminhando pela casa, tentando — sem qualquer sucesso — dar conta de entender a situação.

Um: Kyle é a principal escolha para a figura do assassino. Lell era a namorada dele. Ele tinha problemas de fúria. Ele era paranoico.

Dois: Jason também poderia ser o assassino, certo? Ele estava nas fotografias. Ele estava lá. Mas por que ele mataria Lell? Para provar alguma coisa para o meu pai? Para outros traficantes? Se ele

estiver mandando uma mensagem, parece que está usando as pessoas erradas.

O que me leva à três: “Lembre-se de mim”. Isso também é uma mensagem... com que finalidade? É uma mensagem de Kyle para alguém que o quisesse longe? Ou é uma mensagem de Jason, um lembrete para que tenha em mente como ele se tornou poderoso? Não tenho ideia. Não sei o que pensar sobre nada disso.

Acabo de novo no meu quarto, assistindo à transmissão da câmera do gramado. Está vazio e isso é bom. Mas meu estômago continua embrulhado e, não importa o quanto eu olhe para a tela do computador, esperando vir a inspiração, ela não chega.

Preciso de alguma coisa que desvie minha atenção de tudo... Mas então penso na minha mãe. Eu poderia assistir de novo a algumas das entrevistas. Eu não tenho trabalhado nelas desde quando descobri que ela foi assassinada. Mas isso já não parece ter o mesmo interesse.

Eu já não sei o que conseguiria assistindo às entrevistas. Tenho sérias dúvidas quanto a elas me oferecerem qualquer distração. Seria melhor enfiar agulhas entre a unha e a carne dos dedos. Tudo que elas fazem é me deixar irritada, o que não deviam — *de forma alguma*. Mas elas deixam, e eu tenho de perceber mais uma vez que não estou acima do que aconteceu. Não importa o quanto eu queira estar.

Norcut e Bren acham que eu preciso de mais tempo para me curar. Bobagem. Sim, o tempo cura todas as feridas, mas deixa uma cicatriz que se torna a nova face da dor.

Estou cansada disso... mas não consigo deixar tudo de lado.

Saio da frente do vídeo da câmera de segurança ainda em andamento num monitor e abro a lista de arquivos do dvd no outro, selecionando a última entrevista. Minha mãe aparece e eu começo a

rodá-la, apertando os joelhos contra o queixo enquanto assisto ao vídeo.

É o diálogo toma lá dá cá de sempre até que alguém diz:

— Estou cansado dessa merda. Me dê alguma coisa útil.

Eu me ajeito um pouco melhor. É uma voz nova. Dura. Masculina.

A voz de Bay.

O juiz fala como se fosse a botina e minha mãe a barata, mas ela sorri.

— Você não gosta das minhas histórias.

— Não muito. Me diga o que você sabe.

Ela muda de posição na cadeira.

— Eu não sei nada. É o que eu digo sempre.

— Bobagem.

Minha mãe olha para ele e se encolhe. Por um instante ela está olhando para alguém que ninguém mais vê, e os olhos dela mudam de expressão.

— Eu o amo e o odeio. Que tal isso para responder à sua pergunta? Aqui está a verdade sobre o amor: você não pode controlar o que recebe, mas pode controlar o que dá.

Gosto disso. Já tinha escutado essa frase antes, só que nunca na voz dela, o que diz mais sobre ela do que sobre quem quer que ela esteja citando.

Então eu escuto a porta se abrir lá embaixo, e meus pés imediatamente alcançam o chão. Eu paro o vídeo e, praticamente sem conseguir respirar, fico suspensa, esperando com toda a esperança até que escuto coisas.

O alarme dispara.

Corro para o topo da escada e vejo sombras se movendo e se aproximando. Por um terrível momento, acho que estou prestes a ser liquidada, mas então percebo que é pior.

Porque Lily acaba de chegar em casa.
E ela está coberta de sangue.

43.

A culpa é minha. Minha. Joe não tinha decidido mandar alguém atrás de mim. Ele mandou alguém atrás de Lily. É assim que as coisas são, mas eu ainda quero quebrar alguma coisa, gritar. Em vez disso, cuido da minha irmã.

Há um bocado de sangue, mas o corte é superficial, atravessando sua testa até chegar à linha do cabelo, onde faz uma ligeira curva. Não acho que vá precisar de pontos, mas Lily está tremendo.

Eu também.

Com pequenos toques, limpo a pele da minha irmã com uma toalha molhada.

— Ferimentos na cabeça são sempre dramáticos.

— Não brinca — Mina acrescenta, e me viro lançando um olhar rápido na direção da outra garota e avaliando sua reação. A amiguinha de Lily parece meio perdida e há um pouco do sangue da minha irmã manchando-lhe o rosto.

— Aqui — eu digo, oferecendo-lhe uma toalha limpa. Mina limpa o rosto sem tirar os olhos de Lily. — Alguém viu vocês, garotas?

As duas balançam a cabeça. Não. Bem, isso ajuda — menos gente para explicar o que aconteceu —, mas eu ainda preciso de uma desculpa para a sra. Harrison e para Bren.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, Lily acaricia minha mão. Ela está tentando me passar confiança, embora nossas mãos estejam frias.

— Tudo bem, Wick. Vou dizer a Bren que escorreguei. — Os olhos dela encontram os meus, e eu sei que essa é a deixa para rir. Pena que não consigo sequer sorrir.

Em vez disso, pego o Neosporin.

— Vocês não podem voltar pra casa dos Harrison com essas roupas. Vocês duas precisam se limpar.

Lily concorda:

— Mina, você pode pegar umas roupas minhas emprestadas. A gente lava sua roupa aqui.

— Minha mãe não vai saber?

— Não se você não contar a ela.

A boca da garota fica comprimida feito uma bolinha enquanto ela pensa no que minha irmã está lhe dizendo.

— E se minha mãe não reconhecer as roupas e suspeitar de alguma coisa?

— Diga a ela que você pegou as roupas emprestadas de mim, tudo bem?

Mina aceita.

— Sim, tudo bem.

Ela sobe, deixando Lily e eu olhando uma para a outra. Ela fez tudo direitinho. Eu não sei se fico orgulhosa da minha irmã ou se fico preocupada por ela estar se transformando em mim.

— Então me diga o que aconteceu.

Lily ergue um dedo, esperando os passos de Mina cruzarem o corredor no andar de cima. Tem alguma coisa na firmeza com que minha irmã fecha os lábios que acaba comigo. Ela me lembra muito minha mãe, tanto que isso faz a culpa brotar por todos os meus poros.

— Eu não sei o que aconteceu — ela diz, por fim. — Não mesmo. Foi tudo tão rápido e então... — Lily desvia o olhar e esfrega um olho. — Eu pensei que tinha acabado, Wick. Pensei que estivéssemos a salvo.

Estávamos até que eu ferrei com tudo. Balanço a cabeça, concentro-me para passar o Neosporin no corte. Não é de todo

verdade. Nunca estivemos a salvo, mas eu sempre cuidei para que Lily pensasse que estávamos.

— Me diga o que aconteceu — insisto.

— Ele saiu do bosque. Eu não vi ele.

Eu passo a mão no cabelo dela, tentando acalmá-la como se a ninasse. Peachtree City é conhecida por suas trilhas de bicicleta — algo como cento e cinquenta quilômetros de trilhas passando por bosques e campos de golfe. Algumas trilhas são mais usadas do que outras, e algumas são mais cheias de mato, o que as torna esconderijos perfeitos. Entre as práticas de torcida e a escola, a agenda de Lily pode ser calculada quase minuto a minuto. Isso fez com que ela se tornasse uma presa fácil.

Lily tenta tocar o corte e treme.

— Nós estávamos caminhando pra casa e então ele estava lá e... e...

— Ele disse alguma coisa? Você se lembra de como ele era?

— Ele disse que estava lá a mando de Joe. — Os olhos dela perdem a expressão. Ela engole e olha para mim. — Ele me pegou pelo pescoço e Mina estava assustada demais pra correr e, quando ele mostrou a faca... eu dei uma joelhada nele. Uma baita joelhada. Você ia ficar orgulhosa de mim.

Eu sorrio.

— Eu já estou orgulhosa.

— Vou dizer a Mina que ela não pode dizer nada. Vou dizer que aconteceu aquilo por causa do meu pai e que é um segredo e que eu vou ser levada se ela contar.

— Isso não faz nenhum sen...

— Pra ela, vai fazer. Ela não conhece a vida como nós conhecemos.

— Verdade.

Lily me abraça e eu a aperto, sentindo suas escápulas através da camiseta.

— Sinto falta da mamãe — ela murmura. — Eu sinto tanto a falta dela. Será que isso nunca vai passar?

Eu hesito.

— Não, provavelmente não.

Lily assoa o nariz e me aperta com mais força.

— Por que Joe está fazendo isso? É porque você não trabalha mais pra ele?

— É. — E mais algumas outras coisas que eu devia contar a Lily, mas não conto porque agora ela está sorrindo para mim como se eu fosse uma heroína.

— Estou orgulhosa de você — ela diz. — Eu tive sorte. Você acha que se ele vier atrás de mim mais uma vez eu vou ter sorte de novo?

Não. Eu beijo a testa de Lily.

— Você nunca mais vai precisar ter sorte de novo, Lil. Eu vou fazer de tudo pra que não aconteça mais nada.

Mina reaparece com as roupas de Lily. Antes a garota estava preocupada se a mãe ia notar que ela mudou de roupas, mas agora seu medo é chegar tarde para o jantar. Estou começando a ficar seriamente preocupada se a garota vai ser capaz de manter o bico fechado.

A julgar pela contração do rosto de Lily, ela concorda.

— Eu te amo — digo, abraçando minha irmã com ainda mais força antes de elas saírem. Com as roupas novas e de bom corte, ela parece tão menos... horrorizada. Eu nunca mais quero ver Lily daquele jeito.

— Eu também te amo — ela diz, passando os braços pelo meu pescoço.

— Vamos, eu levo vocês.

Lily balança a cabeça.

— É melhor ir andando. — Ela olha para Mina. — Tenho mais tempo de conversar com ela.

— Converse no carro. Você não pode sair por aí agora, Lil. Não é seguro.

— Então como vai ser? Você vai me esconder pelo resto da vida?

Ela é menininha demais para soar tão amarga, e outra pontada de culpa me envolve. Pego a chave do carro.

— Nós vamos descobrir o que fazer. Só entre no carro.

Eu ligo para a sra. Ellery para explicar onde estou indo enquanto as duas meninas entram no carro. Graças a Deus, a morcega velha não me passa nenhum sermão, e eu levo as duas de volta para a casa de Mina, permanecendo na porta da garagem até que Lily entre na casa e feche a porta. Milo está errado: o passado não está morto; o futuro está. Tudo que fizemos é a razão de tudo que viremos a fazer.

Talvez isso sempre estivesse prestes a acontecer.

Mas eu tenho de ser rápida. O horário comercial está perto de acabar. Pego o celular. Não tenho nem de procurar pelo número, porque ele ainda está na minha lista de ligações recentes. O telefone toca tantas vezes que eu acho que eles já saíram, mas a recepcionista atende.

— Cadeia de Fayette County, deseja falar em que ramal?

Eu ajeito o telefone no ouvido.

— Preciso marcar uma visita pra ver o preso Michael Tate.

44.

Encontro o mesmo guarda de antes e, enquanto caminhamos na direção da sala de visitas em arco-íris, tento observar se ele acha que é estranho que eu esteja aqui de novo.

Ou, pior, se ele pensa que é estranho que eu esteja aqui para ver outra pessoa, tipo estranho o bastante para se lembrar de mim num júri.

Porque se Michael acabar fazendo isso — e, se vou contar para ele o que aconteceu, eu devia, no mínimo, ser capaz de dizer o que significa *isso*, mas não consigo —, quero ter certeza de que ninguém vai me pegar. Não é possível que cheguem em mim. Mas o guarda me deixa sem uma segunda olhada e eu fico sozinha.

Alguns minutos depois, Michael aparece e, quando fica diante do acrílico, do outro lado, ele sorri sem parar.

Tudo em que consigo pensar é como Carson disse que nossos sorrisos são idênticos.

— Olá, Wicket.

Eu engulo em seco.

— Michael.

As sobrancelhas do meu pai se levantam como se ele achasse o cumprimento divertido. Eu não ligo. Da última vez que o vi ele quase deslocou meu ombro, e ele está na cadeia porque Griff ajudou a pegá-lo. Ele não me assusta mais.

Talvez, se eu disser essa frase muitas e repetidas vezes, eu acredite nisso.

Michael se ajeita na cadeira, passando a palma da mão no que resta do seu cabelo loiro. A maquininha da cadeia faz com que as linhas do seu crânio saltem.

— O que você quer? — ele pergunta.

— Você recebeu meu presente? — Mais especificamente: ele pegou o Samsung Galaxy meio ferrado, mas carregado com a versão melhorada do vídeo de segurança? Stringer disse que ele tinha recebido. Stringer vai dizer um bocado de coisas por duzentos paus.

— Recebi. Onde você achou aquilo?

— Um amigo me deu.

Os olhos de Michael buscam o guarda que nos observa.

— Um amigo.

Você não tem ideia.

— Eu queria que você visse porque... — hesito, tentando escolher minhas palavras com cuidado — ... porque o que aconteceu não foi um acidente. Não foi uma escolha. A mamãe pulou porque ela tinha que pular, porque Joe Bender fez ela pular.

Michael fica imóvel.

— Você tem certeza disso?

— Eu reduzi a instabilidade da imagem e ampliei. Você pode ver os dois claramente. Aconteceu. É ele.

Meu pai fica em silêncio por tanto tempo que eu acho que ele está se lixando, e eu me sinto uma idiota de novo. Os olhos dele estão baixos, traçando alguma palavra invisível como que talhada no tampo da mesa diante dele.

— Quem estava com ele?

Minha boca fica seca. Eu disse *os dois*. Escorreguei.

— Algum viciado que ele encontrou para ajudá-lo — minto. Embora por dentro eu esteja explodindo. Não costumo cometer esse tipo de erro. Eu o quero preso, não morto.

Certo?

Claro que não. Isso não sou eu. Eu não quero que ninguém morra.

Mas isso é outra mentira, não?

— Por que você está me contando isso? — Os olhos do meu pai se levantam, encontram os meus, e eu tenho de lutar para não começar a tremer.

— Porque você precisa saber. — Mexo as mãos sob a mesa, esfrego as palmas suadas contra o jeans. Alguma coisa urgente e sem palavras para no meu peito. Eu me concentro nisso. — E porque eu quero saber o que você vai fazer a respeito disso.

Michael ri de novo, e dessa vez eu tremo. Talvez de medo... talvez de antecipação. Eu quero que Joe pague e eu conheço o olhar estampado agora no rosto de Michael. Ele está me prometendo o pior.

— Vou cuidar disso, Wicket — ele diz. — Confie em mim.

Quando chega a esse ponto, eu confio. Vou para o carro sem me sentir de fato leve ou tonta.

Ou culpada.

Em vez disso estou apenas... centrada? Eu não sei o que é, mas gosto quando sinto isso bem no fundo. E quando Bren liga em casa e a ligação é encaminhada para o meu celular, eu digo a ela que estou bem, e pela primeira vez em milênios não estou mentindo.

45.

Eu mal chego em casa quando outra mensagem de texto é enviada de um número desconhecido.

o q mais vc encontrou?

Olá para você também! Carson deve ter arrumado outro celular descartável. Jogo minha bolsa longe e praticamente desabo sentada no chão. O que mais encontrei? Hum... nada.

Nada vai funcionar com Carson. Preciso de alguma coisa que ele não conseguiria sozinho. Alguma coisa boa.

Esfrego os olhos com força e, no escuro, vejo minha irmã. Minha irmã perfeita e loira. Hum.

Chelsea era loira. Lell era loira. Tinham mais ou menos a mesma idade... será que isso significa alguma coisa? Poderia significar se eu não soubesse que Chelsea foi provavelmente morta por explorar as fotos de Lell, então só resta... Lell.

E de repente, o que Jason disse antes de desmaiar na festa de Bay me ocorre nitidamente dentro da cabeça. "Lembra a lé..." *Lembra a Lell?* Se Lell foi a primeira vítima dele, tudo se inicia com ela; e o que quer que ele tenha começado há quatro anos está terminando agora... Hummm.

Verifico o sistema de segurança, subo e ligo o computador. Depois de alguns instantes de espera, abro o Google e digito "Lell Daley Peachtree City". A listagem é grande. Desde que o corpo foi descoberto, tem-se produzido um bocado de cobertura jornalística, e tudo diz basicamente a mesma coisa: garota da região, fim trágico, quem poderia ter feito uma coisa dessas?

Clico em vários artigos e não acho nada de útil — nenhuma revelação de fundo, nenhuma grande pista. Realmente nenhuma

surpresa. É muito improvável que algum jornal local faça qualquer revelação assombrosa, capaz de mudar os rumos do caso. Terminei de ler um artigo, subo com o cursor... e vejo a imagem de Lell sorrindo para mim.

Eu vi essa imagem antes, mas onde?

Ah, sim, Carson a usou na sua conferência de imprensa e é fácil descobrir a razão: o sorriso de Lell está imenso. Ela está encostada em Kyle, que está de olhos cerrados diante do sol. Eles parecem felizes.

Eu passo tanto tempo olhando para o sorriso dela que quase não dou atenção ao outro braço preso ao de Lell. Kyle está à sua esquerda. Alguém está à direita. Eu clico na imagem e a amplio. É o braço de um homem. É possível afirmar pelo tamanho do braço e do relógio. A julgar por como ele está preso a Lell, eles devem ser próximos.

Então quem é ele?

Passo os olhos pelo artigo mais uma vez, procurando qualquer informação sobre a imagem, mas não há nada... Exceto uma linha sobre como a mãe de Lell tirou a foto umas poucas semanas antes de a garota desaparecer.

Eu sacudo o mouse, pensando. Se a sra. Daley tirou a foto e a entregou à imprensa, ela provavelmente deve lembrar quem é o cara, certo?

Só há uma maneira de descobrir.

Abro uma nova janela e começo a procurar pelo endereço de Reichelle Daley.

Encontrar Reichelle foi fácil. Mesmo depois de Lell partir, ela nunca se mudou da nossa antiga vizinhança e, enquanto eu estudo o trailer dela pela janela do carro, fico pensando se não foi porque ela ficou esperando a filha voltar para casa. A moradia está no fim

de um beco curto, suas persianas de plástico em amarelo desbotado, as beiradas da lataria se descolando da estrutura.

Quando bato na porta, todo o pórtico da lateral balança e eu me sinto prestes a abrir um buraco nas pranchas.

Eu suspiro. É melhor que seja bom. Aposto que a sra. Ellery está telefonando para Bren neste exato momento.

— Sra. Daley?

A porta de plástico se abre e uma mulher vestindo um moletom manchado e legging olha para mim pela tela.

— Sim. Quem é você?

— Wicket Tate. Eu vivia em Sycamore.

— E?

— E eu queria conversar sobre sua filha.

Uma pausa. Ela me estuda.

— Você lembra Lell.

Eu dou a Reichelle um sorrisinho, enquanto minha nuca formiga. Há realmente alguma coisa nisso. Eu só tenho de descobrir o que é.

— Eu sinto muito pela sua perda, sra. Daley. — Eu hesito e mordo meu lábio inferior por um instante. — A senhora acha que pode responder a algumas perguntas sobre ela?

— Por quê?

Me dá um branco. *Porque estou escrevendo um trabalho para a escola? Não. Porque eu estou escrevendo para o jornal da escola? Também não vai funcionar.*

— Porque eu conheci Kyle e acho que ele a matou. — Não está muito próximo da verdade, mas os olhos dela se concentram nas palavras e eu sei que disse o que ela queria ouvir.

— Eu também acho que foi ele. — Reichelle abre a porta de tela e pede que eu entre. — E, quer saber, eu prefiro conversar com alguém da vizinhança a conversar com esses malditos policiais.

Eu a sigo para dentro de uma sala apertadíssima que tem o odor do interior da bolsa de uma velha senhora. O lugar cheira mal, o ar não circula e, quando respiro, sinto a poeira grudar nos meus dentes.

— Como você conheceu Kyle? — ela pergunta, desaparecendo na cozinha por um longo instante.

— Na escola. Ele era mais velho. Havia um grupo de ajuda comunitária e... — Eu não preciso continuar, porque ela não está ouvindo. Parece indecisa quanto a onde ficar no espaço exíguo e se joga num sofá velho de veludo cotelê, olhando-me com olhos sem expressão.

— Você está com fome? Tenho empadão, se você quiser.

— Não, obrigada.

— É o que eu devia ter dito. Todo mundo me trata como se eu fosse uma inválida. Eles ficam me trazendo comida, porque acham que estou ocupada demais chorando e não como. Ninguém entende que eu já chorei o que tinha que chorar quando Lell fugiu com aquele rapaz.

— Eu tinha escutado que você era feliz.

— Eu era. — Reichelle balança a cabeça com força, os cabelos grisalhos lhe caindo no rosto. — Eu *fui*. Por um tempo. Porque aquela foi a última vez que vi Lell. Pensava que ela tinha me deixado pra trás pra viver aquela vida maravilhosa com aquele menino rico. Aí eu chorei. Chorei por meses. Não tenho mais chorado. Não sei por quê.

Porque a dor é uma coisa engraçada. Ela te ataca quando você menos espera; e embora eu provavelmente devesse dizer alguma coisa para confortá-la, porque tenho uma ideia do que ela está vivendo, não digo nada.

Limpo a garganta, mas minha voz ainda se parece com a da Minnie Mouse.

— Eu queria perguntar à senhora sobre uma foto que vi no jornal, uma que a senhora tirou, em que Kyle e Lell estão sorrindo para a câmera.

— Sim. — Ela levanta um dos ombros. — O que você quer saber?

— A gente vê o braço de uma outra pessoa na imagem. Por acaso a senhora lembra de quem era?

— Claro que sim. Era de Jason Baines.

Eles eram todos amigos. Jason e Lell cresceram juntos — ele vivia a uns minutos daqui —, e quando minha filha chamou a atenção de Kyle, quando ele estava no segundo ano do ensino médio, os três começaram a sair juntos. Lell foi o primeiro amor de Kyle. E Jason foi o primeiro traficante de Kyle.

— A senhora disse isso à polícia?

Reichelle olha para mim como se eu fosse uma idiota.

— Não. Por que eu deveria dizer? Que bem isso faria?

— E se Jason estiver envolvido?

Reichelle se endireita.

— Você tem ideia do quanto aquele menino chorou quando Lell fugiu?

Eu balanço a cabeça lentamente, e Reichelle relaxa um pouco, entregando-se às almofadas do sofá.

— Ele ainda cuida de mim, nunca deixa a grama crescer, faz compras. Eu não ligo para o que as pessoas falam dele. Se você está com Jason, ele cuida de você. Ele cuida de mim. Ele faz questão que o pessoal dele cuide de mim.

Eu balanço a cabeça como se entendesse. Mas tudo em que consigo pensar é em Joe e em como eu cuidei dele. Isso faz de mim parte do pessoal de Jason?

Meu telefone vibra. Outra mensagem. Bren? Vejo a tela. Carson.

identificação da arcada diz que o corpo é de kyle bay

Eu leio uma, duas vezes. Isso não pode estar certo. Isso significa que...

— Eu acho que Jason amava ela — Reichelle acrescenta, e eu tenho de me forçar a olhá-la olho no olho, embora eu só consiga pensar em Ian. Se Kyle está morto, quem bateu em Ian?

— Queria que Lell amasse ele do mesmo jeito — ela continua. — Mas a gente nunca ama quem a gente deve amar, não é?

É verdade. Estou tremendo agora. Preciso de toda a força do mundo para me levantar.

— Obrigada pelo seu tempo.

Uma sombra cai sobre nós.

— Eu realmente queria agradecer à senhora.

Jason está na porta, sorrindo, e o medo percorre minha espinha. Ele está olhando para a mãe de Lell como se ela tivesse feito algo extraordinário.

Ela olha para fora:

— Entre.

— Não tenho palavras pra dizer o quanto gostei disso. — Jason entra na sala.

Minhas pernas pesam como chumbo.

— Do quê?

— Disso.

Jason segura uma arma de eletrochoque e atira em mim.

E meu corpo inteiro parece estar pegando fogo.

46.

Acordo com a dor. A pele do meu peito parece queimada e, quando eu me viro, a bile inunda minha boca e eu engasgo.

— Eu não me mexeria, se fosse você.

Jason.

Eu estou de joelhos, balançando — e boto tudo pra fora. A força de cada jato leva meu nariz a centímetros do carpete oriental em que estou. Mais quatro golfadas e eu consigo me ajeitar, levando minha mão trêmula à boca suja.

Eu quero gritar.

Estou na casa de Bay, na sala de estar, e Jason está de pé diante de mim.

— Disse pra você não se mexer — ele fala, com os olhos medindo cada centímetro do meu rosto. — Provavelmente a culpa é minha. O disparo foi mais longo do que devia. Mas eu estou me sentindo muito feliz.

Eu olho feio para ele, imediata e horrivelmente ciente de que não estamos sozinhos. Alguém pesado está ao meu lado. Ele se mexe levemente e geme. Eu olho para baixo e engulo em seco. Juiz Bay.

Jason o chuta.

— Já mudou de ideia, velhote?

— Vá pro inferno.

— Por favor, pai!

Eu me endireito um pouco mais, com a visão periférica ainda fraca, mas a cabeça começando a ficar mais clara. Uns poucos metros dali, Ian está de joelhos no chão, seu rosto ferido na direção do pai.

— Apenas faça o que ele está pedindo — Ian sussurra.

— Exatamente. — Jason caminha e fica diante de Bay. — Escute seu filho. Transfira os fundos e eu desapareço pra sempre.

Dinheiro. Se a questão é dinheiro, por que eu estou aqui? Meu estômago revira de novo. Sinto que as coisas não vão bem, mas parece que estão... piores. Ou que o pior está por vir.

Lentamente, mudo meus pés de posição debaixo de mim, observando a sala com o canto do olho. A mobília foi empurrada para perto das paredes, restando a nós, os quatro, ficar sobre o carpete claro e grande. Ian está soluçando, Bay está xingando e Jason parece que gostaria de nos socar.

Observo suas mãos. A que segura a arma de eletrochoque está tão apertada que os nós dos seus dedos estão brancos, e eu fico pensando como ele é capaz de sentir a arma — e é quando vejo alguma coisa se movendo do lado de fora da janela. Uma sombra se separa da escuridão. Eu pisco uma, duas vezes.

Não é uma sombra. É uma pessoa.

Ela se move à direita. Não é qualquer pessoa. *Milo.*

O alívio amolece meus membros.

Até que Jason acerta Ian. Uma, duas, três vezes. O menino grita e chora, bolhas de sangue se enchem e estouram na sua boca.

— Por favor, pai. — A voz de Ian fica mais alta, histérica. Eu me encolho, os olhos ainda na janela, rezando para que Milo reapareça.

— *Por favor!*

Do meu lado, Bay endurece.

— Para de choramingar!

Isso faz Jason parar, de punho erguido. Ele olha para o juiz com o sorriso de quem está pronto para matar.

— Eu lembro disso. Eu me lembro de você dizer pra ela...

— Quem? — Bay recua, encostando em mim.

— Minha mãe — Jason diz. — Você se lembra de Tabitha, não? Você ferrou com ela. Você ferrou tanto com ela que ela me teve.

Debaixo de Jason, Ian faz um som abafado de descrença e horror.

— Pai?

— Não há provas. Ela era instável, saía com muitos homens, e nunca houve qualquer prova...

— *Eu* sou a prova! — Jason grita. — Lembra de mim? O filho que você ignorou? Eu sou a prova! Vocês, desgraçados, apenas usam gente como nós e nos jogam fora. Você fez isso com a minha mãe. Seu filho fez isso com a Lell.

— Ele a amava — Bay sussurra. É tão baixinho que quase não se escuta. — Kyle não devia, mas a amava.

— Não ia durar — Jason diz enquanto se aproxima, inclinando-se de modo que seu rosto está a poucos centímetros do de Bay. — Nunca dura pra gente feito vocês. Você gostou de ser chantageado? Você gostou de ficar com medo? Porque eu gostei de fazer isso com você. Realmente gostei.

O rosto de Bay fica vermelho.

— Você nunca vai ter um centavo meu.

Atrás dele, Ian se levanta e balança. Meu coração vem à boca. Se ele for brigar, eu vou ter de ajudar. Eu pulo nas costas de Jason ou...

— Que se dane. — Ian limpa o sangue do rosto e saca uma arma de eletrochoque do bolso de trás. — Já me cansei da sua gritaria. Eu mato ele e a gente faz parecer que foi um assalto. Eu herdo tudo e te dou a metade, Baines.

47.

— Você está trabalhando com *ele*? — A pergunta do juiz praticamente se transforma num uivo.

— Surpresa! — Ian respira e ergue a cabeça como se tivesse escutado e sentido alguma coisa.

Todos sentimos.

Primeiro vem a pressão. Ela é tão densa que eu a sinto na minha cabeça, no peito, nos *ossos*... E então vem o som — o vidro quebrando, o gesso da parede rachando —, e a explosão me joga para a frente. Eu caio no chão, o rosto primeiro, minha cabeça se enche do clarão.

E este é o momento em que Milo entra. Quase sorrio.

Reconheço vagamente outra explosão, uma explosão menor. Espere. Foi menor? Ou apenas *parecia* menor? Meus ouvidos não param de zunir. É difícil respirar através da súbita fumaça, mas eu caio fora dali, tentando alcançar Bay.

Mas ele já desapareceu.

Jason se levanta do chão, correndo atrás dele. Eu me viro para o outro lado e alguém se agarra ao meu tornozelo. Ian. Eu tento soltar meu pé e acerto alguma coisa mole. Enfio o calcanhar no mesmo ponto mais uma vez. E mais uma vez.

Meu tornozelo se solta. Eu me apresso, os tênis pisando em cacos de vidro. Se eu conseguir chegar no jardim dos fundos, posso dar a volta e ir para a rua. Posso fazer isso.

— Wicket! — Ian grita.

Eu corro mais, abrindo com os ombros o que restava das portas francesas e caindo na varanda externa. Meus pulmões estão ardendo. Meus olhos estão ardendo. Eu acerto com as canelas uma *chaise longue* de madeira e vou ao chão.

Então escuto uma sirene. *Polícia.*

Os policiais chegam pela direita. Da via principal.

A forma mais rápida de chegar a eles é pelo gramado da frente, descendo pela via de acesso à casa. Enfio uma mão por debaixo do corpo e me ponho de pé, passando pelas cadeiras, cortando pelo jardim lateral...

E parando.

Na minha frente, duas figuras brigam no gramado. Há um clarão e um grito. Bay? Jason? Não sei dizer. Alguém cai, estirado no chão. Merda. Eu teria de passar por eles para chegar à rua. Não vai dar. Resta apenas...

O bosque.

Eu poderia cortar pelo bosque como fiz antes. Se eu corresse direto por ali, poderia alcançar os policiais do outro lado. Entre os arbustos e a escuridão, eu poderia seguir sem ser notada.

Claro, o mesmo valeria para quem quer que se escondesse ali.

Dane-se. Eu disparo pela mata.

Estou quase chegando quando escuto um grito enfurecido atrás de mim.

— Te peguei, vagabunda!

Ian.

Abro caminho pela mata com os braços abertos. Meus pés pisam em folhas mortas, e tenho de me forçar a contar quantos segundos eu tenho antes de ele começar a me fazer companhia.

Três... quatro... cinco.

Ele está perto.

Eu viro bruscamente à esquerda e mergulho na lama, me enfiando atrás de um arbusto como um animal. Na verdade, é até apropriado pensar dessa forma. Sinto como se estivesse sendo caçada.

— Sei que você está perto, Wick. — Ian está caminhando a poucos metros de mim. — Consigo escutar sua respiração.

Mas não mesmo. Estou lutando para não começar a resfolegar. Enfio a camiseta na boca, tentando abafar o som, e meu cotovelo atinge alguma coisa dura.

Um galho quebrado.

Eu passo meus dedos por ele, sentindo sua extremidade pontiaguda. Não é uma arma de eletrochoque, mas vai funcionar.

Ian se aproxima, levantando o cheiro das folhas mortas.

— Saia, Wick. Você fez isso antes com Jason, se lembra? Ele me contou.

O zunido nos meus ouvidos e os ramos pisados, junto com a voz de Ian, acabam comigo. Eu não sei onde ele está. À minha esquerda? Eu acho... Eu me ajeito, fico sentada, olho ao redor. Não é bom. Avancei demais. Estou presa pelo arbusto de um lado e Ian do outro. Preciso ficar de pé. Não vou conseguir um bom golpe se estiver embaixo. Mas de pé ele vai me ver.

E se eu ficar de pé ele vai me *encontrar*.

Eu me levanto, ficando próxima a um tronco de árvore, e vasculho as sombras de ponta a ponta, prendendo a respiração até que sinto o peito apertar.

— Vamos lá, Wick.

Ali. Ali está ele. Ian está a poucos metros de mim, meio curvado enquanto me procura sob um tronco.

— Eu sei que você está na escuridão, Wick. É justamente o que torna isso tudo legal. Eu te vi diante de Baines no escritório. Eu vi sua cara. Você gosta do poder. Você é como eu.

— Vá à merda.

Ian se endireita, seguindo a direção da minha voz.

— Não negue!

Corro à direita, vou mais fundo no bosque, mas preciso de uma posição melhor, em que eu não fique presa pelos arbustos quando correr.

— Eu te vi pela janela — ele prossegue. Ele se move mais rápido do que eu, sem se preocupar com o barulho. Ele está se aproximando.

— Nós dois fingimos ser fracos porque nos convém — ele diz. — Não porque sejamos. Predadores mantêm uma excelente máscara. Pena que nós reconhecemos uns aos outros.

— Eu não sou como você, Ian.

— Postura de merda vindo de uma garota que fede a medo. — Ele respira profundamente. — Vocês, suas vagabundas, têm sempre o mesmo cheiro no final.

Eu avanço sobre o último pedaço de mato crescido. Ian talvez esteja a três metros de mim. Não há como escapar dele.

— Não quer mais falar, Wick?

Ponho o galho no ombro.

— Por que você quis matar Lell?

A cabeça de Ian se levanta, virando de um lado para o outro enquanto ele me procura.

— Lell também era como eu... como nós. Ela negou até o fim. Eu sabia que ela estava com meu irmão pela grana. Baines sabia que o lance de Kyle com Lell era passageiro. Nós todos éramos amigos e eu... usei isso. Eu disse a Baines que ele devia fazer alguma coisa. E então ele fez: matou os dois. — Ian para e respira profundamente o ar da noite. — Eu sou bom nisso, fazer com que as pessoas façam o que eu quero. Chelsea foi a mesma coisa. Ela queria dinheiro, poder, cair fora daqui e, quando ela conseguiu as fotos, percebeu que tinha o bilhete premiado, graças a mim. Ela foi a minha primeira e, Deus, como eu gostei de cortá-la. Quase tanto quanto gostei de enterrar Kyle. Você quer saber a melhor parte?

Não. Eu quase digo sim porque ele está chegando perto e, de um jeito ou de outro, isso está chegando ao fim.

— A melhor parte foi que nosso pai acreditou que era Kyle. Na época, ele o odiou tanto que foi fácil fazê-lo acreditar que o filho dele tinha matado Lell e fugido.

Eu vou para trás de outra árvore. Um galho quebra debaixo do meu pé, e Ian percebe.

E se aproxima.

— Eu tratei com ele do assunto em detalhes — ele continua. — Como com Baines, eu expliquei exatamente como tinha de ser, e você sabe o que meu pai fez? Nada. Em vez de procurar o filho, ele ajudou a acobertá-lo. Tudo isso fez bastante sentido, depois de todos os ataques de fúria de Kyle e os avisos da doutora. As pessoas veem o que elas esperam ver, você precisa compreender isso.

Eu compreendo e dou mais um passo para trás, sentindo o chão com a ponta do meu tênis e colocando-a no chão para minimizar o barulho das folhas.

— E então eu comecei a pensar — Ian diz, e eu sou capaz de escutar o sorriso na sua voz. — Agora que Kyle está fora do jogo, eu serei transformado no herdeiro de tudo, e o que aconteceria se eu... acelerasse o processo?

Ele ia se livrar de Bay. Eu engulo e sinto a garganta travar.

— E a mensagem "lembre-se de mim"?

— Pensei que ia ser um toque sutil. Lembre-se da garota que você enterrou. Lembre-se do que você fez. Meu pai sabia que alguém sabia. Ele começou a derreter, e eu assisti. Eu acabei com ele do mesmo jeito que ele, todo o tempo, tentou acabar comigo.

Ian para, observando o bosque. Ele olha... olha... e para. Ele *me vê*.

— Vai acontecer, Wick.

Sim, vai. Eu agarro o galho com mais força, forçando-me a esperar até que minhas mãos parem de tremer. Elas não param. Estou prestes a chorar. Eu não confio em mim mesma para respirar: tenho medo de começar a soluçar. Então Ian vai para outro lado, e eu chego a pensar que estou errada. Ele não me viu. Estamos próximos — a ponto de nos tocarmos — mas ele está olhando na direção da estrada, como se pensasse que estou indo naquela direção.

Espere. Espere, eu penso. *Você sabe fazer o papel de presa.*

E, de repente, é como se Todd e meu pai estivessem aqui, ambos sussurrando meu nome. Ian salta em minha direção e eu o ataco com o galho.

Eu o acerto.

Os gritos dele enchem o ar. Eu ergo mais uma vez o galho, e assim que faço o esforço para acertá-lo mais uma vez, sinto a dor tomar conta do meu corpo, atravessando como um choque minhas terminações nervosas.

E para.

Estou com a cara na lama agora. Em algum lugar escuto um choro baixo e levo um segundo para perceber que sou eu mesma. Um punho está fechado nos meus cabelos, puxando-me com brutalidade para trás, e Ian se inclina, prendendo meu ombro com o joelho.

Levante-se, levante-se! Não deixe que ele fique em cima de você. Você não vai se levantar de novo.

Tarde demais. Eu quero rir, enquanto ele estica seu rosto para ficar próximo do meu, olhando-me nos olhos. Eu estou sempre atrasada.

Sinto uma dor do lado do meu rosto. *O que...* — uma lâmina. Ele está pressionando uma faca no meu rosto e o sangue escorre numa onda quente.

Ian esfrega o dedão nos meus lábios.

— Essa não era a melhor maneira, Wick. Pensei que a gente podia ter tido uma coisa legal. Eu te peguei, ainda que você não queira ver.

Minhas mãos tateiam a lama ao nosso redor, não achando nada. Nenhuma pedra. Nenhum maldito galho. Tem de haver alguma coisa.

Então o quadril de Ian toca o meu e eu sinto o plástico da arma de eletrochoque.

— O que você acha, Wick? — Ian aproxima a lâmina da minha boca. — Será que eu devia talhar um sorriso em você antes de ir? Ou você vai sorrir pra mim por livre e espontânea vontade?

Eu vou. Eu sorrio. Sorrio para Ian assim que meus dedos alcançam a empunhadura da arma. Eu a puxo com força e a pressiono na barriga de Ian, segurando o gatilho disparado até que os policiais escutam nossos gritos.

48.

O que é pior do que estar num carro de polícia? Estar numa ambulância.

Onde está Carson? Eu me desfaço do cobertor que o médico do resgate me deu. Sim, ainda não parei de tremer, mas colocá-lo sobre os ombros faz com que eu me sinta vítima de uma inundação.

— Senhorita? — O médico para a fim de checar meu pulso e olha para mim. Ele parece familiar. O nome na camisa é Morris. Hum. Ou eu bati a cabeça mais forte do que eu pensava ou esse é o mesmo médico de resgate de cinco meses atrás.

— A senhorita seria capaz de ficar quieta? — Morris pergunta entre dentes.

— Estou bem. Realmente bem.

— Você não está bem. Talvez depois de receber os pontos no rosto. Mas eu duvido. A dilatação das suas pupilas está desigual. Você provavelmente bateu a cabeça...

— Eu me sinto bem.

— Você disparou a arma em si mesma.

— E também nele. — Eu dou a Morris um sorriso penetrante e brilhante, e ele me ignora, enfiando as bandagens extras num tubo de plástico que ele joga debaixo de um dos bancos.

— Fique parada. — Ele aponta um dos dedos entre meus olhos. — Os detetives vão querer falar com você antes de irmos pro hospital. Não. Se. Mexa. Entendeu?

Realmente, o mesmo sujeito da vez passada.

Que saco.

— Tá bom.

Morris alonga as mãos antes de ir para a frente da ambulância, restando-me apenas olhar a multidão que se aglomera e pensar no

próximo movimento, ou melhor, ausência de movimentos. Eu não tenho ideia de como vou explicar tudo isso para Bren. Nenhuma ideia. Perto da minha coxa, alguma coisa vibra.

Que mer... ah! Tudo bem. Morris deixou o celular ali enquanto lavávamos o sangue do meu rosto... O único problema é que é o número de Milo que está na tela.

Eu olho para fora, procurando-o pelos rostos das pessoas que se aglomeram do outro lado da fita de isolamento da polícia. Nenhum sinal de Milo. Eu passo a mão pela nuca. Essa realmente não é a hora para uma conversa íntima — especialmente no celular de outra pessoa.

A chamada cai na caixa de recados e, segundos depois, ele liga de novo. Estico a cabeça para ver na lateral da ambulância. Nenhum sinal de Morris.

Eu pego o telefone e atendo a ligação.

— Belo truque.

— Não é? Depois te ensino a fazer, se você quiser.

— Talvez. É quase tão bom quanto você descobrir que eu estava na casa de Bay.

— Eu só queria ter a certeza de que você estava bem.

— Aparentemente eu tive outra concussão... e vou precisar de uns pontos.

— Meu Deus, Wick...

— Como você sabia que eu estava na casa de Bay?

Silêncio.

Eu aperto ainda mais o celular. Certamente ele não...

— Milo!

— Eu instalei um rastreador no seu carro, então quando aquele sujeitinho asqueroso levou o carro, eu sabia onde vocês estavam. — As palavras lhe saem aceleradas da boca, umas atropelando as outras, bagunçadas e, embora eu as esperasse, elas ainda ferem. —

Desculpe, tudo bem? Realmente, me desculpe. Foi cagada, mas eu queria ver se funcionava e queria ver você e... e nós podíamos conversar sobre minha completa falta de limites se você me deixasse te levar pra jantar.

— Isso seria como te dar permissão pra me seguir. — Eu tento ver mais uma vez se Morris está por perto, e o encontro perto de dois policiais, todos gesticulando. — Onde Jason deixou meu carro?

— Não está longe. Do outro lado do bosque. Não vai demorar pros policiais o acharem.

— Legal...

Milo faz um barulho longo.

— Olhe, eu ferrei com tudo, eu sei. Mas tudo deu muito certo pra você.

— Eu não diria “muito”. — Ou diria muito mal. Se não fosse aquela explosão... Começo a tremer ainda mais.

Milo suspira.

— Eu me sinto mal por ter te deixado, Wick. Depois da explosão, tentei te encontrar e não consegui. Os policiais estavam chegando, e eu tinha resíduo explosivo nas mãos e não podia ser pego.

— Eu entendo. — E, surpreendentemente, entendo mesmo. Saquei. Eu mesma teria dito a ele que corresse. Nós somos iguais nesse ponto. — Eu não ia querer que você fosse pego... E estou até que feliz por você ter me seguido. A bomba foi... foi ótima.

— Então isso significa que a gente está saindo?

— Estou desligando, Milo. — Faço isso, mas não sem antes escutar sua risada, líquida e quente, no meu ouvido. Ela permanece comigo enquanto apago a lista de ligações recentes de Morris, e depois, resistente, enquanto caminho por trás da ambulância.

Todos os três médicos estão com o juiz Bay, e os vizinhos se aproximam das fitas da polícia. É difícil reconhecer qualquer rosto. Também, acho que não ia querer. Até que meus olhos de súbito se

deparam com formas conhecidas. Por um segundo, acho que é Milo. Não é.

É Griff.

E eu estou a dois passos dele antes mesmo de perceber que estou caminhando. Eu desvio de dois policiais que estão indo ao encontro do juiz e, finalmente, sei tudo que preciso dizer a Griff. Eu sou capaz de acertar.

Você veio, vou dizer. Sempre, ele responderá. Sinto muito, eu direi. Nós vamos deixar tudo isso para trás, nós dois diremos, porque vou dizer a ele a verdade sobre tudo. Mas eu me aproximo e nada disso acontece: quando o alcanço e meus dedos seguram o pulso dele, Griff se afasta.

— Não — ele diz, e eu congelo. — Eu precisava saber se você estava bem. Só isso.

— Eu estou bem. — É um sussurro, e eu quero que seja mais do que isso. Limpo a garganta com força, e os olhos dele parecem se mover. Eu pensei que estivesse olhando para mim. Não está. Griff está olhando para o corte no meu rosto. Ele *ainda* está olhando para o corte no meu rosto. — Obrigada por vir.

A pele ao longo da garganta de Griff se tensiona enquanto ele engole.

— Eu queria te abraçar e não consigo.

— Você consegue.

— Não consigo. Se eu tocar em você uma vez, Wicked, eu vou ter que tocar em você de novo.

— Griff... — Os olhos dele se levantam na direção dos meus e alguma coisa dentro de mim cai de lado... e se quebra.

— Tchau, Wicked.

Não. Não. Não. Um milhão de *nãos* e eu não consigo produzir nem mesmo um. Griff se afasta ao mesmo tempo que uma mão pega no meu ombro e me gira.

— Senhorita, preciso acomodá-la. — É outro policial. Ele me puxa pelo meu braço machucado e a dor faz o mundo girar.

— Não posso. Eu... eu preciso do detetive Carson. — Eu me solto. — Ele está por perto?

O policial balança a cabeça.

— Não.

— Ele vai chegar logo?

O cara hesita.

— Eles não conseguem encontrá-lo.

— Não conseguem... — Meu estômago afunda dentro de mim. É sempre possível encontrar Carson. Sempre. Só há uma coisa que o manteria longe de ver a destruição de Bay: é a destruição dele mesmo.

Atrás de nós, alguém chama o policial. “Só mais um pouquinho”, ele promete, se afastando. Deixando-me sozinha de novo.

Meu coração vem à boca. O plano de Milo de pegar Carson. Se funcionou, o depósito de Carson está apinhado de agentes federais seguindo as pistas que levam a ele. Considerando que o detetive já está desaparecido, eu aposto que ele sabe. Ele sabe e está fugindo.

Se eu conseguisse chegar à casa de Carson antes dos federais, poderia pegar de volta meu computador e o vídeo de Griff. Eu seguro uma risada.

Eu poderia pegar *minha vida* de volta.

49.

Vingança é assim: você rouba o agasalho do uniforme de Morris, pendurado num gancho na ambulância, e sai da cena do crime como se não fosse uma vítima. Você encontra seu carro antes dos policiais e usa a chave reserva — a que você nunca pensou que usaria quando Bren prendeu a caixinha magnetizada no chassi do carro — para sair.

Vingança é você querendo rir enquanto caminha no escuro pela via de acesso enlameada de Carson.

Eu devia estar tremendo, mas, em vez disso, estou sorrindo. É uma risada dura, como se alguém a tivesse talhado com uma faca.

Chega de Carson. Acabou.

Ou vai acabar assim que eu terminar isso tudo. Assim que eu levar meu computador. Assim que eu formatar a máquina dele. Aí, sim, estarei livre. E Griff estará livre. A possibilidade me causa uma dor aguda, quase visível. Ele estará livre. Nós estaremos.

Não demoro a chegar na casa. Ela está ali, silenciosa e escura, à luz da lua, e eu tenho de me esforçar para esperar quando tudo que eu quero é correr pelo gramado comemorando.

Já era. Já era. Já era. Carson já era.

Contorno o gramado, permanecendo próxima à linha das árvores, até que alcanço a parte de trás da casa. Se o alarme dele estiver ligado, terei talvez vinte minutos até que a polícia apareça. Está ótimo. Não vou precisar de mais do que dez. Enfio as luvas de borracha que roubei da ambulância e saco a chave de roda do carro de dentro do agasalho, dando dois passos e quebrando a janela da porta lateral.

Ninguém. Enfio a mão pela abertura e abro a fechadura. Melhor acreditar que seja um alarme silencioso e correr. Tropeço pela

cozinha apagada, tateando meu caminho até a sala. Meu quadril esbarra no sofá velho. Mais dois passos e minha canela acerta a mesa do computador de Carson.

Bingo.

Eu me ajoelho, uma mão buscando a torre do computador, a outra procurando o pendrive na minha bolsa. Eu o conecto ao computador de Carson e ligo a máquina, abaixando o monitor na direção do chão. Fica mais difícil ver o que estou fazendo, mas ao menos assim não deixo a sala muito iluminada.

Depois de um minuto, a tela azul aparece. O prompt de comando pisca boot:, e eu rapidamente digito *autonuke*. A tela fica negra, uma barra de progresso aparece no topo da tela. Ruidoso, o computador roda enquanto o disco rígido começa a destruir todos os dados. Quando terminar, todas as informações do computador estarão perdidas de modo irreversível.

Luzes atravessam a sala.

Eu levanto a cabeça e vejo um carro se aproximando da casa. Um homem salta.

Carson está em casa.

Espero por ele no escuro. Dois dias atrás, sombras como essa me sufocariam. Agora... elas parecem apropriadas. Legal.

O que não significa que eu não esteja pensando nas minhas opções. Se Carson entrar pela porta dos fundos, ele vai ver o vidro quebrado e vai saber que eu estou aqui. Se ele vir pela porta da frente, eu poderia deixar a casa pela cozinha. O detetive não vai descobrir que eu estive aqui até que eu vá embora.

Eu o vejo demorar na frente do carro ainda ligado, sua sombra se estendendo através da janela para dentro da sala.

Quase chegando à ponta dos meus pés.

Carson se move, caminhando de modo rápido e brusco na direção da varanda. Perfeito. Ele está vindo pela porta da frente. A cada passo que ele dá, eu dou um passo para trás, meu estômago revirando. Não há tempo para procurar meu computador. Pelo menos Griff está a salvo.

Quando Carson está abrindo a porta, estou quase na cozinha. A porta se abre e eu paro, esperando seu movimento para abafar o ruído do meu.

— Wick? — Meu nome soa leve, urgente, nada parecido com o que venha de Carson. Fico paralisada. — Wick? — o detetive sussurra. — Se você está aqui, precisa fugir. Eles estão vindo, e você não vai querer ser vista aqui. Eles estão me procurando.

Não brinca? Eu quero correr, mas minhas pernas pesam como chumbo.

— Pode acreditar — digo por fim, observando sua cabeça virando de um lado a outro enquanto ele tenta, mas não consegue, me localizar na escuridão —, já estou indo embora. Mas eu tinha algumas coisas pra resolver aqui.

— Meu computador?

Eu não digo nada.

— Eles serão capazes de encontrar alguma coisa nele?

Mais uma vez, não digo nada e Carson assente com a cabeça, escutando tudo. Ao ajudar Griff, eu o ajudei. Por um lado, é um preço alto. Por outro... não existe valor que eu não pagasse para ver Griff livre.

— Então me permita retribuir o favor — Carson diz, dando três passos pesados sala adentro. O detetive usa o celular para lançar um pequeno feixe de luz nas prateleiras e posso vê-lo remover várias fileiras de livros, que escondiam um cofre.

— Já não faz mais sentido guardar essas coisas. — Carson pega meu desktop e uma fita cassete e os aninha no peito, levando-os em

minha direção. Estou perto de lhe dizer que não se aproxime quando ele para e coloca ambos no carpete entre nós.

— Aqui. Estamos quites agora. — O detetive recua na direção da janela, observando a parte da frente da casa.

Nós não estamos quites, mas eu decido não discutir. Enfio o desktop sob um braço e jogo a fita na bolsa.

— Obrigada.

— Joe Bender foi atacado há poucas horas. Alguma ideia de por que isso aconteceu?

Eu me viro para sair.

— Carma?

— Isso me cheira mais a você.

De repente eu quis que houvesse luz. Quero ver o rosto do detetive. Ele parece... satisfeito? Não sei dizer.

— Eles tiveram que chamar um resgate pra levá-lo pro hospital — Carson prossegue.

Alguma coisa dentro de mim se afunda.

— E ele conseguiu sobreviver?

— Não. — O detetive para e deixa que eu digira isso, ou talvez ele esteja tentando buscar algum sinal de que eu esteja assustada.

Somos dois.

— Eu sei que você está envolvida, Wick.

— Prove.

— Não preciso provar. Você nunca visita a cadeia e, de repente, vai duas vezes. E uma das pessoas que você visita morre. Você quer me dizer que não está envolvida?

— Prove.

— Não consigo, mas outras pessoas terão percebido. — Os ombros do detetive ficam abaulados e, sob a iluminação dos faróis do carro, ele parece perto de cair. — Há algumas coisas que você precisa saber antes de eu ir.

Eu não quero saber. *Não quero.* Sinto um incômodo no estômago, e o sorriso de Milo se acende na minha cabeça.

— Aonde você está indo?

— Não posso dizer. Merda... eu nem sei pra onde ir.

— O que aconteceu? — As palavras me escapam antes que eu consiga contê-las.

— Eu tinha uma vaga num depósito e mantinha parte das minhas... informações ali. Alguém denunciou uma ameaça de bomba, e só sei que havia cães farejadores por todo o depósito, procurando os explosivos. Adivinhe onde o acharam? No espaço que aluguei. Com minhas digitais. Minhas coisas. E eu mantinha tudo isso sob um nome falso. Como você acha que a coisa ficou?

— Não muito boa?

— Não muito boa — ele repete, e o sorriso dele soa constrangido. — Nada boa mesmo. As coisas no depósito eram minhas, mas os explosivos... — Carson balança a cabeça. — Armaram pra mim. Eu não posso provar e, mesmo se pudesse, há o problema das outras... *coisas* no depósito. Eu tinha informação de outras fontes, informação sobre outros casos. Assim que os federais os relacionarem a mim, eu serei afastado até que a investigação termine. Todos vão agir como se eu fosse voltar a trabalhar, mas nós sabemos que não será assim. Eu nunca mais vou voltar a trabalhar.

E todas essas outras "fontes" ficarão livres como eu. Violenta, a satisfação me atravessa. Ela é dura e redonda como uma moeda. Quero que ela encha meus dedos e caia ao meu redor até que eu esteja totalmente mergulhada nela. Milo estava certo. Estou impressionada.

Estou alucinada. Pra cacete.

— Você precisa saber sobre quem está te vigiando, Wick. Há outras pessoas que querem te usar.

— Não brinca! Estou falando com uma delas.

— Não sou como elas. Quero dizer... eu tenho usado você, mas não como eles usariam. Eu sei que eles entraram em contato com você. Você precisa se perguntar *por que* eles estão fazendo isso agora. — Carson para, esperando minha resposta e, quando ela não vem, os ombros dele caem. — Nós estávamos fazendo um bom trabalho, Wick. Eu ia te transformar numa heroína.

Exceto por Carson decidir quem era bom e quem não era — e eu não sei o que é pior: Carson pensando que é um bom sujeito ou a ideia de que outras pessoas estão me caçando.

— O que mais você tem?

— Nada, juro.

Começo a sair.

— Boa sorte com a fuga.

— Wick.

Não sei o que estou esperando quando me viro, mas não é a figura arquejada que está diante de mim.

— Cuidado — ele diz, a voz absolutamente inexpressiva. — Um dia você vai olhar pra trás, vai ver tudo isso e vai lembrar como era bom. Nós éramos uma equipe.

— Nós nunca fomos uma equipe, Carson.

Ele levanta um ombro, encolhendo-se quase indiferente.

— E então você vai se lembrar do que eu disse: eles estão vindo atrás de você e, sem mim, você não tem onde se esconder. É só o começo.

— Você está errado, detetive. Acaba hoje, agora. Acaba assim.

E saio pela porta.

O que aconteceu depois

Mais ou menos na hora em que eu saí da casa de Carson, tudo que poderia acontecer de pior acontece. Os policiais estão putos porque eu desapareci. Bren me deixa quatro mensagens porque, graças à infinita sabedoria de alguém, ela foi notificada e está puta porque eu desapareci.

Eu vou direto para o hospital de Fayette County e alego um machucado na cabeça.

Dez minutos depois, eu dou entrada. Vinte minutos depois, os policiais de quem eu tinha me livrado aparecem.

Você pode achar que todos ficamos muito felizes de ver uns aos outros.

Só que não.

Os médicos me mantêm em observação a noite toda, então quando eu acordo tudo está bem tranquilo e eu penso que estou sozinha... mas então vejo Bren. Meu sorriso nunca doeu tanto, mas nunca tinha sido tão necessário. Ela valia a dor. Eu escapei. Acabou.

Mas, quando busco Bren, ela se recolhe.

— O que você é? — ela sussurra.

Minha pele se arrepia.

— Nada.

— Você está mentindo.

Estudamos uma à outra, Bren usando o silêncio como um recurso que comigo nunca vai funcionar. Eu sei como esse jogo é jogado. Eu espero. Mesmo que o silêncio nos afogue.

Bren leva os dedos aos lábios, ao queixo.

— Você não descobriu o que ele estava fazendo por uma premonição, certo?

Ela devia estar falando sobre Bay ou Ian ou Jason. Mas não. Ela está falando sobre Todd.

— Você o seguiu — Bren prossegue, tranquila. — Você o caçou.

Ele. O marido dela ainda soa suave na sua boca, como se Todd ainda vivesse sob a língua dela.

Atenha-se à história, Wick. É o que está no relatório policial. É o que você tem de dizer. Mas, agora, não consigo dizer nada. Pela primeira vez, quero as palavras e não as tenho. Eu quero explicar e não consigo.

Olho para ela.

— Ele mereceu, não?

— Sim. — A palavra escapa num pesado suspirar. Bren se levanta e começa a caminhar de um lado para o outro.

— Isso não é como você está pensando.

— Então como é?

Eu estudo o cobertor... a fita de identificação do hospital. Agora é hora de dizer alguma coisa, e eu não tenho nada.

— Foi o que eu pensei — Bren diz, e dá um passo para trás. Dois. A respiração dela fica fraca e alta. — Então é verdade? Que você engana pessoas pela internet? Que você está infringindo a lei? Por que você faz isso?

E como eu poderia *não fazer*? Mas eu não digo isso. Como eu explico que vivi na escuridão para que elas pudessem permanecer na luz? Como você explica isso?

Você não explica.

Então deixo Bren pensar que sou uma desajustada. Estragada.

O que deve estar bem próximo da verdade, de qualquer forma.

Como estamos tratando da verdade, Ian e Jason tiveram de enfrentar suas confissões na noite em que foram presos. Tecnicamente, Jason confessou primeiro: por que matou Lell (para salvá-la de Kyle), por que matou Kyle (para protegê-lo de Lell). Seu

amor e seu ódio parecem muito arrumadinhos, prontos para o noticiário, quando a polícia os explica dessa forma. Todos balançam a cabeça e eu tenho de lutar para não rir.

Os dois garotos se uniram pelo dinheiro — e também para se vingar do pai que eles odiavam. Kyle, apesar das suas imperfeições, era o filho favorito do juiz, aquele que herdaria tudo, aquele que era abertamente elogiado, aquele que era *notado*.

Jason estava na festa para encontrar Ian quando eu o dopei, o que fez Jason me ver como uma pequena dificuldade a ser superada, e Ian me viu como sua. Isso na verdade veio à tona com os policiais — como eu dopei Jason. Ele lhes contou tudo a respeito, e talvez até pudesse tirar algum proveito disso, já que Ian confirmou sua história, mas Bren jurou que eu permaneci o tempo todo em sua companhia. Ainda não sei se ela mentiu por mim ou se ela não se lembrava. De qualquer maneira, Ian não vai sair da prisão antes de estar velho o bastante para se aposentar, e Jason vai ficar preso mais ou menos o mesmo tempo.

Bay sobreviveu. Por algum tempo, estivemos a poucas portas um do outro no hospital. Então ele foi transferido para um centro de reabilitação com a promessa de que logo poderia voltar para casa. Tanto quanto sei, ele nunca voltou. A casa foi reformada e posta à venda. Ele se aposentou — efetiva e imediatamente — do seu cargo. Ele se mudou. Não sei para onde. Acho que poderia até descobrir se quisesse. Mas eu gosto de fingir que ele desapareceu. É quase tão bom quanto fingir que tudo isso nunca aconteceu.

Por fim, Bren me tira do hospital depois de dois doutores (primeira e segunda opinião) dizerem que estou apta a sair. Vamos para casa e nada mais é igual. Parte de mim lamenta. Parte de mim pensa que tudo agora é muito mais fácil. Há menos necessidade de me incluir. Menos pressão de ser perfeito.

Menos pânico quando desapareço.

Não lembro mais de quem eu sou, de quem eu deveria ser. Às vezes eu volto para a minha antiga vizinhança e fico olhando para a nossa casa. Eu não sei como deixei de ser a garota que vivia ali para ser a garota que sou hoje. Aconteceu quando Carson começou a me chantagear? Quando Todd tentou abusar de Lily? Quando Tessa se atirou?

Ou quando minha mãe se jogou?

Não sei. Nem sei se virei a saber, mas entendo isto: eu lutei tanto tempo para sobreviver, que não reconheci quando estava a salvo. Não vou cometer o mesmo erro de novo.

Engraçado como a segurança me leva a Milo, não? O moço tem um lance com explosivos. Como isso pode fazer alguém se sentir a salvo? Milo sabe que tem alguma coisa errada e, embora eu não conte a ele... Bem, tenho certeza de que ele sacou que as coisas não estão muito bem em casa. Acho que é isso que faz ele tentar mais a sério comigo. Às vezes fico feliz por isso, porque faz com que eu ainda me sinta aqui. Eu ainda existo.

Mas noutros dias... Eu queria que ele não fizesse nada, porque não é isso que eu quero ser.

É lógico que Milo discorda. Ele acha que somos maravilhosos juntos. Eu acho que somos perigosos. Nós somos muito parecidos. Não há nada de nobre nem de bom em nós dois.

Exceto por *parecer* muito bom quando estamos juntos.

O que mais? Ah, sim, Carson ainda está desaparecido. Ninguém sabe para onde ele foi. Agentes federais e da inteligência estão procurando por ele, que deve ser mais habilidoso do que eu acreditava que fosse porque eles estão sempre de mãos abanando.

É um processo interessante — mas não interessante o suficiente para fazer com que meus dias não sejam mais do que um extenso borrão sem sentido. Eu voltei a fazer serviços de hacker. Não porque precise; mas porque necessito.

Necessito de algo que me distraia da raiva de Lily, da desconfiança de Bren e da mensagem de voz do meu pai. Ele me ligou um dia enquanto tomava banho e deixou uma mensagem: “Você me deve”. A antiga Wick teria ficado assustada. A nova Wick... Bem, eu repeti a mensagem duas vezes e pensei: *Talvez. Ele vai ter que me pegar primeiro.*

Palavras duras, e com elas veio uma nova rodada de insônia. Eu mal durmo e, quando durmo, sonho com Joe. Acordo às duas ou três da manhã inundada de suor, a pele escorregadia como sangue. Não me sinto mal — não me sinto —, mas o assassinato dele deixou uma marca.

Eu só preciso de algum tempo para tudo se ajeitar. Mas não é o que acontece, porque chego em casa da escola e encontro Bren esperando por mim na sala. Há um cara ao lado dela e, mesmo antes de ele se virar, eu o reconheço. Talvez porque parte de mim esteja esperando por isso.

É o policial Hart — com o porém de não ser um “policial”, certo? O terno e a gravata o fazem parecer um federal. Ele está ao lado do sofá e, quando dou um passo à frente, vem na minha direção, pronto para um aperto de mão.

— Estou feliz de conhecer você, Wicket. Sua mãe me contou tudo a seu respeito.

Eu olho para Bren e meus olhos captam suas mãos. Elas estão unidas na frente do peito como se ela estivesse rezando... ou se segurando.

— Wick — Bren começa. — Considerando algumas das... dificuldades pelas quais você está passando, a dra. Norcut recomendou que nós entrássemos em contato com o sr. Hart. Ele dirige um programa para jovens em situação de risco, para adolescentes que lidam com perdas. Nós queremos que você vá. Nós achamos que você precisa de ajuda.

Ela está me mandando embora? Isso quase faz com que minhas pernas me faltem. Eu me endireito.

— Acho que estou bem.

A boca de Bren se afila.

— Eu vou dar a vocês um momento a sós, então. — Ela sai do sofá, coçando os olhos. Minha pele vai do quente ao frio. Ela... *está me deixando.*

Como uma idiota, eu abro a boca e imediatamente a fecho. Isso não vai funcionar. Não sei as palavras que a trariam de volta, mesmo que eu pudesse nomear todos os meus sentimentos — outro presente de Norcut. Sinto dor, horror... e ódio.

Eu olho para Hart. Sinto que é como um jogo e, quando vejo o modo como ele sorri, percebo que perdi.

— Eu estava realmente ansioso pra encontrá-la de maneira apropriada, Wicket. Você tem excedido todas as expectativas com que poderíamos sonhar.

— Jura?

— Nós queremos ajudá-la. Temos visto do que você é capaz, quão determinada você é quando motivada da maneira apropriada. — Ele levanta a sobrancelha como minha mãe biológica, e essa é uma referência que espera que eu pegue. — O que você fez com aqueles vídeos da sua mãe? Um excelente trabalho. Eu tenho observado muitos jovens ao longo dos anos. Seus resultados foram os melhores.

Os melhores? Minha garganta se fecha. Eu fiz um excelente trabalho seguindo as pistas? Ou acabando com Joe? Não tenho certeza, mas, de repente, me sinto muito usada... e com medo. O que Carson disse? Que ele estava me protegendo de pessoas que eram piores? Isso significa então que...

— Nenhum sorriso? — Hart suspira e seus olhos ficam cerrados por um instante, insinuando uma emoção que não quero nomear. —

Vamos ser amigos. Nós somos os mocinhos, Wicket. Confie em mim.